



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA**

Sérgio Ricardo Gomes dos Santos Melo

**A VIDA ENTRE DUAS CIDADES:
DESLOCAMENTOS PENDULARES, TRABALHO E LUGAR**

São Cristóvão/SE

2020

Sérgio Ricardo Gomes dos Santos Melo

**A VIDA ENTRE DUAS CIDADES:
DESLOCAMENTOS PENDULARES, TRABALHO E LUGAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, Doutorado em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Proença Leite.

São Cristóvão/SE

2020

Sérgio Ricardo Gomes dos Santos Melo

**A VIDA ENTRE DUAS CIDADES:
DESLOCAMENTOS PENDULARES, TRABALHO E LUGAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFS, como requisito necessário à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Proença Leite
(UFS) – Orientador

Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt
(UFAL)

Profa. Dra. Simone de Araújo Pereira
(DCS/UFS)

Profa. Dra. Tânia Elias Magno da Silva
(UFS)

Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa
(UFS)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Melo, Sérgio Ricardo Gomes dos Santos

M528v A vida entre duas cidades : deslocamentos pendulares, trabalho e lugar / Sérgio Ricardo Gomes dos Santos Melo ; orientador Rogério Proença Leite. – São Cristóvão, SE, 2020.

270 f. : il.

Dissertação (doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

1. Sociologia. 2. Migração pendular. 3. Trabalho – Aspectos sociais. 4. Urbanização. I. Leite, Rogério Proença, orient. III. Título.

CDU 316

Para Leila Samira, companheira para todas as lutas.

AGRADECIMENTOS

O doutorado foi, sem dúvida, o maior desafio da minha vida até aqui. Ao longo desses quatro anos, vivenciei momentos muito difíceis. Sentimentos que apenas raramente experimentei e, outros, que nunca experimentei, me alcançaram de forma intensa. Muita insegurança, ansiedade, medos os mais diversos. Poucas vezes me senti tão vulnerável. Não foi fácil, no entanto, teria sido impossível sem a presença das pessoas. Foram elas que me ajudaram a mitigar as dores e a realçar as delícias de viver esse desafio. Não conseguiria realizar esse projeto sem elas, todas elas, cada uma delas e, nada mais apropriado do que agradecer, agradecer e agradecer. A lista é extensa, tão extensa quanto as do meu conterrâneo nordestino Maguila, declaradas ao fim de cada luta. Reduzido a folclore, pelos tolos de sempre, o sergipano de Aracaju, ensinava quão valiosas são as pessoas que fazem parte de nossa vida - de cada pedacinho dela - cada um contribuindo de uma forma, alimentando um aspecto de nossas necessidades e desnecessidades. E vou começar como Maguila iniciava seus agradecimentos.

Quero mandar um abraço para toda família xodó da Mainha, Denis, Simone e Guilherme, por me fazerem sentir acolhido e protegido em momentos em que procurava lavar as angústias acumuladas de dias de dedicação à leitura e à escrita. *Quero mandar um abraço* a todos do Bar do Van, em especial ao próprio Van, onde encontrei o melhor arrumadinho de Maceió. Lugar o qual me sentia seguro para, algumas vezes, cair no choro, enquanto o Van me entusiasmava e me revivificava. Sempre saía melhor que cheguei.

Quero mandar um abraço para meus amigos-irmãos, Bruno Rafael de Oliveira Neto, Mirelle Márcio dos Santos Cabral, Fabrício Tavares da Silva, Samuel Mamede Alves de Lima, Rosenaldo Pontes e Marco Antônio Marinho da Silva. Essas pessoas, cada uma ao seu modo, formam um dos grupos mais importantes da minha vida, os quais juro lealdade e para quem estarei sempre de prontidão. Basta um “sinal de fumaça”, que eu estarei lá. Essa rapaziada sempre me deu demais, mais de que mereço. Valeu por tudo!

Quero mandar um abraço, para Rodrigo (Guinho), Silvio (Corote), Alisson (o fenômeno) e Éder (Bisco). Andei muito por aí, mas são essas pessoas que vieram comigo do Eustáquio Gomes, bairro onde nasci e que permanecem ao meu lado até hoje. São a minha maior conquista!

Quero mandar um abraço, para Henrique Lopes.

Um abraço, para Márcio Roberto (Neném).

Um abraço, para Samuel Morrissey, por sempre atender meus pedidos, sempre em cima da hora. Valeu, Mossinho!

Um abraço para Elide Nogueira Hasten-Reitter Júnior, grande amigo que, infelizmente, não está mais entre nós, faleceu agora há pouco, depois de lutar bravamente contra um câncer. Junião foi meu técnico de informática, meu mecânico, meu electricista, meu guitarrista e baterista virtual, foi meu amigo. Foi com o Junião que eu estive, a primeira vez quando voltei da entrevista de seleção do doutorado em Sergipe, e ele me dizia, na ocasião, para eu parar de frescura, pois sabia que eu tinha sido aprovado. Um abraço Júnior e até breve!

Quero mandar um abraço para Elizabeth Patriota, amiga carinhosa, interlocutora valiosa e uma mente brilhante.

Um abraço para a equipe de entrevistadores que participou da pesquisa ao meu lado, Márcio Roberto, Igor, Júlia e Tâmara, além, é claro, de todos os entrevistados e da Direção da Rodoviária João Paulo II, na pessoa do senhor Selmo Oliveira.

Quero mandar, agora, um super, mega, ultra, hiper abraço, para uma das mulheres da minha vida, a pessoa que mudou a minha trajetória, aquela que em grande medida é responsável por minha caminhada acadêmica, a Profa. Alice Anabuki Plancherel. Foi a professora Alice que me fez compreender o que era a Sociologia e, mais que tudo, por me fazer acreditar que eu poderia fazer isso. A professora Alice testemunha a importância de um professor sobre a vida de um aluno. Foi, com ela, que essa história começou. Minha história não pode ser contada negligenciando o seu nome. A defesa dessa tese é também sua, professora! Eternamente grato, Alice! Valeu por acreditar em mim.

Quero manda um abraço para o Prof. Rogério Proença de Souza Leite, pois foi quem me ajudou a recuperar a confiança acadêmica, que estava dramaticamente comprometida, durante o doutorado. O professor Rogério é mais que um professor - é um mestre na acepção do termo. Põe o conhecimento em um lugar luminoso e inspirador, transmite aos seus alunos paz e confiança, sempre paciente e generoso. Professor, aquele abraço!

Quero mandar um abraço para o Instituto Federal de Alagoas. A liberação para cursar o doutorado aliada ao suporte financeiro, por meio do Programa PRODOUTORAL, uma parceria entre o Instituto e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que foram fundamentais para a realização da pesquisa. Nas figuras do IFAL e da CAPES, *quero mandar um abraço* ao povo brasileiro, precisamente, aos mais pobres, pois, como já dizia Ernesto Guevara de La Serna, *o conhecimento nos torna responsáveis*, especialmente por aqueles que, muitas vezes, não estarão e também não verão seus filhos ocuparem espaço semelhante ao que estou. Para esses, um grande abraço, pois são eles que me possibilitaram essa condição.

Quero mandar um abraço para minha companheira, a quem dedico esta tese. Leila Samira Portela de Moraes suportou, ao longo desse período, o meu flerte, namoro, casamento, divórcio e *flashback* com a loucura. Esteve ao meu lado a cada minuto, dando força, compartilhando minhas angústias, mas não apenas. Ela também foi minha principal interlocutora, minha assistente, secretária, coorientadora, revisora e ouvidos, sempre à disposição. Valeu, Samira!

Quero mandar um abraço para Arielly Saldanha Moura Arnaut e seu companheiro André Arnaut. Ela, mãe do meu filho; ele, seu padrasto. Sem a compreensão de ambos, seria muito difícil minha caminhada. Arielly é mais que a mãe do meu filho, é uma amiga para a vida toda, por quem nutro carinho e respeito, um abraço!

Quero mandar um abraço para meu filhote, João Ricardo, que não sai da minha cabeça nem por um segundo, está presente em todos os dias da minha vida. Sempre que eu sentava à frente do computador olhava para a sua foto e dizia para mim mesmo que conseguiria prosseguir, também por ele. Valeu, painho, pelo filho que você é e pelo amor a que me dedica!

Quero, por fim, mas não menos importante, *mandar um abraço*, para João Gomes de Melo, Maria Raimunda dos Santos Melo e Sônia Regina dos Santos Melo: meus pais e minha irmã. Aqui vou economizar no texto, pois, por mais rico que seja nosso vocabulário, não encontro palavras suficientes para expressar o que sinto por vocês. Desta forma, digo apenas AMOR. Vocês são tudo para mim, pessoas as quais devo tudo!

Maguila, lhe agradeço pela inspiração, *um abraço!*

O lugar onde eu moro

*Longe muito longe.
Perto muito perto.
Longe da cidade;
Perto da paz.
O lugar onde moro;
Tem cavalo, tem boi, tem mato;
Tem muita criança a brincar.
Cachorro; bola; e lugar pra caminhar.
O lugar onde moro;
É feio quando se chega,
E belo quando se vai.
O lugar onde moro;
Tem muito verde;
Tem muito vermelho;
Tem muito azul.
Verde das árvores;
Vermelho do barro; e azul do céu...
E da proximidade do mar.
No lugar onde moro;
Encontrei paz e aconchego.
Nele descobri meus mais profundos segredos;
E o amor que guardava em meu coração.
O lugar onde moro;
Tem música nos ventos;
Tem brisa no relento;
E muitas estrelas pra contar.
O lugar onde moro;
Tem morro; tem trilha;
Tem pedras de onde um dia,
As águas deviam rolar!
Lugar pra descansar; pra orar; namorar e se entregar;
Dormir até tarde, olhar a natureza, subir a ladeira;
E avistar o mar!
O lugar onde moro;
Fez-me descobrir o amor e a falta dele!
Tem nome de Santa;
Em um bairro que encanta,
Em sua história e tradição;
Assim é o lugar onde moro;
Onde deixarei que raízes encontrem solo fértil...
E brotem em meu coração!*

Raquel Nascimento

RESUMO

Sob qualquer aspecto que se queira enxergar, a urbanização se eleva como uma força incontestável em nossos dias. Esse fenômeno que se dá em escala planetária está articulado numa relação de condicionamento recíproco com a globalização da economia e a reestruturação produtiva. Dessa articulação, desdobram-se consequências, as mais diversas em todos os planos da existência social. Entre os novos fenômenos sociais, que brotam da combinação desses processos estruturais, presenciamos uma mutação na mobilidade populacional. Da mesma forma que há uma exploração econômica territorialmente mais espalhada, há também um redimensionamento da população pelo território. As migrações clássicas entre o rural e o urbano e entre regiões subdesenvolvidas do país e estados industriais, se reconfiguram. Nesse cenário, os movimentos pendulares começam a aparecer como uma modalidade de deslocamento urbano que ganha maior expressão a cada Censo Demográfico. No mundo contemporâneo convulsionado pelas mutações na base material do capitalismo, homens e mulheres precisam, cada vez mais, de ilhas de solidez, de lugares significados, de relações de pertencimento. Com ênfase nos deslocamentos pendulares para trabalho, pretendo apreender a forma como os pendulares constroem seus espaços de segurança e estabilidade e como respondem às pressões globalizantes enquanto constroem seu habitat, o que significa a forma mesma de estar no mundo. Desta forma, procuro captar os significados de uma vida em pêndulo para trabalho a partir das experiências descritas pelos comutadores. Por isso, busco, nas falas dos pendulares, aspectos de seu cotidiano que me permitam expressar essa forma de viver a realidade urbana e, em última instância, o mundo, em tempos de intensa fragmentação do espaço urbano. Os deslocamentos pendulares para trabalho estão inextricavelmente conectados à nova divisão territorial do trabalho, às novas estratégias expansionistas da empresa global, às transformações no espaço urbano, patrocinadas pelo mercado imobiliário e à primazia do capital financeiro internacional. Mas todos esses processos de grande alcance deságuam na vida das pessoas que devem enfrentar, ainda que irrefletidamente, os desafios que se põem à sua frente. Assim, me proponho compreender, sem perder de vista a universalidade subjacente à problemática, como as pessoas encaram e leem essa experiência, como operam cotidianamente nessa conjuntura, quais recursos mobilizam, no sentido de construir e preservar a estabilidade do seu mundo. Esta tese teve como objetivo apreender a relação entre trabalho, mobilidade urbana e lugar, no âmbito daqueles que praticam a pendularidade para trabalho, entre as cidades de Maceió e Arapiraca. Para isso, foram considerados tanto fatores estruturais, quanto a natureza das experiências individuais dos próprios pendulares. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa-quantitativa; uma pesquisa de tipo misto, com a coleta sequencial de dados quantitativos e qualitativos.

Palavras chave: Deslocamentos pendulares. Fragmentação urbana. Trabalho. Lugar.

ABSTRACT

In any aspect that one wants to see, urbanization rises up as an undisputed force in our days. This phenomenon occurs on a planetary scale is articulated in a relationship of reciprocal conditioning with the globalization of the economy and the productive restructuring. From this articulation, the most diverse consequences unfold at all levels of social existence. Among the new social phenomena that arise from the combination of these structural processes, we witness a mutation in population mobility. In the same way that there is an economic exploitation that is more territorially widespread, there is a resizing of the population by the territory as well. Classical migrations between rural and urban and between underdeveloped regions of the country and industrial states are reconfigured. In this scenario, commuting starts to appear as a modality of urban displacement that gains greater expression with each demographic census. In the contemporary world shaken off by changes in the material basis of capitalism, men and women increasingly need islands of solidity, meaningful places and relationships of belonging. Focused on commuting to work, I intend to comprehend how commuters build their spaces of security and stability and how they respond to globalizing pressures while building their habitation, which means the very way of being in the world. Therefore, I intend to capture the meanings of a pendulum life for work based on experiences described by the commuters. For this reason, I look up in the speeches of commuting aspects of their daily lives that allow me to express this way of living the urban reality, and ultimately, the world, in times of intense fragmentation of the urban space. Commuting to work is inextricably connected to a new territorial division of labor, the new expansionist strategies of the global company, the transformations in the urban space sponsored by the real estate market and the primacy of international financial capital. However, all these far-reaching processes affect people's lives, and they face, albeit thoughtlessly, the challenges facing them. Thus, I propose to understand, without losing sight of the universality underlying the problem, how people face and realize this experience, how they operate daily in this situation, what resources they mobilize in order to build and preserve the stability of their world. This thesis aimed to apprehend the relationship between work, urban mobility and place, within the scope of those who practice commuting to work, between the cities of Maceió and Arapiraca. For this, both structural factors and the nature of the individual experiences of the commuters themselves were considered. The research had a qualitative-quantitative approach; a mixed type survey, with the sequential collection of quantitative and qualitative data.

Keywords: Commuting. Urban fragmentation. Job. Place.

RÉSUMÉ

Sous quelque aspect qu'on veuille l'observer, l'urbanisation s'élève, de nos jours, comme une force incontestée. Ce phénomène, qui a lieu à l'échelle planétaire, s'articule, dans un rapport de conditionnement réciproque, avec la globalisation de l'économie et la restructuration productive. De cette articulation découlent les conséquences les plus diverses sur tous les plans de l'existence sociale. Parmi les nouveaux phénomènes sociaux, qui naissent de la combinaison de ces processus structuraux, nous assistons à une mutation dans la mobilité de la population. De même qu'il y a une exploitation économique territorialement plus étalée, il y a une réélaboration de la dimension populationnelle par le territoire. Les migrations classiques entre les milieux rural et urbain et entre les régions sous-développées du pays et les zones industrielles se réorganisent. Dans ce paysage, les mouvements pendulaires commencent à apparaître comme une modalité de déplacement urbain qui acquiert une plus grande expression à chaque recensement démographique. Dans le monde contemporain secoué par les mutations dans la base matérielle du capitalisme, les hommes et les femmes ont de plus en plus besoin d'îles de solidité, de lieux signifiés, de relations d'appartenance. Mettant l'accent sur la mobilité pendulaire entre domicile et lieu de travail, je souhaite appréhender la manière dont ceux qui font la navette construisent leurs espaces de sécurité et de stabilité et la façon dont ils répondent aux pressions globalisantes tandis qu'ils construisent leur habitat, ce qui signifie le mode même d'être dans le monde. J'essaierai ainsi de saisir les significations d'une vie marquée par la navette entre domicile et travail à partir des expériences décrites par les navetteurs. Je chercherai, dans leurs paroles, les aspects de leur quotidien qui me permettent d'exprimer cette façon de vivre la réalité urbaine et, en dernière instance, le monde, à une époque d'intense fragmentation de l'espace urbain. Les déplacements pendulaires dus au travail sont inextricablement connectés à la nouvelle division territoriale du travail, aux nouvelles stratégies expansionnistes de l'entreprise globale, aux transformations dans l'espace urbain entraînées par le marché immobilier et à la primauté du capital financier international. Mais tous ces processus de grande portée se déversent sur la vie des individus qui doivent affronter, quoique d'une manière irréfléchie, les défis qui s'imposent à eux. Je me propose ainsi de comprendre, sans perdre de vue l'universalité sous-jacente à la problématique, comment les personnes envisagent et lisent cette expérience, comment elles opèrent quotidiennement en cette conjoncture, quelles ressources elles mobilisent, dans le sens de bâtir et de préserver la stabilité de leur monde. Cette thèse a eu pour but d'analyser la relation entre travail, mobilité urbaine et lieu en contexte de déplacement pendulaire dû au travail entre les villes de Maceió et d'Arapiraca. Pour ce faire, des facteurs structuraux, aussi bien que la nature des expériences individuelles des navetteurs eux-mêmes, ont été considérés. Ce travail de recherche a suivi un abordage qualitatif-quantitatif, une enquête d'un type mixte, avec une collecte séquentielle de données quantitatives et qualitatives.

Mots-clés: Déplacements pendulaires. Fragmentation urbaine. Travail. Lieu

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Deslocamentos pendulares no Brasil 2000: principais concentrações	8
Gráfico 2	Variável Formação escolar	154
Gráfico 3	Variável Sexo	155
Gráfico 4	Condições de moradia	161
Gráfico 5	Custos de transporte	176
Gráfico 6	Frequência da viagem	177
Gráfico 7	Relação entre as cidades	181

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Feira livre em Arapiraca no século passado	44
Figura 2	Folha de fumo na entrada da cidade de Arapiraca	50
Figura 3	Destaladeiras de fumo	54
Figura 4	Localização do município de Arapiraca	56
Figura 5	Crescimento médio anual da população por unidade geográfica (1991, 2000 e 2016)	58
Figura 6	Taxa de urbanização por unidade geográfica (1991, 2000, 2010)	59
Figura 7	Evolução da densidade demográfica por unidade geográfica (1991-2016)	61
Figura 8	Interações Espaciais da área de influência direta e indireta das principais cidades/AL	67
Figura 9	Níveis de integração regional das RMs Maceió/AL	69
Figura 10	Níveis de integração das RMs Agreste/AL	69
Figura 11	Como calcular o IDHM	72
Figura 12	Interações Espaciais da área de influência direta e indireta de Arapiraca/AL	75
Figura 13	Grau de urbanização	83
Figura 14	Distribuição da população urbana segundo classe de tamanho (1940-2010)	90
Figura 15	Déficit habitacional e seus componentes (2017)	131
Figura 16	BRASIL: Evolução do Déficit Habitacional total - número de unidades (2007-2017)	131
Figura 17	Distribuição relativa do Déficit Habitacional por faixa de renda familiar (2017)	132
Figura 18	Fotos dos locais de aplicação dos questionários	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Empresas Exportadoras de Fumo 1950/1998	52
Quadro 2	Rede Urbana de Alagoas – cidades regionais e PIB – 2015	64
Quadro 3	Níveis de integração regional das Regiões Metropolitanas alagoanas	68
Quadro 4	Evolução do IDHM Brasil/Alagoas/Maceió/Arapiraca	72
Quadro 5	Faixas do desenvolvimento Humano	72
Quadro 6	Evolução do PIB Arapiraca/AL (2000-2010-2016)	73
Quadro 7	Distribuição do PIB/Arapiraca (2000-2010-2015)	73
Quadro 8	Pessoas com vínculos empregatícios em ocupações formais	74
Quadro 9	40 cidades do Brasil onde o consumo mais cresce (2010-2020) segundo a McKinsey consultoria	78
Quadro 10	Morfologias urbanas; termos, conceitos, noções e expressões representativos do debate	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Pessoas que estudam ou frequentam creche no Brasil: Censo Demográfico 2010	39
Tabela 2	Pessoas que trabalham por local de exercício. Censo Demográfico 2010 .	39
Tabela 3	População urbana e rural Arapiraca (1991–2010)	56
Tabela 4	Evolução da população urbana e rural nas cidades da RFA 2000/2010	57
Tabela 5	População % total urbana e rural nas cidades da RFA 2000/2010	57
Tabela 6	População urbana e rural da RFA e Arapiraca 2010	58
Tabela 7	Área e densidade demográfica (1991, 2000, 2010 e 2016)	60
Tabela 8	Distribuição da população por grandes regiões, Unidades da Federação ..	83
Tabela 9	População urbana como porcentagem da população total	84
Tabela 10	Descritiva da Faixa etária	148
Tabela 11	Descritiva da Variável Renda	149
Tabela 12	Descritiva da Variável Raça/Etnia	149
Tabela 13	Cor e Raça X Renda	150
Tabela 14	Cor e Raça X Escolaridade	151
Tabela 15	Renda X Escolaridade	153
Tabela 16	Descritiva do Estado civil	155
Tabela 17	Sexo X Faixa Etária	156
Tabela 18	Raça/Etnia X Sexo	156
Tabela 19	Descritiva Situação Familiar	157
Tabela 20	Situação Familiar X Sexo	157
Tabela 21	Situação Familiar X Faixa etária	157
Tabela 22	Descritiva: Vínculo empregatício	159
Tabela 23	Descritiva: Setor de atividade	160
Tabela 24	Condição de Moradia X Faixa etária	162
Tabela 25	Condições de Moradia X Renda	164
Tabela 26	Número de residentes	165
Tabela 27	Tempo de residência ou cidade atual	165
Tabela 28	Descritiva da Variável Motivo da viagem	167
Tabela 29	Motivo da viagem X Sexo	167
Tabela 30	Faixa etária X Motivo da viagem	169
Tabela 31	Escolaridade X Motivo da viagem	170
Tabela 32	Situação familiar X Motivo de viagem	173
Tabela 33	Motivo da viagem X Renda	174
Tabela 34	Renda antes X Renda pendular para trabalhar	175
Tabela 35	Frequência da viagem X motivo da viagem	178
Tabela 36	Tempo de deslocamento entre Maceió/Arapiraca - Arapiraca/Maceió	179
Tabela 37	Tempo de deslocamento Maceió/Arapiraca, Arapiraca/Maceió X Motivo de Viagem	180
Tabela 38	Relação entre a Cidade de residência X Lazer	183

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAIN	Associação Brasileira de Incorporados Imobiliárias
ACADEAL	Associação do Comércio Atacadista e Distribuidor do Estado de Alagoas
ACP	Área de Concentração da População
ARSAL	Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas
ATRACOMP	Associação dos Transportes Complementares de Arapiraca
BNB	Banco do Nordeste
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África Do Sul
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
EMPLASA	Empresa Paulista de Planejamento Urbano
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FJP	Fundação João Pinheiro
FUNEC	Fundação Educacional do Agreste Alagoano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IMB	Instituto Mauro Borges de Estatística E Estudos Socioeconômicos
IPEA	Instituto de Pesquisas Aplicadas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Mtur	Ministério do Turismo
NEPO	Núcleo de Estudos da População
PeME	Pequenas e Microempresas
PIB	Produto Interno Bruto
RECIME	Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias
REDBCM	Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias
REGIC	Região de Influência das Cidades
RFA	Região Fumageira de Arapiraca
RMDF	Região Metropolitana do Distrito Federal
RMRJ	Região Metropolitana do Rio De Janeiro
RMS	Regiões Metropolitanas
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SACEX	Secretaria de Comércio Exterior
SINTRANCOMP	Sindicato dos Transportadores Complementares de Passageiros de Alagoas
SIS	Síntese de Integradores Sociais
SMDUMA	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
STI	<i>Secure Tenure Index</i>
UNEAL	Universidade do Estado de Alagoas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 OS DESLOCAMENTOS PENDULARES	28
1.1 DESCOMPASSO ESPACIAL CASA-TRABALHO	28
1.2 ABORDAGENS SOBRE OS DESLOCAMENTOS PENDULARES NO BRASIL	31
1.3 O CRESCIMENTO DO FENÔMENO DA PENDULARIDADE	37
1.4 O CAMINHO ATÉ O PROBLEMA DE PESQUISA	43
1.5 A CIDADE DE ARAPIRACA E SUA RELEVÂNCIA NO CENÁRIO ALAGOANO ..	50
1.6 EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS: AS TRANSFORMAÇÕES EM ARAPIRACA NO SÉCULO XXI	54
1.7 ESTRUTURA E EQUIPAMENTOS URBANOS	70
2 A PROBLEMÁTICA URBANA	80
2.1 A URBANIZAÇÃO NO MUNDO: UM PROCESSO IRREVERSÍVEL	80
2.2 GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA E REESTRUTURAÇÃO URBANA	85
2.3 CIDADES MÉDIAS NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO URBANA	87
3 A INSTABILIDADE E A INCERTEZA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	112
3.1 DA COOPERAÇÃO SIMPLES A GRANDE INDÚSTRIA: UMA HISTÓRIA DE SEPARAÇÕES	113
3.2 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO: “COCHILOU, O CACHIMBO CAI”	120
3.3 A PRECARIZAÇÃO DA VIDA URBANA: POBREZA, EXCLUSÃO E PERIGO NAS CIDADES	130
3.4 LUGAR E PAUSA	137
4 PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO ESTUDADA	142
4.1 O TRANSPORTE COMPLEMENTAR	143
4.2 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: OBSTÁCULOS E ESCOLHAS	144
4.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO: QUEM PENDULA?	148
4.4 SOBRE AS CONDIÇÕES DE MORADIA	161
4.5 DESLOCAMENTO PENDULAR: MOTIVO TRABALHO	166
5 AS ENTREVISTAS	186
5.1 APRESENTANDO OS PENDULARES	187
5.2 REFLEXÕES SOBRE A VIDA EM PÊNULO PARA TRABALHO	221
5.3 O LUGAR ENTRE A INDIVIDUALIZAÇÃO E AS LIBERDADES PRECÁRIAS	227
5.4 AS ESTRATÉGIAS DE UMA VIDA EM PÊNULO PARA TRABALHO	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS	253
REFERÊNCIAS	258
APÊNDICES	268

INTRODUÇÃO

Diante de qualquer aspecto que se queira enxergar, a urbanização se eleva como uma força inconteste em nossos dias. Esse fenômeno, que ocorre em escala planetária, está articulado numa relação de condicionamento recíproco com a globalização da economia e a reestruturação produtiva. Dessa articulação, desdobram-se consequências diversas em todos os planos da existência social.

A fragmentação é a marca desse movimento. A malha urbana se expande e consigo traz o aparecimento de novas centralidades. Um sistema complexo em consonância com uma nova e diferenciada divisão territorial do trabalho dão o tom e os contornos da forma, função e estruturas urbanas. As corporações multinacionais abalam as velhas noções de território, lugar, cidade, pois, processos sociais exógenos às dinâmicas internas das cidades, comandam e impõem, sem controles possíveis, uma vasta gama de interesses econômicos desterritorializados, “isto é, o capital trabalha espacialmente para fragmentar entidades geográficas em centros e periferias desenvolvidos de modo desigual” (GOTTDIENER, 1997, p. 214).

Com o desenvolvimento técnico-científico, o avanço nos meios de transportes e o estreitamento das comunicações, o mundo experimenta possibilidades antes apenas imagináveis. Contudo, esses “progressos” interessam apenas em sua ineliminável relação com a vida das pessoas e, hoje, as pessoas vivem no urbano, numa proporção nunca vista.

A sociedade do efêmero onde *Tudo que é sólido desmancha no ar* (BERMAN, 1982) se reflete na velocidade e instabilidade dos fenômenos contemporâneos, pois tudo se passa num ritmo acelerado, tudo está no fluxo: mercadorias, dinheiro, lugares e pessoas. As formas flexíveis de produção se diluíram material e ideologicamente, emprestando sua dinâmica a tudo. A urbanização dispersa atende, em grande medida, à necessidade de fluidez, em um mundo orientado pela lógica da financeirização, na qual a forma urbana fragmentada é o seu correspondente espacial.

Entre os novos fenômenos sociais que surgem da combinação desses processos estruturais, presenciamos uma mutação na mobilidade populacional.

O fenômeno da mobilidade populacional vem, desde as últimas décadas do século XX, apresentando transformações significativas no seu comportamento, não só no Brasil como também em outras partes do mundo. Até o presente momento, essas mudanças têm demandado um esforço por parte dos estudiosos no sentido de buscar explicações teóricas para esses novos processos, que se materializam, entre outros

aspectos, na dimensão interna, pelo redirecionamento dos fluxos migratórios para as cidades médias, em detrimento dos grandes centros urbanos; pelos deslocamentos de curta duração e a distâncias menores; pelos movimentos pendulares que passam a assumir maior relevância nas estratégias de sobrevivência, não mais restritos aos grandes aglomerados urbanos (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011, p. 9).

Da mesma forma que há uma exploração econômica territorialmente mais espalhada, há também um redimensionamento da população pelo território. As migrações clássicas entre o rural e o urbano e entre regiões subdesenvolvidas do país e estados industriais se reconfiguram. Nesse cenário, os movimentos pendulares começam a aparecer como uma modalidade de deslocamento urbano que ganha maior expressão a cada Censo Demográfico. A mobilidade pendular é uma nova forma de apropriação do urbano e uma dimensão da produção da existência (SILVA, 2012).

Os deslocamentos pendulares são as grandes novidades na última década em termos de mobilidade espacial e urbanização no Brasil (OJIMA; MARANDOLA JR., 2012). Na trilha desses autores entendo que, através dos movimentos pendulares, posso identificar importantes transformações na escala do cotidiano urbano, que passa a ter uma dimensão cada vez mais regional.

Acredito que a mobilidade pendular, ao mesmo tempo em que é produto dos grandes fenômenos sociais, constitui, também, uma forma de produção da existência. A teoria social contemporânea nos oferece grandes quadros teóricos no exame do mundo social na atualidade. Os referentes teóricos acerca da sociedade pós-tradicional (GIDDENS, 1991, 2002), modernidade reflexiva (BECK, 2000), a sociedade líquida (BAUMAN, 2007), sociedade do desempenho (HAN, 2015) e capitalismo flexível (SENNETT, 2009) comungam todos, ao menos em um ponto: as relações sociais são baseadas, cada vez mais crescentemente, na fluidez. A segurança e direção oferecidas pelas forças tradicionais, como comunidade e família, ou mesmo, pelos mecanismos protetivos da sociedade fordista, saem de cena restando, aos indivíduos, a sobrecarga pela produção e configuração, bem-sucedidos ou não, de suas vidas.

A relação com o lugar, enquanto espaço de segurança ontológica, pertencimento e reconhecimento é pulverizada por um espaço mais amplo, marcado por contatos breves e pragmáticos e, assim como o modelo de acumulação, flexíveis. Conforme Leite (2001) “nesta reformulação dos sentidos dos lugares e de suas fronteiras, reside uma subversão, ao mesmo tempo, libertadora e autodestrutiva da modernidade, que des-localizou tradições e a encarcerou numa racionalidade impessoal e burocrática” (LEITE, 2001, p. 22).

Por outro lado, e em especial, no mundo contemporâneo convulsionado pelas mutações na base material do capitalismo, homens e mulheres precisam, cada vez mais, de ilhas de solidez, de lugares significativos, de relações de pertencimento. Com ênfase nos deslocamentos pendulares para trabalho, pretendo apreender a forma como os pendulares¹ constroem seus espaços de segurança e estabilidade e, como respondem às pressões globalizantes, enquanto constroem seu habitar, o que significa a forma mesma de estar no mundo.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta tese tem uma dupla pretensão: identificar quem são os pendulares e quais são - nas suas características gerais como, também, apreender o sentido que eles conferem a esta prática socioespacial. Desta forma, procuro captar os significados de uma vida em pêndulo para trabalho a partir das experiências descritas pelos comutadores. Por isso, busco nas falas dos pendulares os aspectos de seu cotidiano, que me permitam expressar essa forma de viver a realidade urbana e, em última instância, o mundo, em tempos de intensa fragmentação do espaço urbano.

Nos quadros de uma sociedade da mobilidade (URRY, 2007) procuro investigar quais as repercussões desse movimento nas vidas dos pendulares, mais especificamente, as suas relações com a cidade de residência e de trabalho, numa perspectiva que contempla o cotidiano, as estratégias e práticas diárias promovidas no enfrentamento do mundo do trabalho e da fratura espacial na qual estão inseridos. Como a vida fragmentada, dividida espacial e socialmente, experimentada em parcelas, sem contiguidade, física e simbólica é encarada pelos indivíduos nessa condição?

Os deslocamentos pendulares para trabalho estão inextricavelmente conectados à nova divisão territorial do trabalho, às novas estratégias expansionistas da empresa global, às transformações no espaço urbano patrocinadas pelo mercado imobiliário e à primazia do capital financeiro internacional. Mas, todos esses processos de grande alcance, deságuam na vida das pessoas e essas devem enfrentar, ainda que irrefletidamente, os desafios que se põe à sua frente. Assim, me proponho a compreender, sem perder de vista a universalidade subjacente à problemática, como as pessoas encaram e leem essa experiência, como operam cotidianamente

¹ Usarei, a partir desse ponto, o termo simplificado pendular, ou pendulares, para referir-me à pessoa que realiza o movimento pendular.

nessa conjuntura e quais recursos mobilizam no sentido de construir e preservar a estabilidade do seu mundo.

Partilho da afirmação de Melucci ao dizer que “a pesquisa produz interpretações que buscam dar sentido aos modos nos quais os atores buscam, por sua vez, dar sentido às suas ações” (MELUCCI, 2005, p. 33). Imbuído desse espírito, lanço mão de conceitos e noções, que sirvam de bússola para chegar a esse destino.

Considero relevante quando Martins (2014) chama a atenção, criticamente, para as interdições metodológicas, as quais passaram a estar sujeitas à Sociologia, preocupada em manter fidelidades teóricas e metodológicas, através de que muitos pesquisadores se negam à liberdade conceitual e teórica. Com isso, os conceitos e noções adotados nessa pesquisa apareceram, ao passo em que o trabalho empírico desenvolvia-se, do decurso das duas fases dessa investigação (quantitativa e qualitativa). O olhar sobre o objeto e as reflexões sobre o problema de pesquisa conduziram-me às referências teóricas adotadas, como aquelas capazes de atender aos objetivos propostos.

Nessa exploração não há nenhuma ambição prévia de determinar quais os prejuízos ou ganhos desse modo de vida, ou de vaticinar uma solução para algo que considere antecipadamente como um problema digno de solução. Desejo, isto sim, me aproximar da forma como as intensas transformações sociais, que impactam decisivamente na configuração do espaço urbano e, por sua vez, no cotidiano, são respondidas no ato de estar no mundo, por parte dos pendulares pesquisados.

Na leitura e interpretação dos dados e das entrevistas, o objetivo central foi perceber a produção da estabilidade em um mundo convulsionado pela fragmentação e aceleração, assim como a relação entre tempos e espaços - na construção do lugar entendido aqui - na perspectiva de Tuan (1980; 1983), como o espaço significado, dotado de valor.

A crítica do cotidiano lefebvriana (1991; 1999) é outra lente importante, pois dirige uma ácida crítica à colonização ou programação do cotidiano por parte dos interesses capitalistas, funcionalizando e dirigindo o emprego do tempo, rentabilizando, inclusive, o lazer. O capitalismo, nessa perspectiva, estrutura de forma rígida e minuciosa o cotidiano, impedindo ou esforçando-se para atalhar a apropriação livre do espaço, “nesse sentido, a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou de consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991, p. 82). Contudo, o cotidiano é irreduzível às pretensões do alto e não pode ser completamente engolfado pelas determinações estruturais, pois há algo de imprevisível, de

escapável, de incapturável. Os indivíduos não reproduzem mecanicamente às previsões do sistema: eles reinventam, adaptam-se, retraduzem o mundo a todo tempo. É nesse ponto que um olhar para os indivíduos se torna relevante, articulado com os grandes processos sociais.

Foi estimulante, também, o trabalho de Marandola Jr. (2008) sobre a pendularidade na região metropolitana de Campinas/SP. Em sua pesquisa, o autor investiga as novas formas de habitar diante das atuais transformações na morfologia urbana, fazendo uma acurada investigação de inspiração fenomenológica, relacionando espaços de vida e processos macrosociais na produção do habitar. Em sua investigação enfatiza, ainda, aspectos como a disseminação dos riscos e dos perigos na modernidade reflexiva, retomando os trabalhos de Beck (2000, 2006) e Giddens (1991, 2002).

Nosso aporte teórico conta, ainda, com Bauman (2003; 2007a; 2007b; 2009), Beck (2000; 2010), Sennett (2009; 2018) e Han (2015), autores que apresentam um quadro geral das grandes transformações no capitalismo contemporâneo, especialmente na base material do capitalismo, apontando as consequências da reestruturação produtiva em diversos âmbitos e dimensões da vida social. O conjunto desses autores conforma a base teórica que norteou o meu olhar em campo, o que não quer dizer que a pesquisa se restringiu a esses autores, mas que eles formam o aporte principal de referências.

Esta tese teve como objetivo apreender a relação entre trabalho, mobilidade urbana e lugar, no âmbito daqueles que praticam a pendularidade para trabalho, entre as cidades de Maceió e Arapiraca. Para isso, foram considerados os fatores estruturais e a natureza das experiências individuais dos próprios pendulares. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa-quantitativa ou nos termos de Creswell (2007): uma pesquisa de tipo misto, com a coleta sequencial de dados quantitativos e qualitativos.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

O problema de pesquisa não poderia ser abordado exclusivamente por uma perspectiva quantitativa, pois, seria fundamental um olhar, também, qualitativo, ambos contribuindo para uma visão ampla do conjunto estudado, com as suas generalidades e regularidades, o que uma abordagem unilateralmente qualitativa não poderia oferecer. De outra forma, como observa Melucci,

Os indivíduos são abastecidos de recursos para conceberem-se e para agirem como sujeitos autônomos de ação. Isto concede para a experiência individual um papel e um valor muito importantes: daqui nasce a atenção sobre a dimensão da experiência do indivíduo especificamente, que não pode ser enfrentada em termos cognoscíveis unicamente com os instrumentos da pesquisa quantitativa e pressiona para a necessidade de adotar métodos de tipo qualitativo (MELUCCI, 2005, p. 29).

Autores como Pais (2015) e Melucci (2005) enfatizam a importância da dimensão cotidiana, ao que Melucci acrescenta que “os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída” (MELUCCI, 2005, p. 29). Em sentido semelhante, Pais diz que “ver a sociedade a nível dos indivíduos é ver como a sociedade se traduz na vida deles” (PAIS, 2015, p. 20). Entendo que, ao contrário de dicotômicas, e/ou excludentes, as abordagens se complementam, potencializando as qualidades da pesquisa, que transitou tanto por técnicas de pesquisa descritiva, quanto exploratória.

A pesquisa bibliográfica, se baseou em trabalhos elaborados por diversos autores, sobre os temas Pendularidade, Lugar e Cotidiano. Soma-se a isso, a consulta de dados de fontes secundárias, merecendo destaque, os materiais produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Observatório das Metrópoles, Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas (ARSAL), Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Governo do Estado de Alagoas, Prefeitura Municipal de Arapiraca, Ministério do Turismo (Mtur), Fundação João Pinheiro (FJP), Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (RECIME), Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias (REDBCM) e o Núcleo de Estudos da População (NEPO).

A etapa quantitativa da pesquisa contou, ainda, com a produção de dados primários, através da aplicação de 300 questionários com os pendulares que utilizavam o transporte complementar da linha rodoviária Maceió-Arapiraca. A ausência de informações sobre esse público, tanto de órgãos estaduais quanto municipais, tornou a produção desses dados ainda mais relevantes e, com essas informações, foi possível traduzir características gerais da população pesquisada que foram, por sua vez, fundamentais para as aspirações da pesquisa.

Os questionários eram de múltipla escolha, permitindo apenas uma assertiva, ferramenta sem a qual não seria possível reconstruir estatisticamente, aquela realidade. Os questionários reuniram informações sobre o perfil socioeconômico dos pendulares (situação familiar, sexo, idade, grau de instrução, vínculo empregatício, setor de atividade, cor e renda), caracterização dos domicílios (número de residentes, tipo de residência, condição de moradia) e relações

socioespaciais (frequência da viagem, tempo de moradia, mudança de domicílio, motivo da viagem, custos de transporte, etc.).

Com essas informações foi possível elaborar um quadro geral de características e tendências da população estudada, tal como estabelecer uma relação com pesquisas de maior alcance, elaboradas por órgãos federais e institutos de pesquisa de outras regiões do país, confirmando as tendências apontadas por essas pesquisas, ou sinalizando para particularidades locais. Essa relação, entre os dados coletados na realidade selecionada e os números nacionais, conecta o micro ao macro, o holístico ao particular, o universal ao singular. Esse exercício confere globalidade à pesquisa, o que considero indispensável.

A etapa quantitativa da pesquisa vem encorpar os dados e informações coletados nas entrevistas e observações de campo, recrudescendo as falas e impressões dos entrevistados, amplificando o seu potencial explicativo, validando e corroborando essas falas ampliando, com isso, o seu alcance. A integração dos dois métodos eleva as questões singulares, presentes nas descrições dos atores, diante das questões estruturais de maior alcance, revelando o caráter abrangente e menos peculiar ou pitoresco, das experiências vividas.

As entrevistas que compõem o capítulo final dessa pesquisa, foram realizadas ao longo do ano de 2019 (algumas no primeiro semestre; outras, no segundo semestre). A entrevista, em qualquer contexto, pressupõe determinado nível de confiança, capaz de suscitar, no entrevistado, a segurança necessária para que se proponha participar. Os indivíduos pendulares para trabalho estão sempre em movimento entre as duas cidades e o tempo que lhes resta, dedicam ao descanso ou a resolução de questões particulares, o que os torna ainda mais escorregadios. As entrevistas estenderam-se do final de 2019 até o mês de janeiro de 2020 e essa foi, sem dúvida, uma das maiores adversidades da pesquisa.

O contato com os entrevistados ocorreu das mais variadas formas e circunstâncias. Um deles, TH, conheci ao longo de minhas viagens para Arapiraca; já MC, em uma entrevista que tinha, inicialmente, outro objetivo. Outros pendulares foram surgindo como resultado da aplicação dos questionários, como WL, WS e RN ou por meio de indicações de amigos, como CT, KL e ELI. Nesse sentido, não estabeleci nenhum critério prévio, como faixa etária, renda, raça, modalidade de transporte, etc. O único preceito foi que os entrevistados fossem residentes da cidade de Maceió e pendulassem para trabalho em Arapiraca. Esse foi perfil em que a pesquisa se debruçou.

As entrevistas tiveram duração média de uma hora e, em alguns casos, prolongavam-se por mais tempo. O roteiro privilegiava questões ligadas às relações pessoais, afetivas, profissionais, com a casa e o bairro, cidades de residência e trabalho. Ao roteiro de entrevistas, iam sendo acrescentadas, constantemente, novas indagações, pois o contato com cada um dos entrevistados suscitava impressões que se desdobravam em novos questionamentos.

Em minha relação com os sujeitos da pesquisa, durante todo o percurso do trabalho de campo, tive, em alguns casos, a possibilidade de entrar em contato por telefone, sempre que julgasse que alguma questão merecesse maior aprofundamento. Em outros casos, infelizmente, isso não ocorreu, sendo a primeira entrevista a única oportunidade para ouvi-los. Essas ocorrências tiveram implicações significativas sobre a análise e interpretação do *corpus*. Uma delas foi priorizar os aspectos transversais que atravessassem o conjunto das falas, mas do que uma aferição pormenorizada de cada uma das trajetórias e estratégias empreendidas.

O objetivo das entrevistas é captar aspectos da experiência de pendular para trabalho acumulada pelos conversantes. Desta forma, foram adotadas entrevistas não-diretivas (MICHELAT, 1982), pois permitem ao entrevistado transitar livremente pelos temas propostos, ao mesmo tempo em que o entrevistador pode reconduzir sutilmente os entrevistados ao roteiro da pesquisa. Com as entrevistas não-diretivas, detalhes que não são passíveis de observação podem emergir, por isso, a fala relativamente livre oferece ricos elementos para a análise e interpretação dessas experiências cotidianas. Como observa Michelat “o recurso à entrevista não-diretiva, por oposição à entrevista dirigida, tem o objetivo de contornar certos cerceamentos das entrevistas por questionário (...)” (MICHELAT, 1982, p. 92). Assim, as entrevistas não-diretivas foram consideradas as mais adequadas para as questões propostas pela pesquisa, pois dizem respeito às práticas cotidianas de produção do habitar em pendularidade para trabalho.

REFERENTE EMPÍRICO DA PESQUISA

A escolha do referente empírico foi se adensando concomitante ao amadurecimento do problema de pesquisa. Quando decidi investigar a relação entre pendularidade, lugar e trabalho, imediatamente pensei em pesquisar os pendulares entre Maceió e Arapiraca. Essas são as duas mais importantes cidades do Estado de Alagoas que, mesmo não pertencendo às suas respectivas regiões metropolitanas, alimentam uma intensa troca econômica e populacional.

Nesse sentido, são as que carregam as marcas mais acentuadas de uma realidade urbana, em termos de infraestrutura, equipamentos urbanos e complexificação do mercado de trabalho.

A ênfase da minha pesquisa é a relação do pendular com as cidades de residência e trabalho, com o objetivo de tentar apreender qual a capacidade do destino em atrair e envolver os pendulares, de estreitar relações espaciais de topofilia (TUAN, 1980) e, a partir desse ponto, investigar os impactos da pendularidade sobre as cidades de residência e trabalho, em um cenário que apresenta espaços da vida produtiva cada vez mais alargados. Os pendulares que viajam por motivo de trabalho, ou seja, aqueles que permanecem por mais tempo na cidade de destino - portanto, menos tempo na cidade de origem - é o alvo prioritário da minha investigação. Diante da assiduidade desses sujeitos no *lócus* de destino supõe-se uma relação de maior proximidade entre indivíduo e espaço, o que deveria significar um relacionamento com maior peso valorativo. Nesse sentido, foi no decorrer do processo da pesquisa, através das idas a campo, das observações, anotações e conversas, que as implicações relativas ao lugar ganharam importância científica.

Arapiraca, por seu porte de cidade média, seria a cidade alagoana com maior capacidade de atração e, com isso, de fixação dos pendulares. No entanto, em conversas informais, não pude perceber quaisquer intencionalidades em residir na região. Compreender como se esboça essa relação entre pendulares e os seus lugares de moradia e trabalho suscitou minha inquietação e curiosidade, pois, muitas vezes, esses indivíduos manifestavam “gratidão” pela cidade que lhes proporcionava possibilidades de renda. Em nenhum momento, porém, nem mesmo especulativamente, era cogitada a hipótese de se residir na localidade, sendo preferível arcar com os custos afetivos, sociais e relacionais das viagens diárias e/ou semanais, com todos os desafios da “estrada”, como assaltos, acidentes, cansaço, etc. Esses posicionamentos adotados por nossos sujeitos de pesquisa criam mecanismos de neutralização dos riscos, bem como mecanismos de normalização da situação em que se encontram cotidianamente.

Além dos atributos já mencionados: infraestrutura, equipamentos urbanos, serviços especializados etc., elegi os pendulares entre Maceió e Arapiraca, pois estes não compõem as suas regiões metropolitanas. Objetivei, dessa forma, entender o que representa uma vida cindida espacialmente entre cidades não conurbadas, que não pertencem ao mesmo contexto espacial, caso das cidades que constituem as regiões metropolitanas. Perceber quais são as consequências dessa distância social e espacial sobre o cotidiano, na confecção das relações pessoais e sociais, na produção da estabilidade e na edificação do habitar foi, também, ponto basilar para a

elaboração dessa pesquisa, como analisar a forma a qual os pendulares respondem a essa cisão espacial, os recursos e estratégias empreendidas, os desafios e adaptações enfrentadas.

Santos (2006, p. 218) observa que o Lugar possui uma dupla dimensão, ele é “o quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas” como também “é o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. O que torna um espaço um Lugar, isto é, palco das paixões humanas, espaço de encontro conhecido e reconhecido, identificado e resguardado é o que quero desvelar na relação dos pendulares com a cidade de destino (trabalho), o que vai consubstanciar, em paralelo, uma análise das relações com a cidade de origem (residência), a partir de uma experiência de vida particionada entre duas cidades.

Uma vez selecionado o trajeto, as cidades, a paisagem, coube precisar a população a ser pesquisada. Investi minha atenção no grupo de pendulares que utiliza o transporte complementar regularizado. Alguns fatores foram decisivos nessa escolha, merecendo destaque a dimensão que o transporte complementar apresenta no contexto de mobilidade intermunicipal e o acesso a esses pendulares. O transporte complementar é o principal responsável pela mobilidade urbana intermunicipal no Estado, em se tratando de transporte coletivo regulamentado. Ao lado de seu tamanho e centralidade, foi importante o fato de o transporte complementar atuar no interior dos terminais rodoviários, concentrando os pendulares no mesmo espaço e possibilitando acesso aos passageiros das 5h00 às 17h45, de segunda a domingo. A concentração e o fluxo de usuários do transporte complementar nos terminais rodoviários refletiram em aproximação com os pendulares, fato que, de outra forma, seria mais difícil. Nesse contato, vale registrar, contei com a pronta colaboração dos responsáveis pelos terminais rodoviários e pontos de suporte de Vans e micro-ônibus, tanto em Maceió quanto em Arapiraca.

Tendo em vista as considerações abarcadas nessa introdução, organizei a pesquisa em cinco partes. Na primeira, apresento o fenômeno dos deslocamentos pendulares, suas principais características e sua crescente importância para os estudos urbanos. Neste ponto faço uma revisão da literatura sobre o tema, com o objetivo de identificar as principais abordagens sobre a pendularidade no Brasil, os caminhos teóricos e investigativos, conduzidos a respeito desse fenômeno em expansão nas últimas duas décadas. Com isso foi possível observar que o aumento significativo dessa modalidade de descolamento populacional está intimamente associado aos grandes fenômenos estruturais de nosso tempo, como a reestruturação produtiva,

a globalização neoliberal e a ascensão das tecnologias de informação, transporte e comunicação. Esses macroprocessos sociais reestruturam, por seu turno, todas as dimensões da vida social com implicações sobre o espaço urbano e o comportamento populacional. Os deslocamentos pendulares configuram, assim, em um tipo de prática social cada vez mais presente na vida da população e reflete as agudas transformações sociais de nosso tempo. Busco, também, situar o leitor sobre a cidade de trabalho dos pendulares e apresento algumas das transformações mais candentes na estrutura e espaço urbano da cidade de Arapiraca. Deste modo, realço a inserção desta cidade no conjunto das transformações sociais mais amplas, o que torna possível visualizar o contexto no qual estão inseridos os pendulares investigados.

Na parte 2 articulo o fenômeno urbano e a nova dinâmica demográfica ao modelo de acumulação flexível e seus corolários, como a nova divisão territorial do trabalho, ascensão das cidades médias e a tensão entre as escalas globais e locais oriundas desse processo. O que quero sublinhar, nesta parte, é que a era da acumulação flexível reestruturou, não apenas o mundo da produção, como também a morfologia urbana. Essa incursão, assim, revela as circunstâncias da mobilidade populacional, com ênfase nos deslocamentos pendulares.

Na parte 3 - Sobre a instabilidade e a incerteza no mundo contemporâneo - viso mapear, no plano do indivíduo, os principais impactos daqueles processos sociais já abordados nos textos anteriores. Com o auxílio de valiosos conceitos abordados por autores como Bauman - modernidade líquida (2007), Han - sociedade do desempenho (2015), Sennett - capitalismo flexível (2006), e Harvey - acumulação flexível (2005), trago à tona as repercussões desse modelo societal sobre a produção das subjetividades. Os autores demonstram, como os indivíduos jogados à própria sorte, separados da comunidade e dos mecanismos de proteção do *Welfare State*², sofrem os efeitos da efemeridade e fragmentação em curso no mundo contemporâneo. As vidas dos pendulares estão ligadas a uma dinâmica entre permanências e impermanências, que opera em todos os tipos de realidade e modos de vida, ainda mais, entre aqueles que vivem nesse movimento cotidiano como condição do seu estar no mundo. Esses indivíduos são atingidos frontalmente pelas novas exigências do mercado de trabalho e

² “A definição de Welfare State pode ser compreendida como um conjunto de serviços e benefícios sociais de alcance universal, promovidos pelo Estado, com a finalidade de garantir uma certa ‘harmonia’ entre o avanço das forças de mercado e uma relativa estabilidade social, suprimindo a sociedade de benefícios sociais, que significam segurança aos indivíduos para manterem um mínimo de base material e níveis de padrão de vida, que possam enfrentar os efeitos deletérios de uma estrutura de produção capitalista desenvolvida e excludente” (GOMES, 2006, p. 203).

possuem, em especial, o desafio da fratura espacial ocasionada pela mobilidade pendular para trabalho.

As partes que seguem – 3 e 4 - são dedicadas aos pendulares entre Maceió e Arapiraca. Na primeira, baseado na aplicação de questionários, elaboro um perfil socioeconômico dos pendulares da linha Maceió-Arapiraca. Esses questionários permitiram objetivar as características mais gerais desses indivíduos em pêndulo, como renda, sexo, estado civil, situação familiar, escolaridade, entre outras informações relevantes, como a motivação e a frequência das viagens. Os questionários permitiram um conjunto de contrastes expressivos, que resultou numa apreensão das particularidades desses indivíduos em relação ao conjunto da população de Alagoas. De maneira mais precisa, os questionários corporificam esses pendulares, saber quem esses sujeitos são, foi, de fato, imprescindível para a pesquisa. Aqui pude pinçar dados importantes, por exemplo, a quantidade de pendulares que moram em Maceió e pendulam para Arapiraca e os que moram em Arapiraca e pendulam para Maceió, o motivo das viagens, relações com a cidade de destino, dentre outros.

A parte 5 é de cunho qualitativo, na qual, apoiado nas entrevistas, analiso e interpreto o significado de uma vida em pêndulo para trabalho no cotidiano desses comutadores. Suas relações com o lugar de residência e trabalho, com vizinhos, amigos, com a casa e o bairro, com a estrada e as viagens, isto é, como produzem a estabilidade do seu mundo social em uma relação de pendularidade. Nesta parte, debrucei sobre os pendulares que residem em Maceió e pendulam para trabalho na cidade de Arapiraca.

1 OS DESLOCAMENTOS PENDULARES

A mobilidade pendular é definida como um tipo de deslocamento espacial urbano marcado pela disjunção entre local de moradia (origem) e trabalho (destino) exercido cotidianamente entre cidades distintas. O *pendular*, portanto, é a pessoa que trabalha ou estuda em um município diferente daquele de residência.

Pesquisadores brasileiros vêm se dedicando ao fenômeno da mobilidade urbana ao lado dos processos clássicos de centralização produtiva e periferação em sociedades industriais avançadas³. Na literatura encontramos uma variedade de termos ao se referir a pendularidade, como viagem pendular utilizado pelas pesquisas de origem e destino, migração pendular, migração alternante e migração volante (PEREIRA, 2008). Os termos deslocamento pendular como utilizado pelo IBGE, ou movimentos pendulares, são as designações adotadas nesse trabalho. Esta forma de mobilidade não se confunde com os processos de migração, pois essa dinâmica envolve um deslocamento diário e não implica em transferência para algum lugar ou fixação definitiva em outro lugar (CASTELLO BRANCO *et al*, 2005).

1.1 DESCOMPASSO ESPACIAL CASA-TRABALHO

Quanto à natureza do fenômeno da pendularidade cabe aqui uma breve revisão e atualização como propostas por Castello Branco *et al* (2005) e Pereira (2008). Para Branco, a análise dos descolamentos domicílio-trabalho/estudo representam um importante referencial para investigação da expansão urbana, podendo contribuir para revelar o alcance das novas formas urbanas, atualmente cada vez menos definidas e precisas.

No século XXI, sob a égide da expansão capitalista, a realidade urbana também se estende, pavimentando o caminho para a desconcentração produtiva, ou seja, culmina na criação de inúmeros subcentros econômicos disseminados pelo território, o que repercute nas formas de ocupação residenciais, aprofundando o desacoplamento entre os espaços funcionais e espaços físicos. Segundo Castello Branco “é nesse contexto que se torna pertinente revisitar o conceito de ‘migração pendular’ e a discussão atual que sugere outra denominação, qual seja,

³ Ver: CUNHA (1994); SPOSITO (1991); VILLAÇA (2001); ÂNTICO (2003); BAENINGER (1999).

a de ‘movimento pendular’” (CASTELLO BRANCO, 2005, p. 122). Nesta fase do desenvolvimento capitalista e de urbanização dispersa, os deslocamentos pendulares assumem um papel crescente em volume e relevância.

Changes in transportation, communication, and production technologies, in the organization of production, as well as nationwide industrial and demographic shifts, have led to a decoupling of these functional and physical spaces. Regional economic areas are now much broader than local labor market areas and local activity spaces. Over the years, the expansion of existing areas and creation of new areas in a low density mode have led to a diversity of physical configurations for the daily activity space of community residents - including areas that have no discernible cores (FREY; SPEARE JR. 1992, p. 1).⁴

A ampliação dos deslocamentos pendulares acompanha as transformações na forma urbana, no sentido da desconcentração observada por Gottdiener (1997) com o surgimento de atividades sociais em áreas fora das tradicionais regiões citadinas e dos centros populacionais.

Em resumo, escolho o termo ‘desconcentração’ para descrever os padrões atuais de crescimento polinucleado porque ele apreende a dispersão regional maciça de pessoas, comércio, indústria e administração pública, juntamente com a reestruturação contemporânea de tais regiões em domínios multiconcentrados esparramados por vários quilômetros e localizados em todo lugar, especialmente naquelas áreas antigamente imunes ao desenvolvimento urbano (GOTTEDINER, 1997, p. 19).

O crescimento dos deslocamentos pendulares acompanha transformações estruturais significativas e recentes na sociedade, como a reestruturação produtiva e empresarial, com a redistribuição espacial das atividades produtivas, a apropriação privada do solo urbano, protagonizada por instituições financeiras e o desenvolvimento dos meios de transporte.

Esta não só reflete o distanciamento progressivo entre o lugar de moradia e o de trabalho, fruto da não-coincidência dos padrões de distribuição da população e da atividade econômica e social dentro da Região Metropolitana, mas também elementos ligados à forte segregação espacial da população⁵ (CUNHA, 1994, p. 122).

O distanciamento progressivo entre a residência e os polos de concentração econômica, cada vez mais regionalizados, são uma das causas do aumento no volume da mobilidade pendular. Este desacoplamento entre a concentração do emprego e a diluição do habitar são características da expansão da realidade urbana pelo território e um traço distintivo de nosso tempo. Nesse contexto de redistribuição espacial das atividades produtivas e fragmentação

⁴ Mudanças em transporte, comunicação e tecnologias de produção em organização de produção, assim como mudanças demográficas e industriais a nível nacional têm levado a uma dissociação desses espaços físicos e funcionais. Áreas econômicas regionais são, agora, bem mais amplas do que as áreas do mercado de trabalho local e dos espaços de atividades locais. Ao longo dos anos a expansão de áreas existentes e, a criação de novas áreas em modelos de baixa densidade, tem levado a uma diversidade de configurações físicas para o espaço de atividade de área de residentes da comunidade - incluindo áreas que não têm núcleos (centros) perceptíveis (Tradução do autor).

⁵ É importante frisar que, na pesquisa, não me refiro ao espaço metropolitano, pois as cidades de Maceió e Arapiraca não compõem suas respectivas regiões metropolitanas, fato que não as exclui do conjunto de transformações mencionadas por Cunha.

urbana, a mobilidade pendular surge, por um lado, como imposição desses fenômenos e, por outro, como estratégias individuais de sobrevivência.

Conforme Pereira (2008), “assim como as decisões de empresas e indústrias em alocar suas atividades em determinadas localizações, as decisões tomadas por pessoas e famílias sobre a localização de suas residências passam pela esfera mais particular de decisões (institucional ou familiar)” (PEREIRA, 2008, p. 27). No entanto, ainda que as decisões pessoais ingressem como um dos ingredientes na caracterização das rotas e trajetos percorridos diariamente, essas escolhas são, em grande medida, orientadas pelo mercado de trabalho e do solo urbano, o que permite ao pesquisador estabelecer determinados padrões no fluxo pendular.

Não obstante esse caráter anárquico das localizações de postos de trabalho e de residências e de encadeamento de viagens diárias, as análises sobre os deslocamentos pendulares em determinada área analisada, sempre é possível identificar certo padrão de viagens composto por alguns fluxos de maior e outros de menor importância relativa (PEREIRA, 2008, p. 28).

O que é valioso destacar é que esses processos estruturais modelam a realidade urbana e as possibilidades de trânsito socioespacial dos indivíduos, a partir das assimetrias entre alocação das atividades produtivas e disposição espacial da moradia. Com objetivo de identificar as causas do descompasso espacial entre local de moradia e postos de trabalho, Pereira (2008) aponta quatro processos: Centralização e Desconcentração Produtiva e Periferização e Suburbanização. Os dois primeiros dizem respeito à redistribuição das atividades produtivas e ao redimensionamento do mercado de trabalho, já os dois últimos referem-se à distribuição dos espaços de moradia. Esses quatro processos socioespaciais, ao impactar na estrutura urbana, estão associados às causas dos deslocamentos pendulares. O mercado habitacional e as possibilidades de trabalho determinam um sistema de constrangimento e incentivos ligados à decisão de pendular.

Em suma, são vários os elementos que atuam como parte de uma estrutura de pressões (ou motivações), levando os atores a moverem-se no espaço: a localização e a desconcentração industrial, bem como suas implicações na dinâmica de geração de empregos e desenvolvimento urbano das áreas; a promoção e a dinâmica imobiliária, através da manipulação do mercado de terras, da criação de novos empreendimentos (para as classes pobres e ricas), ou mesmo da ocupação irregular do espaço; a ação do Estado na distribuição dos serviços públicos e na área da habitação; a desterritorialização dos níveis de vida, etc. (CUNHA, 1994, p. 60).

Considero relevante destacar esses processos, pois, reconhecer o caráter histórico dos deslocamentos pendulares significa estranhar o descompasso espacial entre domicílios e cidades do trabalho, “significa investigar os diferentes processos que dão origem a este descompasso e buscar bases mais sólidas para a investigação das especificidades que vão se

construir sobre as dinâmicas territoriais de integração urbana e exclusão social” (PEREIRA, 2008, p. 30).

Para Jardim (2011), a mobilidade pendular traduz os movimentos da economia e da sociedade contemporânea, “responsáveis pela criação de novos espaços territoriais e societários no lugar de origem (domicílio) e destino (trabalho, ensino, lazer e outras atividades relacionadas com a ação humana)” (JARDIM, 2011, p. 58). Assim, é importante ressaltar que a mobilidade pendular é motivada por inúmeros fatores, além do trabalho e da educação. Esses dois vetores seriam insuficientes para abarcar a heterogeneidade e a amplitude deste movimento. Contudo, os Censos Demográficos elaborados pelo IBGE enfocam apenas essas duas motivações. Nesse sentido é importante frisar que, além de considerar apenas os deslocamentos para trabalho/estudo, a operacionalização realizada pelo IBGE não contempla detalhes sobre a frequência dos deslocamentos, desconsidera a identificação do meio de transporte utilizado na viagem e a distância percorrida, ou mesmo o tempo de deslocamento e seu custo monetário (PEREIRA, 2008).

1.2 ABORDAGENS SOBRE OS DESLOCAMENTOS PENDULARES NO BRASIL

Os deslocamentos pendulares começam a ser amplamente estudados no Brasil, especialmente com sua reinclusão no Censo Demográfico do IBGE nos anos 2000, fator que possibilitou investigações acadêmicas em diversos campos científicos. Dessa maneira, pesquisadores têm atentado para os movimentos pendulares, demonstrando o potencial deste objeto como mediação entre sociedade e espaço, em múltiplas escalas de análise. Neste tópico farei uma revisão desta bibliografia, que considero representativa dos principais enfoques, bem como dados referentes ao tratamento da mobilidade pendular no Brasil, sem nenhuma pretensão de esgotar esses dados. Como critério de seleção desses autores, utilizei a incidência com que aparecem em citações e referências em dissertações de Mestrado, teses de Doutorado e artigos científicos sobre o tema da pendularidade.

Ântico (2003), com base nas pesquisas de Origem e Destino de 1987 e 1997, analisa os deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) como um indicativo de desigualdade espacial e social. A autora procura mapear a heterogeneidade dos fluxos pendulares entre os diversos contextos sub-regionais daquela Metrópole. Em *Onde morar e onde trabalhar*, observa um crescimento dos deslocamentos pendulares rumo a RMSP naquele

período, tanto na escala intra-regional como inter-regional, o que explicita uma diversidade crescente dos locais de origem e destino e dos grupos sociais envolvidos. Em sua pesquisa, também podemos notar a consolidação de subcentros locais diluídos nos espaços urbanos o que tem implicações tanto na distribuição do emprego, quanto nas estratégias de moradia (redistribuição populacional).

Em seu trabalho encontramos uma importante caracterização do perfil sociodemográfico da população pendular no ano de 1997, na RMSP. Àquela altura, a população pendular ocupada era composta, em sua maioria, por jovens e homens entre 20 e 39 anos, sendo a maior parte deles chefes de família pertencentes à classe C, cursaram o Ensino Fundamental, residiam em imóvel próprio, trabalhavam no setor de serviços e o transporte prioritário era o coletivo (ÂNTICO, 2003).

Um conjunto de outras informações está presente na caracterização do perfil da população pendular. A pesquisa de Ântico tem, ainda, o mérito, o que a enriquece sobremaneira, em estabelecer um quadro comparativo entre os perfis sociodemográficos da população pendular e os não-pendulares em termos de escolaridade, faixa de renda, condições de habitação, classes sociais, etc.

Silva (2012), por sua vez, procura relacionar a estruturação do espaço metropolitano às condições de mobilidade. Em seu trabalho, o acesso à moradia, ao mercado de trabalho e às condições de deslocamento determinam a estrutura metropolitana. A autora investiga quais os sentidos e as motivações dos movimentos populacionais intra-regionais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), partindo da premissa que há diferenças substanciais entre o núcleo e a periferia. Silva (2012) sublinha, ainda, que as estratégias de mobilidade urbana passam por um conjunto de mecanismos de constrangimento e escolha, dispostos no espaço urbano. Seu objetivo é

Analisar os movimentos populacionais em sua relação com a estrutura urbana, reflexão esta fundada na compreensão da relação entre dinâmica urbana e dinâmica demográfica como expressão das estratégias (individuais e coletivas) e dos constrangimentos (capital social, mercado imobiliário, sistemas de acessibilidade, políticas urbanas e habitacionais etc.) que se colocam às práticas de apropriação da cidade (SILVA, 2012, p. 16).

Sua pesquisa indica que a hegemonia do capital financeiro sobre o mercado do solo urbano impacta decisivamente na mobilidade espacial por constrangimento, empurrando para um deslocamento forçado, indivíduos e famílias sem capacidade de acessar o mercado da moradia. Seu trabalho conclui que, no atual cenário, coabitam “processos sociais anteriores com

novos padrões de mobilidade cotidiana – diante dos quais os mecanismos relacionados à localização no espaço urbano são fundamentais” (SILVA, 2012, p. 222).

Entre as pesquisas mais representativas, Cunha (1994) discorre sobre a expansão urbana e a mobilidade populacional na RMSP. O autor procura identificar os condicionantes estruturais dos movimentos intrametropolitanos. Cunha entende que os deslocamentos pendulares (em seu texto, migrações pendulares) são uma contrapartida das migrações intrametropolitanas. Por migração pendular ele entende a movimentação intermunicipal diária das pessoas em função de trabalho e estudo. Já na década de 80, o autor observava o considerável acréscimo de movimentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) como resultado da expansão urbana e processos dissociativos entre trabalho e moradia. Para Cunha a migração pendular é um fenômeno lateral que resulta da migração intrametropoliana, sendo essa resultante de um processo mais profundo: a distribuição das atividades econômicas pelo território. O autor baseia-se em números do Censo de 1980, que apontava que 52,9% dos migrantes intrametropolitanos realizam o deslocamento pendular, o que conduz o autor a dar maior ênfase ao primeiro e às forças sociais e espaciais que o produzem.

Na mesma direção de Cunha, os trabalhos de Lago (2007; 2009; 2015) também enfatizam aspectos vinculados à desigualdade e à segregação socioespacial na metrópole, a partir do binômio centro-periferia. Lago investiga as transformações socioespaciais ocorridas na metrópole fluminense nos anos 70 e 80, bem como Cunha, focando nas desigualdades intrametropolitanas entre os grupos sociais com o menor poder político e econômico. Lago procura articular, na explicação das desigualdades territoriais no Brasil, os mecanismos de acesso ao trabalho, à moradia e às estratégias de localização dos setores populares urbanos.

A intensidade da mobilidade diária resulta da articulação entre a hierarquia espacial de centros e subcentros econômicos, as condições de transporte coletivo (os itinerários, a periodicidade e as tarifas) e a dinâmica imobiliária, responsável pela localização dos diferentes setores sociais no território. Como as condições de acessibilidade ao mercado de trabalho e ao consumo são muito desiguais, a distância casa-trabalho e o tempo gasto nesse percurso são indicadores relevantes na compreensão dos mecanismos reprodutores das desigualdades socioespaciais (LAGO, 2007, p. 286).

Segundo a autora, os deslocamentos pendulares aparecem em sua relação com a mobilidade intrametropolitana. Para Caiado (2005), os processos dissociativos entre localização do emprego e da moradia são a causa da desigualdade no processo de distribuição da população e da mobilidade intraurbana. Nessa perspectiva, Caiado, em sua pesquisa na Região Metropolitana do Distrito Federal (RMDF) reafirma as posições de Cunha na RMSP e Lago na RMRJ, corroborando a ligação entre migração intrametropolitana e deslocamentos pendulares,

“a ligação dos tipos de movimentos populacionais é estreita: a ocorrência do primeiro gera a do segundo” (CAIADO, 2005, p. 73). A autora fundamenta essa ligação nos dados censitários de 2000, demonstrando que, naquele ano, 42,4% das pessoas que realizavam a pendularidade, tinham menos de cinco anos de residência no município em que moravam. Isso significa dizer que grande parte dos comutadores já realizou migração intrametropolitana. Conforme Caiado “fica confirmada a estreita ligação entre migração intrametropolitana, processo de periferização e intensificação dos deslocamentos diários” (CAIADO, 2005, p. 74). Posso acrescentar a essa perspectiva a pesquisa de Pereira (2008), sendo a única divergência o enfoque sobre os deslocamentos pendulares, objeto central da pesquisa, o qual considera como resultante dos mesmos processos macroestruturais.

Baeninger (1996; 1998; 1999) observa que o fenômeno da pendularidade surge como uma alternativa aos movimentos intrametropolitanos na contemporaneidade. Muitos daqueles que outrora migrariam, agora praticam a pendularidade. Esta, portanto, age no sentido de retenção da população em seus locais de origem, “(...) além disso, os movimentos pendulares da população reforçam o processo de urbanização, aumentando o leque de opções na estrutura de preferência entre viver e o trabalhar” (BAENINGER, 1996, p. 701). Os movimentos pendulares, dessa forma, fortalecem-se enquanto tendência no século XXI, nos quadros de uma expansão da realidade urbana. A autora ressalta, ainda, que os movimentos pendulares passam a ser significativos, também, na mobilidade entre as regiões do mesmo Estado e não apenas no contexto intrametropolitano.

Hogan (1990; 1998) por sua vez, imprime outra abordagem no tratamento dos deslocamentos pendulares. Ele inclui a reflexão sobre mobilidade nos quadros de uma perspectiva ambiental. Em uma análise sobre os custos da poluição na cidade de Cubatão/SP, na década de 80, verificou que a pendularidade favorecia os pendulares em detrimento aos residentes na cidade. Vale lembrar que a cidade de Cubatão, nos idos de 80 era considerada o maior complexo petroquímico do continente, “chuva ácida, defeitos congênitos, desflorestamento e a poluição do ar e água foram vivamente apresentados na imprensa e Cubatão se tornou a personificação de décadas de crescimento industrial aos custos da negligência ambiental” (HOGAN, 1990, p. 177). Sem desconhecer os inúmeros fatores que contribuíram para o silêncio naquele período sobre as condições ambientais que degradavam a cidade, o autor procura na dinâmica sociodemográfica da comunidade e da região um caminho explicativo.

Para Hogan, um dos fatores que arrefeceram possíveis reações ao problema da poluição foram os padrões de migração pendular⁶, “milhares de empregos técnicos, administradores, engenheiros e operários qualificados podiam ser preenchidos sem pagar o preço de viver com a poluição” (HOGAN, 1990, p. 179). Em consequência da pendularidade houve uma concentração social do preço da poluição entre os residentes na cidade, os únicos a conviver diuturnamente naquele ambiente, mais do que isso, aos moradores de Cubatão restavam os empregos menos qualificados na indústria, enquanto os penduladores ocupavam os principais postos de trabalho. Outro aspecto interessante levantado por Hogan é que a pendularidade contribuiu para o esgarçamento das representações coletivas locais, “não só a classe média escolarizada, mas também os operários sindicalizados da refinaria e da siderúrgica voltavam toda a noite a Santos ou São Vicente (...) exatamente os segmentos com uma história de mobilização política” (HOGAN, 1990, p. 180). Sua pesquisa ainda traz uma criteriosa caracterização do perfil sociodemográfico da população pendular e da população residente em Cubatão. A análise de Hogan abre novas possibilidades de investigação da relação entre sociedade e espaço através dos deslocamentos pendulares, ao articular fatores ambientais, políticos e mobilidade pendular. O crescimento da pendularidade pode repercutir nas formas de organização comunitária e política, trazendo, nesse aspecto, consequências danosas para a cidade de trabalho.

Ojima (2007; 2015; 2016) vem se dedicando a apreender o conjunto de transformações em curso no contexto urbano. Em suas pesquisas aborda questões ambientais, urbanização sustentável, urbanização dispersa, mobilidade populacional, planejamento urbano e regional, deslocamentos pendulares e ampliação do espaço de vida. Quero destacar a relação que o autor estabelece no conjunto de seus trabalhos entre urbanização dispersa, deslocamentos pendulares e modo de vida urbano. As atuais tendências demográficas e urbanas apontam para uma ampliação do espaço de vida dos indivíduos com repercussões em seu cotidiano. Segundo o autor a fragmentação e “o aumento da intensidade de trocas populacionais diárias decorrentes da maior mobilidade e autonomia dos deslocamentos permite que núcleos urbanos separados fisicamente cada vez mais façam parte de uma mesma lógica cotidiana” (OJIMA, 2016, p. 25). As mutações no mundo do trabalho e o alargamento da realidade urbana ampliam os espaços de vida cotidianos. Neste sentido Ojima afirma que a reestruturação “dos espaços urbanos representa muito mais do que impactos econômicos da globalização ou da reestruturação

⁶ Assim como Cunha (1994), Hogan (1990) também utiliza o termo *migração pendular*, o que não se verifica mais em autores e textos recentes, que têm optado por deslocamentos e ou movimentos pendulares.

produtiva. Estamos falando de uma mudança mais ampla na esfera da reprodução social, no estilo de vida urbano, nas formas de habitar da sociedade” (OJIMA *et al*, 2015, p. 138).

Os trabalhos de Ojima abrem caminhos para uma abordagem dos deslocamentos pendulares na escala do cotidiano, sinalizando para um modo de vida urbano em tempos de fragmentação e hipermobilidade. Assim como em Ojima (2015; 2016), em Marandola Jr. (2008) encontra-se uma ênfase nas implicações da mobilidade urbana na produção e reprodução do cotidiano.

A ciência tem falhado de forma generalizada em conseguir dialogar com a sociedade. O conhecimento e o pensamento sobre a cidade não conseguem penetrar no cotidiano e no espaço de vida das pessoas. Os lugares são células espaciais existenciais e identitárias que sobrevivem sem a ciência e não conseguimos incorporar estas experiências à nossa prática acadêmica e gestora (MARANDOLA JR.; MELLO, 2005, p. 8518).

Com o objetivo de apreender a experiência urbana cotidiana, o autor lança mão de um conjunto de conceitos e ferramentas analíticas numa perspectiva interdisciplinar, que permita capturar os significados simbólicos e as experiências dos indivíduos com o espaço metropolitano. Sua proposta é pensar a atual realidade urbana fundada na hipermobilidade a partir de baixo, como proposto anteriormente por autores como Jacobs (2014) e Lefebvre (2008), ou seja, a partir das interações espaciais e sociais confeccionadas no interior do cotidiano vivido. Marandola Jr (2008) oferece um quadro da morfologia da experiência metropolitana o que lhe permite afirmar que na contemporaneidade o habitar está em risco, “uma das grandes perdas do atual estágio da modernidade é a casa, lugar de proteção por excelência, ter se tornado, também, um lugar de risco, o que torna o habitar metropolitano um habitar em risco” (MARANDOLA JR., 2008, p. 6).

Esta breve revisão bibliográfica não tem por meta exaurir as perspectivas e abordagens sobre o fenômeno da pendularidade, mas acredito que os autores aqui sumariados oferecem um panorama razoável das principais pesquisas no Brasil que investigam essa questão. Com base nesses autores acredito ter três grandes linhas de pesquisa:

- a) Autores que investigam os processos de integração e exclusão socioespacial intrametropolitanos;
- b) Aqueles que incluem a mobilidade nos quadros de uma perspectiva ambiental; e, por fim
- c) Pesquisas que enfatizam a escala do cotidiano vivido.

Reafirmo que esses três eixos não abarcam a multiplicidade das pesquisas e nem mesmo resume os objetivos dos autores aqui tratados.

A maior parte dos trabalhos sobre os deslocamentos pendulares são pesquisas no âmbito do espaço intraurbano das grandes regiões metropolitanas brasileiras, por outro lado, minha pesquisa transita entre duas cidades do Estado de Alagoas, separadas territorialmente (continuidade física), mas com intensas trocas espaciais, as cidades de Maceió-Arapiraca, as quais ocupam as posições de primeira e segunda, respectivamente, maiores cidades do Estado.

As viagens entre casa e trabalho estão mais longas. Além disso, os desafios de deslocamento antes restritos aos contextos metropolitanos, hoje tendem a se expandir para realidade não metropolitanas. Isso ocorre por uma mudança no modelo de produção e consumo do espaço urbano, condicionado cada vez mais por uma sociedade baseada na mobilidade (OJIMA *et al*, 2015, p. 135).

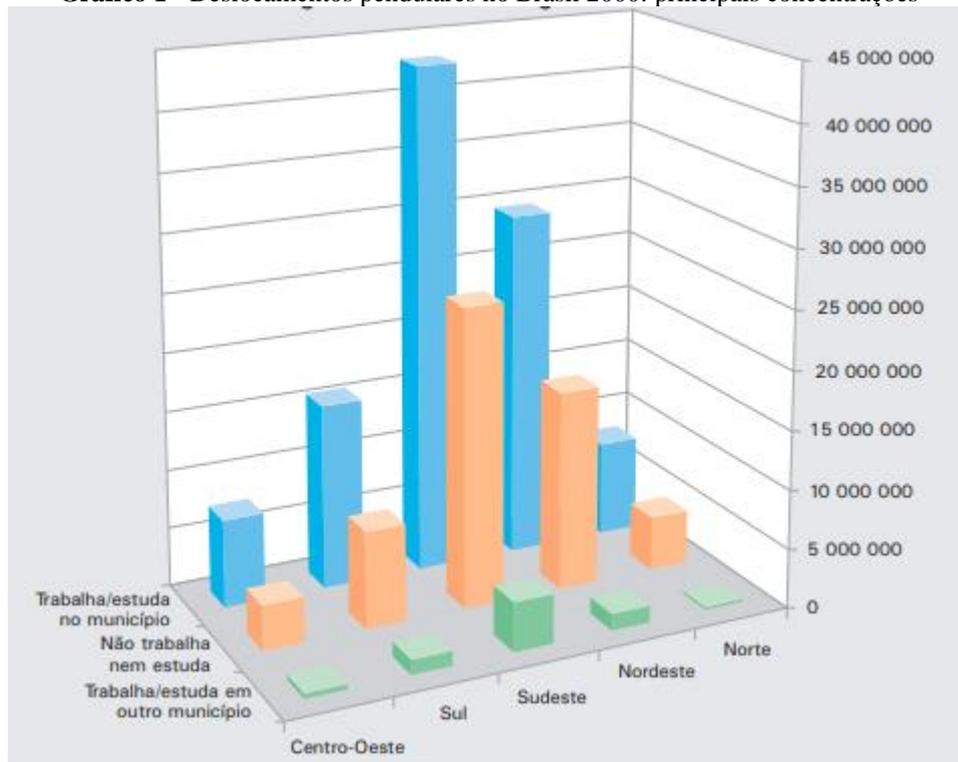
Desta forma, os deslocamentos pendulares passam a compor o horizonte das pessoas para além dos espaços metropolitanos, expressando um conjunto, cada vez mais diversificado, de respostas e estratégias frente às imposições da reestruturação produtiva e da fragmentação espacial, sinalizando para um alargamento dos espaços de vida no espaço regional.

1.3 O CRESCIMENTO DO FENÔMENO DA PENDULARIDADE

Os dados do Censo Demográfico 2000 registraram que, no Brasil, mais de 7,4 milhões de pessoas trabalhavam ou estudavam em municípios diferentes daqueles em que residiam, o que representava 6,7% da população brasileira que trabalha e/ou estuda. Desse total, 89,9%, ou seja, 6.655.162 de pessoas, deslocavam-se cotidianamente para outro município da mesma Unidade da Federação, enquanto 9,1 % (671.879) para outra Unidade da Federação. A pesquisa destaca o trabalho como o principal vetor desse movimento espacial, pois, aqueles que se deslocavam para trabalhar totalizavam 5.339.606 de pessoas, o que representa 72,1%, enquanto os índices dos que se deslocavam para estudar totalizam 1.341.707 pessoas, o que configura 18,1%. Por fim, aqueles que estudam e trabalham constituíam 721.992 pessoas (9,8%).

A região Nordeste ocupa o segundo lugar nessa modalidade de fluxo populacional, entre a região Sudeste, em primeiro e a região Sul, em terceiro. A região Sudeste concentrou, em 2000, 55,9% do total, aproximadamente 4.137.000 pessoas, já a região Nordeste com 18,9% da fatia, quase 1.400.000 pessoas e a região Sul, com 16,8% (1.241.174)⁷.

⁷ Censo Demográfico 2000: Migração e deslocamento, resultados da amostra. IBGE: Rio de Janeiro, 2000.

Gráfico 1 - Deslocamentos pendulares no Brasil 2000: principais concentrações

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

O Censo de 2000 põe em relevo a natureza urbana, desse tipo específico de movimento populacional ao observar que, quase 91% dos deslocamentos, ou seja, 6.719.144, têm origem urbana e estão concentrados nas grandes áreas urbanas e em suas vizinhanças imediatas, fato que revela o alargamento do tecido urbano e a emergência de redes entre as cidades. Outros dados relevantes são a faixa etária da população pendular e a condição das mulheres: quanto à faixa etária, a maior concentração se localiza entre 20 e 34 anos; em relação ao gênero, vale sublinhar o fato de que entre as mulheres que estudam e/ou trabalham, 37% se deslocavam para outro município.

O Censo Demográfico de 2010 reafirma a importância dos movimentos pendulares para compreensão das diferentes dimensões da economia e da sociedade urbana contemporânea. O último Censo aponta que, da população ocupada no Brasil, 11,8% trabalham em outro município, correspondendo a 10,1 milhões de pessoas⁸. O Censo ressalta, ainda, bem como em 2000, que as regiões Sudeste, Nordeste e Sul registram uma incidência maior desse tipo de fluxo populacional⁹. Observou-se um aumento significativo dessa modalidade de deslocamento e cabe dizer que, a partir de 2010, o Censo, como observa o IMB¹⁰ (2012), apresentou um

⁸ IBGE (2010)

⁹ IBGE (2010).

¹⁰ Instituto Mauro Borges de Estatísticas e estudos socioeconômicos.

avanço em relação aos quesitos que buscam apreender esse fenômeno, com o desmembramento da questão em dois blocos: um para trabalho e outro para estudo. Diante disso, o crescimento no número de movimentos pendulares é ainda mais representativo em 2010.

Dessa forma, em 2000 tínhamos 7,4 milhões de pessoas deslocando-se para outro município a fim de trabalhar e/ou estudar e, em 2010, apenas para trabalhar. Observou-se que constavam 10,1 milhões de pessoas em deslocamentos intermunicipais, um aumento de quase 2,7 milhões, sem levar em consideração o deslocamento para estudar, que representou 4.319.748 de pessoas. Desse número, 1.077.756¹¹ concentrados na região Nordeste.

Tabela 1 - Pessoas que estudam ou frequentam creche no Brasil: Censo Demográfico 2010

Grandes Regiões	Pessoas que estudam no Brasil			
	Total	Local		
		Município de residência	Outro município	País estrangeiro
Norte	5.694.226	5.488.994	201.384	37.059
Nordeste	17.892.183	16.810.390	1.077.756	4.037
Sudeste	23.740.917	21.713.110	2.088.116	19.691
Sul	7.843.638	7.128.024	709.404	6.210
Centro-Oeste	4.394.224	4.068.134	322.818	3.772

Fonte: IBGE (2010). Adaptada pelo autor.

Tabela 2 - Pessoas que trabalham por local de exercício. Censo Demográfico 2010

Grandes Regiões	Pessoas que trabalham				
	Total	Local do exercício do trabalho			
		Município de residência	Outro Município	País Estrangeiro	Mais de um município/país
Norte	6.262.341	5.927.931	293.339	4.138	37.034
Nordeste	20.854.301	18.596.691	2.055.989	4.513	197.108
Sudeste	38.111.900	32.230.656	5.499.139	7.552	374.443
Sul	14.249.772	12.399.995	1.608.267	14.715	226.994
Centro-Oeste	6.875.625	6.062.430	720.421	5.066	67.709

Fonte: IBGE (2010). Adaptada pelo autor.

¹¹ IBGE (2010).

Os dados sobre deslocamentos pendulares para trabalho e educação aparecem pela primeira vez no Censo Demográfico de 1970, reaparecendo em 1980 e ficando ausente em 1991. Os Censos de 2000 e 2010 retomam, em suas pesquisas, os movimentos pendulares para trabalho e/ou estudo. Segundo Jardim, a mobilidade pendular “envolve dimensões e diversas práticas cotidianas da população no território referentes à mudança de lugar” (JARDIM, 2011, p. 58).

No atual contexto de redistribuição espacial da população, marcado pela diversidade de deslocamentos populacionais, várias dimensões urbanas passam a ter um significativo papel na decisão de migrar, podendo-se considerar desde valores difundidos na sociedade em relação à busca de uma qualidade de vida melhor, até estratégias e arranjos ligados à proximidade e à acessibilidade ao local de trabalho, ou à possibilidade de aquisição de moradia, mesmo que em áreas mais afastadas do trabalho, evidenciando diferenças qualitativas entre grupos populacionais (ÂNTICO, 2005, p. 113).

Através dos movimentos pendulares podemos notar, em curso, um conjunto de transformações significativas no modo de vida urbano e na forma de apropriação da cidade no século XXI. Depreendo da citação acima dois aspectos importantes: o mercado do solo urbano – o que implica em processos de segregação espacial – e os impactos da reestruturação produtiva sobre a mobilidade e a precarização da força de trabalho. Nesse cenário, os deslocamentos pendulares “relacionam-se a aspectos ligados à espacialização das atividades econômicas e dos locais de moradia, gerando a configuração de locais com funções distintas, permeados pelo acesso diferenciado à terra e pela divisão regional do trabalho” (ÂNTICO, 2005, p. 112). A disjunção entre trabalho e moradia é elemento fundamental para a compreensão do contexto urbano contemporâneo, em que aspectos locais e globais entrelaçam-se dinamicamente no atual estágio da sociedade capitalista.

A mobilidade pendular é um fenômeno que emerge em concomitância às profundas transformações na forma urbana, na esteira da reestruturação produtiva e globalização econômica, muitos autores no Brasil têm atentado para esse fenômeno populacional (ÂNTICO, 2003, 2005; SILVA, 2012; JARDIM, 2011; OJIMA, 2007; NAKANO, 2015; BAENINGER, 1998, 1999, 2000a, 2000b; 2015; PEREIRA, 2008).

Como afirma Silva “as condições de vida e sobrevivência na atualidade passou em grande medida pelo acesso às oportunidades existentes no espaço urbano, já que grande parte da população vive em áreas urbanizadas” (SILVA, 2012, p. 49). Para a autora, os deslocamentos pendulares são uma resposta às transformações no espaço urbano. O esforço de Silva é conciliar a dimensão demográfica e urbana: “[...] a relação entre a transição urbana e demográfica é de auto influência, não é uma correspondência simples de causa e efeito, mas são conexões

imbricadas em que essas dimensões se interpenetram numa relação dialógica” (SILVA, 2012, p. 51).

Várias são as novas tendências em relação aos fluxos populacionais, Baeninger (2000a) lista algumas das mais importantes: o decréscimo nos fluxos migratórios de longa distância; a intensificação da migração de retorno; a consolidação da migração intrametropolitana; o aumento dos movimentos migratórios intra-regionais e de curta distância; o predomínio das migrações do tipo urbano-urbano e o aumento dos movimentos pendulares da população.

Os deslocamentos pendulares, caracterizados como um tipo de mobilidade populacional intraurbana, mais intensos em áreas de maior concentração da população, tornaram-se um importante aspecto a ser considerado na dinâmica urbana. Constituem uma dimensão da organização e da alocação das atividades econômicas, são mediatizados pela confluência dos processos de transformação do espaço urbano, e derivados, em grande parte, da sua forma de expansão e de ocupação pela população, além da distribuição das funções urbanas (ÂNTICO, 2005, p. 110).

Compartilho da posição de Ântico, ao afirmar que “quantificar e qualificar esses movimentos populacionais explicita grande parte das tendências de distribuição da atividade econômica e da localização da moradia no território” (ÂNTICO, 2005, p. 111). Eleger a mobilidade pendular como objeto de pesquisa significa, também, na direção do que propõe enfaticamente Gottdiener (1997), focalizar as novas relações sociais características dessa fase da urbanização, àquelas relações que testemunham as experiências diárias no interior da forma urbana.

Ademais, é na experienciação diária, no fluxo subterrâneo da existência social, à sombra dos grandes processos sociais, que grupos e indivíduos se reproduzem. Quando penso nos movimentos pendulares é isso que vejo. A reprodução da totalidade deve ser estudada ao lado da reprodução, no plano das práticas cotidianas empreendidas pelos indivíduos.

A retomada da pesquisa sobre os deslocamentos pendulares a partir do Censo Demográfico de 2000 é sintomática das intensas transformações na realidade urbana, em trânsito em todo o mundo. De Engels a Simmel, Park a Lefebvre, Castells a Harvey, é visto que o fenômeno urbano ocupa um lugar proeminente nos estudos sobre a humanidade no capitalismo e este implementa, a partir do fim do século XX, um conjunto de medidas que visam recuperar um padrão de acumulação e expansão contínua, encontrando na forma espacial urbana seu terreno por excelência. Parafraseando Robert Park (1999), *mutatis mutandis*, a realidade urbana em cena é um amplo e complexo laboratório social, não apenas sob o ponto de vista capitalista, mas da própria humanidade.

O que os norte-americanos denominam como *commuting*, ou sociedade em deslocamento, constitui uma das características candentes do capitalismo do século XXI. O fluido reelabora as práticas e sensações humanas nos níveis: social, político, econômico, cultural e geográfico. A representação desse fluxo, em meu entendimento, está umbilicalmente ligada às novas demandas do capitalismo desterritorializado e marcadamente financeirizado, que reestrutura, por seu turno, a realidade urbana em sua forma e função. A sociedade dos fluxos se reafirma no crescimento da mobilidade pendular, o que exige novas estratégias de sobrevivência de indivíduos e grupos que deságuam na produção e consumo do espaço urbano.

Pensar a pendularidade é refletir sobre a instabilidade resultante das profundas transformações no capitalismo contemporâneo que se realizam na urbanidade, nesse *planet of slums* de Mike Davis (2006). Pretendo, então, com minha pesquisa, ligar o processo geral de crescimento econômico ao entendimento explícito de uma estrutura emergente de relações sociais urbanas. Na esteira de autores como Henri Lefebvre (1991), Mark Gottdiener (1997), Jane Jacobs (2014), ao focar nos indivíduos em deslocamento, meu objetivo é capturar o significado cotidiano dessa “prática urbana” crescente em nossos dias. Entendo que os deslocamentos pendulares se inserem no quadro de novas relações sociais e implicam em novas formas de existência individual, traduzindo uma expressão da relação contemporânea entre sociedade e espaço urbano. Esse tipo de comportamento espacial parece carregar o germe de um modo de vida urbano em tempos de intensa fragmentação social.

O fenômeno da pendularidade, portanto, descortina um amplo leque de possibilidades de pesquisa, pois esse movimento espacial e seus praticantes refletem as grandes transformações sociais do século XXI. No tópico a seguir compartilho como, onde e em qual momento esse fenômeno saltou aos meus olhos, despertando minha atenção, transformando-se em objeto de pesquisa. A cidade de Arapiraca já estava em meu intento na formulação inicial do projeto. Meu objetivo, inicialmente, era investigar a passagem da economia do fumo para uma economia baseada em serviços, com ênfase nas famílias remanescentes de fumicultores. Pretendia, desse modo, estudar o fenômeno da legitimação social entre esses grupos, diante das intensas transformações urbanas naquela cidade. A partir das primeiras inserções em campo, o objetivo foi sendo alterado, indo em direção aos deslocamentos pendulares. É sobre esses desdobramentos e percursos que tratarei agora.

1.4 O CAMINHO ATÉ O PROBLEMA DE PESQUISA

Minhas investidas ao campo começam com uma entrevista com o historiador alagoano Luiz Sávio de Almeida¹², que me concedeu uma conversa de quase duas horas em seu apartamento. Alguns dias depois comecei a transcrever a entrevista e alguns apontamentos do professor Sávio chamaram a atenção, especialmente a importante presença de atravessadores de outros Estados e países no período áureo do fumo em Arapiraca, inclusive o próprio professor, quando jovem, trabalhou para representantes cubanos ligados às empresas norte-americanas instaladas na região de Arapiraca.

Ao pesquisar, verifiquei uma “invasão” estrangeira em Arapiraca durante toda a década de 50 do século XX, quando se instalou, no município, a primeira firma multinacional, a Exportadora Guarrido e, em seguida, tantas outras, como a portuguesa Pimentel, as belgas Carl Leoni e Bert Evert Beckovich, a espanhola Fumex – Tabacalera do Brasil, a alemã Suerdieck e as francesas Monjeru e Ermor, além da gigante Souza Cruz, em 1955. Percebi, assim, que Arapiraca já concentrava, àquela altura, um grande número de pessoas e interesses regionais, nacionais e internacionais¹³.

Durante a entrevista, o professor Sávio sugeriu que eu verificasse uma pesquisa capitaneada por ele na década de 70 sobre o perfil socioeconômico dos trabalhadores da feira livre de Arapiraca, reconhecida como a maior do estado de Alagoas, à época e importante catalizadora da projeção econômica e política da região. A pesquisa realizada pelo professor Sávio está, hoje, sob a guarda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, com sua autorização tive acesso ao trabalho. Um dado que chamou bastante atenção foi o número de feirantes presentes em Arapiraca vindos de outros municípios.

¹² Um dos mais importantes intelectuais da história de Alagoas. Recebeu o Prêmio Pontes de Miranda, em 1994, a Comenda Zumbi dos Palmares, em 2011 e o Prêmio Graciliano Ramos pela Universidade Federal de Alagoas, dentre outros. Autor profícuo que tem entre suas obras: *Federalismo e região: dois breves estudos* (1997), *O negro e a construção do carnaval no Nordeste* (2003), *Crônicas alagoanas: notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas* (2000), dentre tantos outros títulos.

¹³ OLIVEIRA, José Lourenço. Da crise do setor fumageiro à diversificação produtiva em Arapiraca/AL: o projeto Cinturão Verde. 2007. 108f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)– Prodepa/UFAL, 2007.

Figura 1 - Feira livre em Arapiraca no século passado



Fonte: Foto Arapiraca Legal

A famosa feira livre antecedeu a ascensão do fumo no município e a própria emancipação política de Arapiraca. Criada em 1884, foi responsável pela centralidade do município na região Agreste, o que já o colocava numa posição econômica, social e política proeminente diante dos seus vizinhos¹⁴.

Não fixei, até então, minha atenção na presença de feirantes que se deslocavam continuamente entre o município em que moravam e Arapiraca, continuei, pois, uma série de entrevistas e visitas. Procurei, por indicação do próprio Sávio, o vice-reitor da Universidade Estadual de Alagoas, sediada em Arapiraca, professor Clébio Correia de Araújo¹⁵. Na entrevista de pouco mais de uma hora, eu insistia em informações sobre a relação entre o declínio do fumo na década de 90 e a recente urbanização de Arapiraca. De volta ao hotel, aguardei, no dia seguinte, uma entrevista com o filho de Zezito Guedes¹⁶, pois não pude falar com o próprio. Segundo seu filho, pelo adiantar da idade, ele não se encontrava em plenas condições de saúde. Nesse período de espera, em conversas com recepcionistas do hotel e funcionários da cozinha,

¹⁴ LEITE, Ângela Maria Araújo. O município de Arapiraca/AL e sua dinâmica histórica de ocupação e renda. Disponível em:

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiahistorica/20.pdf>.

Acesso em: 8 out. 2017.

¹⁵ Foi vice-reitor da UNEAL e coordenador do NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros), também é membro do Comitê Técnico de Políticas Intersetoriais para Desenvolvimento dos Povos Tradicionais, no âmbito do Gabinete Civil do Governo de Alagoas.

¹⁶ José Gomes Pereira, conhecido como Zezito Guedes é o maior nome da cultura arapiraquense. Foi professor, escultor e folclorista, além de protético. É membro da AAI (Associação Alagoana de Imprensa) e membro da Comissão Alagoana de Folclore, ocupa a cadeira nº 16 da Academia Arapiraquense de Filosofia, Ciências e Letras. É autor do livro *Arapiraca através do Tempo*. Em 2011, foi inaugurado um Museu em Arapiraca que leva o seu nome.

perguntei em qual cidade eles residiam, se moravam em Arapiraca ou não, pois essa questão já começava a ganhar espaço em minha pesquisa. Para minha surpresa, dos cinco funcionários com quem conversei, um morava em Porto Real do Colégio; outro, em Lagoa da Canoa e um terceiro, em Palmeira dos Índios; apenas dois residiam em Arapiraca.

No outro dia, fui ao encontro do filho de Zezito no Centro de Arapiraca, Ed Charlton Oliveira Gomes, com quem conversei por horas e me convidou para conhecer o museu que leva o nome de seu pai. Ao longo da entrevista, eu insistia em fazer perguntas apenas sobre a história de Arapiraca e as transformações urbanas nos últimos vinte anos, porém, sem nenhum tipo de provocação da minha parte, o problema da mobilidade populacional reapareceu quando Charlton olhou sobre a janela do local em que a entrevista era concedida, em sua clínica protética e disse: “- *Tá vendo esse povo todo aí? Não é daqui, não*”. O entrevistado se referia aos trabalhadores do Centro (comércio) e aos consumidores, fato que muito chamou minha atenção e foi ganhando cada vez mais espaço em minhas observações teóricas.

No mês seguinte, voltei a Arapiraca para duas entrevistas, uma com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e outra com um representante do transporte complementar de Arapiraca. O primeiro não compareceu e fui, então, ao encontro do presidente da Associação dos Transportes Complementares de Arapiraca (ATRACOMP), José Ailton da Paz.

Segundo o presidente da ATRACOMP, o Estado de Alagoas possui 1.200 veículos regulamentados, entre Vans e micro-ônibus, para atender aos 102 municípios. Arapiraca contempla mais de 30% desse número, contando com 433 veículos cadastrados. A linha Maceió-Arapiraca conta com 31 veículos, ficando atrás apenas da linha Arapiraca-Palmeira dos Índios, com 44 veículos. No entanto, os números são enganadores, pois, segundo José Ailton, Maceió-Arapiraca é responsável por quase 70% do fluxo geral de pessoas. No decorrer da entrevista, ficou evidente que, ao longo de uma semana, entre 1.000 e 1.200 pessoas vêm e vão a Arapiraca, locomovendo-se com os veículos citados acima. Desse total, a linha Maceió-Arapiraca é responsável por um número que oscila entre 600 e 800 pessoas. Ainda segundo José Ailton, as pessoas que se deslocam pela linha Maceió-Arapiraca são as que transitam com maior regularidade, pois, geralmente, esse deslocamento dá-se por razões de trabalho, enquanto as outras linhas são geralmente atraídas para o comércio (consumo e serviços)¹⁷.

¹⁷ Os números sugeridos por José Ailton acabaram se confirmando com a aplicação dos questionários. Verifiquei que quase 60% dos pendulares entre Maceió e Arapiraca viajam por motivo de trabalho. Esse aspecto será abordado na parte 4, momento em que apresento um perfil socioeconômico da população pendular entre Maceió e Arapiraca.

Muita coisa chamou a atenção na entrevista com José Ailton, especialmente o número de pessoas, nesse movimento de ausência/presença no município, ao longo de um mês. Vale salientar que esses números não refletem o tamanho desse processo social, pois estão ausentes dados sobre o transporte convencional e particular. A fala do presidente da ATRACOMP sinaliza para uma circulação de 3.000 a 4.000 pessoas por mês, apenas contabilizando o transporte complementar.

Além das informações concernentes ao transporte complementar, José Ailton destacou que, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, centenas de casas foram construídas em Arapiraca. O informante insinuou, em dado momento, que as residências construídas não foram ocupadas por naturais arapiraquenses; essas iniciativas passam diretamente pelo redimensionamento do perímetro urbano. O surgimento de novos bairros urbanos em Arapiraca é a expressão de um zoneamento urbano pautado numa intensa atividade imobiliária, o que incide dramaticamente no ambiente construído¹⁸.

Semanas depois, agendei uma entrevista com Maércio Ferreira de Amorim, presidente do Sindicato dos Transportadores Complementares de Passageiros de Alagoas (SINTRANCOMP). O sindicalista confirmou todas as informações de José Ailton e acrescentou que, recentemente, a multinacional norte-americana prestadora de serviços eletrônicos na área de transporte privado urbano, a Uber, pleiteou, junto à Assembleia Legislativa do Estado de Alagoas, o direito de fazer o transporte de passageiros intermunicipal.

O fenômeno da mobilidade populacional vem, desde as últimas décadas do século XX, apresentando transformações significativas no seu comportamento não só no Brasil, como no mundo. O redirecionamento dos fluxos migratórios para as cidades médias em detrimento dos grandes centros urbanos reflete nos deslocamentos pendulares, que passam a assumir maior relevância nas estratégias de sobrevivência do conjunto da população (CUNHA, 1994; NAKANO, 2015; BAENINGER, 2015).

Segundo Baeninger (2015), no cenário migratório no século XXI, dois processos se destacam: “dispersão migratória metropolitana” e “interiorização migratória”. Esses dois vetores redistributivos apontam para uma transformação da base material da sociedade, em que

¹⁸ Procurei a Prefeitura Municipal de Arapiraca para confirmar essa informação e agendei uma entrevista com a assessora técnica da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (SMDUMA), a Senhora Maria de Fátima Lima. A entrevistada apontou uma lista de sete conjuntos residenciais ligados ao Programa Minha Casa Minha Vida: Residencial Brisa do Lago (1.985 unidades); Residencial Agreste (999); Residencial Vale do Perucaba (999 unidades); Residencial Nossa Senhora Aparecida (999 unidades); Residencial das Paineiras (582 unidades); Residencial Arapiraca (283 unidades) e Residencial Planalto (210 unidades).

os espaços urbanos locais e regionais se elevam a um plano de destaque. De acordo com a autora, “a inserção periférica de espaços nacionais no âmbito da atual globalização passa a incluir dinâmicas locais ao cenário transnacional, onde a penetração e expansão do capitalismo expressa novos arranjos das migrações internas” (BAENINGER, 2015, p. 10).

A mobilidade pendular constitui uma das dimensões do processo de deslocamento populacional pelo território, em um contexto determinado e socialmente construído no tempo e no espaço, como também responde às transformações mais gerais da sociedade. Acredito que esse fenômeno expressa, especialmente, as mutações no mundo do trabalho e economia globalizada, por um lado e, a novas formas e funções urbanas contemporâneas, por outro.

O atual modelo de urbanização disperso e fragmentário (GOTTDIENER, 1993) e as metamorfoses no mundo do trabalho impõem novas estratégias de mobilidade a indivíduos e grupos, o que implica em novas práticas cotidianas expressas na relação residência-trabalho, característica essencial dos deslocamentos pendulares.

Neste sentido, refere-se aos percursos entre o domicílio e o lugar de trabalho, medidos em termos de tempo e espaço, que pode variar de uma hora ou mais, um dia de trabalho, uma semana ou um mês, mas também envolve vários meses (migrações sazonais) ou mudança de residência sem retornar ao mesmo lugar (migrações); a mudança de lugar pode implicar também múltiplos domicílios, temporalidades e lugares de trabalho distintos (migrações circulares) (JARDIM, 2011, p. 59).

Esse tipo de deslocamento cotidiano configura, em nosso contexto, um elemento importante tanto para a compreensão, quantitativa e qualitativa, dos atores envolvidos, quanto para apreensão da estruturação do espaço urbano brasileiro. Temos, assim, na relação entre deslocamentos pendulares e mercado de trabalho um caminho para o entendimento de inúmeras práticas urbanas. Os movimentos pendulares figuram, no âmbito de minha pesquisa, como uma das formas contemporâneas de produção e reprodução da existência vital, produção e reprodução das estruturas sociais, forma de ocupar e viver a cidade. Com pertinência, Silva (2012) afirma que “os movimentos populacionais passam a revelar uma ‘busca por apropriar-se da cidade’, não só estar nesse espaço, mas conseguir viver plenamente, aproveitando as oportunidades que lhe são próprias” (SILVA, 2012, p. 16).

Enquanto os movimentos populacionais característicos da década de 70 objetivavam chegar à cidade (à grande metrópole), os deslocamentos pendulares sinalizam para projeto de ocupação da cidade, apropriação da cidade, não almejam apenas *chegar à cidade*, mas estar e viver o/no espaço urbano. A mobilidade pendular é sintomática de um novo comportamento urbano no século XXI, conforme corrobora a citação:

É nesse sentido que passamos a considerar que a localização no espaço urbano se mostra cada vez mais como de extrema importância para potencializar ou restringir o acesso a distintas oportunidades de inserção social, educacional, ocupacional – ou seja, dimensões relacionadas ao como fazer para não apenas estar na cidade, mas também apropriar-se dela. A distribuição das atividades no território também influencia diretamente a distribuição da população. No âmbito da distribuição das atividades produtivas, por exemplo, resulta em uma reestruturação territorial, com uma abrangência da escala global à local. Já no âmbito da distribuição da população, cabe estudar a sua localização estratégica diante das novas redes de comunicação e transportes, lugar de moradia e trabalho, através de sua integração ou separação em relação aos fluxos da produção. Pode-se dizer que as transformações em curso representam novas estratégias para a acumulação, mudam a dinâmica demográfica, criam novas condições para a mobilidade do capital e para a mobilidade espacial da força de trabalho (que podem ser obstáculos ou talvez potencialidade, dependendo das condições socioeconômicas (SILVA, 2012, p. 58).

Na mesma direção, o sociólogo urbano Mark Gottdiener ressalta essa tendência contemporânea: “a clássica vizinhança de cidade, de relações densas e localizadas, há muito deixou, com algumas notáveis exceções, o meio urbano, para ser substituída por redes personalizadas de pessoas que viajam através do espaço regional para exercerem a comunhão social” (GOTTDIENER, 1997, p. 264). Penso que a articulação entre mercado de trabalho e deslocamentos pendulares configura uma importante chave explicativa para a apreensão das transformações espaciais urbanas na atualidade, como também - e esse é o meu objetivo - das experiências vividas pelos pendulares e suas consequências na produção cotidiana do habitar. Nesse sentido, o deslocamento pendular reflete a intensidade do processo de urbanização e auxilia na apreensão de um conjunto de tensões oriundas do alargamento da realidade urbana no Brasil do século XXI.

Na contemporaneidade, com sua tendência fortemente urbanizadora (LEFEBVRE, 1991; 2008, HARVEY, 2015), os movimentos pendulares aparecem como um importante fator no processo de estruturação do espaço e do modo de vida urbano. Conforme Oliveira (2011), a partir da década de 80, o comportamento da mobilidade espacial da população sofreu importantes transformações, em especial, nos países em desenvolvimento. Segundo o autor, “aqueles movimentos que tinham, de um modo geral, como características básicas migração para os grandes centros, passaram a ter como destino as cidades médias e serem cada vez mais de curta duração” (OLIVEIRA, 2011, p. 11).

Os dados censitários entre os anos 2000 e 2010 registram uma alteração no padrão migratório, com a diminuição da tendência polarizadora de longa permanência, característica no Brasil até 1970 e ressalta uma mudança no perfil da mobilidade populacional, urbano-urbano, outrora rural-urbano. Como assinala Baeninger (2015), “a análise dos movimentos migratórios, em anos recentes indica o reforço da tendência de configuração de novos espaços

da migração, agora, no entanto, muito mais relacionados ao âmbito de suas próprias regiões” (BAENINGER, 2015, p. 13).

Jardim (2011) observa que as diversas práticas, atividades, ações e trajetórias, incluídas nos movimentos da população, correspondem a múltiplas dimensões da realidade social e podem ser analisadas, por exemplo, através: a) da esfera da vida pública e da privada; b) da análise dos itinerários biográficos; c) do ciclo de vida (social e demográfico); d) das condições de habitabilidade; e) das mudanças na estrutura econômica e na social e os novos processos das empresas.

O aligeirado processo de urbanização/metropolização no Brasil, dado o seu *boom* recente¹⁹, coincide com as transformações advindas da reestruturação produtiva e do globalismo econômico, sinalizando, assim, para um envolvimento entre esses dois relevantes fenômenos sociais, responsáveis por novas e diferentes formas de mobilidade. Entre elas, o deslocamento pendular que, por sua vez, passa a representar uma prática urbana relevante. Entendo que o deslocamento das atividades econômicas e da população redefine, sobremaneira, os espaços urbanos, bem como as formas de viver e estar no urbano. Assim, a ênfase política e econômica nas cidades médias é fruto da desconcentração produtiva global, que implica em um redimensionamento do comportamento migratório e passa a figurar como um importante vetor na compreensão do espaço urbano. Esses fatores levantam os seguintes questionamentos: Que tipo de experiência urbana é esta em movimento? Como os comutadores vivenciam a vida urbana, divididos entre cidades distintas? Como as relações sociais, afetivas, políticas, culturais diluem-se nessa experiência?

A fim de adentrar um pouco mais nessas questões, apresentarei, no próximo tópico, a cidade de Arapiraca, destino dos pendulares que compõe essa pesquisa. O objetivo é situar o leitor, abordando a história e transformações recentes da região, dando enfoque às características atrativas para a mobilidade pendular, levando em consideração a cidade como um importante polo de desenvolvimento regional.

¹⁹ Como demonstra Silva “a expansão urbana no Brasil é recente e ocorreu de modo bastante veloz. Foi na década de 60 que ocorreu a superação da população urbana sobre a rural, pois no ano de 1970 [...], mais de 55% da população brasileira já era considerada urbana. [...] Na segunda metade do século XX, a população urbana passou de quase 19 milhões para 138 milhões, multiplicando-se 7,3 vezes, com uma taxa média anual de crescimento de 4,1, indicando que 2.378.291 habitantes eram acrescidos à população urbana a cada ano, em média” (SILVA, 2012, p. 13).

1.5 A CIDADE DE ARAPIRACA E SUA RELEVÂNCIA NO CENÁRIO ALAGOANO

“Essa Arapiraca, por enquanto, será minha casa!”. Com essas palavras, às margens do Riacho Seco e sob a brisa de uma frondosa Arapiraca²⁰, o pioneiro Manuel André Correia dos Santos inicia a história do município mais importante do Agreste alagoano, o segundo do Estado e, hoje, uma capital regional com relevância econômica, que ultrapassa os limites do território alagoano e mesmo do Nordeste brasileiro. Desde a célebre frase de Manuel André a cidade agrestina foi reafirmando, década após década, sua posição de destaque no cenário econômico alagoano, chegando a ser considerada, nos idos de 1970, a capital brasileira do fumo. Em torno do “ouro negro”, “a cidade Galã, princesa do Agreste”, como exalta seu hino, desenvolveu-se rapidamente. Na esteira da cultura fumageira, a cidade prosperou, gerando riquezas e extrapolando sua influência em todo o país e mesmo no exterior.

A fumicultura caracterizou a cidade e lhe conferiu uma identidade, conhecida e reconhecida. A imensa folha de fumo na entrada da cidade recepciona os visitantes e é a expressão de um período de prosperidade, para alguns já nostálgico.

Figura 2 - Folha de fumo na entrada da cidade de Arapiraca



Fonte: <https://arapiraca.7segundos.com.br/>

A cultura do fumo no Agreste alagoano alcançou seu apogeu na década de 70 e, durante esse período, toda a Região Fumageira de Arapiraca (RFA) orbitava em torno do produto. Entre

²⁰ “Segundo conta uma tradição do povo remanescente do próprio fundador, a palavra Arapiraca tem origens indígenas e, por analogia, significa: ‘ramo que arara visita’. Entretanto, à luz da ciência, trata-se de uma árvore da família das Leguminosas Mimosáceas- Piptadênia (Piteolobim), uma espécie de angico branco, muito comum no Agreste e no Sertão e que o povo, à sua maneira, denomina de Arapiraca”. Ver: GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Gráfica Mastergraphy Ltda., 1999.

as décadas de 70 e 90, a comercialização do fumo chegou a atingir 1 bilhão de dólares e a ocupar 50 mil hectares de área plantada²¹. Todo esse volume refletia em geração de empregos e distribuição de renda. Para o Professor Cícero Péricles, a cultura do fumo no agreste se notabilizou pela proliferação de pequenas e médias propriedades rurais²², resultando em uma classe média rural e urbana oriundas do fumo, o que pode ter contribuído para uma reforma agrária natural, especialmente no município de Arapiraca, devido à concentração da produção e comercialização.

A cultura fumageira estendeu-se por boa parte do Agreste alagoano, no entanto, o município arapiraquense chegou a concentrar mais da metade de toda a produção. De acordo com Nardi (2004, p. 20-22), a RFA era composta por 10 cidades, além de Arapiraca, os municípios de Campo Alegre, Coité do Nóia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Taquarana. Contudo, o centro gravitacional e, portanto, *locus* em que os rebatimentos sociais e econômicos desse período de prosperidade mais se cristalizaram, foi em Arapiraca.

É ponto pacífico o protagonismo que a cadeia produtiva do fumo desempenhou na estruturação da cidade de Arapiraca, pois a fumericultura pavimentou o caminho para a inserção da cidade em redes urbanas e circuitos econômicos cada vez mais complexos. Oliveira *et al* (2014) trabalham com a hipótese de que o fumo foi o grande catalizador das transformações econômicas de Arapiraca, o que vai de encontro à tese comumente aceita de que a feira livre foi a força propulsora da vida econômica da cidade²³. Segundo os autores “o fumo teria provocado os encontros frequentes e regulares dos habitantes da região, criando assim a feira livre e conferindo desta forma um papel centralizador a Arapiraca, além de sua rápida prosperidade” (OLIVEIRA *et al*, 2016, p .4).

Vale ressaltar, nesse sentido, que a partir de 1950 a cidade começa a ser assediada por inúmeras empresas e interesses nacionais e internacionais. Desde a instalação da fábrica de charutos Leda, em 1945, a cidade é palco de uma verdadeira “invasão” estrangeira, com a chegada de multinacionais do tabaco.

²¹ Disponível em: <http://web.arapiraca.al.gov.br/2019/10/arapiraca-95-anos-cultura-do-fumo-volta-a-crescer-e-reaquece-setor/>. Acesso em: 21 mar. 2019.

²² O fumo era cultivado em pequenas propriedades rurais, sendo a maior parte entre 10 e 15 tarefas de terra.

²³ FIRMINO, Paul Clívilan Santos. Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro. São Paulo, 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

As décadas seguintes, de 60 a 80, continuaram a presenciar a chegada de grandes empresas na cidade, proporcionando a inserção de Arapiraca nas escalas espaciais abrangentes (internacional e nacional). Oliveira (2018) põe em relevo, o que considero de muita importância, o fato de que grande parte das empresas instaladas na cidade, durante seu período de ouro, possuía capital de origem estrangeira, conforme abaixo,

Quadro 1 - Empresas Exportadoras de Fumo (1950/1998)

EMPRESAS	ORIGEM CAPITAL	ANO INSTALAÇÃO
Export. Garrido	Espanha	1950
C. Pimentel	Portugal	1951
Almerino Portugal	Brasil	1952
Ernest Bercotitz	Bélgica	1953
Fraga & Sobel	Brasil	1954
Overbeck	Brasil	1956
Gerdik	Brasil	1958
Mangeroux	França	1958
Ermor	Brasil	1968
Cacique	França	1975
Tabarana	Holanda	1975
Iphaco	Holanda	1978
Fumex	Espanha	1978
Carvalho E Falcão Ltda.	Brasil	1982
Rio-grandense Tabaco	Espanha	1984
Brasília	Brasil	1985
Transcontinental	E.U.A.	1986
Danco	Suíça	1993
Capa	Brasil	1998

Fonte: OLIVEIRA, Moisés Calú de. Arapiraca: Resumo Antropogeográfico. SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR UNEAL, Arapiraca/Al, 2018.

A concentração de pessoas e forças econômicas regionais, nacionais e internacionais consolidou a posição de polo regional e patrocinou a complexificação das redes urbanas em Arapiraca. Uma intensa transformação e ampliação quantitativa e qualitativa das funções da cidade estiveram em curso no bojo da cultura fumageira. Paralelo à chegada das empresas exportadoras de fumo e de sua já consagrada feira livre, enfatizo a presença do capital financeiro, que passa a fazer parte mais intensa no cenário arapiraquense, com a chegada do Banco do Brasil, em 1960, do Banco da Bahia, em 1962, do Banco Bradesco, em 1973, do Banco do Nordeste, em 1981 e do HSBC, em 1988. Santos (2014) observa, neste período, a instalação de instituições de Ensino Superior, como a Fundação Educacional do Agreste Alagoano (FUNEC), atual Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), a chegada da primeira repetidora de TV e da primeira rádio difusora do interior do Estado. Todos esses eventos aconteceram durante a década de 70.

A fumicultura, assim, capitaneou a estruturação de Arapiraca e atravessou o conjunto daquela sociedade, colocando-a no radar de multinacionais e de grandes vetores econômicos.

Vale salientar que o privilégio locacional muito contribuiu para as transformações ocorridas na cidade agrestina, tornando-a uma das mais importantes da região Nordeste.

Os estudos de intelectuais, alagoanos e não alagoanos, que se debruçaram sobre as questões relativas à crise da cultura fumageira e a reestruturação econômica da cidade são extremamente importantes para o curso da minha pesquisa. Jean Baptiste Nardi (2004, 2010) busca rastrear as possíveis causas da crise do setor no agreste de Alagoas, com ênfase em Arapiraca; Manuel Calú de Oliveira, pesquisador e professor da Universidade Estadual de Alagoas, em Arapiraca, elabora um quadro detalhado da história do fumo na cidade; Paul Clívilan Firmino apresenta um quadro comparativo entre duas regiões agrestinas - Itabaiana, em Sergipe e Arapiraca, em Alagoas - observando o papel da feira livre no desenvolvimento dos municípios; Marco Antônio Dantas de Oliveira (2005), relaciona a crise da cadeia produtiva do fumo e as cooperativas de produtores; José Lourenço de Oliveira (2007) analisa a iniciativa do Cinturão Verde como um movimento de superação da crise; Ana Paula Teodoro dos Santos (2014) discorre, em seu importante trabalho, sobre a decadência do setor fumageiro e os novos usos do território alagoano; e Carvalho (2015) que possibilitou a compreensão de um contexto mais geral, a partir de seu livro sobre a formação histórica de Alagoas. Esses autores apresentam um panorama da história e do declínio da fumicultura na cidade de Arapiraca e, em uníssono, afirmam o fim de uma história, sugerindo ou identificando, os possíveis caminhos a trilhar.

A partir da década de 80 um conjunto de fatores, internos e externos, colapsou a indústria do fumo, que começou a enfrentar crises contínuas até a definitiva perda de centralidade nos anos de 1990. “*Acabou-se o fumo!*” Com essa afirmação Nardi (2010) intitula seu livro sobre a formação socioeconômica e espacial em Arapiraca. Para o autor francês, a crise é multifatorial e está ligada a uma reestruturação produtiva no setor: concorrência internacional, qualidade do produto produzido em Arapiraca, superprodução, campanhas antitabagismo, ausência de financiamento e assistência técnica, queda no consumo interno, etc. A interação desses fatores, dentre outros, conduziu a decadência da cultura fumageira no município e em toda RFA, por consequência. Nos vários salões de fumo e ao longo das ruas do centro da cidade, noite adentro e por todos os lados, ecoava o canto das destaladeiras²⁴. Uma dessas canções pode ser ilustrativa do momento atual da cultura.

²⁴ O cultivo do fumo foi a principal atividade econômica, por mais de cinco décadas, em Arapiraca. As mulheres trabalhavam horas à fio, sentadas no chão dos chamados “salões de fumo”, destilando e selecionando as folhas, ao som de cantigas entoadas para espantar o sono durante as madrugadas.

Figura 3 - Destaladeiras de fumo

*“Pobrezinhas das operária
De que vão vive agora
Que o fumo acabou-se moreninha
Pegue a reta e vão embora
Minha gente cante, cante
Num deixe eu cantá sozinha
Num deixe ir de água a baixo
A pobre moreninha
Quem ama mão de dois
Num é amo é ciúme
É como a laranja verde
Quando perde o azedume
Cravo branco bem aberto
Reloge de muito dia
Um beija na tua boca
Me sustenta quinze dia
Pobrezinha das operária
De que vão vive agora...”*



(NARDI, 2010, p. 105).

O cancionero popular lamentava o futuro, após o fim da safra, mas pode também ser compreendido como expressão do fim de uma história de quase cinco décadas. Segundo Nardi (2004):

A crise e fim previsível da cultura fumageira vai obrigar a população a adotar outros modos de pensar e agir para tomar conta de seu destino se não quiser se transformar em uma babilônia decadente. Vai precisar construir o que não foi feito quando o fumo gerava riqueza, erguer as colunas de uma nova sociedade. Sem saber, Arapiraca já começou esta mudança (NARDI, 2004, p. 117).

Os dados divulgados pela Secretária de Comércio Exterior (SECEX), são extremamente representativos, no ano de 2004, apontam que o município de Lagoa da Canoa ultrapassou Arapiraca em produção e exportação de fumo. Conforme o órgão do governo federal, Arapiraca faturou 2,8 milhões naquele ano, enquanto, Lagoa da Canoa 4,4 milhões no mesmo período, sendo responsável por 64% da exportação do produto na RFA.

1.6 EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS: AS TRANSFORMAÇÕES EM ARAPIRACA NO SÉCULO XXI

A ex capital brasileira do fumo, como bem sinalizou Nardi (2010), pôs em movimento um conjunto de iniciativas no sentido de superar a crise e reestruturar a cidade. O século XXI

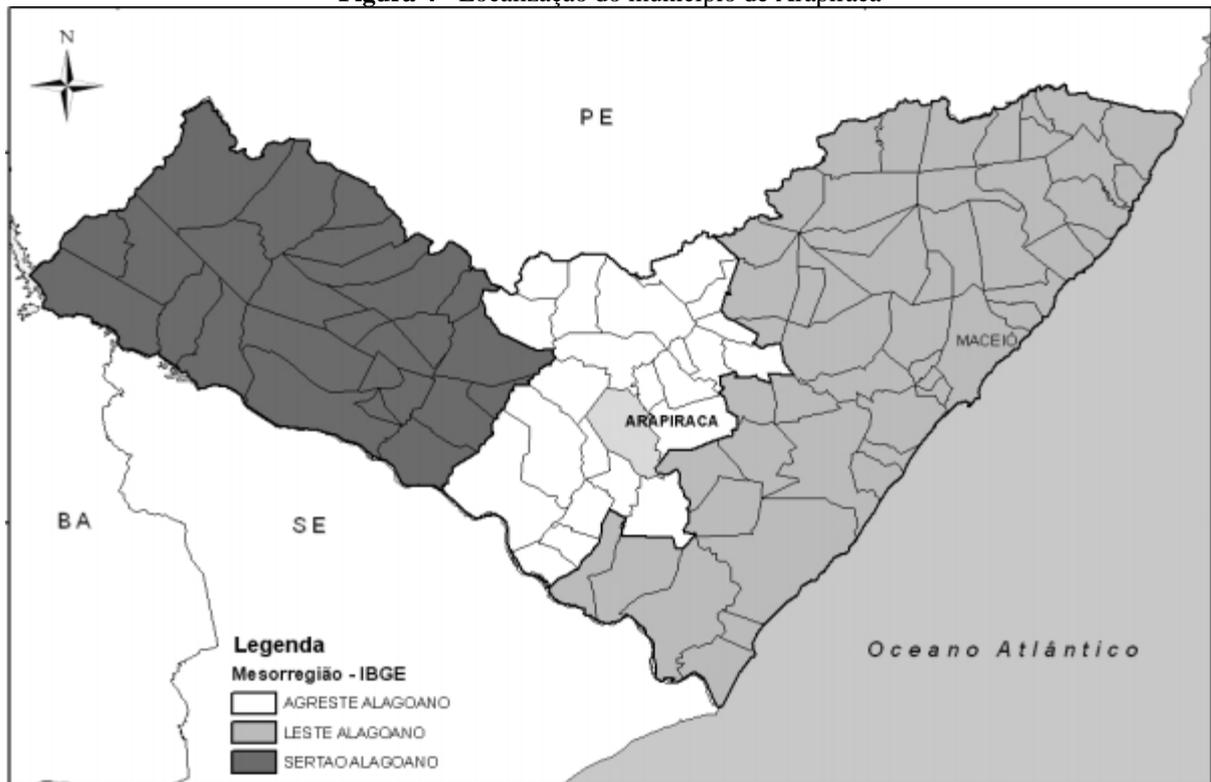
é o ponto de partida da reconfiguração da cidade em concomitância com um grande número de transformações significativas no plano global e nacional: a reestruturação produtiva do capital; a afirmação do estado neoliberal; a globalização econômica; o fortalecimento das cidades médias; a desterritorialização produtiva; a ascensão do setor de serviços; a urbanização dispersa; as novas tendências migratórias e os deslocamentos pendulares. O intenso processo de urbanização revela uma estreita conexão com os fenômenos acima mencionados e apresenta um cenário fértil para a investigação de fenômenos sociais contemporâneos, tais como os deslocamentos pendulares.

Esta etapa descritiva é fundamental para caracterizar a urbanização de Arapiraca, pois os deslocamentos pendulares estão associados ao alargamento do tecido urbano, que ganha relevo em Alagoas, sobretudo entre as principais realidades urbanas aqui existentes, Maceió/Arapiraca.

Arapiraca conta hoje com aproximadamente 230.417 mil habitantes²⁵, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conforme o Censo Demográfico de 2010, o município encontra-se na posição 118 entre os 5570 municípios brasileiros em população; ocupando a segunda posição no Estado de Alagoas entre 102 municípios. Limita-se, ao norte, com o município de Igaci; ao sul, com o município de São Sebastião; ao leste, com os municípios de Coité do Nória e Limoeiro de Anadia; a oeste, com os municípios de Lagoa da Canoa, Girau do Ponciano e Feira Grande; a noroeste, com o município de Craíbas; e a sudeste, com o município de Junqueiro²⁶.

²⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>. Acesso em: 20 mar. 2019.

²⁶ Disponível em: <http://web.arapiraca.al.gov.br/a-cidade/dados-gerais/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

Figura 4 - Localização do município de Arapiraca

Fonte: LGA/Igdema/UFAL, 2006

A cidade registra, nas últimas décadas, um significativo crescimento em sua população, em especial no meio urbano, conforme abaixo:

Tabela 3 - População urbana e rural Arapiraca (1991-2010)

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População Total	166.351	100,00	186.755	100,00	214.006	100,00
População urbana	130.963	78,73	152.354	81,85	181.481	84,80
População rural	35.388	21,27	34.401	18,42	32.525	15,20

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil. Adaptado pelo autor.

A estimativa do IBGE para 2019 era de 231.747, o que pode vir a significar um incremento de 44.992 habitantes. Esse número é relevante, pois, atualmente, entre as 102 cidades alagoanas, apenas 15 ultrapassam os 40 mil habitantes; mais do que isso, o terceiro maior município, em população, Rio Largo, registra apenas 74.838 habitantes. Enfatizo, ainda, que este século testemunha o crescimento mais significativo de Arapiraca, pois, entre 1991 e 2000, o incremento foi de 20.404 habitantes; entre 2000 e 2010, 27.251. A taxa de crescimento da população em geral, em particular a urbana, é ainda mais espantosa se a compararmos com os municípios que compunham a RFA.

Tabela 4 - Evolução da população urbana e rural nas cidades da RFA 2000/2010

	AR	CN	FG	GP	LC	LA	SS	CA	CR	TQ ²⁷
População urbana	2000									
	152.354	2.519	3.557	9.546	8.886	2.105	9.408	16.117	6.608	4.371
	2010									
	181.481	3.737	3.421	11.298	9.165	2.246	12.309	22.161	7.328	7.304
População rural	2000									
	34.401	9.474	17.554	20.802	11.102	21.703	19.716	24.092	14.051	12.675
	2010									
	32.525	7.189	17.900	25.302	9.085	24.746	19.701	28.655	15.313	11.706

Fonte: Atlas do desenvolvimento humano do Brasil. Elaborada pelo autor.

Jean Baptiste Nardi (2004), apresentou um diagnóstico socioeconômico sobre a Região Fumageira de Arapiraca e sublinhou, àquela altura, que os dez municípios da RFA totalizavam 376.688 habitantes, no ano 2000. Dessa população, mais da metade (54%) morava na zona urbana. Esses dados, porém, segundo o pesquisador, são enganosos, pois, na verdade, apenas o município de Arapiraca apresentava uma forte urbanização (82%), em todos os outros municípios, a população era essencialmente rural. A cidade de Arapiraca representava 40% da população urbana da região, a média regional era de 66% de ruralidade, ou 70%, caso excluíssemos o município de Arapiraca²⁸.

Os resultados apresentados por Nardi, em 2004, não sofreram alterações importantes no decorrer do tempo, vejamos a tabela abaixo:

Tabela 5 - População total - urbana e rural nas cidades da RFA 2000/2010

	AR %	CN %	FG %	GP %	LC %	LA %	SS %	CA %	CR %	TQ %
População urbana	2000									
	81,58	21,00	16,85	31,46	44,46	8,84	32,30	40,08	31,99	25,64
	2010									
	84,80	34,20	16,05	30,87	50,22	8,32	38,45	43,61	32,37	38,45
População rural	2000									
	18,42	79,00	83,15	68,54	55,54	91,16	67,70	59,92	68,01	74,36
	2010									
	15,20	65,80	83,95	69,13	49,78	91,68	61,55	56,39	67,63	61,55

Fonte: Atlas do desenvolvimento humano do Brasil. Elaborada pelo autor.

A tabela permite observar que no intervalo entre os Censos de 2000 a 2010 algumas cidades da RFA recuaram em sua taxa de urbanização, por exemplo, as cidades de Feira Grande,

²⁷ Arapiraca (AR), Coité do Nória (CN), Feira Grande (FG), Lagoa da Canoa (LC), Limoeiro de Anadia (LA), São Sebastião (SS), Campo Alegre (CA), Craíbas (CR) e Taquarana (TQ).

²⁸ NARDI, Jean Baptiste. **Fumo e desenvolvimento local em Arapiraca/AL**: primeiras observações e análises para a elaboração do diagnóstico socioeconômico municipal e regional. Alagoas: FAPEAL, 2004.

Girau do Ponciano e Limoeiro de Anadia apresentaram um crescimento em sua população rural. No conjunto dos dez municípios em que a cultura do fumo foi dominante, tão somente Arapiraca e Lagoa da Canoa demonstraram uma população urbana superior a rural.

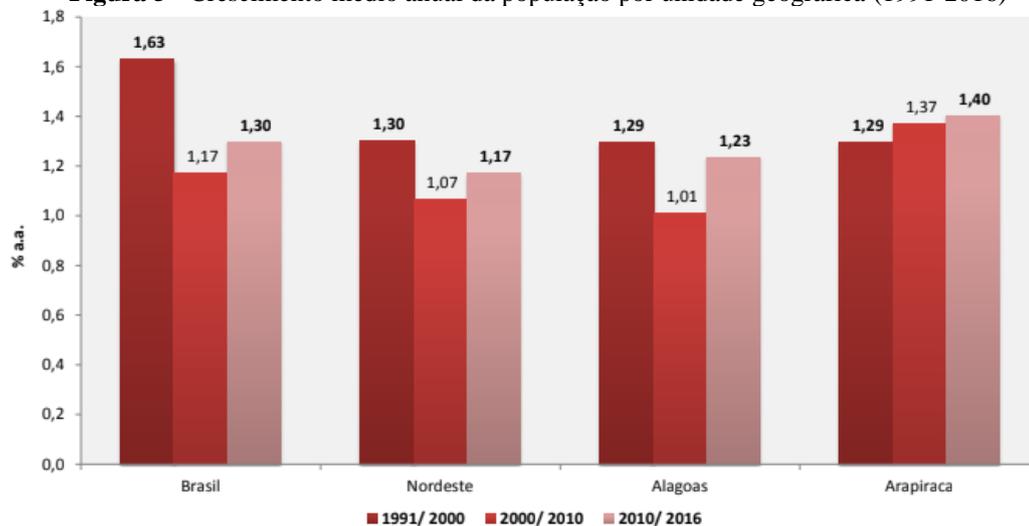
Tabela 6 - População urbana e rural da RFA e Arapiraca 2010

	Urbana	Rural	Total
RFA	260.450	192.122	452.572
Arapiraca	181.481	32.525	214.006

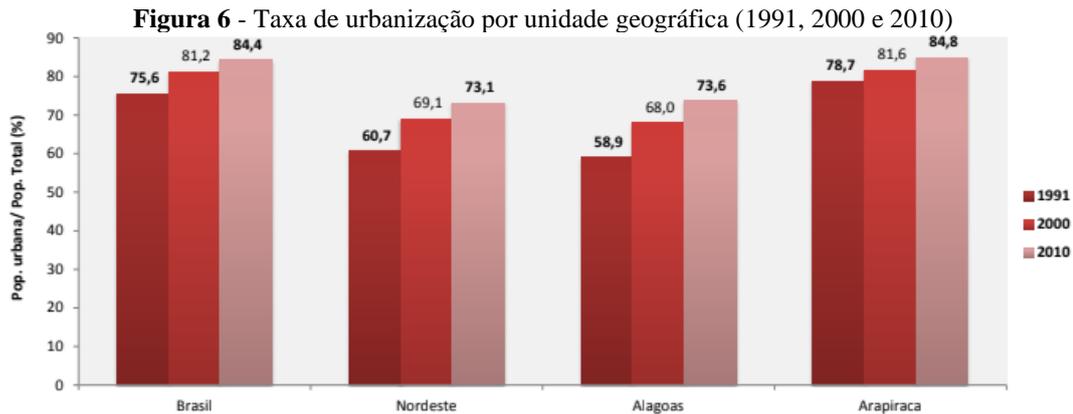
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Tabela elaborada pelo autor.

Quando Nardi (2004) divulgou o seu diagnóstico, o município de Arapiraca detinha 40% de toda população urbana da RFA, hoje, esse número é ainda mais relevante, conforme podemos observar na tabela 4, visto que a cidade reúne aproximadamente 70% de toda a população urbana da região. O avanço populacional da cidade é bem retratado nos gráficos a seguir, em que se verifica o contraste entre o Brasil, a região Nordeste e o Estado de Alagoas.

Figura 5 - Crescimento médio anual da população por unidade geográfica (1991-2016)



Fonte: Banco do Nordeste – Informações Socioeconômicas Municipais/2016.



Fonte: Banco do Nordeste – Informações Socioeconômicas Municipais/2016.

A cidade de Arapiraca exibe uma taxa média de crescimento anual e uma taxa de urbanização superior à média do Brasil, da região Nordeste e do Estado de Alagoas, em especial, a partir dos anos 2000. A população é sempre um elemento importante na caracterização de uma realidade urbana, ainda que *per se* não seja um definidor. Segundo Wirth (1967), o tamanho do agregado populacional está relacionado à diversificação social e suscita um processo de diferenciação entre os indivíduos. O crescimento populacional aumenta a variação dos sujeitos, vinculados às mais diversas versões ideológicas, étnicas, culturais, etc. levando, assim, ao enfraquecimento dos mecanismos coletivos tradicionais, de forma que a concorrência e os mecanismos formais de organização tendem a tornarem-se os principais aparelhos de ordenamento social.

Ainda segundo Wirth (1967), como resultado do aumento da população: “os vínculos de parentesco, de urbanidade e os sentimentos característicos da vida em conjunto durante gerações sob uma tradição de *folke* comum tenderão a desaparecer” (WIRTH, 1967, p. 98). Assim, o tamanho do agregado populacional traz consigo desafios novos, que ultrapassam as questões meramente quantitativas e de impactos físicos. Na esteira de Simmel (1997), o teórico observa que o aumento da população acarreta o crescimento de relações cada vez mais impessoais, pois o número de habitantes determina a qualidade dessas relações – secundários sobre os primários – e repercute, imediatamente, em um tipo de compreensão de totalidade social por parte dos indivíduos.

O crescente populacional tem ligação direta com a racionalidade do mercado e da vida urbana, com todas as suas consequências e, progressivamente, reinscreve hábitos, estilos de vida, relações interpessoais e intrapessoais, percepções de tempo e auto representação, ao passo

que implica em novas tensões frente às velhas hierarquias, imunidades, códigos, *status*, ou seja, pode influenciar decisivamente a cotidianidade outrora instalada. Sociologicamente, a densidade demográfica é outro fator decisivo na conformação do espaço urbano que, dentre outros elementos, se define pela reunião massiva de pessoas. A multidão, nesse sentido, é um traço distintivo da realidade urbana.

A cidade de Arapiraca ocupa a posição 25 entre as maiores cidades, em termos de território²⁹ do Estado de Alagoas, em uma área de 352.81 km². O município de Coruripe, no litoral sul alagoano, é o mais extenso territorialmente, com 917.66 km², uma população de 52.130 mil habitantes e densidade demográfica de 56.84 hab./km². No entanto, apesar de apresentar uma taxa de urbanização de 88,32%, possui baixíssima densidade demográfica. Desse modo, é fundamental, na caracterização de uma realidade urbana, considerar todo o conjunto de elementos que compõem essa atmosfera, não designando apenas a um ponto em específico o privilégio de fator determinante. O mesmo critério aplica-se ao adensamento populacional, considerando que todas as cidades marcadamente urbanas apresentam graus elevados em relação a esse fator.

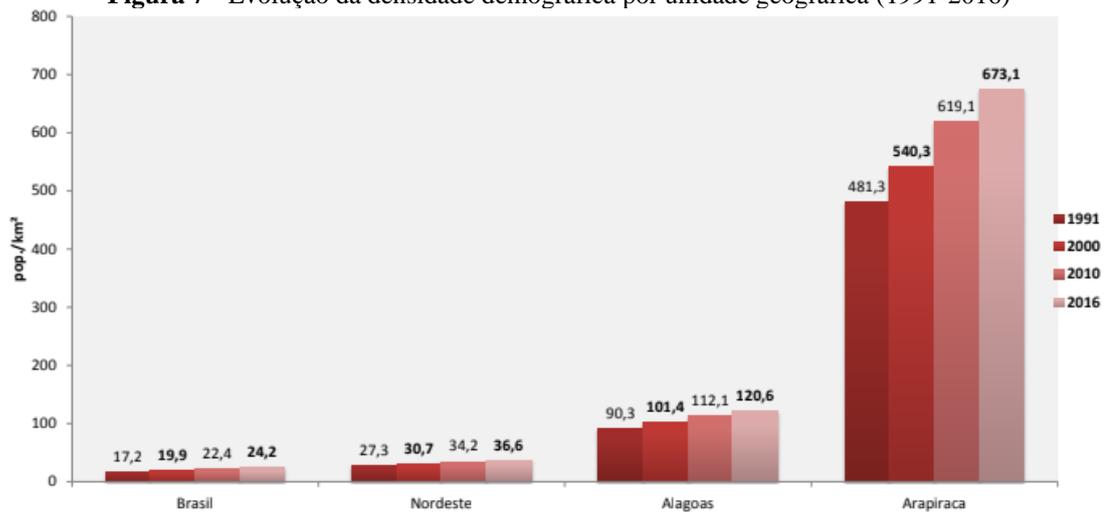
O indicador explanado acima sinaliza o tipo de atividade econômica predominante em uma região, pois, espaços mais urbanizados dispõem de uma maior ocupação do solo para moradia e atividades econômicas de caráter urbano, como as voltadas à indústria, ao comércio, dentre outros serviços. Por outro lado, regiões com baixa densidade demográfica geralmente estão ancoradas em atividades agropecuárias e de latifúndio. A cidade de Arapiraca, tendo em vista as considerações anteriores, caminha em direção ao “inchaço” comum aos grandes aglomerados urbanos, visto que sua evolução demográfica assinala isso. Observemos a densidade demográfica da região.

Tabela 7 - Área e densidade demográfica (1991, 2000, 2010 e 2016)

Unidade Geográfica	Área Territorial km ²	Densidade Demográfica			
		1991	2000	2010	2016
Brasil	8.515.767	17,2	19,9	22,4	24,2
Nordeste	1.554.291	27,3	30,7	34,2	36,6
Alagoas	27.848	90,3	101,4	112,1	120,6
Arapiraca	352,81	481,3	540,3	619,1	673,1

Fonte: Banco do Nordeste – Informações Socioeconômicas Municipais/2016. Adaptado pelo autor.

²⁹ Optei pelos números divulgados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano (2013) visto que os dados censitários se referem a 2010 e alterações podem ter ocorrido.

Figura 7 - Evolução da densidade demográfica por unidade geográfica (1991-2016)

Fonte: Banco do Nordeste – Informações Socioeconômicas Municipais/2016

Novamente, Arapiraca apresenta números superiores às médias nacionais, regionais e estaduais, refletindo as novas tendências de urbanização na contemporaneidade, especialmente, a promoção de cidades médias que cumprem um papel decisivo no escoamento populacional. O Brasil assiste a um processo de interiorização populacional e de novas tendências migratórias desde a década de 1980. Diante das deseconomias geradas pelas grandes Metrôpoles, as cidades médias surgem como elemento de equilíbrio interurbano. Além disso, as cidades médias cumprem um papel crucial para o capitalismo hoje, pois novas redes urbanas e novas hierarquias se instalam no território e atuam decisivamente no plano do desenvolvimento econômico urbano-regional, especialmente as cidades médias interiorizadas, como é o caso de Arapiraca.

Para Sposito (2007), a desconcentração produtiva empurra o tecido urbano e o fragmenta ao sabor das necessidades do mercado, conectando cidades e regiões em uma ampla rede urbana, caracterizada, especialmente, pelo crescimento das atividades terciárias e de consumo. Segundo Otero (2016), esses aglomerados urbanos não apenas admitem as novas funcionalidades econômicas do mundo globalizado como também “a desconcentração do crescimento demográfico, interpondo-se como ‘diques’ à explosão populacional metropolitana, prestando-se a desviar e reorientar os fluxos migratórios inter-regionais” (OTERO, 2016, p. 25). Com isso, a desconcentração populacional acompanha a desconcentração produtiva na direção das cidades médias.

A partir da reestruturação produtiva, verificamos a passagem de um modelo baseado no binômio fordismo/taylorismo para formas mais flexíveis de produção. Essa reestruturação redefine as formas de apropriação do espaço urbano, de acordo com Sposito:

O sistema de produção flexível, exige a redefinição dos papéis das cidades médias, promovendo oportunidades econômicas para essas cidades de desempenharem papéis industriais ou comerciais e de serviços que estiveram, durante grande parte dos séculos XIX e XX, restritos às metrópoles e cidades grandes, e, simultaneamente, têm trazido para essas cidades, tanto como para outras, maior instabilidade no que se refere à definição de seus papéis na divisão econômica do trabalho, que pressupõe uma divisão territorial do trabalho (SPOSITO, 2006, p. 148).

O adensamento demográfico, assim, é um valioso indicador das transformações e do redesenho das redes urbanas, tendo em vista que a densidade é um elemento que ecoa consequências sociológicas importantes na vida urbana. A alta proximidade física e a distância social são as características do adensamento do espaço, o que reafirma os impactos do crescimento populacional sobre a personalidade e as formas de ação dos indivíduos. O adensamento pode acirrar a competitividade entre as pessoas e o caráter instrumental das interações, intensificando a luta pelo espaço. A junção do crescimento populacional e do adensamento demográfico é conflitante psicologicamente, pois produz um estado de irritação e atritos constantes, além de tensões nervosas reforçadas pelo ritmo acelerado da vida urbana.

Há uma relação entre crescimento populacional, densidade demográfica, cidades médias e forças profundas como a reestruturação produtiva e a globalização econômica. Veiga (2004) considera que a definição de uma realidade urbana deve levar em consideração aspectos estruturais e funcionais, para o autor: “critérios estruturais são, por exemplo, a localização, o número de habitantes, de eleitores, de moradias, ou, sobretudo, a densidade demográfica. Critério funcional é a existência de serviços indispensáveis à urbe” (VEIGA, 2004, p. 28). Na mesma direção, Sposito (2006) e Corrêa (2007) criticam classificações e tipologias que priorizem aspectos como a demografia e as divisões políticas-administrativas. Para os autores o que é central é a posição na rede urbana, ou seja, o papel e as funções urbanas que uma determinada cidade cumpre.

Desde sua emancipação política, em 1924, Arapiraca já se destacava economicamente em relação aos municípios próximos. Conforme Nardi (2004), a maior parte dos municípios da RFA foi criada a partir de uma divisão geral de caráter político-administrativo, enquanto em Arapiraca os fatores preponderantes foram socioeconômicos. Segundo Lima (1995, p. 229), “na

verdade, sua própria emancipação política, relativamente recente³⁰, reflete o aumento de sua expressão econômica, acelerada pela especialização da vida agrícola que aí se operou”.

A agricultura não é mais a principal fonte de riquezas daquele município, o século XXI impôs a cidade a necessidade de se reestruturar para continuar crescendo e se pôr como polo regional de desenvolvimento. Em 2010, a revista *Veja*, em uma Edição Especial³¹, aponta Arapiraca entre as 20 Metrôpoles brasileiras do futuro; a matéria procurou identificar as cidades que mais crescem no Brasil. O século XXI é o cenário em que se opera uma intensa interiorização do crescimento econômico e a cidade de Arapiraca é um reflexo desse movimento mais geral, ao lado de outras cidades do interior Nordeste, como Garanhuns/PE, Caruaru/PE, Campina Grande/PB, Feira de Santana/BA, Petrolina/PE e Juazeiro do Norte/CE.

Acredito que os estudos do REGIC/IBGE (Região de Influência das Cidades), contribuem para uma aproximação da cobertura regional das cidades brasileiras. Os estudos do REGIC investigam a hierarquia da rede urbana brasileira, com base no fluxo de informações, bens e serviços. Com isso, o IBGE pretende “subsidiar o planejamento estatal e as decisões quanto à localização das atividades econômicas de produção, consumo privado e coletivo, bem como prover ferramentas para o conhecimento das relações sociais vigentes e dos padrões espaciais que delas emergem” (IBGE, 2008, p. 9).

De acordo com REGIC/2007, as cidades brasileiras são classificadas em cinco grandes grupos, subdivididos em dois ou três subníveis, conforme o grau de abrangência de sua rede urbana, população e relacionamentos (que é o número de vezes que, no questionário da pesquisa, a cidade foi citada como sendo destino dos deslocamentos interurbanos). De acordo com essa tipologia, o Brasil possui 12 Metrôpoles subdividas entre: Grande Metrôpole Nacional, Metrôpole Nacional e Metrôpole. Logo abaixo das Metrôpoles aparecem, na hierarquia das redes urbanas, as Capitais Regionais, no Brasil 70 cidades distribuídas em três grupos: 11 Capitais regionais A, 20 Capitais regionais B e 39 Capitais regionais C. Ainda constam nessa divisão 169 Centros sub-regionais, 556 Centros de zona e 4.473 Centros locais.

A cidade de Arapiraca situa-se entre as 39 capitais regionais brasileiras de nível C, ao lado de grandes centros regionais tradicionais como Montes Claros/MG, Joinville/SC, Maringá/PR e Teresópolis/RJ; no Nordeste está em companhia de cidades como Feira de

³⁰ Projeto de Lei nº 1.009 que resultou na emancipação do município em 30 de maio de 1924.

³¹ A força das cidades médias: aonde o futuro já chegou. **Revista Veja**: Edição Especial, 2180, 1 set. 2010, p. 75-120.

Santana/BA, Sobral/CE, Caruaru/PE e Mossoró/RN. No contexto alagoano, nenhuma outra cidade polo se aproxima desta classificação, com exceção da capital Maceió.

Quadro 2 - Rede Urbana de Alagoas – cidades regionais e PIB - 2015

Região Metropolitana	Município Polo	Classificação no REGIC	TOTAL (Em mil reais) Unidade Territorial	Participação do total no (%)	
				Estado	País
Maceió	Maceió	Capital Regional A	25.012.976,62	53,95	0,42
Agreste	Arapiraca	Capital Regional C	6.165.709,91	13,30	0,10
Vale do Paraíba	Viçosa	Centro Local	1.379.556,60	2,98	0,02
Zona da Mata	União dos Palmares	Centro Zona A	3.394.045,44	7,32	0,06
Palmeira dos Índios	Palmeira dos Índios	Centro Zona A	1.502.718,86	3,24	0,03
São Francisco	Penedo	Centro zona A	1.502.737,33	3,24	0,03
Caetés	São Miguel dos Campos	Centro Zona A	3.118.168,72	6,73	0,05
Sertão	Delmiro Gouveia	Centro Zona B	1.169.796,82	2,52	0,02
Médio Sertão	Santana do Ipanema	Centro Sub Regional B	1.146.604,28	2,47	0,02

Fonte: REGIC/IBGE; FNEMBRASIL.com. Adaptada pelo autor.

Esta tese não pretende abordar a problemática da metropolização no Brasil, portanto, não irei analisar os critérios ou pressupostos conceituais a partir dos quais os Estados criam suas regiões metropolitanas. Ainda assim, cabe ressaltar que o processo de institucionalização das metrópoles e dos grandes aglomerados urbanos é crivado de interesses políticos regionais. Para o Observatório das Metrópoles:

Fica claro que a institucionalização dessas aglomerações passa, na maioria dos casos, por aspectos políticos locais e/ou regionais e, além disso, está a perspectiva de aumentar as chances de adquirir recursos junto aos governos estadual e federal – isso porque há uma compreensão amplamente difundida de que região metropolitana está ligada a intenso processo de urbanização (IPEA, 2011). Sendo assim, não há critérios específicos no que se refere a porte populacional, econômico e funcional, nem a condições de mobilidade da população, inserção no mercado de trabalho ou ocupação do território, entre outras dimensões (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2012, p. 43).

Um conjunto expressivo de regiões consideradas metropolitanas apresentam indicadores baixíssimos de integração socioespacial, para Firkowski (2012, p. 37) tratar a região “metropolitana como espacialidade significa recuperar o sentido de processo socioespacial inerente ao termo, ou seja, significa reconhecer que existe uma espacialidade na qual o fator

metropolitano é predominante e articulador das relações existentes, conformando uma região”. Nessa perspectiva haveria bem menos regiões metropolitanas no Brasil que as, por hora, já institucionalizadas. Ainda segundo Firkowski (2012), considerar apenas o critério da institucionalização significa que a esses processos estão atrelados menos potencialidades urbano-metropolitanas e mais perspectivas de desenvolvimento regional, ou seja, não se prioriza o processo de metropolização, mas sim o político-institucional.

Na mesma direção Freitas (2009) dirige importantes observações críticas a esse movimento de metropolização em curso no Brasil. Segundo o autor, “uma Região Metropolitana não se cria, apenas pode ser reconhecida, enquanto fenômeno geográfico, e institucionalizada, com o objetivo de implantação de gestão comum, onde já existe e é facilmente identificada por teóricos e pela própria população” (FREITAS, 2009, p. 51). Sugere, ainda, critérios para identificação de uma Região Metropolitana:

1. **Grande concentração populacional urbana**, igual ou superior a um milhão de habitantes, incluindo município polo e entorno;
2. **Conurbação** (mancha urbana contínua entre municípios limítrofes), ou forte tendência desse fato vir a ocorrer em médio prazo;
3. **Alto grau de urbanização**, em cada município da região, evidenciado por percentual de população municipal urbana igual ou superior a 80%, densidade demográfica igual, ou superior, a 60 hab./Km² e por participação formal nos setores de indústria, comércio e serviços, igual ou superior a 65% do total de pessoas empregadas;
4. **Polarização dentro de uma rede de cidades**, caracterizada por interações entre centros urbanos, diretamente proporcionais às suas massas (população x renda) e inversamente proporcionais à distância entre os pares de localidades;
5. **Destaque no cenário estadual e nacional**, baseada na oferta de bens e serviços, diversificados e especializados, por um grupo de municípios a domínios territoriais contíguos, assim como a pontos distantes, ligados por outros tipos de relações socioeconômicas;
6. **Existência de relação funcional de interdependência**, relativa a evidentes fluxos migratórios de natureza pendular, assim como a diversos aspectos sociais, econômicos, de infraestrutura e de serviços urbanos que provoquem a necessidade de organização, planejamento e execução de funções públicas de interesse comum.

Um conjunto de outras iniciativas semelhantes tem sido construídas por várias entidades e teóricos brasileiros, chamo atenção para os esforços da EMPLASA, de Firkowski³², para o Observatório das Metrôpoles e o próprio REGIC. O que interessa salientar é que em todas essas iniciativas há um flagrante crítica aos limites da classificação de cunho político-institucional, que acaba empalidecendo componentes centrais nesta realidade, quais sejam, os níveis de alcance e interdependência funcional, de centralidade e comando em redes urbanas ampliadas, para além das divisas regionais.

Enfatizo que esses fatores me interessam bastante, enquanto pesquisador, visto que em todas essas referências os deslocamentos pendulares surgem como elemento distintivo da centralidade urbana, pois os fluxos de natureza pendular indicam a importância de um determinado contexto urbano. Para Freitas (2009), como vimos, a pendularidade é sintomática da existência de uma relação funcional de interdependência urbana. Segundo Firkowski, na caracterização de um contexto urbano alguns aspectos sempre reaparecem. “Além de um conjunto de critérios funcionais ou morfológicos que se repetem em praticamente todos os casos, sendo os mais relevantes: patamar mínimo de população, densidade e movimentos pendulares” (FIRKOWSKI, 2012, p. 34). Ainda enfatizando este aspecto, acrescenta o REGIC/IBGE:

Para as cidades que constituem grandes aglomerações urbanas, a unidade de observação foi o conjunto da Área de Concentração de População - ACP ou de suas subáreas. As ACPs são definidas como grandes manchas urbanas de ocupação contínua, caracterizadas pelo tamanho e densidade da população, pelo grau de urbanização e pela coesão interna da área, dada pelos deslocamentos da população para trabalho ou estudo (2008, p. 12).

A problemática da metropolização não compõe, tendo em vista o exposto, o espectro das preocupações deste trabalho, cujo Quadro 2 teve o objetivo de evidenciar a importância crescente de Arapiraca no contexto urbano de Alagoas. A tabela auxilia na compreensão da realidade urbana alagoana, em que se destacam apenas as Regiões Metropolitanas de Maceió e do Agreste, mais precisamente as cidades de Maceió e Arapiraca.

Conforme a classificação do REGIC, em Alagoas apenas Maceió e Arapiraca são definidas como Capitais Regionais, as outras sete cidades polo são ou Centros de Zona, ou

³² Firkowski (2012, p. 34-35,) também procura estabelecer algumas referências para a identificação de uma Região Metropolitana: “1) densidade demográfica superior a 700 hab./ km² na região e mais de 1.300 hab./ km² na sede; 2) sede da RM com posição mínima de capital regional B (de nível 5, segundo o REGIC; 3) continuidade da mancha urbana; 4) existência de equipamentos de porte regional, como os de saúde (hospitais de alta e média complexidades) e de ensino; sede da RM com PIB multissetorial; 5) sede da RM com PIB superior a R\$ 18,5 milhões; 6) população total da região superior a 1.500.000 habitantes; 7) Taxa de crescimento da população urbana da região igual ou superior à média estadual; 8) região recebendo fluxos pendulares superiores a 100 mil pessoas, sendo mais de 70 mil na sede; 9) região com mais de 50% de cargas recebidos”.

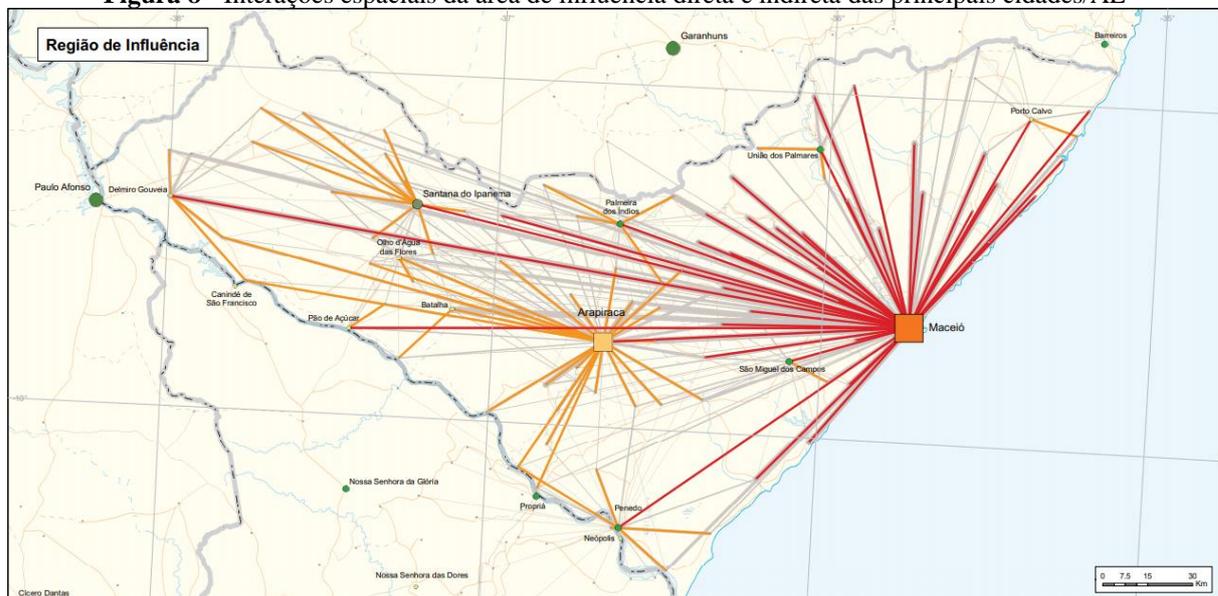
Centros Sub-regionais, como Santana do Ipanema. As Capitais Regionais, dessa maneira, se relacionam com o estrato superior da economia, enquanto os Centros de Zona possuem atuação restrita à sua área imediata e exercem funções de gestão elementares. Na presença destes indicadores, Santos Filho (2018) afirma que se levado em consideração o Relatório do Observatório das Metrôpoles³³ (2012) e o Estatuto da Metrôpole, “o estado de Alagoas passaria a compor em seu quadro institucional apenas duas das nove regiões metropolitanas” (SANTOS FILHO, 2018, p. 125). Além das proposições do Observatório das Metrôpoles, fundamenta-se nos incisos V e VII do artigo 2º da Lei 13.089/2015.

V – Metrôpole: espaço urbano com continuidade territorial que, em razão de sua população e relevância política e socioeconômica, tem influência nacional ou sobre uma região que configure, no mínimo, a área de influência de uma capital regional, conforme os critérios adotados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE;

VII – região metropolitana: aglomeração urbana que configure uma metrôpole.

Assim, para o autor, “diante do referido artigo, subentende-se que apenas as Regiões Metropolitanas de Maceió e do Agreste, conceitualmente, passariam a manter a titularidade de Região Metropolitana” (SANTOS FILHO, 2018, p. 125).

Figura 8 - Interações espaciais da área de influência direta e indireta das principais cidades/AL



Fonte: IBGE, 2008. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf>

³³ OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Níveis de integração dos municípios brasileiros em RMs, RIDES e AUs à dinâmica da metropolização. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2012.

Acrescento, em relação a Santos Filho (2018), que a baixa integração entre as cidades e seus polos metropolitanos em Alagoas, permite afirmar que para além de apenas duas RMs o que Alagoas apresenta são duas cidades representativas, Maceió e Arapiraca.

Em 2012 o Observatório das Metrôpoles apresentou um relatório sobre os níveis de integração metropolitana entre as cidades que compõem esse arranjo territorial e criou uma tipologia de acordo com os níveis de interação entre elas. Essa tipologia é construída com base nos estudos do REGIC, já apresentados aqui, e aponta três níveis de integração:

- 1) Alto – Unidades que apresentam, além dos polos, um fenômeno de extensão destes, são municípios em avançado processo de metropolização com dinâmica de integração alta e muito alta, tanto em escala regional, quanto nacional;
- 2) Unidades com maior participação de municípios com nível alto ou médio de integração, para os quais é possível atribuir um estágio de transição em direção a uma participação mais efetiva no processo de metropolização e;
- 3) Unidades que apresentam maior presença de municípios com nível de integração baixo, ou muito baixo, estas não podem ser identificadas como de natureza metropolitana, embora sejam consideradas regiões metropolitanas, em termos institucionais.

Quadro 3 - Níveis de integração regional das RMs alagoanas

RM	POLO	Extensão dos polos	Muito alto	Alto	Médio	Baixo	Muito baixo	Total
Maceió	1	-	-	1	4	5	-	11
Agreste	1	-	-	-	-	-	14	15
Zona da Mata	1	-	-	-	-	-	15	16
Vale do Paraíba	1	-	-	-	-	-	12	13
Palmeira dos Índios	1	-	-	-	-	-	6	7

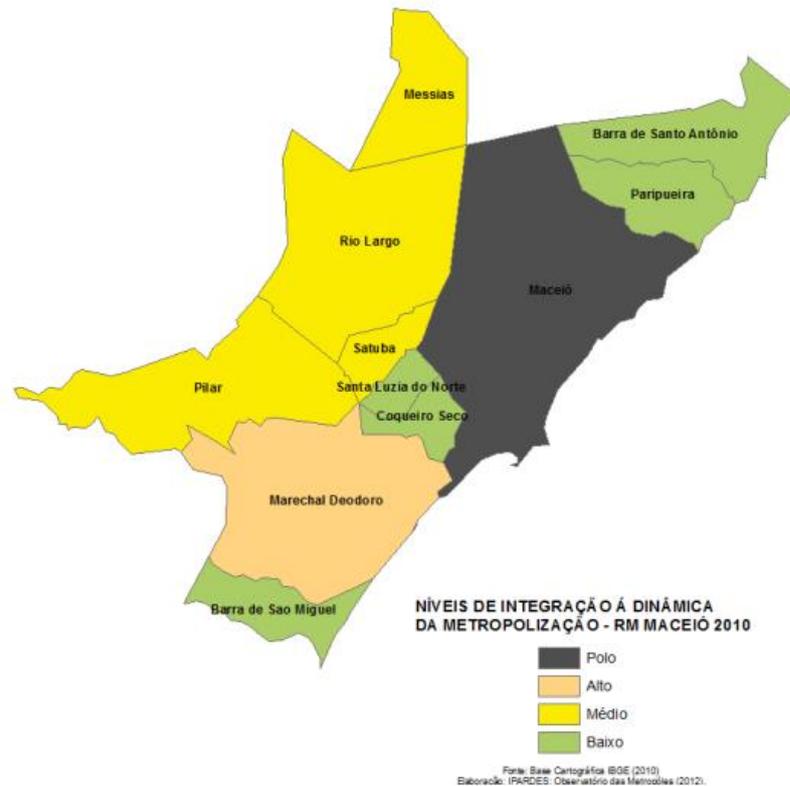
Fonte: Observatório das Metrôpoles (2012). Adaptado pelo autor.

O relatório do Observatório das Metrôpoles³⁴ não contempla as RMs do Caetés, São Francisco, Sertão e Médio Sertão. Contudo, esta ausência em nada altera a questão que tento demonstrar, pois essas regiões são classificadas como Centros de Zona e Centros Sub-

³⁴ Outras mudanças também ocorrem, como a entrada de Murici e Atalaia nas RMs de Maceió e, consequentemente, à saída desses municípios de suas RMs anteriores, Zona da Mata e Vale do Paraíba, respectivamente.

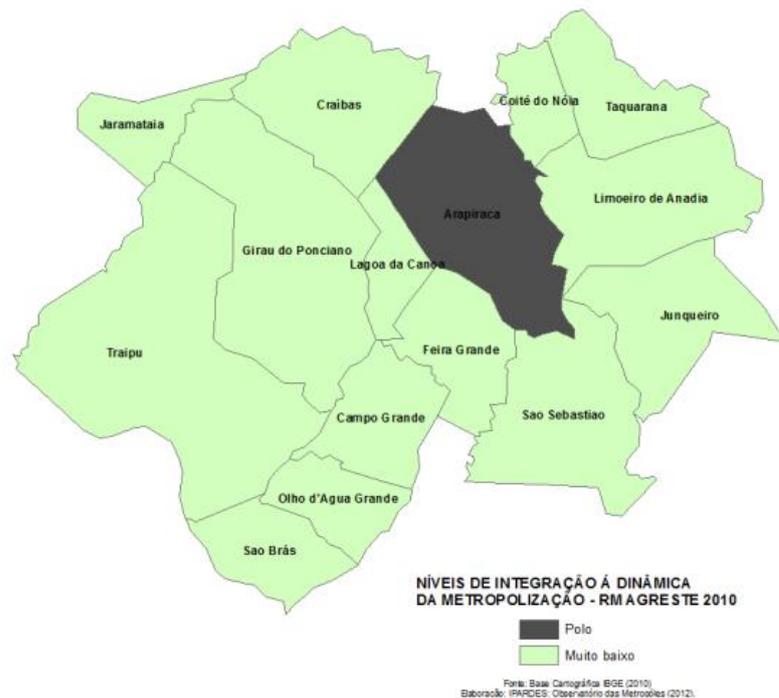
Regionais. O Relatório oferece, ainda, mapas que permitem visualizar a intensidade da dinâmica de integração regional dessas unidades.

Figura 9 - Níveis de Integração da RMs Maceió/AL



Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2012.

Figura 10 - Níveis de Integração da RM Agreste/AL



Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2012.

Em consonância com Santos Filho (2018), Gurgel (2017), Firkowski (2012;2013), Freitas (2009) e o Observatório das Metrôpoles (2012), afirmo que essas unidades territoriais não apresentam uma dinâmica metropolitana, pois mesmo a RM do Agreste apresenta taxas de urbanização, crescimento populacional e densidade demográficas pouco representativas, com exceção da cidade de Arapiraca. Observemos que o título de “Metrópole do Futuro” refere-se à cidade de Arapiraca e não a sua região metropolitana que, quando aparece, é sempre posta em termos negativos. Em maio de 2017, pesquisadores do *Santa Fe Institute* e *School of Sustainability* apresentaram um estudo realizado em 38 RMs brasileiras e 207 cidades africanas³⁵, com objetivo de criar um índice de desenvolvimento sustentável para os grandes aglomerados urbanos; um indicador nos termos do IDH e STI³⁶ que servisse de parâmetro para avaliação e obtenção universal de metas amplas de desenvolvimento nas cidades.

O índice reúne aspectos como habitação, acesso à energia elétrica, mobilidade, saneamento básico, educação, saúde e abastecimento de água. A enumeração ia de zero a um e quanto mais próximo a este último melhor era o desempenho das RMs. Entre as 38 RMs pesquisadas no Brasil, Curitiba apresentou o melhor resultado (0,9597), acompanhada pela RM da Foz do Rio Itajaí/SC (0,9474), Campinas e São Paulo, respectivamente, com (0,9507) e (0,9498). Os piores resultados estão na Região Norte e Nordeste, liderando o ranking está a RM do Agreste de Alagoas, com (0,4810), e a RM de Maceió, na antepenúltima posição, com (0,6293).

O “sucesso” de Arapiraca não se estende a região metropolitana da cidade, sequer ao Estado de Alagoas, pois indicadores negativos não são estranhos a esta unidade da federação. Alagoas sempre conviveu com resultados desta natureza nos mais variados recortes, educação, saúde, violência, saneamento básico. O crescimento de Arapiraca, portanto, fica ainda mais candente se contrastado com o seu contexto regional.

1.7 ESTRUTURA E EQUIPAMENTOS URBANOS

Uma cidade que se sugere centralidade urbano-regional deve ter grande capacidade de atração econômica e social. Corrêa (2003) enumera alguns elementos responsáveis pela

³⁵ Breslford, Christa *et al.* Heterogeneity and scale of sustainable development in cities. PNAS, 1 maio 2017. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/114/34/8963>

³⁶ IDH - Índice de Desenvolvimento Humano; STI - Secure Tenure Index da UM-Habitat.

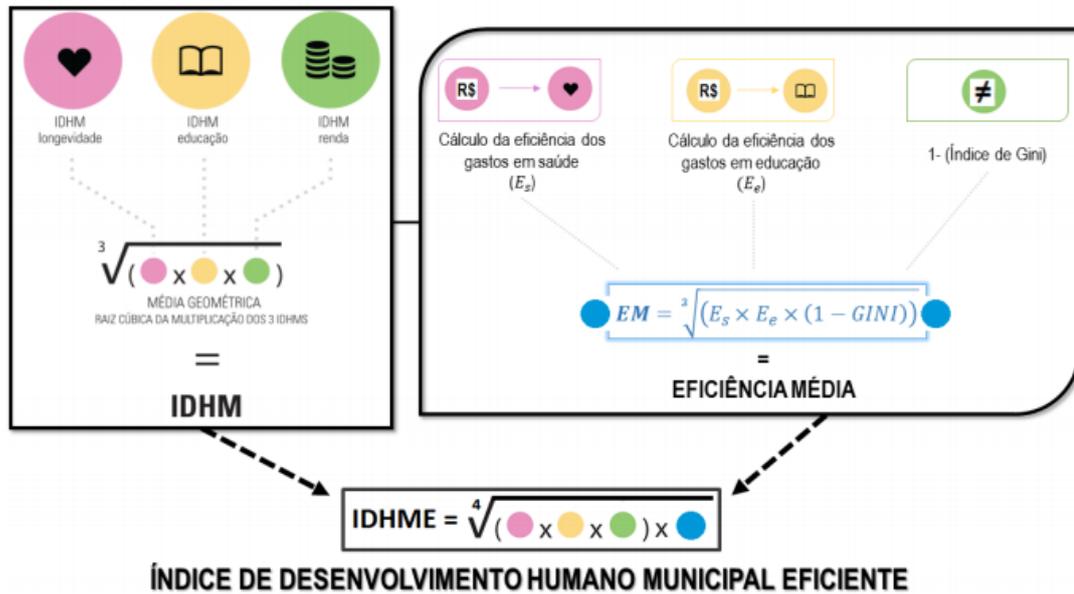
centralidade, como a concentração de serviços públicos e de empresas com sede no local. O REGIC, na mesma direção, utiliza esses critérios: “para a definição dos centros da rede urbana brasileira, buscaram-se informações de subordinação administrativa no setor público federal, para definir a gestão federal, e de localização das sedes e filiais de empresas, para a gestão empresarial” (REGIC, 2008, p. 9). Ao lado da concentração de instituições públicas e empresariais, ambos acrescentam a multiplicidade de equipamentos e serviços, tais quais: 1) informações de ligações aéreas; 2) deslocamentos para internações hospitalares; 3) das áreas de cobertura das emissoras de televisão; 4) oferta de ensino superior; 5) diversidade de atividades comerciais e de serviços e; 6) fluxo regular de pessoas e mercadorias.

Tendo em vista os apontamentos acima, começo este tópico discorrendo sobre a evolução do IDH³⁷ da cidade arapiraquense. Este indicador baseia-se no tripé saúde (longevidade), renda e educação. Em nosso IDHM essas três dimensões estão relacionadas a aspectos mais amplos “como a ampliação e consolidação da universalização de direitos e serviços básicos, o aumento do nível de emprego e a diminuição do trabalho informal” (PNUD, 2014, p. 9).

Inspirado no IDH global, o Brasil criou o IDHM com o objetivo de adaptar o indicador a realidade brasileira. Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013, p. 27), “o IDHM brasileiro segue as mesmas três dimensões do IDH global [...] mas vai além: adequa a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais”.

³⁷ O conceito de desenvolvimento humano, bem como sua medida, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), foi apresentado em 1990, no primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PUND), idealizado pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq, com colaboração do economista Amartya Sen. O IDH reúne três aspectos importantes para a expansão das liberdades das pessoas: a oportunidade de se levar uma vida longa e saudável – saúde –, de ter acesso ao conhecimento – educação – e de poder desfrutar de um padrão de vida digno – renda. <https://www.ipea.gov.br/>

Figura 11 - Como calcular o IDHM



Fonte: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro, 2013.

O IDHM é um indicador importante e normalmente associado ao processo de urbanização. Neste sentido, vamos a Arapiraca.

Quadro 4 - Evolução do IDHM Brasil/Alagoas/Maceió/Arapiraca

ANOS	BRASIL	ALAGOAS	MACEIÓ	ARAPIRACA
1991	0,492	0,370	0,507	0,359
2000	0,612	0,471	0,584	0,476
2010	0,727	0,631	0,721	0,649

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Elaborada pelo autor.

Quadro 5 - Faixas do desenvolvimento humano

Muito Bom	0,800 – 1,000
Alto	0,700 - 0799
Médio	0,500 – 0,599
Baixo	0,000 – 0,499

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Elaborada pelo autor.

É importante ressaltar que o Estado de Alagoas mantém, desde o Censo de 2000, a pior posição entre as Unidades da Federação, ainda que tenha obtido avanços, como demonstra o Quadro 4. Nas últimas décadas, ainda assim, e isto é valioso para esta pesquisa, Arapiraca apresenta crescimento superior à média do Estado e apenas outros quatro municípios

alagoanos³⁸, entre 102 cidades, conseguem este feito, conforme último Censo. Entre os municípios alagoanos, um (Maceió) apresenta IDHM alto; treze IDHM médio; oitenta e seis IDHM baixo e dois IDHM muito baixo. Arapiraca vem galgando Censo a Censo posições neste indicador, hoje é o terceiro município alagoano melhor avaliado, a cidade agrestina registra um crescimento de 80,7% entre os dados de 1991 e 2010. Sua taxa de crescimento é maior, inclusive, em relação a Satuba, na Região Metropolitana de Maceió, que hoje ocupa a segunda posição no ranking e é largamente beneficiada pela estrutura de serviços da capital alagoana.

Soma-se ao IDHM a sua participação no PIB do Estado, tendo Arapiraca o segundo maior PIB de Alagoas, apresentando um significativo crescimento desde o Censo de 2000.

Quadro 6 - Evolução do PIB de Arapiraca/AL (2000-2010-2016)

ANO	Alagoas	Maceió	Arapiraca
2000	-	3.277.988.000	473.630.000
2010	-	12.369.801.000	1.908.879.000
2016	49.456.000.000	21.306.116.000	4.012.632.000

Fonte: IBGE. Elaborada pelo autor.

Nos anos 2000 a cidade ocupava a posição 301º no ranking nacional de municípios pelo PIB e a posição 3.178º por PIB *per capita*. Em 2016 ocupava, na devida ordem, 222º e 2.374º entre os 5565 municípios brasileiros.

Quadro 7 - Distribuição do PIB/Arapiraca nos anos 2000-2010-2015

ATIVIDADE	2000	2010	2015
Serviços	303.058.000	850.992.000	2.195.761.000
Indústria	68.872.000	240.858.000	388.184.000
Impostos	53.155.000	232.572.000	358.187.000
Agropecuária	48.545.000	150.570.000	265.521.000
Administração Pública	105.512.000	433.887.000	711.101.000

Fonte: Deepask (o mundo e as cidades através de gráficos e mapas). Elaborada pelo autor.

Esses números materializam-se em um conjunto amplo de eventos e iniciativas em movimento naquela cidade neste século. Em 2015, Arapiraca apareceu entre as 12 cidades do país que mais geram empregos, enquanto o Brasil registrava os piores indicadores dos últimos anos. O contraste é ainda maior se o parâmetro for o Estado de Alagoas que, no mês de junho

³⁸ Municípios de Satuba, Rio Largo, Marechal Deodoro e Palmeira dos Índios.

de 2015, anunciou 1.646 postos de trabalho suprimidos e, ao longo daquele ano, mais 26 mil postos de trabalho a menos. No país, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), 345 mil postos de trabalho formais foram fechados, em 2015. Nesse mesmo período, em Arapiraca mais de 2.000 postos formais foram abertos.

Essa informação é corroborada pelo Anuário Estatístico do Estado de Alagoas³⁹ (2017) que observa que em 2015 Arapiraca foi a segunda cidade que mais gerou empregos formais em Alagoas, atrás apenas da capital alagoana, com 37.381 mil vagas de emprego. O que chama atenção é que a ex capital do Fumo hoje apresenta o comércio e os serviços como sua principal força econômica. Das vagas abertas no ano de 2015, 15.371 foram reservadas para o comércio e 15.524 para os serviços. Essa tendência econômica está afinada com as novas demandas do capitalismo no século XXI e com a ascensão das cidades médias.

Quadro 8 - Pessoas com vínculos empregatícios em ocupações formais

ATIVIDADES ECONÔMICAS	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Agropecuária	880	878	897	868	847	778
Comércio	12.078	13.707	15.261	15.807	15.371	14.760
Construção Civil	474	446	735	688	808	778
Indústria	5.463	5.252	4.937	4.861	4.831	4.745
Serviços	10.505	10.979	12.714	13.853	15.524	15.775
Total	29.400	31.262	34.544	36.077	37.381	36.836

Fonte: Perfil Municipal 2014/2015/2018. Elaborado pelo autor.

Em termos de setores, na economia de Arapiraca destacam-se as atividades de comércio e serviços, demonstrando, nesse momento, uma vocação terciária da economia urbana. De acordo, com Marisco e Souza:

Na década de 1990 a cidade de Arapiraca terminou a transição de seu antigo modelo de vida rural para o cidadão, transferindo a importância da agricultura para as atividades tipicamente urbanas com o setor de serviços, a indústria e o comércio. Arapiraca é um município de vida urbana. Os símbolos maiores dessa mudança são: a agricultura industrializada; o comércio central da cidade, sua conhecida feira semanal, o setor de serviços e o núcleo industrial (MARISCO; SOUZA, 2009, p. 64).

A cidade apresenta uma ampla e diversificada oferta de serviços especializados⁴⁰, contando com vinte e seis agências bancárias, onze prestadoras de acesso à internet fixa, quatro emissoras comerciais de FM e duas emissoras de Onda Média, nove agências dos correios, a

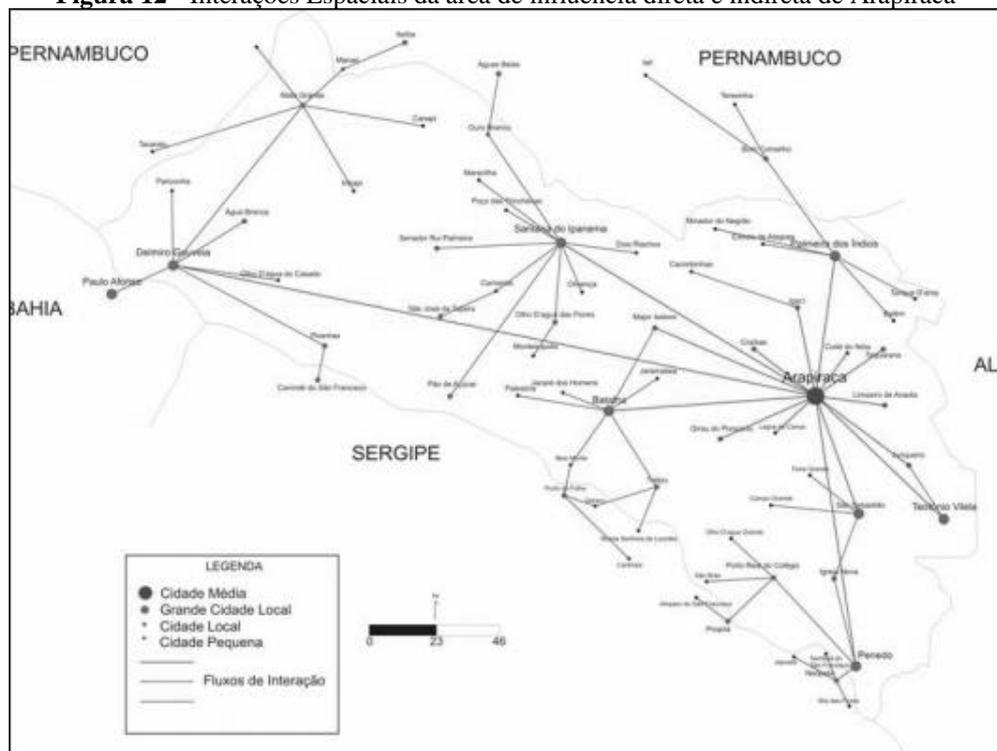
³⁹ O Anuário Estatístico do Estado de Alagoas é produzido com base nos dados do Ministério do Trabalho (MT).

⁴⁰ Informações disponíveis no Anuário Estatístico do Estado de Alagoas (2017).

segunda maior frota de veículos de Alagoas, a maior rede de Bibliotecas públicas do Estado, quatro Museus e a segunda rede de assistência médica de Alagoas que conta com um centro de atenção hemoterápica⁴¹. Esses dados apontam para novas funcionalidades e ampliação das interações espaciais da cidade.

As vantagens locacionais do município renderam-lhe uma posição estratégica devido à proximidade com importantes vias de circulação, como a BR-101, que liga a região Centro-Sul ao Nordeste, e às AL-115, AL-110 e AL-220, que ligam aos sertões pernambucano, baiano e cearense. Marisco e Souza (2009) observam que a posição geográfica de Arapiraca permite ao município uma convergência de fluxos rodoviários que podem ter na cidade o seu ponto de origem e destino final. Os autores também sublinham que “a mobilidade da população de Arapiraca não se dá somente por meio de rodovias, mas também por muitos acessos em estradas e caminhos vicinais” (MARISCO; SOUZA, 2009, p. 71).

Figura 12 - Interações Espaciais da área de influência direta e indireta de Arapiraca



Fonte: SOUZA; MARISCO (2007).

Arapiraca torna-se um importante entreposto comercial de bens de consumo não duráveis com a instalação de postos de distribuição de grandes comércios atacadistas regionais

⁴¹ Em todo o Estado de Alagoas, apenas Maceió e Arapiraca possuem um Centro de Atenção Hemoterápica e/ou hematológica.

e nacionais. Segundo a Associação do Comércio Atacadista e Distribuidor do Estado de Alagoas (ACADEAL), as mais rentáveis unidades, entre as três maiores distribuidoras do Estado, estão localizadas em Arapiraca e não na capital, Maceió: Andrade Distribuidor, Vieira Distribuidor e Asa Branca. “A cidade reestruturada no setor produtivo e comercial conta hoje com diversas empresas Atacadista/Distribuidores que usam Arapiraca como um elo, entre as indústrias do centro sul/sudeste do país e o mercado consumidor alagoano” (OLIVEIRA *et al*, 2016, p. 8).

Para termos uma ideia da robustez do setor que Arapiraca lidera no Estado, os atacadistas já ultrapassaram os usineiros. Alagoas, hoje, conta com 22 unidades industriais ligadas ao setor sucroalcooleiro; a monocultura da cana rendeu por volta de R\$ 100 milhões por usina. Já a rede de atacado Asa Branca, sozinha, faturou R\$ 401 milhões em 2014, o equivalente a quatro usinas⁴². Os números não param por aí, no entanto, vale sublinhar, que o comércio e os serviços dizem respeito às mutações na base produtiva do capitalismo e a tendência à desindustrialização e desconcentração produtivas, o que repercute na desconcentração espacial e na urbanização seletiva de determinadas regiões. Uma das características da redistribuição populacional e econômica sobre a reestruturação das cidades é a concentração da atividade comercial, consumo e oferta de serviços especializados, pois quanto mais complexa essa estrutura maior sua inserção nas redes urbanas.

O intenso fluxo de mercadorias, em rápido movimento pelo mundo, encontra no setor terciário o seu correspondente flexível. Serviços e comércio, em especial de bens de consumo não duráveis, supõem um encurtamento no ciclo do lucro. A velocidade em que produtos são consumidos pressupõe um tipo de força de trabalho a ser consumida com maior brevidade e versatilidade, bem como um espaço urbano altamente rotativo. Esses fatores resultam em uma maior plasticidade da força de trabalho urbana na era dos fluxos. De acordo com Baeninger

[...] o conceito de força de trabalho móvel pode ser contemplado como uma dimensão das migrações internas urbanas da atualidade. No contexto atual da reestruturação da economia em nível internacional e seus rebatimentos em âmbitos locais (HARVEY, 1992), a força de trabalho móvel urbana tende a crescer, em especial em uma economia baseada nos serviços, com a fluidez também dos movimentos migratórios no atual processo de urbanização. Em um contexto de enormes transformações na dinâmica produtiva, onde o setor terciário tem importante papel e o emprego na indústria oscila conforme o mercado internacional, a rotatividade migratória tenderá a se consolidar, marcando uma nova fase do processo de redistribuição espacial da população brasileira (BAENINGER, 2015, p. 16):

⁴² Disponível em: <https://acadeal.com.br/site/index.php/informativo>. Acesso em: 20 jun. 2017.

A realidade urbana de Arapiraca, desse modo, assenta nesse modelo de inserção econômica, o que explicita a relação entre comércio e serviços com rotatividade migratória e deslocamentos pendulares para trabalho. A cidade ainda apresenta, no campo educacional, o estabelecimento de mais de 24⁴³ unidades de ensino superior, entre instituições públicas e privadas, além da chegada do Instituto Federal de Alagoas em setembro de 2010, que contempla os ensinos médio, técnico e tecnológico, e do campus da Universidade Federal de Alagoas a partir de setembro de 2006. Em sua imensa maioria, essas instituições datam dos últimos 20 anos⁴⁴.

Um dado relevante são as iniciativas das forças sociais e políticas da região no sentido de transformar Arapiraca na capital nordestina de turismo de negócios e eventos. Nessa direção, um conjunto de equipamentos públicos já foi instalado como o *shopping center*⁴⁵ e o planetário⁴⁶, laboratório de astronomia, dentre outros projetos que estão em vias de acontecer: centro de belas artes, centro de convenções, anfiteatro, museu de biologia. Além do recente anúncio do governo do Estado alagoano sobre a construção do novo aeródromo de Arapiraca⁴⁷, a Ceasa e um novo distrito industrial.

Recentemente – fruto do seu desenvolvimento econômico fortemente ligado à força do comércio –, Arapiraca foi erguida à categoria B pelo Ministério do Turismo. A metodologia do MTur utiliza, para essa classificação, quatro variáveis econômicas: número de empregos, de estabelecimentos formais no setor de hospedagem, estimativas de fluxo de turistas domésticos e internacionais. Atualmente, são 3.345 municípios no mapa do turismo brasileiro, entre as categorias A e E. Na categoria B, em que se situa Arapiraca, há apenas outros 166 municípios⁴⁸. No caso de Alagoas, a capital Maceió aparece na categoria A e, além de Arapiraca, apenas a litorânea cidade Maragogi está na categoria B.

⁴³ Disponível em: <https://querobolsa.com.br/faculdades-e-universidades/alagoas--Arapiraca/todas>. Acesso em: 20 out. 2017.

⁴⁴ Em relação ao campus da Universidade Federal de Alagoas, a Prefeitura de Arapiraca encaminhou ao MEC uma proposta de transformá-la em Universidade Federal de Arapiraca, nos moldes do que já aconteceu com a Universidade Federal de Campina Grande. Disponível em: <http://web.arapiraca.al.gov.br/2017/09/prefeito-anuncia-r-55-milhoes-em-obras-durante-visita-do-ministro-marx-beltrao/>. Acesso em: 5 set. 2017.

⁴⁵ O único em Alagoas fora da capital, Maceió.

⁴⁶ O planetário de Arapiraca foi inaugurado em 2 de outubro de 2012 e conta com uma sala de observação, auditório com capacidade para 235 pessoas, mirante, área verde, estacionamento, espaço de leitura, elevador para cadeirantes e um moderno sistema digital para observação celeste com espaço para 70 lugares. É o único de Alagoas.

⁴⁷ Diário Oficial de Alagoas. Ano 106, Número 361, 22 jun. 2018, p. 3.

⁴⁸ Portaria n. 144, de 27 de agosto de 2015. Estabelece os critérios utilizados pelo Mtur (Ministério do Turismo) e Portaria n. 172, de 11 de julho de 2016. Constam os municípios brasileiros no mapa do turismo.

Outra pesquisa que nos auxilia a identificar Arapiraca como um polo de desenvolvimento regional, e reafirma a robustez da atividade comercial desde sua histórica feira livre, é a pesquisa encomendada pela revista Exame à empresa de consultoria norte-americana McKinsey, que aponta Arapiraca como a 7ª cidade brasileira com maior poder de consumo. A pesquisa apresenta as cidades do interior do Brasil com mais de 100 mil habitantes⁴⁹ e cidades que integram regiões metropolitanas.

Quadro 9 - 40 cidades do Brasil onde o consumo mais cresce (2010-2020) segundo a McKinsey consultoria

Posição	Cidades	Em bilhões R\$	Posição	Cidades	% ano
1°	Campinas/SP	3,9	1°	Rio das Ostras/RJ	20
2°	Uberlândia/MG	3,5	2°	Parauapebas/PA	19
3°	Santos/SP	3,1	3°	Juazeiro do Norte/CE	14
4°	Parauapebas/PA	2,9	4°	Itapipoca/CE	13
5°	Sorocaba/SP	2,5	5°	Bragança/PA	13
6°	Ribeirão Preto/SP	2,4	6°	Linhares/ES	12
7°	Juiz de Fora/MG	2,1	7°	Arapiraca/AL	12
8°	Caxias do Sul/RS	2	8°	Abaetetuba/ PA	12
9°	Feira de Santana/BA	2	9°	Hortolândia/SP	12
10°	Anápolis/GO	1,9	10°	Altamira/PA	12
11°	Rio das Ostras/RJ	1,9	11°	Garanhuns/PE	12
12°	São José dos Campos/SP	1,9	12°	Parintins/AM	12
13°	Piracicaba/ SP	1,8	13°	Sertãozinho/SP	12
14°	Joinville/SC	1,8	14°	Codó/AM	12
15°	Jundiaí/SP	1,8	15°	Cametá/PA	11
16°	Londrina/PR	1,7	16°	Patos/PB	11
17°	Juazeiro do Norte/CE	1,6	17°	Caruaru/PE	11
18°	São José do Rio Preto/SP	1,6	18°	Corumbá/MS	11
19°	Bauru/SP	1,6	19°	Itaituba/PA	11
20°	Campos dos Goytacazes/ SP	1,6	20°	Parnaíba/PI	11

Fonte: Revista Exame, ed. 1022, v. 46, n. 16, 22 de agosto de 2012. Elaborada pelo autor.

David Harvey, em *A produção capitalista do espaço* (2005), dedica o capítulo sobre as transformações da governança urbana no capitalismo para analisar o papel das governanças locais. Segundo o autor, há coalizões formadas por três instâncias: poder estatal, organizações

⁴⁹ STEFANO, Fabiane; CRUZ, Patrick. O novo mapa do consumo. Disponível em: <http://www.pnbe.org.br/o-novo-mapa-do-consumo.html>.

da sociedade civil e de interesses privados, todos engajados em modelar a cidade ao empreendedorismo empresarial.

Tentei demonstrar, com essa incursão sobre a cidade de Arapiraca, a sua importância regional e, por isso, atrativa para os fluxos pendulares. Minha pesquisa refere-se ao pendulares entre as cidades de Maceió e Arapiraca, sendo assim, considerei fundamental pontuar algumas das transformações pelas quais passou a cidade agrestina nas últimas décadas.

2 A PROBLEMÁTICA URBANA

“O Fenômeno urbano manifesta hoje sua enormidade, desconcertante para a reflexão teórica, para a ação prática e mesmo para imaginação”, esse trecho, retirado de *O Direito à Cidade*, escrito pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre em 1968, parece ser uma fotografia de nosso presente, pois hoje, a problemática urbana impõe-se, indiscutivelmente, à escala mundial. Procurando superar a ortodoxia marxista de seu tempo, Lefebvre inclui no seu quadro de análise, o que era incomum na tradição marxista francesa àquela altura, o urbano e o cotidiano, na tentativa de explicar a re-produção das relações capitalistas. Segundo Lefebvre,

Acontece que o capitalismo conseguiu atenuar (sem as resolver) durante um século as suas contradições internas e, conseqüentemente, conseguiu realizar o crescimento durante esse século posterior ao *Capital*. Qual o preço disso? Não há números que o exprimam. Por que meios? Isso, sabemos-lo nós: *ocupando o espaço, produzindo um espaço* (LEFEBVRE, 1973, p. 21).

Um dos fatores preponderantes para a continuidade histórica do capitalismo passa por sua capacidade de criar espaços compatíveis com sua dinâmica: o espaço abstrato, estilhaçado e coercitivo, espaço de valores de troca e da riqueza abstrata. Penso nos deslocamentos pendulares como uma forma contemporânea de existência social num cenário de profunda fragmentação do espaço urbano (urbanização dispersa).

2.1 A URBANIZAÇÃO NO MUNDO: UM PROCESSO IRREVERSÍVEL

Como venho sublinhando ao longo da tese, há em curso um processo de urbanização intenso em todo o planeta, estreitamente vinculado ao atual estágio de desenvolvimento do capitalismo. Antes de oferecer alguns números sobre a urbanização no Brasil, quero apresentar alguns dados sobre a recente urbanização chinesa⁵⁰ com o objetivo caricatural de demonstrar o gigantismo desse processo por todo o mundo.

Em 2012⁵¹, a população urbana chinesa ultrapassou a população rural. Ao fim de 2011, segundo o Escritório Nacional de Estatística (ENE), a China tinha 690,79 milhões de pessoas nas cidades contra 656, 56 milhões de pessoas vivendo nas áreas rurais. Em 2012, portanto, a

⁵⁰ Para Peixoto (2015, p. 37) “[...] a escala da urbanização chinesa não tem precedentes em nenhum outro lugar e em nenhum outro momento da história. E não é só uma questão de números. É fundamentalmente, uma questão de transformação radical da cultura urbana”.

⁵¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/china-conta- agora-com-mais-populacao-urbana-que-rural-1.html>

população urbana chinesa já representava 51,27% da população total. Segundo informações de agência do governo chinês, esse número deve chegar a 800 milhões de pessoas nas áreas urbanas em 2020. De acordo com dados fornecidos pelo ENE, as zonas urbanas receberam nos últimos anos um acréscimo de 21 milhões de habitantes por ano; do outro lado, as zonas rurais, 14,5 milhões de habitantes ao ano. Conforme o Centro de Pesquisas sobre o Desenvolvimento da População na China, esse processo se deu em um período de duas décadas. Nesse espaço de tempo, a população urbana do país era de 26% em 1990 e passou a 36% em 2000. A estimativa do governo chinês é que, até o fim desta década, mais 100 milhões de chineses se desloquem para as áreas urbanas. A agência de consultoria McKinsey & Company estima que até 2025 a China terá 221 cidades com ao menos um milhão de habitantes, enquanto em 23 cidades se concentraram mais de cinco milhões de habitantes. O que leva o demógrafo chinês Li Jianmin a afirmar que “a urbanização é um processo irreversível”.

Em entrevista concedida ao *Le Monde Diplomatique*⁵², intitulada “David Harvey: “As capitais do capitalismo”, o sociólogo responde à pergunta: “o capitalismo depende cada vez mais da urbanização?” Segue a resposta:

Sim, e esse é um ponto importante, porque as atividades mais lucrativas e produtivas estão cada vez mais ligadas à urbanização. Parte desse sistema é pura ficção, porque é baseado no aumento de aluguéis, uma variante que é cada vez mais uma fonte de renda importante para a classe capitalista como um todo. Não dá para continuar por esse caminho. Acompanhei o desenvolvimento urbano no Brasil nos últimos trinta, quarenta anos. Estive em São Paulo nos anos 1970, e também em lugares como Recife e Salvador. Eles foram totalmente tomados por arranha-céus e shoppings centers.

Todos no Brasil gostam de pensar que o país é especial – mas o que o Brasil tem de especial? É só capitalismo. E, generalizando, é sempre o mesmo. É isso de carros, avenidas, shoppings e condomínios. Se considerarmos que todas essas mudanças aconteceram nos últimos trinta, quarenta anos, e pensarmos no que vai acontecer nos próximos trinta, quarenta anos, dá para pensar no mundo em que vamos viver. É inimaginável. O que estamos vendo na China hoje é o futuro.

Ao contrastar a urbanização chinesa com a europeia, Mike Davis (2006, p. 14) observa que “a China, que se urbaniza numa velocidade sem precedentes na história humana, somou mais moradores urbanos na década de 1980 do que a Europa inteira (incluindo a Rússia) em todo século XIX!”. Pode-se objetar que a afirmação do demógrafo chinês Li Jianmin, de que a “urbanização é um processo irreversível” e a de David Harvey, de que “o que estamos vendo na china é o futuro”, já estavam inscritas em proposições de autores do início do século XX. Contudo, é em nosso tempo histórico que o fenômeno urbano se precipita com todos os seus contornos em escala planetária e, vale sempre frisar, em convergência com o fenômeno da

⁵² Entrevista ao *Le Monde Diplomatique* Brasil. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/david-harvey-as-capitais-do-capitalismo>. Acesso em: 13 out. 2017.

globalização econômica e da reestruturação produtiva. Davis (2006) ainda acrescenta que a recente urbanização do Terceiro Mundo é sensivelmente mais célere e espantosa do que aquela que os países desenvolvidos experimentaram.

[...]a escala e a velocidade da urbanização do Terceiro Mundo amesquinham completamente a Europa vitoriana. Londres, em 1910, era sete vezes maior do que em 1800, mas Daca (Bangladesh), Kinshasa (Congo) e Lagos (Nigéria), hoje, são aproximadamente quarenta vezes maiores do que eram em 1950 (DAVIS, 2006, p. 14).

Esse processo rápido de urbanização não é uma exclusividade chinesa, apesar da extravagância de seus números serem, sem dúvida, idiossincráticos. Todo o mundo se urbaniza, e esse processo se dá de maneira intensa nos últimos 40 anos, ou seja, uma linha de tempo histórico extremamente curta. A velocidade e o tamanho desse movimento deixam marcas profundas no plano da existência individual e coletiva, além de confrontar as ciências em geral, e em especial as ciências sociais, com novos desafios teóricos e metodológicos.

A urbanização chinesa sem dúvidas chama a atenção. Por outro lado, a brasileira tem sido tão ou mais intensa,

Apesar de esta urbanização (chinesa) apresentar um volume impressionante, não se deve deixar de olhar a situação de maneira relativa, pois, em porcentagem da população, o total de crescimento dos núcleos urbanos não é excepcional – está mesmo aquém do que poderíamos esperar de uma economia com taxas de crescimento industrial e desigualdades regionais crescentes. Em 22 anos de reformas, entre 1980 e 2002, o percentual de moradores urbanos aumentou de 19,4 para 39%. O Brasil, depois do início da fase intensa de urbanização, a partir de 1940, passou de uma população urbana de 18,8% para 82% - tornando-se um dos países mais urbanizados do mundo. No período mais intenso, entre 1940 e 1970, os índices de urbanização brasileira passaram de 18,8% para 56,8% - mudança que, em termos percentuais, é mais rápida do que a observada na China (OURIQUES; ANDRADE, 2010, p. 28).

Na segunda metade do século XX, o Brasil foi cenário de um dos processos de urbanização mais significativos do mundo. O país passou de aproximadamente 19 milhões de habitantes vivendo em áreas urbanas para 138 milhões de pessoas em aglomerados urbanos, “multiplicando-se 7,3 vezes, com uma taxa média anual de crescimento de 4,1%, indicando que 2.378.291 habitantes eram acrescidos à população urbana a cada ano, em média” (SILVA, 2012, p. 13). Para resumir esse processo apenas em termos de indicadores, segundo o Censo Demográfico de 1940 (12,8 milhões) apenas 31,3% da população brasileira residia em áreas urbanas; hoje, estima-se 84% (160.879,708) da população contra 15,65% (29.852.986) em situação rural. A tabela abaixo apresenta a evolução da população urbana e rural brasileira, por regiões, de 1960 ao último Censo em 2010.

Tabela 8 - Distribuição da população por grandes regiões, Unidades da Federação

Regiões, UF e Situação do domicílio	Distribuição percentual da população nos Censos Demográficos (%)					
	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Urbana	45,1	56,0	67,7	75,5	81,2	84,4
Rural	54,9	44,0	32,3	24,5	18,8	15,6
Norte	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Urbana	35,5	42,6	50,2	57,8	69,8	73,5
Rural	64,5	57,4	49,8	42,2	30,2	26,5
Nordeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Urbana	34,2	41,8	50,7	60,6	69,0	73,1
Rural	65,8	58,2	49,3	39,4	31,0	26,9
Sudeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Urbana	57,4	72,8	82,8	88,8	90,5	92,9
Rural	42,6	27,2	17,2	12,0	9,5	7,1
Sul	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Urbana	37,6	44,6	62,7	74,1	80,9	84,9
Rural	62,4	55,4	37,3	25,9	19,1	15,1
Centro-Oeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Urbana	37,2	50,9	70,7	81,3	86,7	88,8
Rural	62,8	49,1	29,3	18,7	13,3	11,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Para uma visão mais recuada no tempo, a figura abaixo ilustra a urbanização brasileira desde 1940.

Figura 13 – Grau de urbanização

**Brasil, População Total e Urbana, Grau de Urbanização e Incremento
Médio Anual da População Urbana, 1940-1970**

Período	Total	Urbana	Grau de Urbanização	Incremento
1940	41.236.315	12.880.182	31,24	-
1950	51.944.397	18.782.891	36,16	590.271
1960	69.930.293	31.214.700	44,64	1.243.181
1970	93.139.037	52.084.984	55,92	2.087.028
1980	119.502.716	80.436.419	67,31	2.835.144
1991	146.825.475	110.990.990	75,59	2.777.688
2000	169.544.443	137.697.439	81,22	2.967.383
2010	190.755.799	160.925.792	84,36	2.322.835

Fonte: CEDEPLAR/UFMG – TD 464 (2012)

Esses números sobre a urbanização do Brasil ganham ainda mais relevo se compararmos com processos de urbanização no âmbito internacional. Na União Europeia, países como

Portugal apresentam taxas de urbanização de 61%, e países como a França, 85% de urbanização, para falarmos de dois representativos. Entre os países do BRICS - o Brasil é o que possui um número mais elevado de sua população em zonas urbanas⁵³.

Tabela 9 - População urbana como porcentagem da população total

PAÍS	1950 (%)	1960 (%)	1970 (%)	1980 (%)	1990 (%)	2000 (%)	2010 (%)	2020 (%)	2030 (%)
Brasil ⁵⁴	37	46	57	67	75	81	86	89	90
Rússia	45	54	62	70	73	73	73	75	78
Índia	17	18	20	23	26	28	30	35	41
China	13	16	17	20	27	36	45	53	60
África do Sul	43	47	48	48	49	57	64	70	74

Fonte: ONU (2013) Perspectivas da população mundial: Revisão de 2012.

Não irei analisar em pormenor as várias fases, propriedades e forças sociais profundas que caracterizam cada período da urbanização brasileira⁵⁵. Quero me concentrar, aqui, no período mais recente desse processo, aquele acionado no pós-guerra e portador de densas transformações na estrutura produtiva do modo de produção capitalista que, ilustrativamente, as represento na globalização econômica e na reestruturação produtiva. A partir da segunda metade do século XX, a mundialização econômica impõe um complexo processo de diferenciação/complementaridade espacial, ligada a redes horizontais e verticais extremamente

⁵³ É sempre importante destacar que “a urbanização é um conceito ambíguo já que países diferentes utilizam diversas definições de ‘urbano’. “De acordo com UNstats, os BRICS utilizam as seguintes definições administrativas: [BRASIL] ‘Zonas urbanas e suburbanas de centros administrativos de municípios e distritos;’ [RÚSSIA] ‘Cidades e tipos de localidades urbanas, designados oficialmente como tais, geralmente de acordo com o critério de número habitantes e a predominância da agricultura, ou número de trabalhadores não agrícolas e suas famílias’, [ÍNDIA] ‘Cidades (lugares com corporações municipais, comitês de áreas municipais, comitê da cidade, áreas de comitê notificados ou conselho de acantonamento); incluindo todos os lugares a partir de 5.000 habitantes, com densidade de nada menos que 1.000 pessoas por milha quadrada ou 4000 por quilometro quadrado, com características urbanas pronunciadas e pelo menos três quartos da população masculina adulta empregada em profissões não agrícolas;’ [CHINA] Cidades só se referem àquelas próprias das designadas pelo Conselho Estatal. No caso de cidades estabelecidas como distritos, a cidade em si refere-se à área administrativa inteira do distrito se a densidade populacional for a partir de 1.500 pessoas por quilômetro; ou a sede do governo distrital e de outras áreas de ruas sob a administração do distrito se a densidade populacional for menos de 1.500 pessoas por quilômetro. No caso de cidades sem estabelecimento distrital, se a construção urbana do distrito ou sede do governo municipal se estender a alguma parte de municípios ou municipalidades vizinhas, a cidade em si inclui a área administrativa do (s) município (s) ou municipalidade (s);’ e [ÁFRICA DO SUL]. ‘Lugares com alguma forma de autoridade local’”. MAHARAJH, Rasigan. Desigualdade urbana nos BRICS. In: **Os BRICS e seus desafios no combate à desigualdade**. OXFAM, Brasília/BR.

⁵⁴ Podemos observar uma pequena diferença entre esses números e os apresentados pelo IBGE, sempre com uma variação de 1 ponto percentual, o que entendo, não altera em nada a questão.

⁵⁵ A urbanização brasileira em suas mais diversas fases e em seus múltiplos aspectos são cuidadosamente estudados por vários autores brasileiros. Para maior aprofundamento. Ver: GONÇALVES, Maria Flora. As engrenagens da locomotiva: ensaio sobre a formação urbana paulista. Tese (Doutorado em Sociologia)- UNICAMP, 1998; BAENINGER, Rosana. O processo de urbanização no Brasil: características e tendências. In: BOGUS, Lúcia Maria M.; WANDERLEY, Luís Eduardo (org.). **A luta pela cidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1992.

diversificadas, o que altera o papel das cidades no tabuleiro econômico agora universalizado. Suas formas, funções e estrutura devem ser interpretadas e/ou explicadas em articulação com os fluxos e descontinuidades do mercado global, o que Gonçalves (1998) denomina um “impacto poderoso advindo de uma mudança significativa no padrão de acumulação”:

[...] o capital globalizado introduz sobre as cidades por ele alcançadas uma determinação inteiramente nova e alheia às relações históricas que soldavam o sistema urbano; e, ao fazer isto, rompe o campo de referência que se tinha da divisão social do trabalho – nacional e territorializado, delimitado e comandado a partir de dentro do território nacional – criando em seu lugar um sistema territorialmente indefinido, uma referência global desterritorializada (GONÇALVES, 1998, p. 23).

Se, por um lado, nasce desse processo uma perda de referências, pois as relações são comandadas e sujeitas a forças e movimentos cada vez mais apartados das *topias*, por outro, há uma valorização progressiva dos espaços locais.

2.2 GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA E REESTRUTURAÇÃO URBANA

A relação entre o global e o local no século XXI é um dos aspectos analíticos que impõe grandes desafios às ciências sociais e tem sido amplamente debatida pela geografia crítica, por exemplo. O geógrafo belga Erik Swyngedouw é um dos pioneiros na discussão sobre as escalas espaciais, o que penso ser, no âmbito da geografia crítica, uma versão do clássico debate sociológico entre holístico/particular, estrutura/ação. No atual quadro de diferenciação funcional, não basta nos atermos às forças externas (ordem distante), mas também e, com igual importância teórica, às forças internas (ordem próxima) na estruturação do espaço urbano contemporâneo.

O estudo das escalas espaciais permite a Swyngedouw imprimir uma consistente crítica à “globalização como uma ortodoxia discursiva ocidental”, ressaltando o desenvolvimento desigual no capitalismo, e as tensões sociais e socioespaciais resultantes do surgimento de novas e mais complexas mediações. Para o autor,

O discurso do internacionalismo neoliberal tornou-se, segundo a definição dos intelectuais franceses, um *Pensée Unique*, um conjunto de argumentos e crenças de caráter hegemônico e praticamente indiscutível e praticamente naturalizado e evidente. Este campo de visão hermético desafia críticas e dissidências de maneira que as visões ou vozes sejam marginalizadas e silenciadas, ou se afrontem a uma resistência incrível. Por sua vez, essa imaginação monolítica destrói o espectro político e torna difícil, se não quase impossível a articulação política de posições alternativas. *La Pensée Unique* tornou-se a regra hegemônica acadêmica e da receita política comum de uma elite internacional de economistas e analistas políticos. Isto se combina com uma elite cultural-econômica cosmopolita de gerentes de empresas, gerentes de fundos financeiros, consultoria de negócios, prestadores de serviços e

similares. A elite política nacional, que está tanto à esquerda quanto à direita do espectro político tradicional encontra nesses argumentos uma desculpa para explicar sua incapacidade de unir programas políticos a uma sociedade civil cada vez mais privada do direito de representação e com menos poder, já que as vozes dissidentes e os projetos políticos alternativos não têm voz nas arenas políticas tradicionais (SWYNGEDOUW, 2018, p. 75).

Swyngedouw destaca a globalização como uma “estratégia política” que visa suprimir ou embotar “uma luta socioespacial intensa e constante na qual a área chave é a reconfiguração da escala espacial, ou as arenas ao redor das quais são erguidas e realizadas as coreografias socioespaciais do poder” (SWYNGEDOUW, 2018, p. 71-72). O fenômeno da globalização, marcadamente atravessado, pela transnacionalização da empresa capitalista parece se dar nesses moldes de forma a-geográfica, ou a-espacial. O autor chama a atenção para duas ordens de problemas que estão interligadas: 1) as tensões entre o reescalonamento rizomático de redes e fluxos econômicos, e 2) o reescalonamento territorial das escalas de governança. Em síntese, quero apontar para a concomitância entre uma economia em redes progressivamente mais localizada e regional e cada vez mais transnacionalizada. A urbanização não só brasileira, mas em geral, preserva em comum no século XXI essa complexa relação entre níveis e dimensões mais fluidos entre as diversas instâncias de mediação, internacional, nacional, regional e local. Essa imbricação exige do pesquisador que supere determinismos de qualquer natureza, bem como se afaste de explicações mecânicas, pois os processos sociais e espaciais se materializam de maneiras distintas de acordo com arranjos multifatoriais entre o local e o global.

Em sintonia com Swyngedouw, o sociólogo urbano Mark Gottdiener (1997) alerta que a investigação crítica deve operar uma disjunção teórica com as categorias naturalizadoras da sociedade burguesa, pois estas, reduzem todos os aspectos da sociabilidade humana a questão econômica. A ênfase em uma ideologia do crescimento norteou e norteia as iniciativas políticas e sociais em torno das cidades, o que conduz a um certo darwinismo geográfico, que, ainda segundo Gottdiener “não só traz consigo custos e benefícios, mas também a expropriação privada da riqueza distribui de modo desigual os lucros do desenvolvimento, embora deixando o ônus dos custos para o poder público” (GOTTDIENER, 1997, p. 268). Nessa mesma linha de pensamento Santos (2006) sugere a metáfora da “guerra dos lugares” para analisar a luta entre as localidades por atração de investimentos, uma guerra fiscal, com consequências danosas a médio e longo prazo para as cidades e regiões.

Numa situação em que as virtualidades de cada localização estão sempre mudando, instala-se o que bem se pode denominar de guerra dos lugares. Estes não apenas devem utilizar suas presentes vantagens comparativas, como criar novas, para atrair atividades promissoras de emprego e de riqueza. Na batalha para permanecer atrativos, os lugares se utilizam de recursos materiais (como as estruturas e equipamentos), imateriais (como os serviços). E cada lugar busca realçar suas virtudes

por meio dos seus símbolos herdados ou recentemente elaborados, de modo a utilizar a imagem do lugar como imã (SANTOS, 2006, p. 181).

A ideologia do crescimento me remete ao atual movimento de alargamento do tecido urbano que rebate na importância das cidades médias, pois as deseconomias geradas nos grandes aglomerados urbanos, representantes da ideologia do crescimento, são um dos fatores que levam à atual desconcentração das atividades econômicas e desconcentração populacional.

2.3 CIDADES MÉDIAS NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO URBANA

Como corolário, portanto, da mundialização econômica, reestruturação produtiva e neoliberalismo, temos, hoje, uma transformação das formas espaciais urbanas. Segundo Baeninger,

A emergência do processo reestruturação produtiva em âmbito internacional, neste final de século, tem contribuído, em nível nacional, regional e local, para a configuração de espaços urbanos selecionados. Tais espaços têm apresentado transformações significativas em termos econômicos, políticos e sociais em um esforço de inserção nessa dinâmica global. Modificaram-se as formas e os processos urbanos até então vigentes nas cidades; intensificou-se a velocidade das transformações tecnológicas; as cidades pequenas e de porte médio passaram a constituir uma importante fatia do dinamismo regional; mudaram a direção e o sentido dos fluxos migratórios (BAENINGER, 1999b, p. 729).

Dois aspectos da citação acima são centrais. Além de sublinhar o papel do desenvolvimento tecnológico e a desterritorialização econômica, a autora chama a atenção para dois outros processos, estes diretamente ligados às transformações na forma do espaço urbano no Brasil: a emergência das cidades médias⁵⁶ e as mutações nos movimentos populacionais. A partir da década de 1980, no Brasil, começamos a assistir a um processo de desconcentração tanto econômica como populacional, uma redistribuição espacial de ambas pelo território nacional. Nesse cenário de espraiamento das atividades econômicas, crescem em importância as cidades de porte médio no contexto urbano-regional.

A partir da década de 1980, presenciamos um processo de desconcentração econômica que sai das grandes aglomerações urbanas e dilui-se por um número cada vez maior de cidades de porte médio. Essa desconcentração não é apenas econômica, é também populacional, o que

⁵⁶ Quero destacar os esforços empreendidos pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (RECIME) liderado pela professora Maria Encarnação B. Sposito e da Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias (REDBCM) iniciativa multidisciplinar que reúne pesquisadores, como Carlos Antônio Brandão e Marcos Costa Lima, além de outros pesquisadores dedicados a apreender as novas complexidades do desenvolvimento urbano-regional no Brasil.

amarra a relação estreita entre urbanização, dinâmica populacional e estruturação do espaço urbano no Brasil. De acordo com Gomes

As cidades médias são “ganhadoras”, nesse processo de desconcentração industrial e da reestruturação produtiva. Podem ser consideradas como lugares de “possibilidades”, já que elas continuam sendo atrativas tanto para população como para empresas. Nesse sentido, essas cidades médias tendem a ser “novas áreas de localização industrial” e de investimentos nacionais e estrangeiros fora do espaço metropolitano (GOMES, 2007, p. 8).

O debate sobre as cidades médias⁵⁷ reaparece com maior vigor no contexto da reestruturação produtiva e várias são as formas de expressá-la: “cidade de porte médio”, “cidade de média dimensão”, “cidade intermédia/intermediária”, “centros regionais e sub-regionais”. As várias terminologias indicam o vasto estudo sobre esse fenômeno na atualidade. Dantas (2014) observa que a variável demográfica (população urbana) tem se tornado uma importante *proxy* do tamanho do mercado local, assim como um indicador para o nível de infraestrutura existente e grau de concentração de atividades.

O debate sobre as cidades médias ingressa em minha pesquisa na medida em que o município de Arapiraca figura como cidade de porte médio desde do início dos anos 1980, quando passa a ser beneficiada pelo Programa Cidades de Porte Médio do Governo Federal, e desde de então sua posição de destaque como centro regional de desenvolvimento só vem se reafirmando.

Em novembro de 2017, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) lançou o I Fórum BNB de Cidades Médias G20 + 20, com o objetivo de articular políticas de desenvolvimento para as 40 cidades de porte médio do Nordeste brasileiro. Segundo o economista-chefe do BNB, as cidades entre 100 e 500 mil habitantes da região concentram 20,9% da população nordestina e 33,6% do PIB da região. A ênfase do BNB é criar entre essas cidades uma ambiência favorável para parcerias entre iniciativa privada e interesses locais na construção de infraestrutura urbana para o desenvolvimento de atividades empresarias⁵⁸.

⁵⁷ O IBGE considera cidades de porte médio aquelas entre 100 mil e 500 mil habitantes, essas cidades eram em número de 83 em 1970, chegando a 193 cidades em 2000. Em termos de evolução, segundo a mesma fundação, em 1970 essas cidades concentravam 14.606.904 habitantes, alcançando, no ano de 2000, 39.541.616 habitantes, correspondendo a um incremento populacional de 170,7%. Vale ressaltar a prevalência do dinamismo populacional encontrado nas cidades médias e o seu papel singular no processo de desconcentração populacional brasileiro, visto que produzem um maior equilíbrio interurbano a partir da redução do fluxo migratório em direção às metrópoles. Ver: SOUZA, Júlio César Oliveira. Reestruturação urbana e interações espaciais em cidades médias: o exemplo de Arapiraca, Alagoas. **Revista Geografia em Questão**, n. 2, v. 1, 2009, p. 107-117.

⁵⁸ Uma pesquisa elaborada pela consultoria Boston Consulting Group (BCG) e veiculada na Revista Exame sob o título “A riqueza brota das cidades médias no interior do Brasil” estima que, até 2020, as classes A e B deverão ganhar 11 milhões de pessoas e metade delas estará fora dos grandes aglomerados urbanos. Nesta matéria, além das médias cidades do Sul e do Sudeste, o BCG inclui a emergência de duas outras, as “menos badaladas Araguaína no Tocantins e Arapiraca em Alagoas e São Mateus no Espírito Santo”. A pesquisa se concentra em

A interiorização do “desenvolvimento” insere no moinho econômico um conjunto de regiões e cidades nas redes urbanas de maneira desigual, não raramente, aprofundando as assimetrias regionais. Lojkine entende o comportamento das grandes firmas “como uma ‘privatização’ da infraestrutura econômica, destituída dos efeitos multiplicadores para a região local, com a exceção do emprego” (LOJKINE, 1977, p. 145 *apud* GOTTDIENER, 1997, p. 215).

Temos, com isso, um aumento da complexidade da divisão territorial do trabalho, ao mesmo tempo que o movimento dialético de desconcentração produtiva e a centralização do capital implicam maior dinamismo dos fluxos materiais e imateriais no território, resultando em reestruturação urbana e na reorganização funcional das cidades. Com base nos trabalhos dos economistas Marco Crocco e Clélio Diniz, o geógrafo Edilson Pereira Júnior (2013) ressalta o envolvimento de quatro fenômenos na base da desconcentração produtiva no Brasil:

- 1) A desindustrialização de grandes metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo;
- 2) O incremento de uma infraestrutura econômica e a disseminação de objetos técnicos ao longo do território acompanhada da fluidez espacial que permitem a localização de atividades econômicas em novas regiões e lugares, especialmente as cidades intermediárias (porte médio);
- 3) Participação do Estado em seus mais diversos níveis com a promoção de uma ideologia empresarial de incentivos fiscais e desregulamentações;
- 4) a expansão da agricultura e da mineração pelo território, o que, segundo o autor, induziu a diversificação da indústria e serviços em regiões do Norte, Centro-Oeste e Nordeste brasileiros⁵⁹.

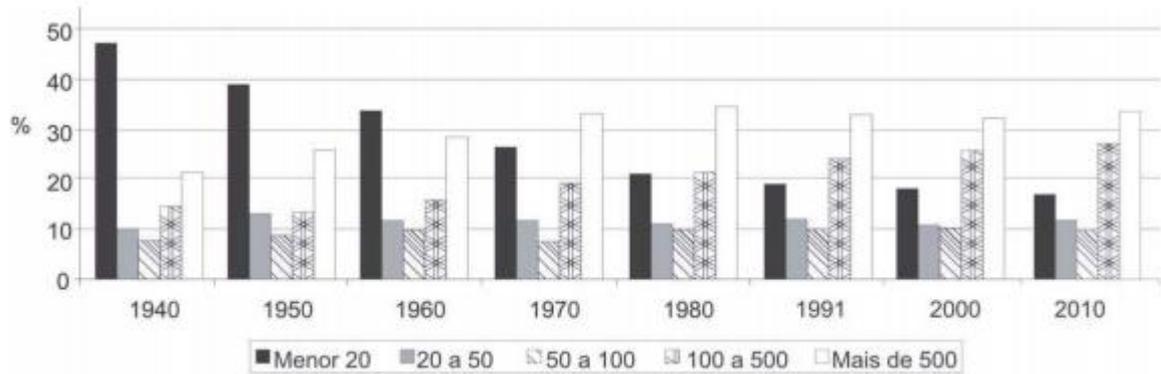
Esses novos aglomerados urbanos não apenas admitem as novas funcionalidades econômicas do mundo globalizado como também demográficas. A desconcentração

tendência de aumento do consumo e níveis de renda, ou seja, um tipo de expansão urbana seletiva e excludente. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/a-riqueza-que-brota-no-interior/>. Acesso em: 20 out. 2016.

⁵⁹ Arapiraca vive a expectativa do projeto Serrote da Laje, liderado pela mineradora Vale Verde (MVV), braço da mineradora Vale do Rio Doce, recentemente vendida para a investidora britânica Appian Capital Advisory (LLP). A mineradora irá explorar uma área de 2.500 hectares entre os municípios de Craíbas e Arapiraca. Segundo estimativas da mineradora, a área contém duas jazidas com mais de 160 milhões de toneladas de cobre e ferro. Conforme o estudo da MVV, 2/3 dessa riqueza estão na área pertencente a Craíbas e 1/3, em terras arapiraquenses. Apenas durante a fase de implementação do projeto, estima-se mais de 2.000 empregos diretos. Quero destacar que a exploração de novos recursos naturais também figura como elemento importante na desconcentração das atividades econômicas. Disponível em: https://al1.com.br/colunistas/wadson-regis/13053/Portal_AL1. Acesso em: 20 maio 2018.

populacional acompanha a desconcentração produtiva na direção das cidades de porte médio. O gráfico abaixo ilustra esse crescimento.

Figura 14 - Distribuição da população urbana segundo classe de tamanho (1940-2010)



Fonte: Stamm *et al.* 2013, p. 256.

A figura acima permite visualizar a dispersão populacional no território brasileiro. Entre 1940 e 2010⁶⁰, o país assistiu ao nascimento de 3.991 municípios, passando de 1.574 para 5.565 nesse período. As cidades com população urbana abaixo de 20 mil habitantes saíram de 857 para 4.471. No entanto, nesse caso, apesar de um aumento de 421%, esses municípios diminuíram sua participação na retenção populacional. Em 1940, abrigavam 50% da população urbana brasileira; já em 2010, esse número caiu para apenas 17%. O mesmo ocorreu com a faixa entre 20 mil e 50 mil habitantes: de 10% da população urbana, em 1940, e por volta de 12%, em 2010, uma ligeira oscilação que não denota destaque. O extrato entre 50 mil e 100 mil da mesma maneira apresenta um discreto crescimento. Por isso, pouco representativo, passando de 97 localidades, em 1940, para 226, em 2010. Apesar disso, seu percentual de participação na população urbana do país não deu grandes saltos, passando de 8% para aproximadamente 10% entre 1940 e 2010. Já os municípios definidos como cidades médias⁶¹ apresentaram significativo aumento em sua participação no conjunto da população urbana no Brasil. Essa faixa representava, em 1940, 15% da população em áreas urbanas e 27% dessa fatia em 2010.

⁶⁰ Dados extraídos de Stamm *et al.* A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. **Revista Interações**, v. 14, n. 2, p. 251-265, Campo Grande: 2013.

⁶¹ Utilizamos, aqui, a definição do IBGE que aplica o critério populacional de 100 a 500 mil habitantes. Por outro lado, vários teóricos denunciam que essa avaliação a partir da dimensão demográfica é insuficiente. É o caso de Sposito (2006), que estabelece uma diferença entre cidade média e cidade de porte médio. O que é relevante para a autora é a condição de uma cidade numa determinada rede urbana, ou seja, seu contexto socioespacial, enquanto centro regional e intermediador de múltiplos fluxos, a depender de suas funções e seu papel. Ver: SPOSITO (2006). Outra leitura indispensável sobre esse tema é de Corrêa (2007). Para o autor, deve-se considerar nessa classificação uma multiplicidade de elementos, tais quais: 1) tamanho demográfico; 2) funções urbanas; 3) organização do espaço intraurbano; 4) participação de uma elite empreendedora; 5) infraestrutura de transportes e condições de mobilidade.

A partir de 1980, o grupo de cidades com população superior a 500 mil habitantes em áreas urbanas manteve-se estável na casa dos 33% a 34%. Stamm *et al* (2013) chama a atenção para duas tendências importantes: a primeira diz respeito à “evolução das cidades de porte médio no entorno ou com influência das metrópoles”, e a segunda ao “crescimento e desenvolvimento de cidades interioranas de porte médio em áreas não metropolitanas”⁶².

As redes urbanas, o crescimento das cidades médias, a nova divisão territorial do trabalho e o circuito secundário relacionam-se aos deslocamentos pendulares em Arapiraca. Pretendi, até este ponto da problematização, apresentar panoramicamente os efeitos da globalização econômica e reestruturação produtiva sobre a urbanização nas últimas décadas e a urbanização extensiva como seu resultado material na forma espacial urbana. Essa apresentação foi estimulada por observações no campo de pesquisa, onde eu pude identificar a presença desses movimentos em *lócus*.

A atual matriz econômica está na raiz da reestruturação urbana que assistimos, ela patrocina um tipo de urbanização seletiva que fratura a realidade local e o sentimento de pertencimento comunitário, ampliando a segregação, marginalização e confinamento urbanos. Em consequência desse distanciamento espacial, aumenta também o distanciamento político.

Os vizinhos se tornam cada vez mais estranhos devido à falta de experiências comuns, apesar da aparência superficial de civilidade entre eles, à medida que a rede pessoal de transportes substitui a comunidade localizada do passado com suas relações sociais outrora densas. As novas áreas de comunhão são enclausuradas dentro de mundos sociais engendrados pela lógica do consumo – os *shopping centers*, bares de solteiros, parques de diversões e quintais suburbanos (GOTTDIENER, 1997, p. 272).

A radicalidade do individualismo contemporâneo tem um componente espacial importante: as incessantes separações operadas pelo atual padrão de desenvolvimento e a organização socioespacial, pois ambas precisam ser consideradas na explicação também desse fenômeno. Quero apontar para a relação entre desconcentração produtiva e populacional com a fragmentação do espaço urbano.

O progresso técnico permitiu ao capitalismo, em seu atual estágio, uma grande capacidade de integração e coordenação das atividades econômicas em regiões cada vez mais afastadas. Com isso, não há limites espaciais que constringam esse movimento expansionista. Nesse cenário, as escalas nacional, regional e local estão cada vez mais ligadas e submetidas a dinâmicas internacionais numa complexa divisão internacional do trabalho. De acordo com Sola Morales:

⁶² Esse é o caso da cidade agrestina de Arapiraca.

Fenómenos de desterritorialización combinados con potentes sistemas de flujos forman una estructura espacial inédita en las formas urbanas anteriores. La metrópoli se extiende en galaxias difusas que habrá que considerar en función del tipo de relaciones que queremos detectar. No hay centro sino multiplicidad de centros. No hay zonificación de funciones sino, a menudo, una alta especialización funcional combinada con una permanente mixtura de actividades. Los espacios de conexión, vías, transporte, puntos de intercambio e intercambio telemático son, en cierto sentido, los verdaderos soportes de la identidad metropolitana (MORALES, 2002, p. 71 apud VESCINA, 2010, p. 26).

Percebe-se, assim, que a conversão do mundo num amplo mercado impacta de maneira decisiva a configuração espacial. A célere urbanização que a contemporaneidade é palco é sintomática da necessidade desse modelo em submeter o espaço ao processo de valorização. Com a mundialização do capital, os lugares se conectam ao imenso mercado global de trocas e fluxos econômicos, encurtando distâncias e superando barreiras espaciais até então impensáveis. Sob esse aspecto, o mundo “encolheu”, no entanto, esse processo não se dá sem contradições importantes.

A racionalidade econômica, matriz ideológica dessa expansão, exige um tipo de organização política e social que permita o livre trânsito das forças de mercado, geralmente desprezando as imensas diferenças existentes entre os homens e as diversas formas de organização social, o que leva ao aprofundamento das desigualdades sociais entre os povos perdedores no jogo econômico. Assim, a sociedade humana se reduz ao indivíduo representativo da economia neoclássica, e pessoas e lugares são incluídos no espectro da alocação ótima de recursos escassos para obtenção máxima; a retórica econômica parece fundir desenvolvimento econômico com desenvolvimento social.

Umbilicalmente ligada à globalização econômica, a reestruturação produtiva inaugura um outro modelo de organização da produção. Com a crise do modelo produtivo pautado no binômio fordismo/taylorismo, uma série de tentativas com o objetivo de resgatar o padrão de acumulação anterior é posta em movimento, merecendo destaque, àquela altura, a experiência sueca e a Terceira Itália. A velha estrutura industrial fordista, baseada na produção em série e nos grandes estoques, cede espaço para uma ramificada rede industrial de pequenas e numerosas ilhas produtivas. As construções liofilizadas subsidiaram um processo de horizontalização/externalização das atividades produtivas que redimensionaram a forma de produzir no capitalismo. Com o ohnoísmo, temos a forma “acabada” desse modelo, nasce a era das formas de acumulação flexibilizadas.

O desenvolvimento técnico-científico foi fundamental para a realização desse projeto. Ele permite a centralização de operações em rizoma e cria as condições para uma nova relação entre trabalhadores e capital e capital e consumidor. Vale sempre ressaltar que, da mesma forma

que o fordismo não transformou apenas o mundo industrial, mas toda a estrutura social, na mesma direção, o toyotismo redesenha o conjunto da organização social. Em sua dimensão econômica, a reestruturação produtiva criou instrumentos para aumentar a produção e diminuir custos. O modelo japonês se caracteriza pela diminuição dos estoques, produção diversificada, estreitamento entre a produção e o consumo, em parceria com um sistema de automação presidido pela filosofia *Just in time*, desidratando a planta industrial e dinamizando as ações estratégicas. Isso, no plano econômico, contudo, a reestruturação tem um alcance bem maior.

Em sua dimensão social e política, o Estado intervencionista de caráter keynesiano, garantidor do pleno emprego e mantenedor da inflação, sai de cena em nome do neoliberalismo. O Estado neoliberal gradativamente se desocupa dos grandes projetos nacionais e de setores estratégicos do desenvolvimento nacional, como também, ou em consequência disso, desmonta progressivamente a rede de proteção e de segurança social do *Welfare State*. O cidadão é substituído pelo consumidor e os coletivos, pelo indivíduo privado. Como aponta Filgueiras (1997), com o neoliberalismo o Estado se restringe a guardião do livre mercado, exclusivizando suas ações à defesa da moeda, assegurando a estabilidade dos preços e garantindo o cumprimento dos contratos e da “livre concorrência”. No mesmo sentido Harvey (1992) considera que na acumulação flexível uma das principais funções do Estado é “... criar um ‘bom clima de negócios’, para atrair o capital financeiro transnacional e global e conter (por meios distintos os controles de câmbio) a fuga de capital para pastagens mais verdes e lucrativas” (HARVEY, 1992, p. 160).

Para se obter “vantagens comparativas”, mais uma terminologia da ideologia econômica, os Estados devem derrubar todos os obstáculos à “liberdade” econômica. Isso significa desregulamentações de todas as ordens: no plano internacional, a retirada dos empecilhos fiscais e tributários, barreiras comerciais e tudo que constanja a livre circulação de capitais e mercadorias; e no plano nacional, a flexibilização do mercado de trabalho.

O toyotismo cria o consumo personalizado, a marca da individualidade e exclusividade, o que fortalece a ideia do indivíduo particular. Este ocupa lugar central no conjunto dessas transformações, o que resulta numa intensa fragmentação social. Essa fragmentação é reforçada pelos processos de externalização das atividades produtivas, pois os grandes complexos industriais fordistas abrigavam centenas de trabalhadores. Com a reestruturação produtiva, um conjunto de empresas menores orbitam entorno da empresa satélite. As terceirizações, e hoje quarteirizações, criam novas divisões funcionais e categorias profissionais, todos eles separados espacial e socialmente. Um número cada vez mais diversificado de vínculos contratuais, de

profissionais liberais ao “Eu sozinho S.A.” radicalizam o abismo entre os grupos sociais, impedindo no âmbito do trabalho as representações coletivas e também a capacidade de catalisar anseios mais gerais.

Quero evidenciar que a convergência desses três fenômenos estruturais – a globalização, a reestruturação produtiva e o neoliberalismo – inextrincavelmente estão presentes na abordagem do fenômeno urbano, pois o seu alcance não se circunscreve à dimensão da produção material no sentido econômico, mas atravessa todos os níveis e dimensões da vida humana.

Como observa Gottdiener (1997), se a forma produtiva fenomenal do capitalismo industrial era a fábrica, e sua forma espacial fenomenal era a cidade, hoje a forma fenomenal do capitalismo é a corporação multinacional, e sua forma espacial é a poli nucleação do espaço desconcentrado. Isso significa que há uma dialética entre processos sociais e formas espaciais. Dessa forma, o fenômeno urbano tem uma importante ligação com os estágios de desenvolvimento do capitalismo.

Com isso, não vivenciamos, hoje, apenas os resultados de uma reestruturação produtiva, mas também assistimos a uma reestruturação do espaço urbano. Muitos autores apontam para passagem de uma forma urbana confinada para uma desconcentrada (SILVA, 2012; BAENINGER, 1999, 2010; VILLAÇA, 2001; OJIMA, LIMONAD, 2007; MARANDOLA JR, 2006, 2010; SALATA, 2017; REIS, 2006).

Os movimentos de concentração e desconcentração da empresa capitalista encontram seu correspondente socioespacial em uma urbanização dispersa e fragmentada ainda que fortemente hierarquizada. Observa-se, assim, uma maior complexidade funcional articulada a uma rede mais diversificada de núcleos urbanos, o que não pode ser compreendido a partir do modelo convencional de cidade compacta. Se de um lado temos uma superfluidade do trabalho, ocorre o mesmo com a cidade; “a vida urbana tornou-se portátil e, desse modo, ocorreu o mesmo com a ‘cidade’” (GOTTDIENER, 1993, p. 14). O espaço urbano parece ter se transformado similarmente ao consumo, outrora de massa, agora personalizado. A cidade explode, no sentido lefebvriano (2008), ou seja, o espaço urbano é compartimentado, estilhaçado e mercadorizado, o que o autor denomina urbanização *desurbanizadora e desurbanizante*. A centralidade e a simultaneidade, que são características da realidade urbana, desaparecem numa realidade urbana fraturada.

Nesse movimento, a realidade urbana, ao mesmo tempo amplificada e estilhaçada, perde os traços que a época anterior lhe atribuía: totalidade orgânica, sentido de

pertencer, imagem enaltecida, espaço demarcado e dominado pelos esplendores monumentais [...]. Nenhum desses termos descritivos dá conta completamente do processo histórico: a implosão-explosão (metáfora emprestada da física nuclear), ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites, etc.) (LEFEBVRE, 2008, p. 24).

Temos, hodiernamente, o que Lefebvre já observava em 1970, e com a novidade de não mais se restringir aos grandes centros metropolitanos. Assim, parece consenso entre muitos autores que experiencemos uma urbanização dispersa, “estendida”, um “espraçamento”, “crescimento nas franjas metropolitanas”, “metrópole invertida”, “urbanização periférica”. Há inúmeras formas semânticas para expressar o processo. O que interessa, aqui, é que existe uma transformação significativa na forma urbana e esta deve ser explicada em consonância com processos estruturais, como a globalização neoliberal e a hegemonia do capital financeiro, pois, nesse ponto da história, se o mundo experimenta uma profunda precarização das relações de trabalho, essa mesma precarização aparece na estruturação dos espaços urbanos.

Na contemporaneidade, a problemática espacial é retomada com vigor pelas ciências sociais, e isso não por diletantismo intelectual, mas por uma exigência histórico-concreta. A consolidação do mercado mundial e o progresso técnico-científico miniaturalizaram o globo, volatilizando as barreiras naturais e inaugurando um movimento de socioespacialização intenso. Aspectos econômicos, culturais e políticos ocupam um lugar importante no debate. No entanto, a dimensão espacial (dispersão urbana) também.

Diferente das formas sociais pré-modernas, é traço constituinte dessa forma social a ininterrupta transformação de todas as condições sociais como base de sua própria constituição e permanência. Temos, assim, que a continuidade do modelo de sociabilidade vigente passa necessariamente pela permanente transformação de suas bases, uma reestruturação incansável do conjunto das relações sociais, no plano material, cultural, político e *espacial* (realidade urbana).

Um dos traços marcantes da reorganização material do capitalismo sobre o espaço é a urbanização dispersa. A complexidade presente é expressa nos inúmeros conceitos criados em sua interpretação por estudiosos de todo o mundo.

Quadro 10 - Morfologias urbanas; termos, conceitos, noções e expressões representativos do debate

TERMOS/EXPRESSÕES	AUTORES	IDIOMAS
Agglomération	Meuriot (1987), Beaujeau-Garnier (1980)	Francês
Conurbation	Geddes (1994 [1915])	Inglês
Conurbación	Soja (2008 [2000])	Espanhol
Megalópoles	Gottmann (1961)	Inglês
Metápolis	Ascher (1995, 2009)	Francês
Cidade dispersa	Sposito (2009, 2011)	Português
Ciudad dispersa	Monclús (1998, 1999)	Espanhol
Cities of dispersal	Segal e Verbakel (2008)	Inglês
Città diffusa	Indovina (1997)	Italiano
Ciutat difusa	Indovina (1998)	Catalão
Ciudad difusa, difusión reticular de la ciudad	Dematteis (1998)	Espanhol
Dispersão urbana, urbanização dispersa	Reis (2006, 2007)	Português
Urbanisations dispersées	Barattucci (2006 [2004])	Francês
Urbanització difusa	Domingues (1998)	Catalão
Urbanização difusa	Gama (1992), Domingues (2006) Sposito (2009,2011)	Português
Extended urbanization	Monté-Mór (2004)	Inglês
Urbanização extensiva	Monte-Mór (2007)	Português
Urban sprawl, posturban regions	Fishman (1994)	Inglês
Posturbanisation	Ferrier (2001)	Francês
Postmetrópolis, postsuburbia, exópolis, Exurbanización	Soja (2008 [2000])	Espanhol
Região metropolitana polinucleada, cidade Exurbana	Gottdiener (1997 [1985])	Português
Edge city	Garreau (1991)	Inglês
Arranjo urbano-regional	Moura (2009)	Português
Cidade-região global	Scott <i>et al</i> (2001)	Português
Ciudad-región global	Soja (2006)	Espanhol
Global city	Sassen (2001 [1991])	Inglês
Polycentric urban region	Kloosterman e Musterd (2001)	Inglês
Counter-urbanization	Berry (1976)	Inglês
Sociedade urbana	Lefebvre (1999 [1970])	Português
Urban Age, endless city	Burdett e Sudjic (1007.2011)	Inglês
Urbanization of the world, globalization of the urban	Soja e Kanai (2007)	Inglês

Fonte: Catalão (2013, p. 29).

A articulação entre a organização social geral, com a produção e a reprodução do espaço urbano é indispensável caso se queira explicar as transformações na forma urbana. Ou seja, o mais “importante, a tarefa que temos à nossa frente exige que se examine como as transformações capitalistas tardias afetaram o espaço e, por sua vez, como os novos espaços se articulam com o capitalismo” (GOTTDIENER, 1997, p. 209).

Para Catalão (2013), a urbanização dispersa é uma faceta da difusão da urbanização pelo planeta, o que significa um alargamento da realidade urbana ao longo do território, de forma que, representa para as cidades, numa quebra dos fechamentos que historicamente as caracterizaram, ou seja, a criação de formas espaciais urbanas diluídas no mesmo território, alargando por fragmentos o tecido urbano.

A urbanização dispersa contribui para a expansão do modo de vida urbano para além das centralidades tradicionais da cidade, disseminando a vida urbana por todo o território, é nesse sentido que Catalão afirma que “o urbano não está confinado ao urbano” (CATALÃO, 2013, p. 31). Essa afirmação é para minha tese central, pois, mas do que definir o que é cidade, ou espacialidade urbana, sobre o ponto de vista geográfico, o que pretendo é apreender o modo de vida urbano em tempos de dispersão urbana através dos movimentos pendulares para trabalho.

A dispersão possibilita a extensão desse modo de vida para além das fronteiras tradicionais da cidade, o que acredito patrocinar uma mobilidade espacial mais e mais regionalizada, impactando nos espaços cotidianos da existência urbana. Segundo Catalão (2013) há três elementos que caracterizam a urbanização dispersa: a) um crescimento territorial acentuado; b) uma diminuição progressiva das densidades no sentido centro-periferia marcada, contudo, por alternância de áreas de alta e baixa densidades; e c) uma perda da continuidade territorial urbana.

Nesse sentido, o território da cidade – entendido em suas dimensões jurídico-política, infra estrutural e da apropriação subjetiva – passa a não mais apresentar coincidência perfeita entre o que poderia ser visualmente identificado como cidade, ou seja, a partir da continuidade do ambiente construído, e aquilo que se realiza como tal de forma efetiva, isto é, as funções urbanas e as práticas espaciais dos habitantes (CATALÃO, 2013, p. 34).

O que parece, desta forma, é que há uma dissolução da unidade morfológica da cidade com implicações não apenas espaciais, mas, também e, especialmente, sociais. Nesse mesmo sentido,

O conceito de cidade corresponde ao uso de uma terminologia superada. A palavra ‘cidade’ já não dá conta das formas de relações observadas. Em princípio, a dispersão urbana ocorre fora dos limites de um núcleo existente, de maior porte. Ocorre em áreas

entre diferentes polos de uma aglomeração urbana, de modo periférico ao núcleo isolado, sempre a distância considerável do tecido já existente. (REIS, 2015, p. 96).

Reis (2015) ressalta que em todo o mundo existe hoje uma procura por uma nova terminologia no sentido de requalificar o conceito de cidade, no entanto, para ele, e compartilho dessa opção, o mais importante é encontrar um conceito mais amplo, “que possa se referir ao conjunto das cidades, aglomeradas ou não, como um sistema, tanto quanto à mudança, como parte de um processo. No caso, a busca de um verbo, não de um substantivo” (REIS, 2015, p. 95). Tanto para Catalão como para Reis é fundamental a utilização do conceito de urbanização enquanto um processo social, pois enquanto processo social permite analisar a dinâmica das transformações que presenciamos, ou seja, a difusão do urbano pelo mundo e a urbanização dispersa como sua expressão concreta. Para o autor essa escolha se justifica pois,

[...]em primeiro lugar, porque a população de muitos países e muitas regiões já é quase totalmente urbana. Vivemos em um mundo urbano. A palavra cidade foi sempre utilizada para caracterizar formas de aglomerações, em regiões nas quais a maioria absoluta da população vivia nos campos. A urbes era definida por oposição ao campo, referindo-se a uma exceção, em relação à grande maioria. Hoje, o urbano é a regra e não a exceção. Em segundo lugar, constatamos que as formas de vida urbana já são outras. O ‘urbano’ já não é o mesmo (REIS, 2015, p. 96).

A dispersão urbana está associada, como afirmei, em outros momentos desta tese, ao atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, ou seja, ao processo de desconcentração produtiva e a ascensão de setores como comércio e serviços, além da participação ativa do mercado do solo urbano. Reis (2006;2015) na mesma direção de autores como Harvey, Lefebvre e Gottdiener, sublinha o papel ativo do mercado imobiliário na fragmentação espacial urbana. Para Lefebvre,

Mais exatamente, esse circuito do imobiliário foi, durante muito tempo, um setor subordinado, subsidiário; pouco a pouco se tornou um setor paralelo, destinado à inserção no circuito normal da produção-consumo. Embora ele seja normalmente um setor compensatório, pode até tornar-se um setor principal se o circuito normal “produção-consumo” arrefecer, se houver recessão. Então, os capitais encontram no imobiliário uma espécie de refúgio, um território suplementar e complementar de exploração (LEFEBVRE, 2008, p. 71).

Para Harvey “contanto que o deslocamento para o circuito do capital possa ser produzido – um processo que pode muito bem envolver algum tipo de “crise de deslocamento” –, o circuito aparece como um presente dos deuses para a absorção do capital excedente, super acumulado” (HARVEY, 2013, p. 361).

E Gottdiener:

Uma tese da presente discussão reza que tal entendimento nasce de uma ênfase sobre os interesses específicos da sociedade – isto é, econômicos, políticos e sociais – que estão organizados em torno da própria terra. Compreendem o setor imobiliário, mas também envolvem elementos do capital financeiro e corporativo, políticos corruptos, grupos locais de ativistas, partidos políticos necessitados de financiamento,

ambientalistas, proprietários de casa própria. Esses interesses e os conflitos entre eles formam o fio condutor das mudanças espaciais que são estimuladas por processos societários profundos (GOTTDIENER, 1997, p. 217-218).

A atuação do setor imobiliário contribui para uma apropriação desigual do espaço urbano. Esse tema ocupa lugar de grande importância teórica nos estudos sobre a expansão urbana e mobilidade populacional no Brasil (SPOSITO, 2006; SILVA, 2012; ÂNTICO, 2003; BAENINGER, 1998, 1999; VILLAÇA, 2001; CORRÊA, 2007). O que é valioso pôr em relevo é que a dispersão urbana está associada a um conjunto amplo de fenômenos, o que torna difícil a essa altura uma determinação causal única, o que me parece consenso, é que há uma reestruturação urbana em curso alicerçada num padrão disperso com implicações na cotidianidade urbana das pessoas.

As deseconomias geradas pelos grandes aglomerados urbanos e a necessidade de expansão do consumo são partes na explicação da dispersão. Os crescimentos das cidades médias expressam esse novo desenho econômico, vindo do final da década de 1970. Reis (2015) observa que o fenômeno da dispersão ocorre em áreas correspondentes às aglomerações metropolitanas e semimetroplitanas e ao redor de núcleos isolados de maior porte, o que configura um processo de dispersão periférica, além disso, é parte de um outro processo igualmente importante, o da concentração urbana em escala microrregional.

A distribuição das áreas urbanizadas em um sistema disperso, em escala microrregional, responde a determinadas racionalidades econômico-financeiras, mas também aos modos de consumo que vão sendo adotados. Sem esquecer os estímulos do mercado imobiliário, no qual os padrões vão sendo uniformizados por um sistema de integração comercial, abrangendo todas as regiões do país (REIS, 2015, p. 94-95).

Nessa mesma direção, para Limonad (2006, p. 33) a urbanização em seu estágio atual, deve ser “entendida como um processo que não mais se restringe à cidade, pois extravasa os limites da aglomeração física de edificações, infraestruturas e atividades, de fixos e fluxos, através de inúmeras práticas, táticas e estratégias dos distintos capitais e do trabalho para garantir sua reprodução”. Mais uma vez a relação entre a espacialização das atividades produtivas e o surgimento de novas morfologias urbanas aparecem umbilicalmente conectadas.

É imprescindível sublinhar que a redistribuição territorial do capital não apenas impacta decisivamente nas formas, funções e estruturas urbanas como, e, principalmente, na dinâmica populacional. A mobilidade é um elemento definidor das práticas urbanas e do modo de vida urbano, com implicações na cotidianidade das pessoas, na forma pela qual elas se produzem e reproduzem física e simbolicamente. Conforme Limonad (2007, p. 36-37), a transformação no padrão urbano “teria por base as transformações introduzidas pela III Revolução Industrial, que

atingiram todos os âmbitos da reprodução social dos meios de produção e força de trabalho à reprodução social da família e do cotidiano”.

A desconcentração produtiva, assim, impõe uma reestruturação urbana e uma alteração na dinâmica populacional, que por seu turno, põe novos desafios a reprodução social da família e do cotidiano, diante do ultra dinamismo das demandas econômicas e da intensa fragmentação urbana.

Pode-se, assim, interpretar as formas de urbanização dispersa como uma estratégia de diferentes grupos sociais de maximizar sua mobilidade espacial e acompanhar a crescente fluidez da mobilidade espacial do capital como um meio de garantir sua própria reprodução e sobrevivência; e por que não, vis a vis a uma busca por segurança e por uma melhor qualidade de vida (LIMONAD, 2006, p. 41).

O que quero demonstrar com isso, é que a era da acumulação flexível reestruturou não apenas o mundo da produção, como também, a morfologia urbana. O percurso até aqui é fundamental para contextualizar as novas características da mobilidade populacional, em meu caso com ênfase nos deslocamentos pendulares. Importantes trabalhos como Ojima e Marandola Jr. (2012; 2016) Ojima, Monteiro e Nascimento (2015), Ojima (2007), Marandola Jr. e Hogan (1998), Marandola Jr. (2005; 2006; 2008; 2017) procuram incorporar a análise da dispersão urbana a dimensão demográfica, estabelecendo uma estreita comunicação entre economia política, geografia humanística e sociologia.

O fenômeno da urbanização dispersa tem ocupado no Brasil a atenção de diversos pesquisadores, dos mais variados campos científicos, dentre eles posso destacar, Reis (2006;2015), Limonad (2007) Sposito (2009; 2015), Júnior (2017), Villaça (2001). Do mesmo modo, as mudanças no comportamento populacional têm sido amplamente investigadas no Brasil, ressaltando os trabalhos de Baeninger (1998, 1999a, 2000b, 2010, 2015), Silva (2012; 2013; 2014), Ântico (2003; 2005), Nakano (2015), Pereira (2006; 2008; 2011) ao lado dos trabalhos de Ojima e Marandola já mencionados.

Esses dois fenômenos, a saber, urbanização dispersa e deslocamentos pendulares, assim, estão sendo criteriosamente investigados no Brasil, o que demonstra, entre outras coisas, a sua relevância na atualidade. Ricardo Ojima e Marandola Jr. apontam um caminho para uma investigação da mobilidade pendular a partir da experiência vivida pelos comutadores, em uma perspectiva em que o cotidiano urbano aparece em destaque. De acordo com Ojima:

[...] a dispersão urbana não deveria ser entendida apenas como a expansão da mancha urbanizada sob uma nova morfologia. É a própria ideia de cidade que precisa ser repensada para que se compreendam os processos de ocupação e a sua forma. A mancha urbanizada da cidade que crescia até se conurbar com o seu município limítrofe, cede lugar a uma integração entre essas duas localidades sem que haja

necessidade absoluta da expansão da área urbanizada. Assim o aumento da intensidade das trocas populacionais diárias decorrentes da maior mobilidade e autonomia dos deslocamentos permite que núcleos urbanos separados fisicamente cada vez mais façam parte de uma mesma lógica cotidiana. Portanto, entender os deslocamentos pendulares passa a ser fundamental para entender os limites da cidade. (OJIMA, 2016, p. 25).

Na passagem acima, vemos que o autor coaduna com um conjunto amplo de autores já citados nesta tese, a respeito da fragmentação urbana que vem alterando a morfologia tradicional da cidade, mas o que considero de grande importância é a relação entre a dispersão e os deslocamentos pendulares.

Demostro no primeiro capítulo que várias instituições governamentais e institutos de pesquisa já adotam os deslocamentos pendulares entre os principais indicadores de integração socioeconômica entre as cidades, assim, do ponto de vista econômico a mobilidade pendular já assumiu um lugar representativo nos estudos econômicos. A citação, além desse aspecto, sugere um outro tom para a investigação dos fenômenos da dispersão urbana e dos deslocamentos pendulares. Ela aponta que o aumento das trocas populacionais a nível regional, dentre outras consequências, apresenta o alargamento do espaço de vida cotidiano.

Núcleos urbanos cada vez mais afastados fisicamente passam a compor o mosaico da vida cotidiana dos atores envolvidos no pêndulo espacial urbano, conforme Ojima (2016, p.30) “os espaços de vida são cada vez mais esgarçados e a cidade de outrora não é mais o núcleo urbano tradicional e se estende para uma perspectiva regional não apenas economicamente, mas sobretudo no dia-a-dia das pessoas”. O que se presencia hodiernamente, portanto, é uma significativa transformação na escala do cotidiano urbano, que passa a ter uma dimensão cada vez mais regional.

A era da acumulação flexível e do globalismo econômico exige uma plataforma social que possibilite o intenso fluxo de mercadorias e interesses econômicos, um ambiente dilatável ao máximo para atender as suas demandas. A volatilidade do capital financeiro modela as realidades sociais em todos os planos e esse processo é largamente facilitado pelo desenvolvimento das forças produtivas. As tecnologias de comunicação, informação e transporte simultaneizam o tempo e o espaço, fertilizando as condições necessárias para uma sociedade da mobilidade. O sociólogo britânico John Urry dedicou sua vida a construção de uma sociologia das mobilidades, demonstrando em seus escritos que a sociedade do século XXI é uma sociedade da mobilidade, a mobilidade como um paradigma sociológico em nossa época. Novas formas de envolvimento com os lugares e pessoas, novas formas de construção de

vínculos sociais e organização política são cada vez menos baseadas na fixidez e cada vez mais desempenhadas em movimento.

Os deslocamentos pendulares tornam os itinerários diários cada vez mais longos e diversificados ampliando a realidade urbana e as experiências cotidianas, fazendo dos comutadores uma saliência privilegiada para a investigação científica. O comutador percorre diariamente uma realidade urbana fraturada através de fragmentos urbanos diluídos em seu trajeto, o que acredito ter rebatimentos na maneira de confeccionar sua vida. Nesta tese vou ater-me aos deslocamentos cotidianos para trabalho por configurarem o número mais expressivo, como já é observado pelo IBGE e igualmente fortalecido por minha pesquisa quantitativa. Por entender que a atividade laboral exige uma maior rotinização e, por último, por considerar o trabalho uma categoria social e sociológica central na análise da sociedade capitalista.

A urbanização dispersa e os deslocamentos pendulares para o trabalho estão umbilicalmente ligados à desconcentração produtiva iniciada pelo capitalismo nas últimas décadas do século XX. Há uma relação estreita entre fragmentação do espaço urbano, novas formas de mobilidade e a nova dinâmica econômica global, é nesse sentido que Ojima, Monteiro e Nascimento (2015, p. 136) afirmam que “para pensar o espaço de vida urbano de hoje, é necessário entender as mudanças do sistema de acumulação produtiva”.

Se o mundo do trabalho se tornou cada vez mais móvel e instável, essa mobilidade e instabilidade repercutem no conjunto das estratégias individuais e coletivas das pessoas, na produção e reprodução de suas existências, conforme Ojima, Monteiro e Nascimento (2015) “ou seja, muda-se o modo de produção e ao mesmo tempo se transfere para a sociedade uma maior complexidade de rotas e trajetos de deslocamento para atender a velocidade e desconcentração das atividades econômicas” (OJIMA; MONTEIRO; NASCIMENTO, 2015, p.137).

A redistribuição espacial das atividades produtivas une-se a uma alteração significativa no comportamento populacional.

De certa maneira, significaria dizer que neste novo contexto produtivo, as migrações (mudança de residência) dão lugar ao aumento da mobilidade pendular cotidiana. Com um mercado de trabalho mais flexível e incerto, mudanças permanentes de residência ampliam a insegurança, portanto, manter-se no seu porto seguro e deslocar-se diariamente para trabalhar em outras localidades/municípios parece se tornar o melhor mecanismo de adaptação (OJIMA; MONTEIRO; NASCIMENTO, 2015, p. 137).

Em um cenário onde, segundo Gottdiener “a vida insular da cidade de empresa com um mercado seguro para seus produtos foi substituído por um mundo inseguro de competição internacional” (GOTTDIENER, 1997, p. 263). Somado a uma profunda transformação das relações de trabalho, uma estrutura estatal refém dos insaciáveis apetites econômicos, o encolhimento progressivo dos órgãos de representação coletivos e o desigual uso do solo urbano por parte de agentes privados e financeiros, os homens e mulheres exploram as mais diversas e desafiadoras formas de produção de sua vida cotidiana.

É *mister* chamar atenção para a escala do cotidiano, muitas vezes, engolfada pelo inevitável interesse que os macroprocessos despertam. A reestruturação produtiva e a reestruturação urbana são processos que deixam marcas acentuadas e inteligíveis na superfície social, desta forma, é necessário ater-se às novas modalidades de produção e de consumo do espaço no plano do indivíduo social. Conforme Ojima:

Ou seja, não basta identificar as transformações físicas que ocorrem nas principais aglomerações urbanas brasileiras para denominá-la reestruturação do espaço urbano, tratando-as como evidências das mudanças no modo de produção capitalista. Também é necessário verificar mudanças estruturais na vida social que justificam a mudança na lógica de consumo do espaço (OJIMA, 2006, p. 2).

E prossegue,

Assim, no jogo dos riscos sociais, muitas vezes, a expansão de áreas urbanas se torna uma disputa por qualidade de vida. E, portanto, a reestruturação dos espaços urbanos representa muito mais do que impactos econômicos da globalização ou da reestruturação produtiva. Trata-se de uma mudança mais ampla na esfera da reprodução social, no estilo de vida cotidiano. De certa forma, diz muito mais respeito às transformações na esfera do consumo e da vida cotidiana do que as transformações no modo de produção capitalista (OJIMA, 2006, p. 2-3).

A partir da relação entre urbanização dispersa e deslocamentos pendulares, Ojima e Marandola Jr. (2012) procuram refletir sobre suas consequências no modo de vida e suas repercussões na escala do cotidiano urbano, que como já assinalei, assumem uma dimensão cada vez mais regional.

Assim como para Silva (2012) para quem as trajetórias espaciais revelam uma nova forma de apropriação da realidade urbana, Ojima e Marandola Jr. (2012) entendem “os deslocamentos pendulares enquanto uma nova forma de ocupar e viver a cidade” (OJIMA; MARANDOLA JR., 2012, p. 109). A flexibilização produtiva encontra seu paralelo microsociológico na flexibilização da vida cotidiana, desta forma as preocupações de Ojima (2016) com o cotidiano urbano e o habitar⁶³ corroboram com o projeto de Lefebvre em

⁶³ Lefebvre opõe a ideia de *habitat* a de *habitar* numa referência direta à ecologia urbana. Acompanhemos na íntegra: “Sem medo de recair numa controvérsia já longa, colocaremos fortemente em oposição ao *habitar* e o *habitat*. Este último termo designa um ‘conceito’, ou melhor, um pseudoconceito caricatural. No final do século

desvendar as condições que permitem a reprodução das relações de produção. É com esse objetivo que Lefebvre (1973; 1991a, 1999a, 1999b, 2008) encontra o urbano e o cotidiano.

O estudo da vida cotidiana oferece um ponto de encontro para as ciências parcelares e alguma coisa mais. Mostra o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade e na nossa época. Determina assim o lugar em que se formulam os problemas concretos da *produção* em sentido amplo: a maneira como é *produzida* a existência social dos seres humanos, com as transições da escassez para a abundância e do precioso para a depreciação (LEFEVRE, 1991b, p. 30).

Para Ojima e Marandola Jr. (2012) a diversidade e intensidade dos trajetos espaciais implicam em um conjunto de estratégias individuais de existência. Conforme os autores, “na dicotomia migração-pendularidade reside o embrião de uma forma de viver a cidade de maneira mais ampla, mas onde a radicalização da modernidade penetra na política da vida cotidiana e transfere ao indivíduo a decisão e também os riscos dessa escolha” (OJIMA; MARANDOLA JR., 2012, p. 111).

Com os deslocamentos cotidianos e a ampliação do espaço de vida, as cidades são atravessadas diariamente por um contingente significativo de pessoas de outros lugares, que a experienciam, mas não a vivenciam. Como bem sustentam Ojima e Marandola Jr. (2012), sem considerar os fluxos de deslocamentos pendulares como dinâmica de organização do espaço urbano não será possível entender completamente quais são os atores envolvidos no processo de negociação do uso do espaço.

A crise de paradigma reside na necessidade de entender as características dessas pessoas, as suas demandas, suas origens e destinos diários para dar conta dos desafios compartilhados e que, muitas vezes, passam despercebidos pelas políticas públicas que ainda esperam a confirmação de fluxos migratórios segundo experiências anteriores. Portanto, entender a urbanização reflexiva é buscar encontrar na ação de escolhas e decisões dos sujeitos as explicações que silenciosamente avançam sobre os paradigmas da sociedade industrial. Trata-se de entender como as novas interdependências entre individualização e globalização resultam na concretude dos espaços de vida conectados, mas ao mesmo tempo fragmentados (OJIMA; MARANDOLA JR. 2012, p. 112).

XIX, um pensamento (se é possível dizer) urbanístico, tão forte quanto inconscientemente *reductor*, pôs de lado e literalmente entre parênteses, o *habitar*. Ele concebeu o *habitar*, função simplificada, restringindo o ‘ser humano’ a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se. Nem ao menos se pode dizer que os atos funcionais elementares sejam animais. A animalidade tem uma espontaneidade mais complexa. Não se pode lidar com o nível P opondo sumariamente o ‘microsocial’, ou o molecular, ao ‘macrossocial’, grandes agregados ou grandes estruturas. Ele não é somente o lugar de ‘agentes’ menores, econômicos e sociológicos, tais como a família, o grupo de vizinhos e das relações ‘primárias’ (termos empregados pela ecologia e pela escola americana dita de Chicago) (LEFEVRE, 1999a, p. 78). Essa posição de Lefebvre é compartilhada por Ojima, Monteiro e Nascimento (2015, p. 137) que afirmam, que “é necessário desfazer-se do habitat enquanto ideologia e prática que reprime as características elementares da vida urbana. O habitat centralizador e conservador busca a aplicação de um espaço global homogêneo que tende a enjaular, controlar e manter as desigualdades urbanas existentes. O habitat, em contrapartida, possui as características elementares da vida urbana: a diversidade das maneiras de viver, dos tipos urbanos e dos modelos culturais. O habitat deve então ser pensado como funcionalidade essencial do modo de vida urbano”.

Notadamente influenciados por Ulrich Beck, os autores definem o atual modelo socioespacial de urbanização reflexiva, colocando no centro de suas preocupações a questão da produção e distribuição da incerteza e do risco na sociedade contemporânea, para Ojima e Marandola Jr. (2012, p. 113) “a vida cotidiana coloca os sujeitos diante de uma nova ambivalência que gera e reproduz riscos sociais e uma fuga constante dos mesmo no nível do indivíduo”. A urbanização reflexiva inaugura um estilo de vida *on the road* que tem se expandindo de forma a alcançar todas as classes sociais, no caso brasileiro de maneira a distribuir os custos e riscos de forma desigual entre os grupos sociais.

Uma das expressões da urbanização reflexiva seria, portanto, uma maneira de ‘urbanizar’ o espaço, mas sem alterar a estruturação física da forma urbana e atribuindo novos significados para a forma de viver as cidades a partir da ampliação dos espaços de vida. A dicotomia migração-pendularidade se configura como elemento central nessa análise, pois é a partir dessa aproximação que se torna evidente como o urbano contemporâneo é moldado pelo uso flexível das potencialidades de cada contexto regional (OJIMA; MARANDOLA JR. 2012, p. 113).

Temos com isso que a urbanização reflexiva significa no plano individual o hercúleo exercício de produção e reprodução da existência na ausência de refúgios institucionais, políticos ou sociais. “Nesse contexto, parece que o novo sentido de cidade é a capacidade de sair dela, de não estar preso a ela, e poder trafegar entre elas, sem a nenhuma se fixar: impermanências” (OJIMA; MARANDOLLA JR, 2012, p. 113). A modernidade urbana brasileira parece aprofundar as assimetrias regionais e o desamparo institucional relegando aos indivíduos, exclusivamente, a luta pela sobrevivência.

A relação entre mobilidade e vulnerabilidade em um contexto de urbanização reflexiva será mais atentamente abordada nos trabalhos de Marandola Jr. (2005, 2006a, 2006b, 2008, 2011, 2017). Segundo o autor, a hiper mobilidade contemporânea potencializa os riscos os quais os indivíduos estão sujeitos, tanto em termos espaciais (lugar-fora do lugar) como em termos sociais (comunidade-fora da comunidade).

Em relação aos movimentos cotidianos diários, Marandola Jr. (2011) sublinha que “a espacialidade destes fenômenos resulta num quadro particular de vulnerabilidade, diante de perigos específicos decorrentes deste comportamento populacional” (MARANDOLA JR., 2011, p. 97). Por meio dos deslocamentos pendulares Marandola Jr. reinsere o debate sobre a liberdade (individualidade) e segurança (comunidade) tão valioso para as ciências sociais (BAUMMAN 1995; BECK 2010; GIDDENS 2001; SIMMEL, 1997).

Segundo Beck (2010), enquanto para Marx e Weber a discussão sobre a sociedade industrial orbitava em torno do problema da distribuição adequada e legítima da riqueza entre

as classes sociais, o novo paradigma por ele definido por *sociedade de risco* se endereça uma questão semelhante e ao mesmo tempo distinta.

Como é possível que as ameaças e riscos sistematicamente coproduzidos no processo tardio de modernização sejam evitados, minimizados, dramatizados, canalizados e, quando vindo à luz sob a forma de ‘efeitos colaterais latentes’, isolados e redistribuídos de modo tal que não comprometam o processo de modernização e nem as fronteiras do que é (ecológica, medicinal, psicológica ou socialmente) aceitável? (BECK, 2010, p. 24).

Não se trata mais da produção da riqueza material ou do desenvolvimento das forças produtivas, mas das consequências oriundas desse desenvolvimento econômico que desaguam na produção ampliada do risco. A modernização torna-se reflexiva exigindo um estado permanente de alerta diante dos perigos inscritos no próprio progresso técnico. É fundamental advertir que para o autor o *paradigma da sociedade de risco* impõe-se como ao pensamento e à ação, especialmente, nos países desenvolvidos onde a questão da escassez em alguma medida foi superada, não se estendendo *ipsis litteris* a países do Terceiro Mundo⁶⁴. Nesse sentido é indispensável apreender a urbanização reflexiva brasileira a partir do conjunto de desigualdades históricas próprias da nossa sociedade.

A reflexividade da urbanização brasileira, neste momento, é a negociação com seu histórico de exclusão, de produção de periferias distantes e precárias, com novas periferias em que o novo busca requalificar o antigo. Assim, convivem nessas novas periferias o antigo assentamento de migrantes trabalhadores que realizam a autoconstrução da moradia e gastam muitas horas no transporte coletivo e os condomínios fechados que vende o contato com a natureza, na negação da cidade e na superexploração do mercado de terras (OJIMA; MARANDOLA JR. 2012, p.112).

Ao analisar as relações sociais da mobilidade, Lévy (2001) oferece uma classificação que nos permite identificar tanto no plano social como individual um conjunto de elementos determinantes da mobilidade. A mobilidade é definida como um sistema de potencialidades as quais o autor denomina virtualidades, essas virtualidades são classificadas segundo três categorias: a mobilidade como possibilidade; mobilidade como competência; mobilidade como capital.

A *mobilidade como possibilidade* diz respeito a acessibilidade, ou seja, a oferta de mobilidade que a estrutura urbana disponibiliza aos indivíduos. A acessibilidade é a dimensão

⁶⁴ “A distribuição e os conflitos distributivos em torno da riqueza socialmente produzida ocuparão o primeiro plano enquanto em países e sociedades (atualmente, em grande parte do assim chamado Terceiro Mundo) o pensamento e a ação das pessoas forem dominados pela evidência da carência material, pela ‘ditadura da escassez’. Em tais circunstâncias, na sociedade da escassez, o processo de modernização encontra-se e consuma-se sob a pretensão de abrir com as chaves do desenvolvimento científico-tecnológico os portões que levam às recônditas fontes da riqueza social. Essas promessas de libertação da pobreza e da sujeição imerecidas estão na base da ação, do pensamento e da investigação com categorias da desigualdade social, abarcando, na verdade, desde a sociedade de classes, passando pela sociedade estratificada, até a sociedade individualizada” (BECK, 2010, p. 24).

material da mobilidade e pode definir o grau e o alcance da liberdade no espaço urbano, configurando desta forma a estrutura fundamental desse espaço urbano. A acessibilidade é a chave para a relação triangular entre o desejado, o possível e o realizado; *A mobilidade como competência é o médium* entre a mobilidade como possibilidade (acessibilidade) e as mobilidades realizadas têm relação com as condições disponíveis na estrutura urbana e a capacidade dos indivíduos em arbitrar sobre estas possibilidades. A competência da mobilidade está diretamente ligada a posição socioeconômica e espacial da população, sendo um componente da desigualdade social, pois a ausência ou presença de recursos para o deslocamento bem como a posição espacial na rede urbana podem definir o horizonte de busca dos indivíduos; Por último, “o conjunto constituído pela possibilidade, pela competência e pelas arbitragens que a segunda permite sobre a primeira pode ser lido como um capital social, um bem que permite ao indivíduo desdobrar melhor a sua estratégias no interior da sociedade” (LÉVY, 2001, p. 5). *A mobilidade como capital* coagula a dimensão social e individual, deixando claro, que as rígidas e marcantes hierarquias no plano social e espacial constroem ou ampliam as virtualidades dos indivíduos, sua condição de selecionar e aplicar a melhor estratégia de mobilidade. A categorização de Lévy oferece metodologicamente um caminho para mapearmos alguns dos limites e possibilidades presentes na mobilidade pendular.

A urbanização brasileira nos coloca em contato com um conjunto de velhos problemas coabitando com novas questões e processos em curso, caso das transformações no comportamento populacional em termos de mobilidade. Em um período de hipermobilidade e de identidades móveis, Lévy (2001) aponta algumas mutações na mobilidade característica desse momento histórico: 1 – vivemos num mundo que se movimenta em várias velocidades; 2 – os espaços aos quais nós nos sentimos pertencer não são mais somente territórios, mas também redes; 3 – o número de lugares pertinentes para um dado indivíduo aumentou; 4 – a distinção entre mobilidade cotidiana e mobilidade rara se torna cada vez mais difícil; 5 – ao lado dos lugares os mais impositivos, uma grande quantidade de lugares fracos povoam nossa existência (LÉVY, 7-20, 2001).

O conjunto dessas novidades presentes na mobilidade insinuam a produção de novas práticas urbanas e a construção de novas identidades sociais com base no movimento.

Neste contexto, ao relacionar mobilidade e vulnerabilidade, Marandola Jr. retoma o paradigma da sociedade de risco de Beck na tentativa de apreender os efeitos e significados da vulnerabilidade no cotidiano urbano dos comutadores. O risco se instala em grande medida pela ausência ou arrefecimento dos mecanismos de proteção existenciais. Em uma realidade

cotidiana urbanamente alargada os contatos com as pessoas e as interações espaciais tendem a ser cada vez mais efêmeros, podendo assim reduzir a robustez dos vínculos sociais e espaciais. A construção de laços e contatos firmes são um elemento definidor do homem que não existe sem alguma forma de identificação coletiva e individual, investigar esse elemento a partir dos movimentos pendulares para trabalho pode nos permitir visualizar novas tendências na confecção das relações sociais ao nível do indivíduo.

Ambivalências como confiança *versus* risco e segurança *versus* perigo constituem características de nosso tempo histórico (GIDDENS, 1991; 2001; 2002). Os deslocamentos pendulares em um cenário de fragmentação espacial e ampliação dos espaços de vida podem ser analisados como um aprofundamento dessas tensões. Em toda sua obra, Giddens tenta apreender e aclarar as consequências das incertezas na alta modernidade, especialmente os abalos sísmicos nos pilares da segurança ontológica em um mundo cada vez mais movediço.

Das relações institucionais ao plano da sexualidade o mundo contemporâneo deixa marcas estruturais e individuais. A realidade cotidiana é a arena onde as pessoas produzem seus casulos protetores, esta mesma realidade cotidiana é atravessada pela instabilidade resultante da alta modernidade, desta forma, “a ordem da vida diária é uma ocorrência miraculosa [...] ela é o produto de uma realização contínua da parte de atores cotidianos de maneira inteiramente rotineira” (GIDDENS, 2002, p. 53). Segurança, confiança e rotina são componentes inelimináveis da produção do cotidiano, e o cotidiano hoje é, por muitos, vivenciado em um movimento de pêndulo e em um espaço urbano fragmentado. É neste cenário que Marandola Jr. orienta sua investigação, pois “os sistemas de proteção ficam dispersos no espaço, mantendo conexões em redes de relacionamentos que, em geral, não possuem a figura da comunidade” (MARANDOLA JR., 2006a, p. 4). As relações sociais dos indivíduos envolvidos na mobilidade pendular se disseminam numa experiência urbana ampliada e, portanto, compartimentada.

Quando me deparei com o fenômeno da mobilidade pendular percebi a exigência de analisar esse movimento sob o ângulo dos sujeitos imersos em sua rotina diária. A mobilidade pendular abordada deste ponto permite não apenas apreender as transformações sociais de grande alcance como a reestruturação produtiva e urbana como também a emergência de um modo de vida urbano, articulando assim as dimensões social e espacial.

Entre os efeitos do tempo-mercadoria sobre a vida urbana, está funcionalização da existência a mero suporte dos interesses econômicos, “ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo” (LEFEBVRE, 1999, p. 28). A fragmentação espacial urbana somada as necessidades candentes

de sobrevivência faz de os deslocamentos pendulares um rico objeto de pesquisa no sentido de identificarmos o teor e os contornos desse modo de vida no século XXI. A mobilidade pendular aprofunda as desigualdades já existentes entre os grupos sociais e indivíduos ou sugere novas possibilidades de superação ou negociação com as imposições abstratas do valor-mercadoria?

Como nos lembra Lefebvre (1999a), o homem tem necessidade de segurança e de aventura, de sociabilidade e solidão, de descoberta e de criação, de trabalho e de jogo, no capitalismo industrial a vida urbana sempre constrangeu a plena realização dessas necessidades, nesse sentido, a vida urbana experienciada pelos comutadores são fruto apenas das demandas de uma sociedade fundada na persecução do lucro com todas suas coações ou preservam possibilidades de apropriação do espaço urbano que resistem ou sublevam essas repressões? É lugar comum afirmar que o neoliberalismo e a reestruturação produtiva constroem o espaço urbano com o objetivo de atender os interesses empresariais privados e sua necessidade de expansão, neste contexto os promotores imobiliários e o capital financeiro se apropriaram do solo urbano criando hierarquias, centralidades e exclusões. Por outro lado, e sem excluir esta afirmação, é no cotidiano que seus efeitos são menos percebidos, e por isso, considero fundamental buscar ali as repercussões desses movimentos. Para Lefebvre (1999a), é no habitar que encontramos as características elementares da vida urbana: as diversidades das maneiras de viver, dos tipos urbanos, modelos culturais e valores vinculados a vida cotidiana. Nesse espaço o homem inventa e reinventa sua vida, é o espaço da apropriação, do valor de uso, da poesia, da luta contra o quantitativo, é o lugar do vivido. Lefebvre (1999a) sugere a análise do fenômeno urbano em três níveis: O Global, o Misto e o Habitar.

O nível G (Global), M (Misto) e P (Habitar). O primeiro nível é o global, onde se dão as estratégias das forças sociais profundas; o neoliberalismo e o urbanismo são suas expressões. Para o autor, “*o neoliberalismo* (que permite o máximo de iniciativa à empresa privada e, no que concerne ao ‘urbanismo’, aos promotores imobiliários e aos bancos)” (LEFEBVRE, 1999a, p. 76), e prossegue: “esse nível global é o *das relações as mais gerais, portanto, as mais abstratas* e, no entanto, essenciais: mercado de capitais, política do espaço. Ele não deixa de reagir mais e melhor no prático-sensível e no imediato” (*id., ibid.*). Esse nível se projeta em domínios edificados – como edifícios, monumentos, cidades novas e grandes projetos urbanísticos – e não edificados, na forma de estradas, transportes e suas regulações etc. Lefebvre o define como o *espaço institucional*. Poderíamos dizer que, nesse nível, estão a globalização econômica, a reestruturação produtiva e seu correspondente político (o

neoliberalismo), a criação de novas centralidades e as estratégias de produção desigual do espaço.

Outro nível é o M (misto, mediador ou intermediário). Para Lefebvre, esse é o nível propriamente urbano:

É o nível da ‘cidade’, na acepção corrente do termo. Suponhamos que o pensamento opere destacando (retirando), do plano de uma cidade (muito grande para que essa *abstração* tenha sentido), de um lado o que depende do nível Global, do Estado e da sociedade, a saber, os edifícios, tais como ministérios, prédios públicos, catedrais, e, de outro lado, o que depende do nível P, os imóveis privados. Restará, no plano, um domínio edificado e outro não edificado: ruas, praças, avenidas, edifícios públicos, tais como os das prefeituras, as igrejas paroquiais, as escolas etc. Retirou-se, em pensamento, destacando-se do global, o que depende diretamente das instituições e instâncias superiores. O que persiste sob o olhar da reflexão conserva uma forma relacionada com o sítio (o meio imediato) e com a situação (o meio distante, condições globais) (LEFEBVRE, 1999a, p. 77).

O nível Misto representa a unidade característica do urbano, suas formas-funções-estrutura, sempre em um movimento duplo. Como ressalta Lefebvre, as funções *na cidade e da cidade* são “funções urbanas relacionadas ao território circundante e funções internas” (1999a, p. 78), o mesmo com sua estrutura, “as dos serviços, do comércio, dos transportes; uns a ‘serviço’ da vizinhança e outros a serviço da vida urbana propriamente dita” (*id.*). Antes de falar do nível P, vale lembrar, aqui, a semelhança dessa abordagem com a de Sposito (2007), ao se referir à escala interurbana como o plano da reestruturação urbana e à escala intraurbana como aquela específica da cidade.

Por último, mas não menos importante, temos o nível P (*habitar*). Aqui, concentram-se apenas as habitações de moradia: conjuntos habitacionais, prédios de apartamento, favelas etc. Para Lefebvre, esse é o lugar do vivido, o terreno da existência social fundada no valor de uso, o plano da apropriação. Contudo, esse espaço tem sido colonizado pelas relações de poder político e econômico: “o habitat foi instaurado pelo alto: a aplicação de um espaço global homogêneo e quantitativo obrigando o ‘vivido’ a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou ‘máquinas de habitar’” (*id.* 1999a, p. 79). Essa passagem pode ser lida em relação à luta pelo direito de morar, numa sociedade que impôs à terra a forma-mercadoria; morar no sentido de *habitar*, de estar na cidade, de se apropriar do urbano.

Lefebvre destaca que o nível P (habitar) não é menos complexo que os outros por ser “mini”, desta forma, não se trata de opor o habitar microsocial ao macrosocial (grandes estruturas), mas de inaugurar um projeto a partir de baixo, onde

[...]o habitar não deve mais ser estudado como resíduo, como vestígio ou resultado dos níveis ditos ‘superiores’. Deverá, e já pode ser considerado como fonte, como fundamento, como funcionalidade e transfuncionalidade essenciais. Teórica e

praticamente, efetuamos uma reinversão de situação, uma inversão de sentido; o que parecia subordinado eleva-se ou retorna ao primeiro plano (LEFEBVRE, 1999a, p. 81).

Uma proposta onde o urbano e o habitar sejam o ponto de partida para a investigação do fenômeno urbano. Em que medida os comutadores deixam marcas nos espaços e nas relações compartimentadas que percorrem ou são por esses espaços e relações afetados? Potencializam a atomização da sociedade ou recriam espaços de comunhão? A partir do fenômeno da mobilidade pendular para trabalho me proponho a investigar essas questões.

3 A INSTABILIDADE E A INCERTEZA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

“Num deserto não há avenidas, bulevares, becos sem saída ou ruas. Apenas, aqui e ali, marcas fragmentárias de passos, logo apagadas e rejeitadas” (JABÈS, 1989, p. 34 *apud* BAUMAN, 1999, p. 18).

Esse trecho extraído da obra do poeta egípcio Edmond Jabès aparece em alguns livros de Bauman: *O mal-estar da Pós-Modernidade; Comunidade; e Modernidade e Ambivalência*. Essa imagem do deserto de Jabès é para Bauman a metáfora que melhor descreve o nosso tempo. Um tempo em que “tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar” (MARX; ENGELS, 2005, p. 43), pois os processos já prefigurados ao tempo dessa célebre passagem se expandiram e se aprofundaram na esteira do mercado mundial.

Não há mais referências, projetos de vida, valores, posições, profissões, pontos fixos no espaço ou nos lugares imunes as indiferentes e velozes transformações que orientam as relações sociais contemporâneas. Han (2015) observa que a incerteza inscrita na realidade social “torna a vida humana radicalmente transitória. Jamais foi tão transitória como hoje. Radicalmente transitória não é apenas a vida humana, mas igualmente o mundo como tal. Nada promete duração e subsistência” (HAN, 2015, p. 44). Parece ser o fim das trincheiras, abrigos e refúgios, ao menos para a maior parte da humanidade. A bússola está quebrada e não se sabe mais onde está o norte, ou talvez não se saiba mais para onde ir.

No cotidiano atual, os *Bunkers* e as casamatas desapareceram assim como todo um conjunto de fortificações sociais, políticas, econômicas, espaciais e relacionais. Se embotou o passado e o futuro se retirou, restando apenas um presente sem chão e sem céu, estamos presos a um presente contínuo, sem conquistas acumuláveis, sem pausa, sem parada, sem o tempo do sabor e da degustação. Sempre insuficientes e postos a provar algo, sem recompensas duradouras, sem poder retornar e sem a certeza de avançar, como afirma Han (2015, p. 54) “o futuro se encurta numa atualidade prolongada”. Tanto Bauman (1998; 1999; 2003) como Byung-Chul Han (2015) explicitam essas características da modernidade capitalista em seu atual estágio de desenvolvimento.

Nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva, existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas (BAUMAN, 1998, p. 92).

Essa aventura inglória em que única certeza é a incerteza e o malogro o fim inevitável, repercute em todos os planos e dimensões da vida social, do eu mais íntimo ao conjunto da sociabilidade humana. Um amplo leque de doenças psíquicas e aflições sociais tem relação direta com a acentuada fragmentação social em curso. A essa receita acrescenta-se ainda um indivíduo mais e mais atomizado, resultado da quebra dos vínculos de solidariedade social. Bauman, Han e Sennett relacionam as transformações na base material do capitalismo e suas consequências no mundo do trabalho com o esgarçamento das relações sociais.

3.1 DA COOPERAÇÃO SIMPLES A GRANDE INDÚSTRIA: UMA HISTÓRIA DE SEPARAÇÕES

O capitalismo caracteriza-se, entre outras coisas, pelo inevitável e célere desenvolvimento das forças produtivas, de maneira geral, tecnologia e ciência postas a serviço de uma incansável e compulsiva autovalorização (MELO, 2011). Posso dizer que configura traço “genético” do sistema produtor de mercadorias o gigantesco investimento em mais-valia relativa. Como realçam Engels; Marx (2005, p. 44), a “burguesia, em seu domínio de classe de apenas um século, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais do que todas as gerações passadas em seu conjunto”, e a concorrência como força motriz entusiasma essa tendência irresistível. Contudo, o capital como realidade objetiva e o capitalismo como forma de organização social exigem mais que a dimensão técnica para se edificarem, é fundamental a subsunção do trabalho vivo a essa engrenagem, em outras palavras é imprescindível que o homem adquira o repertório necessário para incorporar-se a esse modelo e que as estruturas sociais sejam permeáveis aos novos ditames.

Em a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber demonstra como a atitude tradicionalista foi o principal empecilho a implementação de uma ordem social baseada na organização capitalista racional do trabalho. Segundo Weber (2004), “foi precisamente essa atitude um dos mais fortes obstáculos espirituais com que se defrontou a adaptação dos seres humanos aos pressupostos de uma ordem econômica de cunho capitalista” (WEBER, 2004, p. 51). Desta forma, o *espírito do capitalismo* teve que vencer o comportamento que Weber denomina tradicionalismo.

A sensibilidade e o comportamento tradicionalista à qual se refere Weber era contrária a perspectiva da razão calculadora e a persecução do lucro nos moldes da empresa capitalista.

Ainda conforme Weber (2004), o indivíduo orientado por valores tradicionalistas “não quer por ‘natureza’ ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, mas simplesmente viver, viver do modo como está habituado a viver e ganhar o necessário para tanto” (WEBER, 2004, p. 53). A disposição à razão econômica pressupõe um mundo objetivo e espiritualmente fértil para o surgimento de indivíduos predispostos a essa determinação.

Durante a guerra da independência na Argélia, Bourdieu investiga o processo de conversão de uma sociedade fundada em laços tradicionais de solidariedade baseado na lógica do dom e contra dom para o modelo de economia capitalista. Agentes colocados em uma situação de perda de referenciais e rapidamente exigidos por um conjunto novo de demandas, muitas dessas incongruentes com o conjunto de suas práticas culturais. Bourdieu “ [...] podia observar *de visu* a perturbação ou a angústia de agentes econômicos desprovidos das disposições tácitas exigidas por uma ordem econômica para nós inteiramente familiar”. (BORDIEU, 2004, p. 11).

Na Argélia estudada por Bourdieu, as práticas econômicas eram subsumidas pelo conjunto das relações sociais. Ele nos chama atenção “... para a imersão das coisas econômicas no universo das crenças e dos valores últimos” (*id. ibid.* 21). A esfera econômica estava mergulhada e subordinada às instituições sociais tradicionais, “... um mundo em que a família e as trocas que nela têm de ter lugar, fornecia o modelo de todas as trocas, incluindo as que consideramos ‘econômicas’”, portanto, “aderir a visão utilitarista é romper com toda uma arte de viver e, ao mesmo tempo, com todos aqueles que a partilham e que se sentem diretamente visados por aquilo que tomam como uma renegação” (*id. ibid.* 20). Desta forma, a incorporação do espírito do cálculo supõe uma ampla reestruturação na forma de perceber o mundo, o outro e de se auto perceber.

Em seu texto a *Formação do habitus econômico*, Bourdieu busca identificar as condições econômicas de acesso as práticas econômicas, neste sentido, a sociedade Argelina oferece um palco privilegiado onde colidem com as práticas sociais ligadas a formação pré-capitalista e o aparecimento de uma economia econômica pretensamente hegemônica e universal. Segundo Bourdieu, “conduzir em um meio rural o estudo das transformações das práticas econômicas permite ver melhor, e mais completamente, o que elas põem em jogo, isto é, todo um estilo de vida ou, melhor, todo um sistema de crenças” (*id. ibid.* 16). O que quero destacar tanto com Weber quanto com Bourdieu são os processos de desraizamento operados pelo capitalismo e realizados tanto por violência como por sedução concomitantemente.

Numa sociedade tradicional fortemente ritualizada, a segurança das relações sociais oferece conforto e direção, a modernidade capitalista liquefez esses caminhos sólidos e conhecidos e apresentou um mundo repleto de incertezas, riscos e perigos desconhecidos e generalizados. Com isso, a passagem da subordinação formal (manufatura) para a subordinação real (Grande Indústria) do trabalho ao capital e a consequente consolidação do capital como potência dominante da sociedade implica a superação de grandes adversidades sociais e culturais por parte do capital. Dentre elas quero ressaltar aqui algumas das separações promovidas pela ordem capitalista sem as quais não alcançaria êxito. Quero sublinhar essas separações ao longo de três etapas do desenvolvimento do capitalismo: cooperação simples; manufatura; e Grande Indústria.

Na fase denominada por Marx de cooperação simples, o capital ainda não domina o processo de trabalho, pois este ainda é o domínio dos produtores, o capital apenas o coordena formalmente. Seu gerenciamento detém-se no produto do trabalho, mas não ao processo. Na fase da cooperação simples, portanto, o capital reúne grandes massas de trabalhadores, colocando-os no mesmo espaço, produzindo no mesmo momento sem, contudo, determinar os ritmos do processo de trabalho (MELO, 2011). Esse formato logo evolui para outra fase, a da manufatura. Nesse estágio a qualidade do produto é posta de lado, a produção em larga escala é seu *telos*. Neste cenário e apesar do desenvolvimento da divisão do trabalho “seu fundamento permanece sendo a habilidade artesanal, e seu ‘mecanismo específico (...) [é] o trabalho coletivo formado pela combinação de muitos trabalhadores parciais” (ROSDOLSKY, 2001, p. 204). Nesse cenário, a massa global de mais-valia relativa ainda é pequena, visto que o tempo de trabalho necessário absorve muito do tempo total da produção, assim, a mais valia absoluta predomina naquele contexto (MELO, 2011). Do ponto de vista do capital, o trabalho ainda é fortemente antropomorfizado e do ponto de vista do estado moderno as relações sociais ainda não foram completamente arrancadas do domínio da comunidade.

No curso dessas duas etapas, o trabalhador foi separado das ferramentas de trabalho e o local do trabalho do local de residência. Como já afirmara Weber (2004), a separação espacial entre locais de trabalho e residência aliadas a contabilidade racional foram indispensáveis para a organização racional da empresa capitalista e a base de sua independização das relações familiares.

A separação entre lar e trabalho é imediatamente também a separação entre indivíduo e comunidade.

Esse duplo ato libertou as ações voltadas para o lucro, e também aquelas voltadas para a sobrevivência, da teia dos laços morais e emocionais, da família e da vizinhança – simultaneamente esvaziando tais ações de todo o sentido de que eram, antes, portadoras (BAUMAN, 2003, p. 32).

E prossegue,

Para o empresário, a separação entre negócio e lar foi uma verdadeira emancipação. Suas mãos foram desatadas, o céu era o único limite além do qual sua imaginação não se atrevia a passar. Na busca do que a razão lhe dizia ser o caminho de maior riqueza, aquele alguém exuberante e autoconfiante “que faz as coisas acontecerem” não mais teria que limitar-se às noções tradicionais do dever comunitário, agora postos de lado como fora de moda (BAUMAN, 2003, p. 33).

A modernidade capitalista teve que superar essas barreiras para desvincular a produção de valores de troca e mais-valia relativa do processo de trabalho, como também, para se libertar do *savoir-faire* operário que ainda dominava o processo de produção de mercadorias. Isso ocorre na fase da Grande Indústria alicerçada no capital fixo, ou seja, sob a autoridade do sistema de máquinas. Os meios de trabalho nessa composição são meios de trabalho do capital, e não, do trabalhador. O sistema de máquinas subjuga o sujeito produtor ao incorporar as habilidades do trabalhador coletivo. Neste sentido, o trabalho deixa de ser governado pelo indivíduo, rebaixando-o à condição de autômato. Este “monstro vivo”, ao assimilar o saber coletivo, liberta o capital dos limites impostos pelos trabalhadores; desta maneira o capital torna-se o único limite a si mesmo. Com o sistema maquínico-científico instaura-se a produção tipicamente capitalista; dito de outra forma, a etapa em que o capital submete não mais apenas formalmente o trabalho, senão também materialmente, ou seja, realmente.

A partir desse momento, o trabalhador já separado dos meios de produção e da comunidade, é separado também de qualquer possibilidade de controle da produção, pois o conhecimento cristalizado na maquinaria desantropomorfiza o trabalho e subtrai qualquer possibilidade de protagonismo operário, este não determina mais o que produzir, quanto produzir, em que ritmo produzir e, por que produzir.

Essas separações se concretizam com a Grande Indústria (fordismo/taylorismo), aqui o capital se autonomiza diante dos produtores diretos e a sociedade moderna se liberta das coerções “naturais” pré-modernas, restando à humanidade um projeto de liberdade exclusivamente secularizado sem as imposições “mistificadoras” da comunidade tradicional. As novas teias sociais e as redes de proteção e segurança se refundam nos quadros dessa nova realidade. A liberdade apregoada com a “saída” da prisão comunitária significava a entrada no cárcere fabril, a liberdade oracular da modernidade capitalista converte-se em liberdade econômica, é a liberdade para o livre fluxo dos interesses econômicos. Foi fundamental um

amplo esforço de valorização do trabalho como um símbolo de liberdade e promoção social, como um símbolo de atividade virtuosa.

A este trabalho despojado de conteúdo e significado, acompanha um mundo progressivamente esvaziado de sentido, “o próprio trabalho é uma atividade desnuda. O trabalho desnudo é precisamente a atividade que corresponde à vida desnuda. O trabalho desnudo e a vida desnuda condicionam-se mutuamente” (HAN, 2015, p. 45). Neste mundo se eleva um novo homem, fundado numa antropologia abstrata e respaldada pela ciência econômica, um homem ideal e conceitual, isolado, do qual é extraído a sua essência egoísta e seu inexorável impulso capitalístico (MARX, 1982). Um homem desterritorializado dos vínculos sociais, culturais e espaciais, emancipado de qualquer signo moral como honra, mérito ou dignidade, todas essas imagens ou valores desaparecem reduzidas pela *essência calculista do dinheiro* (SIMMEL, 1997).

Durante o período Fordista, muitos intelectuais e reformadores vinculados a ordem capitalista moderna tentaram artificializar os elos “naturais” da sociedade camponesa-artesanal, oferecendo um conjunto novo de “sólidos”, de proteções e projetos de vida. Ao lado da segurança dos programas governamentais e da longevidade do emprego, surge na década de 30, sob a iniciativa do psicólogo e sociólogo australiano George Elton Mayo (1972), a escola das relações humanas, no seio da sociologia industrial.

As técnicas de vigilância e otimização do trabalho promovidas por Taylor (1995) e sua organização científica do trabalho se mostraram ineficazes para o aumento da produtividade mesmo diante de acréscimos pecuniários, como aumentos salariais e outros bônus na remuneração. Em sua investigação, Mayo (1945 *apud* BERTERO, 1968) sugere um sistema de motivações baseado em grupos informais e em incentivos psicológicos e sociais, num sentido, diametralmente oposto as proposições de Taylor.

As principais premissas do movimento das relações humanas são: 1) correlação entre interação grupal e produtividade; 2) Trabalho e comportamento como resultado atividade grupal; 3) Empresa como organização social composta por grupos informais; 4) Trabalho como fonte de satisfação; 5) Relações humanas como fonte de cooperação e; 6) A organização industrial como função social (BERTERO, 1968). Essas novas orientações aumentaram a produtividade envolvendo o trabalhador ao ambiente e objetivos da fábrica. O “gorila amestrado” de Taylor passa a ser encarado como “humano”, esse novo olhar é lançado com o fito de aumentar a produtividade, por outro lado, acabou, com isso, criando um sistema de

integração social por meio da fábrica que foi fundamental para evitar o aumento das tensões sociais entre patrões e empregados.

A célebre “fábrica fordista” tentou a síntese das duas tendências, combinando assim o melhor dos dois mundos, sacrificando o mínimo tanto da “organização científica” quanto da união de tipo comunitário. Nos termos de Tönnies, seu objetivo era transformar *Kürwille* em *Wesenwille*, “naturalizar” os padrões racionais de conduta abstratamente projetados e ostensivamente artificiais. Durante cerca de meio século, e particularmente nas “três gloriosas décadas” do “acordo social” que acompanhou a reconstrução do pós-guerra, a “fábrica fordista” serviu de modelo para o ideal perseguido, com graus variados de sucesso, por todas as outras empresas capitalistas (BAUMAN, 2003, p. 39).

Nesse período definido por Bauman como modernidade sólida (2003; 2007; 2009) e por Hardt; Negri (2005) de sociedade disciplinar ou sociedade fábrica, se estabeleceu durante um relativo período uma harmonia social garantida por um extenso conjunto de compromissos sociais entre sociedade, fábrica e Estado.

Uma sociedade disciplinar é, portanto, uma sociedade-fábrica. Disciplinaridade é ao mesmo tempo uma forma de produção e uma forma de governo, de tal maneira que a produção disciplinar e a sociedade disciplinar tendem a coincidir completamente. Nessa nova sociedade fábrica, subjetividades produtivas são forjadas como funções unidimensionais do desenvolvimento econômico. As figuras, estruturas e hierarquias da divisão do trabalho social tornam-se cada vez mais generalizadas e minuciosamente definidas, enquanto a sociedade civil é cada vez mais absorvida pelo Estado: as novas regras de subordinação e os regimes capitalistas disciplinares são estendidos por todo terreno social (HARDT; NEGRI, 2005, p. 264).

O Estado providência fez parte de um grupo de iniciativas no sentido de atender a demandas extra econômicas para o apaziguamento dos ímpetos sociais e enquadramento da classe trabalhadora à impessoalidade e indiferença no interior da fábrica. O trabalho despersonalizado gerava insatisfações que não poderiam ser supridas apenas com recompensas salariais, a segurança engendrada pelo pacto social “compensava” a dessubjetivação do trabalho e implosão da irmandade característica dos velhos vínculos sociais. Os grandes coletivos de trabalhadores fortaleceram elos de solidariedade coletivos e um intenso sentimento de pertencimento e integração social. A carreira claramente delineada, a estabilidade dos grupos de trabalho, a possibilidade de desfrutar das capacidades definitivamente adquiridas e o grande valor atribuído à experiência no trabalho permitiam manter os riscos do mercado de trabalho a distância (BAUMAN, 2009).

A segurança e a integração social pelo trabalho mantinham distantes os riscos e as incertezas, garantindo a estabilidade da vida cotidiana em boa medida sustentadas pelos vínculos de solidariedade no trabalho. O pacto gradativamente se desfez e com ele o vasto sistema de proteção social do *Welfare State*, bem como, os vínculos de solidariedade criados

no interior das fábricas e dos grandes sindicatos, assim, a era dos grandes engajamentos se retira e entra em cena a era do grande desencajamento.

Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos – escassos e claramente inadequados. A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformam, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos *de jure* (de direito); mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos *de facto* (de fato). Se, entre as condições da modernidade sólida, a desventura mais temida era a incapacidade de se conformar, agora – depois da reviravolta da modernidade ‘líquida’- o espectro mais assustador é o da inadequação (BAUMAN, 2009, p. 8-9).

O modelo panóptico de vigilância e controle não é mais necessário, muito menos a criação de modelos psicossociais de envolvimento com o trabalho ou valorização de heranças coletivas. Com a passagem da manufatura para a Grande Indústria os homens foram arrancados dos círculos aconchegantes da família e da comunidade, mas encontraram na solidariedade criada pelas instituições modernas da fábrica e do Estado- de-Bem-Estar uma outra forma de segurança e estabilidade. A passagem da Grande Indústria para a era da acumulação flexível e do Estado neoliberal representa o fim desses sólidos e a entrega do homem a própria sorte. Nas palavras de Bauman “os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada *desregulamentação*) [...] e a dissolução da solidariedade representa o fim do universo no qual a modernidade sólida administrava o medo” (BAUMAN, 2009, p. 8). Para o autor, vivenciamos a *desregulamentação individualista número dois*, recordemos, como já tratamos neste texto, que a primeira desregulamentação individualista foi a passagem da sociedade camponesa-artesanal para a moderna sociedade capitalista, a era dos engajamentos.

No mundo contemporâneo, o poder prescinde do engajamento ou compromisso, é dispensável a proximidade da vigilância do período disciplinar. A escassez e a impermanência impõem a indivíduos e grupos uma grande incapacidade de elaborar suas ações, pois, “a insegurança quanto à posição social, incerteza sobre o futuro da sobrevivência e a opressiva sensação de ‘não segurar o presente’ – gera uma incapacidade de fazer planos e segui-los” (BAUMAN, 2003, p. 42). Na era do grande desencajamento de Bauman ou da sociedade do desempenho de Han (2015), assistimos a um indivíduo refém do acaso e da frustração, adoecido, inadequado e solitário, nas palavras de Han a “sociedade do desempenho produz depressivos e fracassados” (HAN, 2015, p. 25).

3.2 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO: “COCHILOU O CACHIMBO CAI”

Em 1970, uma composição intitulada *Cochilou o cachimbo cai*, de Lourival dos Santos e Moacyr dos Santos, ganha eco na voz de Tião Carreiro e Pardinho. A canção retrata a chegada em São Paulo de um indivíduo interiorano em busca de um lugar à sombra:

*É de madrugada é de madrugada
que o galo canta
É de manhã cedo é de manhã cedo
que se levanta
Quando eu cheguei em São Paulo
Dava pena dava dó
Minha mala era um saco
O cadeado era um nó
Tem muita gente com inveja
Porque viu que eu subi
Eu nasci para trabalhar
Vagabundo para dormir
Perdição do vagabundo
É gostar do travesseiro
Depois fica de olho gordo
Em cima do meu dinheiro
Estou com a vida mansa
Acho ela muito boa
Eu levanto bem cedinho
Pra ficar mais tempo à toa
Quem chegou a general
Quem chegou a coronel
Levantou de madrugada
Chego cedo no quartel
Sem trabalho ninguém vive
Sem trabalho ninguém vai
Minha gente a vida é dura
Cochilou o cachimbo cai*

Lourival dos Santos;
Moacyr dos Santos
Cochilou, o cachimbo cai.
1970. Álbum Terra Roxa de
Tião Carreiro e Pardinho. 1978.
38:51 min.

A canção está em consonância com os valores e representações sociais da sociedade disciplinar e, o indivíduo, descrito como um exemplar do sujeito da obediência da sociedade-fábrica. Aqui o trabalho aparece como uma atividade mortificante, mas recompensadora. É através do sacrifício do labor, que um indivíduo despretensioso consegue a integração social e, no anoitecer da vida, o descanso. Por mais tortuoso que seja o caminho e estreitas as passagens há um lugar prometido, o lugar de ficar *à toa*, um lugar para a inação, um prêmio ao desmedido esforço, a recompensa merecida, *uma vida mansa*.

Para aqueles que não deixam o cachimbo cair e aceitam tacitamente as regras e hierarquias bem definidas, a sociedade restitui o esforço com a concessão da consciência do

dever cumprido, conhecido e reconhecido por todos, até o fechar dos olhos. Apesar de dizer que nasceu *para trabalhar*, a canção deixa claro que, só o faz, em nome do futuro repouso, do reconhecimento social do dever cumprido. Os papéis estavam bem estabelecidos, representados nas posições de general e coronel. Se é possível identificar um alvo e basear toda vida para conquistá-lo, pois ele, estará lá, esperando ser ocupado pelos eleitos, por aqueles que acordam com o *canto do galo*. Em algum momento da vida o esforço cessa e eu posso repousar, posso descansar sobre os louros, gozar o merecido repouso, depois do esforço realizado e conseguido, pois eu *subi na vida*.

Hoje, não há um ponto fixo no horizonte para qual se possa orientar todos os esforços, não há um propósito que garanta o reembolso do sacrifício, que justifique a entrega inquestionável a renúncia dos desejos. O que temos hoje, é uma imolação sem divindades.

O trabalho na atualidade assemelha-se mais ao “trabalho inútil dos infernos” ao qual foi condenado o mais astuto dos mortais, Sísifo. A laboriosidade de Sísifo é recompensada com a fúria dos deuses ao desabono da “inutilidade e desesperança” como é tratado por Camus (2004) em *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. A punição de Zeus a Sísifo pode ser facilmente associada à condição do homem na contemporaneidade, condenado ao infortúnio do trabalho sem recompensas. O castigo de Sísifo consiste em empurrar incessantemente uma pedra até o alto da montanha, de onde ela tornava a cair, o que caracterizava o trabalho inútil e sem esperanças. “Nenhuma moral, nenhum esforço são *a priori* justificados ante as sangrentas matemáticas que organizam nossa condição” (CAMUS, 2004, p. 16). Esse trecho extraído de seu livro, a despeito do contexto e finalidade da obra, é utilizado aqui para retratar um mundo sem significado, um significado outrora emitido pelos vínculos de solidariedade, coletivos e instituições disciplinares e antes disso pela família e a comunidade e, mesmo, pelo trabalho que, ao fim, proporcionava o descanso e o reconhecimento.

Em a Sociedade do Cansaço, Han (2015) sustenta que passamos da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. O paradigma do controle caracterizava o regime disciplinar, sua marca era a negatividade, a coerção, a proibição, o anormal, o vagabundo da canção de Lourival e Moacyr dos Santos. Segundo Han “o verbo nodal negativo que a domina é o não-ter-o-direito” (HAN, 2015, p. 24).

Na letra de Cochilou, o cachimbo cai *a perdição do vagabundo é gostar do travesseiro, depois fica de olho gordo em cima do meu dinheiro*. O vagabundo indolente e preguiçoso, não tem direito de desfrutar das conquistas alcançadas pelo suor do esforço, o vagabundo é outro do dedicado, ele o define.

Assim como para Bauman também para Han as desregulamentações promovidas pelo mundo do trabalho e pelo o Estado estão no cerne das transformações que por ora presenciamos. Segundo Bauman “a ‘desregulamentação’ é a palavra da hora e o princípio estratégico louvado e praticamente exibido pelos detentores do poder” (BAUMAN, 2003, p. 42). A desregulamentação sinaliza tanto para o fato de os poderosos não quererem ser regulados como, não estão mais interessados em regular os outros. “Em meio à incerteza e à insegurança, a disciplina anda e se reproduz por conta própria e não precisa de capatazes para supervisionar seu abastecimento constantemente atualizado” (BAUMAN, 2003, p. 43). Nessa mesma direção, para Han (2015) são justamente as desregulamentações que vão abolindo a negatividade, “O poder ilimitado é o verbo nodal da sociedade do desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade do desempenho” (HAN, 2015, p. 24).

Enquanto a negatividade do regime disciplinar cria loucos e delinquentes, em outras palavras o anormal, a sociedade do desempenho fabrica em massa depressivos e fracassados. Han demonstra a “superioridade’ de um modelo baseado na positividade do poder em relação ao modelo proibitivo da sociedade de controle, “O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (HAN, 2015, p. 25). O sujeito do desempenho incorpora o caráter ilimitado do poder, se auto responsabilizando pelo seu fracasso, uma vez que, não há grupos, pessoas ou instituições a quem possa reivindicar ou responsabilizar, frases como: *Acredite, você pode tudo!; Você pode fazer a diferença, é só querer!; Você pode ser o que quiser!; Faça você mesmo;* e tantas outras com o mesmo conteúdo inundam a sociedade em *slogans* publicitários, livros, filmes, novelas, jornais e palestras empresariais.

Com pertinência, Leite (2018) observa que as novas formas de acumulação postas em movimento pelo capitalismo em seu atual estágio de desenvolvimento não permitem nem o projeto clássico da modernidade e nem mesmo “o mitigado desejo de estabilidade do sistema liberal e do estado providência do pós-guerra” (LEITE, 2018, p. 263). Nesse sentido e em consonância com Bauman e Han, deriva das novas formas globais de acumulação um paradigma que impõe aos indivíduos a auto responsabilização sobre suas vidas.

O paradigma da criatividade e da inovação alcança o mundo do trabalho na sociedade contemporânea de uma forma altamente nociva à pessoa: ele realça uma espécie de inovação criativa que supostamente seria capaz de solucionar momentos de crise e estimula a discutível máxima “seja empreendedor de si mesmo”. Ou seja, na impossibilidade de a sociedade gerar as condições essenciais de trabalho e empregabilidade, ela transfere essa responsabilidade à pessoa; assim como a culpa subsequentemente por eventuais insucessos (LEITE, 2018, p. 260).

A sociedade do desempenho “liberta” o indivíduo de todo e qualquer constrangimento que possa impedi-lo de *ser o que quiser ser*, e exatamente, essa “liberdade” que dá superpoderes a iniciativa pessoal liquidifica a economia psíquica - milhares de escolhas e ninguém para sugerir ou determinar um caminho, nenhuma instituição ou grupo – o que nos leva ao segundo ponto, a ausência de vínculos de solidariedade sociais. O que marca a sociedade do desempenho é a pressão por resultados, a pressão por desempenho, nesse sentido, alerta o psicólogo israelense Tal Ben-Sharar⁶⁵, que deixamos de dar importância ao descanso, à recuperação, e não basta o sono. A ausência de interrupção, de hiato, de vagar, é entusiasmada por textos virais que dizem: *Treine enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam e, então, viva o que eles sonham*. Textos como esse se espalham rapidamente na sociedade atual, e o próprio sono é contestado pelos novos profetas da produtividade, sites de administração e negócios produzem e espalham matérias de como otimizar seu sono para máxima eficiência, com letrados chamativos “*o segredo para dormir 4h por dia e produzir mais*”, mesmo revistas de circulação nacional e de considerada reputação incitam esse tipo de estilo de vida. A revista Exame⁶⁶ na seção carreira – você S/A – estampa a matéria: *10 pessoas de sucesso que dormem bem menos do que 8 horas por dia*.

A sociedade do desempenho é expressa caricaturalmente na figura do *workaholic*⁶⁷, para quem a insônia, mau-humor, impotência sexual e depressão estão entre os principais sintomas, esse ser patológico se encaixa na descrição de Han (2015) “o homem depressivo é aquele *animal laborans* que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha” (HAN, 2015, p. 28). Este *animal laborans* não é produto *ex nihilo*, ele tem origem socio-histórica e o situa na era da acumulação flexível com todo o sistema de desregulações que o segue.

Ao ler o livro de Taiichi Ohno, *O Sistema Toyota de Produção*, é possível identificar muitos dos elementos que uma vez desenvolvidos emolduram o quadro da sociedade do desempenho. O sistema gerencial do trabalho e da produção promovido por Ohno na fábrica japonesa de automóveis Toyota, é a base das transformações no mundo da produção e trabalho na era dos mercados globais.

⁶⁵ Entrevista concedida ao El País, sob o título “A obsessão por ser feliz o tempo todo faz as pessoas sentirem-se péssimas”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/03/estilo/1570124407_210391.html. Acesso em: 5 out. 2019.

⁶⁶ Matéria assinada por Camila Pati, publicada em 14 de agosto de 2015.

⁶⁷ Termo em inglês para designar alguém viciado em trabalho.

O modelo japonês surgiu como uma alternativa ao modelo baseado no binômio fordismo/taylorismo, Ohno aprofunda e intensifica as condições de exploração da força de trabalho. O trabalhador polivalente é uma de suas expressões mais acentuadas. O trabalhador toyotista incorpora sozinho um conjunto de funções antes distribuídas entre diversos trabalhadores. “Na Toyota, desde 1955, um trabalhador opera em média cinco máquinas. Enquanto quatro delas funcionam automaticamente, ele carrega, descarrega, prepara a quinta” (GOUNET, 1999, p. 27). Para Han “a multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção indispensável para sobreviver na vida selvagem” (HAN, 2015, p. 31). Nessa perspectiva, para o autor, essa forma de intensificação do trabalho nos nivela a um animal selvagem. Han nos chama atenção para os efeitos da multitarefa sobre a estrutura da atenção.

Enquanto o modelo fordista/taylorista separava as funções de planejamento e execução, exigindo do trabalhador sua força física, o ohnoísmo requer habilidades e capacidades intelectuais e relacionais do trabalhador, que tem que atender a um número ampliado de estímulos e respostas.

De fato, trata-se de um processo de organização do trabalho cuja finalidade, real, é a *intensificação das condições de exploração da força de trabalho*, reduzindo muito ou eliminando tanto *o trabalho improdutivo*, que não cria *valor*, quanto suas formas assemelhadas, especialmente nas atividades de manutenção, acompanhamento, e inspeção de qualidade, função que passaram a ser diretamente incorporadas ao trabalhador produtivo (ANTUNES, 2003, p. 53).

Outro aspecto relevante são os grupos de trabalho, no sentido oposto ao fordismo, no toyotismo o trabalho em equipe ou *team work*, e a gerência participativa são aspectos indispensáveis. Os grupos de trabalho podem sugerir um maior estreitamento das relações interpessoais, no entanto, não passa de uma cooperação coercitiva, com o objetivo de aumentar as capacidades do trabalho coletivo, assim como, aumentar a fiscalização entre os próprios trabalhadores agora desempenhada na ausência de um gerente ou capataz.

O mesmo pode ser dito em relação aos atributos intelectuais dos trabalhadores que passam a ser mais explorados neste modelo, isto pode soar como uma revalorização da dimensão espiritual no trabalho, não obstante, na esteira de Antunes (2003) entendo ser essa uma subjetividade inautêntica, em razão de estar voltada unicamente para o aumento da produtividade da empresa. O que me parece ter relação direta com o indivíduo do desempenho de Han, que se sente pressionado a ser produtivo, sua criatividade e inventividade deve estar voltada para o trabalho sob pena de sentir-se deslocado, inadequado ou, mais gravemente, como indica Bauman (2009), um *underclass*.

A *underclass* é uma subclasse composta por indivíduos supérfluos, inúteis, para os quais não há reaproveitamento. Aqueles que são excluídos do mundo do trabalho flexível tornam-se um fardo para a sociedade, um grupo de párias descartados, para quem é vetado o reingresso, a reintegração, pois não há reciclagem.

A exclusão do trabalho é vivida mais como uma condição de “superfluidade” que como a condição de alguém que está “desempregado” (termo que implica um desvio da regra, um inconveniente temporário que se pode – e se poderá – remediar); equivale a ser recusado, marcado como supérfluo, inútil, inábil para o trabalho e condenado a permanecer “economicamente inativo”. Ser excluído do trabalho significa ser eliminável (e talvez já eliminado definitivamente), classificado como descarte de um “progresso econômico” que afinal se reduz ao seguinte: realizar o mesmo trabalho e obter os mesmos resultados econômicos com menos força de trabalho e, portanto, com custos inferiores aos que antes vigoravam (BAUMAN, 2009, p. 5-6).

Estar desempregado hoje significa flertar com a condição de *underclass*, e por isso, ficar definitivamente à margem dos espaços de integração social. Bauman aponta diferenças relevantes entre os excluídos no período do capitalismo pesado e os excluídos dos tempos líquidos.

As “classes perigosas” originais eram constituídas por gente “em excesso”, temporariamente excluída e ainda não reintegrada, que a aceleração do progresso econômico havia privado de “utilidade funcional”, e de quem a rápida pulverização das redes de vínculos retirava, ao mesmo tempo, qualquer proteção. As novas classes perigosas são, ao contrário, aquelas consideradas incapacitadas para a reintegração e classificadas como *não-assimiláveis*, porque não saberiam se tornar úteis nem depois de uma “reabilitação”. Não é correto dizer que estejam “em excesso”: são *supérfluas* e excluídas *de modo permanente* (trata-se de um dos poucos casos permitidos de “permanência” e também dos mais ativamente encorajados pela sociedade “líquida”). (BAUMAN, 2009, p. 5-6).

Enquanto no regime disciplinar o indivíduo, *temporariamente* excluído, poderia ser reintegrado através de processos sociais de treinamento, estando preservada, assim, a possibilidade de um reposicionamento, na sociedade flexível cresce o número de pessoas inaptas a *reintegração*, mesmo porque a saída de cena do Estado como garantidor e promotor de direitos, significa também o abandono de políticas públicas de “reabilitação”, ficando a cargo de cada um o esforço de manter-se útil. Han (2015) afirma que a sociedade pós-moderna do trabalho pratica uma violência sistêmica que produz infartos psíquicos pela pressão do desempenho. Há um sentimento generalizado de que a condição de excluído não é provisória como na sociedade do controle, mas sim, pateticamente permanente, sem retorno. O temor da inutilidade, do fracasso, de ser um membro da *underclass*, traduz-se em um nível de tensão e abuso psíquico que conduz a depressão⁶⁸.

⁶⁸ Considero importante relembrar o caso dos operários sul-coreanos Chung Sung, Kim e Cho Shon, que numa atitude de absoluto desespero atearam fogo sobre seus corpos como forma de protesto contra a lei que flexibilizava os direitos trabalhistas em 1997.

Com o modelo japonês o mundo do trabalho passou a ser invadido por termos como *karoshi* e *karojisatsu*. O *karoshi* é a morte por exaustão ocasionada por excesso de trabalho e o *karojisatsu* o suicídio em decorrência da intensidade e do caráter extenuante do trabalho. Na terra do sol nascente, berço do modelo produtivo baseado na flexinsegurança do trabalho, o número de mortes associadas ao trabalho é alarmante.

Em 1996 o primeiro ministro japonês Shinzo Abe aprovou a publicação de um relatório sobre o *karoshi*. A pesquisa alerta que um em cada cinco japoneses em idade economicamente ativa podem morrer por exaustão causada pelo trabalho. Segundo Antunes (2012), 30 mil japoneses foram vítimas do *karojisatsu* em 2010, ou seja, suicídios que tem como causa a imensa pressão por produtividade.

A Foxconn, empresa chinesa de tecnologia e uma das responsáveis pela produção do *iPhone*, apresentou uma medida pouco convencional para evitar o suicídio de seus empregados, a empresa passou a retirar as janelas dos alojamentos onde residem seus funcionários. De acordo com a Sacom (*Students and Scholars Against Corporate Misbehaviour*), os operários da Foxconn, centenas de milhares, trabalhavam em média 12 horas por dia, recebendo como salário mensal básico 900 yuans (R\$ 300), que poderiam dobrar em função das horas extras que realizavam. Para Ocada “os inúmeros casos de adoecimento físico e psíquico de trabalhadores, traduzem a descartabilidade do trabalho instaurada pelo toyotismo” (OCADA, 2016, p. 18) e que foi expandido para a maior parte do planeta. O que assistimos, portanto, no mundo flexível do ohnoísmo é a retomada de formas pretéritas de exploração do trabalho.

A fábrica fordista reunia centenas de trabalhadores em suas grandes instalações industriais, e essa proximidade entre os trabalhadores criava um vínculo de solidariedade que se refletia nos grandes sindicatos, clubes e associações. A construção dos laços de solidariedade alimentados naquele ambiente foi desfeito com algumas iniciativas do ohnoísmo. A *liofilização organizacional e do trabalho* implementada pelo toyotismo reduziu as plantas fabris e consequentemente o número de funcionários da empresa.

O ohnoísmo diferente do fordismo, horizontalizou a produção, criando uma extensa rede de pequenas e médias empresas entorno da empresa matriz. Montañó (2001) chama esse processo, de “satelização”, e aponta alguns dramáticos desdobramentos sociais e políticos desse modelo, tais como:

- 1) As horas trabalhadas acima da jornada legal de 8 horas não são mais pagas pelo capitalista com horas extras, pois agora a mercadoria que este compra não é mais a força de trabalho, mas o produto dela;
- 2) O tempo dedicado ao descanso, assim com as frações de tempo “perdidas”, a “porosidade” da produção passam agora a ser custeadas pelo empresário da PeME (pequena e média empresa);
- 3) Agora é sob a PeME que recaem as perdas pela *produção falha* ou defeituosa e os desperdícios, que não se vem para comercializar nem como matéria-prima;
- 4) *Os riscos de produção, do investimento*, quer dizer, da oferta de mercado supera a demanda e fica superestocado, ou das flutuações delas, ficam agora na PeME. A empresa subcontratante compra da PeME apenas em razão de um cálculo, uma previsão racional, sobe as possibilidades de vendas;
- 5) Estando a produção de valor na PeME satélite não é mais necessário que o capitalista invista dinheiro nas atividades dirigidas à inspeção e controle (nem em formas de incentivo ou estímulo à produção), pois só se compra o produto já terminado e em bom estado, independentemente do tempo gasto em sua elaboração. É o próprio empresário da PeME o interessado em diminuir o tempo necessário e os custos de produção aumentando a produtividade;
- 6) Os direitos trabalhistas, que foram conquistas históricas a partir das lutas lideradas por trabalhadores da indústria, não atingem a relação de subcontratação, apenas a relação salarial, deixando desamparado o trabalhador autônomo e/ou passando seus custos para o empresário da PeME, desonerando o grande capital desta responsabilidade. Esse processo de terceirização e hoje quarteirização, impactou decisivamente a organização sindical, que passou a recuar frente a um patronato cada vez mais empoderado pelo Estado neoliberal.

Acompanha a “empresa enxuta” um amplo conjunto de medidas de desregulamentação dos direitos trabalhistas, entendidos como empecilhos ao aumento da produtividade e do padrão de acumulação. Nesse cenário o trabalhador central, aquele de tempo integral, coberto por direitos trabalhistas e com uma forte representação coletiva, não representa mais o maior número da classe trabalhadora, a produção flexível demanda uma legislação e um trabalhador igualmente flexíveis, adaptáveis às oscilações do mercado de consumo e às novas diretrizes da indústria reestruturada.

Uma classe trabalhadora fragmentada e heterogênea substitui aquela sólida e “estável”. Huw Beynon (1995, p. 8 *apud* Antunes 2003, p. 72) define estes trabalhadores como

hyphenated workers (trabalhadores hifenizados). O trabalhador hifenizado não goza dos mesmos direitos dos velhos trabalhadores fordistas e em sua maior parte não possuem vínculos com as empresas centrais, esse novo grupo é composto por *part-time workers* (trabalhadores em tempo parcial), *temporary-workers* (trabalhadores temporários), *casual-workers* (trabalhadores casuais), *self-employed workers* (trabalhadores autônomos)⁶⁹, entre outros.

O *hifenizado* é o trabalhador do mundo contemporâneo, sem direitos e sem coletivos⁷⁰. A segmentação dos vínculos contratuais impossibilita a luta coletiva num contexto de um sindicalismo cada vez mais defensivo. As mutações na base produtiva do capitalismo, com isso, implodem de uma só vez, tanto as proteções institucionais como os vínculos coletivos de solidariedade, e encontra ressonância no plano ideológico num “culto a um *subjetivismo* e de um ideário fragmentador que faz apologia ao individualismo exacerbado contra as formas de atuação coletiva e social” (ANTUNES, 2003, p. 48). Desta forma, os aparatos sociais e os vínculos de solidariedade da sociedade do controle cedem lugar ao *Faça Você Mesmo!* Um indivíduo isolado sem suportes sociais para guiá-lo ou cuidá-lo, o que se reflete na positividade do poder da qual fala Han (2015).

Tem-se, com isso, que na atualidade se dissemina a ideia de liberdade, que significa não estar preso as rígidas e monótonas rotinas de uma empresa⁷¹. Se difunde a ideia de se poder

⁶⁹ O IBGE acaba de divulgar *A Síntese de Indicadores Sociais* (2019), o documento apresenta a diminuição da população ocupada em empregos formais, o aumento da informalidade e do trabalho “por conta própria”, além de uma progressiva subutilização da força de trabalho. O relatório conclui que “as taxas de desocupação e de subutilização (taxa composta da subutilização da força de trabalho) mostraram forte crescimento nos anos de 2015 a 2017; enquanto o nível de ocupação, definido como a população ocupada em relação à população em idade de trabalhar, registrou redução. Isto é, o contingente que ingressou no mercado de trabalho ou que estava ocupado, em parte, passou a compor a população desocupada ou subutilizada nos anos finais da série. (...) Nos três anos finais da série, além do aumento da subutilização da força de trabalho e da elevada desocupação, os resultados revelaram que as condições de trabalho foram desfavoráveis também para os que se mantiveram ocupados. A avaliação do emprego por posição de ocupação evidenciou a interrupção do crescimento da participação dos empregados com vínculo formal de trabalho e a reversão da tendência para a proporção mais baixa já registrada, de 47,4%, em 2018. Por sua vez, tanto a proporção da população ocupada sem carteira de trabalho, quanto a de trabalhadores por conta própria, registraram elevações contínuas a partir de 2015” (IBGE, 2019, p. 15).

⁷⁰ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) o Brasil possui uma População Economicamente Ativa (PEA) de 105,250 milhões de pessoas, desse montante 91.863 milhões encontram-se ocupadas. A pesquisa enumera 6 categorias entre aqueles ocupados: Empregado com carteira assinada no setor privado; empregado sem carteira assinada no setor privado; trabalhador doméstico; empregado no setor público; empregador e; por conta própria. Juntos os empregados com carteira assinada do setor privado e os empregados no setor público totalizam 44.280 milhões de pessoas, enquanto, os outros somados, chegam a 45.417 milhões de pessoas. Considero ainda importante salientar que os trabalhadores por conta própria ocupam o segundo lugar entre as formas de aquisição de rendimentos, contando com 23.750 milhões de trabalhadores. A segunda posição ocupada pelos trabalhadores por conta própria não se reflete no rendimento. Neste quesito, porém, os trabalhadores por conta própria ocupam somente a quarta posição com média de 1.671 reais, ficando à frente apenas dos empregados sem carteira do setor privado e do trabalhador doméstico. (Pnad/IBGE, 2019).

⁷¹ Malagutti (2000) elabora uma crítica a essa narrativa Sebraeana, considerada por ele, mistificadora, do trabalho por conta própria como uma aspiração do trabalhador. O autor se baseia em um conjunto de pesquisas que sustentam que a “autonomia” frente ao vínculo formal, não expressa o sentimento do trabalhador, o autor destaca

realizar todo o seu potencial e ambição, antes retraídos pela coletividade. O *homem liberado* tanto do trabalho enfastante da fábrica quanto da censura dos coletivos pode com isso ser *tudo que quiser ser*, no entanto, Han (2005) observa que

Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O poder, porém, não cancela o dever. (...) O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (2015, p. 26).

A exigência por produtividade e alto desempenho permanecem em prejuízo das recompensas coletivas e institucionais auferidas no período da obediência. O *tempo liberado* sugerido pela sociedade do desempenho não se converte em tempo de fruição, mas em tempo de *mais-trabalho*, como mostra Sennett (2009) “o flexitempo, embora parecendo prometer maior liberdade que a do trabalhador à rotina da fábrica de alfinetes de Smith, está, ao contrário, entretecido numa nova trama de controle” (SENNETT, 2009, p. 67). A nova programação flexível do tempo exacerba os níveis de controle e tensão impostos ao trabalhador. Sennett (2009) destaca que o trabalho hoje pode ser fisicamente descentralizado, no entanto, o poder sobre o trabalhador é mais direto. O autor considera o trabalho em casa o mais flexível dos flexitempos, e demonstra como nesta modalidade de trabalho, o controle do trabalhador é ainda mais eficiente que no interior do escritório.

Exige-se que as pessoas telefonem regularmente para o escritório, ou usam-se controles de intra-rede para monitorar o trabalho ausente; os *e-mails* são frequentemente abertos pelos supervisores. Poucas organizações que montam esquemas de flexitempo dizem a seus trabalhadores: ‘Aqui está a tarefa; faça-a como quiser, contanto que seja feita’, no modelo do *Tagwerk*. Um trabalhador em flexitempo controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si (SENNETT, 2009, p. 68).

Eu poderia acrescentar que para a maior parte dos trabalhadores a supervisão, ainda que a distância, é prescindível, pois, como diz Bauman “nestes dias, a dominação não se apoia na capacidade de os dirigentes observarem de perto os movimentos dos dirigidos e coagirem-nos a obediência” (BAUMAN, 2003, p. 42) a condição de incerteza e insegurança em relação a posição social ou ao futuro da sobrevivência se encarregam de uma exigência auto imposta por desempenho e produtividade. Ou, no bojo das reflexões de Han (2015, p. 33) “A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver”, está negado, assim, ao sujeito ativo da sociedade do

duas enquetes realizadas pelo IBGE em 1992 e 1994 que conclui, dentre outras coisas, “que o “sonho” de tornar-se “independente”, por “conta própria” ou pequeno empresário não exprime um desejo *real* dos trabalhadores, mas representa, isto sim, o que parece ser a única possibilidade de escapar do desemprego ou dos salários degradados: *impedidos de realizar-se como assalariados, ‘o jeito é tornar-se pequeno patrão ou trabalhador por conta própria’* (MALAGUTTI, 2000, p. 90-91).

desempenho o ócio, o repouso, a contemplação, o cansaço. A liberdade disponível na sociedade do trabalho pós-moderna faz o homem livres, “mas é uma liberdade amoral” (SENNETT, 2009, p. 69).

Pretendi até aqui demonstrar como as transformações na base material do capitalismo implicam em transformações em todos os planos da vida humana, do mundo do trabalho irradiam-se para as relações intrapessoais, interpessoais, políticas, culturais, como também espaciais. Não há dimensão da sociabilidade humana que seja refratária a essas transformações. As formas mesmas de produção e consumo do espaço urbano são radicalmente alteradas no sentido de amalgamar-se às demandas do capital flexível e global.

A superfluidade do trabalho e do trabalhador, ou melhor, a superfluidade do homem, a sua descartabilidade, se reflete em um espaço urbano igualmente fluido, efêmero, consumível. A obsolescência das relações trabalho são também a obsolescência de todas as relações e estruturas sociais. Uma sociedade, que como insiste Han (2015), que não autoriza a interrupção, os entremeios, os tempos intermediários, em outras palavras, que não permite a pausa, pode permitir a construção de laços, de relações duradouras com pessoas ou lugares?

3.3 A PRECARIZAÇÃO DA VIDA URBANA: POBREZA, EXCLUSÃO E PERIGO NAS CIDADES

A realidade urbana ingressa na dinâmica da aceleração e do consumo impressos no mundo contemporâneo. Agentes financeiros atuam no sentido de construir um espaço urbano baseado na impermanência, o que, por conseguinte, impede a duração das relações.

Em tal lugar (e mais e mais pessoas começam a conhecer esses lugares e sua amarga atmosfera do modo mais difícil) “ninguém testemunha a vida de ninguém”. O lugar pode estar fisicamente cheio, e, no entanto, assustar e repelir os moradores por seu vazio moral. Não somente ele surge do nada, num local inóspito na memória humana, e antes do pagamento da hipoteca já começou a decair, deixa de ser hospitaleiro para se tornar repulsivo e obrigando os infelizes moradores a buscarem outra moradia. O que acontece é que nada nele permanece o mesmo durante muito tempo, e nada dura o suficiente para ser absorvido, tornar-se familiar e transformar-se no que as pessoas ávidas de comunidade e lar procuravam e esperavam (BAUMAN, 2003, p. 46).

A citação permite um conjunto de inferências importantes. Primeiro a crescente indiferença em relação ao outro que parece nortear o comportamento público hoje. O anonimato em plena vizinhança, o recolhimento ao ambiente privado, “ninguém testemunha a vida de ninguém”. A expansão urbana em tempos de urbanização dispersa cria espaços urbanos cada

vez mais afastados e descolados dos lugares repletos de história em que os indivíduos nasceram e cresceram. Em muitos casos a possibilidade de comunhão social é bloqueada pela brevidade e precariedade da estadia, o que pode ser verificado nos resultados da pesquisa realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) encomenda pela ABRAIN (Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias).

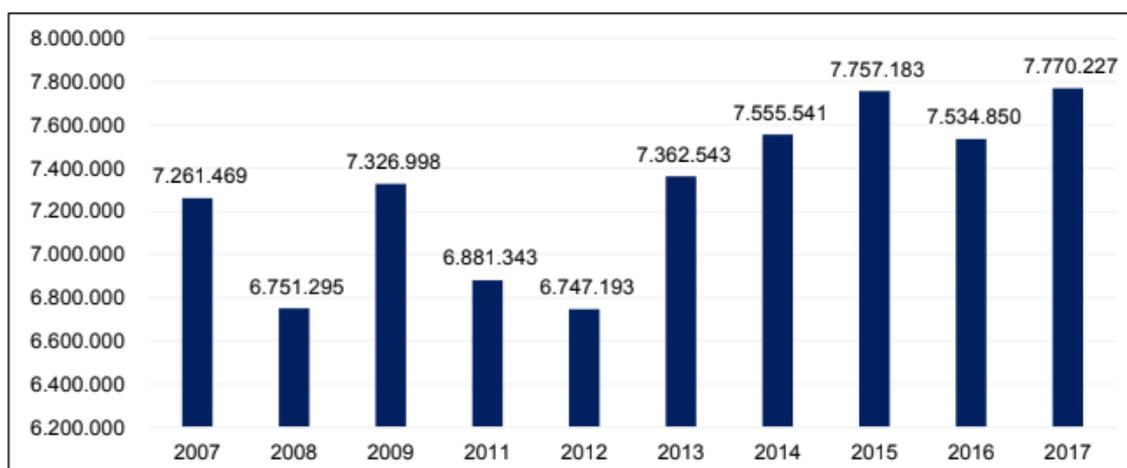
Figura 15 - Déficit habitacional e seus componentes (2017)

Componentes	Número de unidades	Participação relativa
Habitação precária	967.270	12,4%
Improvizados	161.710	2,1%
Rústicos	805.560	10,4%
Coabitação familiar	3.209.299	41,3%
Cômodos	117.350	1,5%
Famílias conviventes	3.091.949	39,8%
Ônus excessivo com aluguel	3.289.948	42,3%
Adensamento excessivo	303.711	3,9%
Déficit Total	7.770.227	100,0%

Fonte: FGV, 2018.

A figura expõe um déficit habitacional de mais de 7 milhões de unidades, merecendo destaque o ônus excessivo com o aluguel e na coabitação familiar, respectivamente de 42,3% e 41,3%. Ainda cabe acrescentar, visto que, não está disponível na figura, a evolução desses componentes entre 2007 a 2017. No primeiro ano da série, o ônus excessivo com aluguel correspondia a 24,2%, o que significou uma adição de 18,1%. Os responsáveis pela pesquisa trabalham com a hipótese “que essas famílias não teriam alternativas de moradia a preços mais baixos, tanto em termos de propriedade quanto de locação de residências” (FGV, 2018, p. 12).

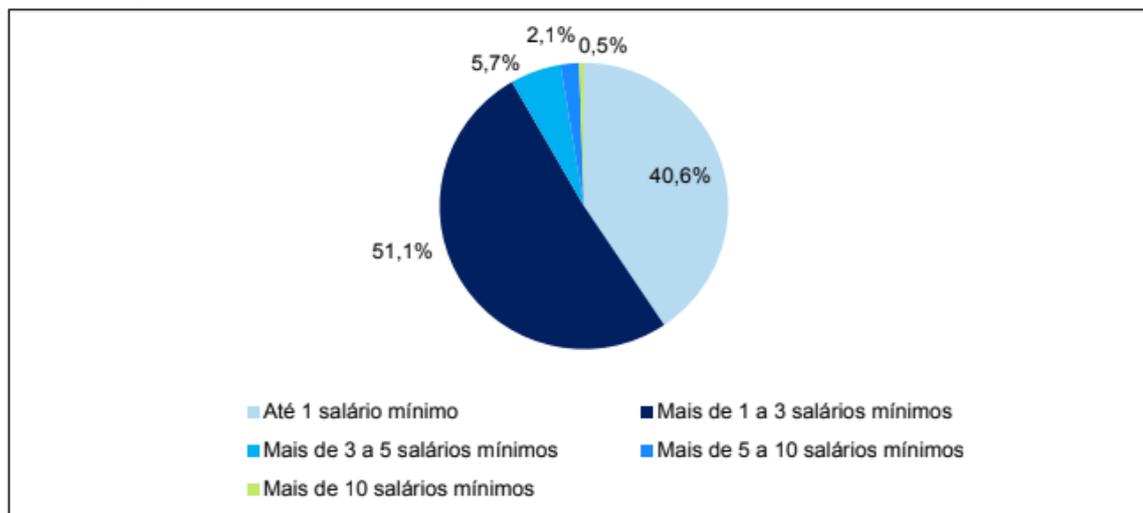
Figura 16 – Brasil: evolução do déficit habitacional total - número de unidades - (2007-2017)



Fonte: FGV, 2018.

O crescimento do déficit habitacional em si mesmo é um dado preocupante, no entanto, se torna ainda mais grave quando é analisado por faixa de renda, conforme o gráfico abaixo:

Figura 17 - Distribuição relativa do déficit habitacional por faixa de renda familiar (2017)



Fonte: FGV, 2018.

A pesquisa não traz um comparativo entre faixa de renda, componentes e os anos anteriores. Ainda assim, revela a profunda desigualdade social e econômica entre os estratos mais pobres. Juntos, os estratos de 1 a 3 salários mínimos equivalem a 91,7% do déficit total, isto é, 7,1 milhões de unidades. E mais do que isso, “essas duas faixas de renda respondem por 100% das unidades com ônus excessivo com o pagamento de aluguel e dos domicílios improvisados” (FGV, 2018, p.11). Somam-se a esses números, aqueles recentemente divulgados pelo SIS/IBGE (Síntese de Indicadores Sociais/2019), que anunciam o aumento da pobreza no Brasil entre 2012 a 2018. O relatório verificou que 25,3% da população brasileira, diga-se, 52,5 milhões de pessoas⁷², vivem com menos de US\$ 5,50 PPC⁷³ por dia, o que equivale a R\$ 420 reais por mês, entorno de 44% do salário mínimo no ano de 2018. No ano de

⁷² Esses números ainda reforçam a desigualdade regional no País, porquanto, é na Região Nordeste onde se concentram quase a metade dessas pessoas, 47,0%. Se considerarmos a população nordestina, que é de, aproximadamente 54 milhões de pessoas (censo, 2010), e sua população abaixo da linha da pobreza que é de 24,675 milhões de pessoas, então quase a metade da população nordestina se encontra abaixo da linha da pobreza. Por fim, Alagoas, que é o cenário de minha pesquisa, ocupa a segunda posição entre as Unidades da Federação, neste ponto, atrás apenas do Estado do Maranhão.

⁷³ “A PPC é utilizada para comparar o poder de compra entre diferentes países, ou moedas, e é utilizada como alternativa à taxa de câmbio, que, em geral varia com mudanças nos índices de preços e mesmo a volatilidade do mercado de capitais e especulação. O fator de conversão de PPC é o número de unidades da moeda de um país necessárias para comprar a mesma quantidade de bens e serviços no mercado interno como em dólares comprariam nos Estados Unidos. A taxa de conversão da PPC para consumo privado calculada pelo Programa de Comparação Internacional – PCI (International Comparison Program (ICP) era de R\$ 1,66 para US\$ 1,00 no ano de 2011. Para chegar às linhas utilizadas aqui, os valores em dólar são convertidos em reais, tornados mensais e deflacionados pelo índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA para a média do ano. Da mesma forma, cada rendimento em gráficos e tabelas é deflacionado para reais médios de 2018 e comparado a essa linha atualizada” (SIS/IBGE, 2019, p. 57).

2014, esse número era de 22,8% da população, registrando assim, um aumento de 2,5% em 4 anos. Do conjunto dos 25,3%, 13 milhões de pessoas vivem com menos de 1,90 PPC por dia ou 150 reais por mês, esse contingente é superior à população total de países como Bolívia, Cuba, Grécia e Portugal (SIS/IBGE, 2019).

Para esse oceano de pessoas, não há possibilidade de reinserção social sem políticas públicas, pois, o mercado de trabalho não é indiscutivelmente o lugar dessa reabilitação. O próprio relatório chega a essa conclusão, ele revela que “a inserção no mercado de trabalho não é condição suficiente para superar a pobreza” (SIS/IBGE, 2019, p. 60), pois mesmo dentre os ocupados, especialmente os empregados sem carteira assinada e os trabalhadores domésticos, que lembremos, juntos somam 39.026 milhões de pessoas, de um universo de 91.863 da população economicamente ativa ocupada, mais de 14%, não alcançam os 5,50 PPC ao dia. Neste sentido, com propriedade Milton Santos (2007) afirma que apenas “a partir do Estado” a sociedade pode corrigir as assimetrias regionais, apenas através do Estado é capaz de pensar globalmente o país, de capitanear um projeto nacional, pois a iniciativa privada pela sua própria natureza, não pode encampar um tal projeto. Segundo o autor:

O Estado se torna algo cada vez mais indispensável, porque as fontes criadoras de diferenças e desigualdades, são muitos mais fortes que no passado, então para desmanchar essas diferenças, para reduzir essas desigualdades, é necessário um Estado que intervenha, um Estado socializante, por conseguinte⁷⁴.

A sociedade contemporânea se ressentida dos mecanismos protetivos instaurados no regime disciplinar, o que para Bauman, Han, Sennett entre outros, aumenta a sensação do risco, vulnerabilizando e sobrecarregando os indivíduos. Essa condição de pauperismo a que estão submetidos os indivíduos se manifesta, é claro, no plano do habitar, no âmbito da cidade. A precariedade das relações de trabalho e a pobreza monetária estão intimamente ligadas à precariedade e à vulnerabilidade da condição de habitabilidade, ou seja, a experiência urbana por ela mesma. De acordo com o SIS/IBGE (2019), ao menos 26,6 milhões de pessoas residem em domicílios com ao menos uma das inadequações enumeradas na pesquisa⁷⁵. As deficiências habitacionais acompanham as infraestruturas urbanas, igualmente precárias e deficientes, como coleta de lixo, abastecimento de água, esgotamento sanitário, apenas para citar algumas. Essas carências sociais implicam em grandes desafios à vida na cidade, por que não dizer, à própria vida.

⁷⁴ O mundo global visto do lado de cá. Direção de Silvio Tender. Rio de Janeiro: Caliban, 2007. DVD (89 minutos).

⁷⁵ A pesquisa enumera quatro inadequações, deixando claro, que essas não representam todo tipo de inadequação possível, são elas: 1) ausência de banheiro exclusivo; 2) paredes construídas com materiais não duráveis; 3) adensamento excessivo, e; 4) ônus excessivo com aluguel (SIS/IBGE, 2019).

O homem descartado, inútil, *underclass*, repercute na configuração da própria cidade, que cria mecanismos de defesa e proteção para os “integrados”. O medo invade corações e mentes numa cidade entulhada por uma subclasse, ou um sub-homem, em escala progressiva. Presencia-se, com isso, um amplo processo de guetização, que retrata os abismos sociais existentes na sociedade. Para Wacquant a guetização é um instrumento bifacetado de cercamento e controle étnico-racial; um dispositivo socio-organizador composto por quatro elementos (estigma, limite, confinamento espacial e encapsulamento institucional). Conforme Wacquant a guetização, com isso, emprega o espaço com o duplo propósito, de exploração econômica e ostracismo social, de um lado, maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perversor, e de outro, minimizar o contato íntimo com seus membros, a fim de evitar a ameaça de corrosão simbólica e contágio. Wacquant (2004, p.155) realça, e considero isso central, que “o gueto não é uma ‘área natural’, produto da ‘história da migração’ (como Louis Wirth defendia), mas sim uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano”⁷⁶. Essa interpretação de Wacquant se contrapõe à leitura generalizada de que os guetos formam um espaço urbano voluntário, instituído por indivíduos “semelhantes” material e simbolicamente, no sentido, de estabelecer um lugar comum de segurança e identidade, o que, no entanto, colateralmente pode vir a ocorrer.

Ao longo do texto, Wacquant vai construindo um conceito relacional de gueto, que distingue, sociologicamente, esse fenômeno de segregação residencial de outras formas de exclusão socioespacial. Uma, e talvez, a mais relevante característica de um gueto, em seus termos, é o paralelismo institucional.

Isso sugere que a segregação residencial é uma condição necessária, mas não suficiente para a “guetização”. Para que um gueto surja, o confinamento espacial deve ser primeiramente imposto e abrangente, e, em segundo lugar deve revestir-se de uma série de instituições bem definidas e duplicativas que permitam ao grupo que se isola reproduzir-se dentro do perímetro estabelecido (WACQUANT, 2004, p. 160).

Seu conceito de gueto deve combinar segregação residencial involuntária, paralelismo institucional e uma pujante identidade coletiva, neste sentido, acredito que a compreensão de Bauman desse fenômeno urbano é mais adequada, não só à realidade brasileira, como também às formas urbanas contemporâneas de exílio social em todo o mundo. Para Bauman (2003, p.

⁷⁶ Wacquant critica a concepção de gueto elaborada pela primeira Escolha de Chicago, para quem seria uma área natural que “surge pela adaptação ambiental governada por uma lógica biótica ‘parecida com a cooperação competitiva em que se baseia a comunidade vegetal’. O erro da primeira Escola de Chicago consiste em ‘converter história em história natural’ e considerar a ‘guetização’ uma ‘manifestação da natureza humana’ que seria parte da ‘história das migrações’, quando na verdade é uma forma muito peculiar de urbanização modificada por relações assimétricas de poder entre grupos étnicos: uma forma especial de *violência coletiva concretizada no espaço urbano*” (WACQUANT, 2004, p. 158).

108) “a guetificação é parte orgânica do mecanismo de disposição do lixo ativado à medida que os pobres não são mais úteis como ‘exército de reserva da produção’ e se tornam consumidores incapazes e, portanto, inúteis”.

O próprio Wacquant acredita que seu conceito seja mais apropriado ao estudo de campos de refugiados, prisões e outras formas de confinamento forçado de grupos de despossuídos e desonrados. Ainda que, para Wacquant o componente étnico racial seja um traço distintivo do que ele define como guetização, entendo que, também os *slums*⁷⁷ contemporâneos são “uma forma espacial de violência coletiva concretizada no espaço urbano” e também se caracterizam pela *ocupação involuntária dos indivíduos*. Embora, haja uma correlação direta entre renda monetária e cor da pele no Brasil, o componente racial não tem sido capaz de criar um forte elã coletivo e identitário, o que seria crucial para o conceito de guetização de Wacquant. Entendo que os retirados urbanos dos bairros e conjuntos residenciais segregados não são capazes de criar instituições ou redes de proteção, muito menos negar a integração social, não o fazem por absoluto impedimento, não por uma convicção cultural auto imposta. Utilizo assim, o termo guetização para me referir aos bolsões de miseráveis não assimilados pelo mundo do trabalho flexível.

A terceira Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável – Habitat III, realizada em Quito (2016) adota, no mesmo sentido de Bauman, que a guetização do espaço urbano é agravada pelas vulnerabilidades empregatícias, especialmente de grupos vulneráveis política e socialmente, como negros, mulheres, migrantes, e outros grupos cuja as vozes e contribuições à vida urbana não são reconhecidas (ONU-Habitat III, 2016). A guetização é uma das expressões mais candentes da fragmentação do espaço urbano. Têm-se, deste modo, numa ponta o isolamento social dos pobres, na outra, o dos ricos.

Enquanto os mais pobres são “expulsos” dos melhores espaços urbanos, os mais ricos procuram edificar ilhas urbanas que os separem e os protejam dos mais pobres. A proposta dos agentes imobiliários é oferecer espaços que recriem a atmosfera comunitária. Por trás dessas trincheiras urbanas super “protegidas” espera-se religar os laços protetivos oferecidos antes pela comunidade pré-capitalista e depois pela solidariedade de classe do regime disciplinar. Para Bauman (2003; 2009) existem os guetos voluntários e os guetos involuntários. “Para aqueles que vivem num gueto voluntário, os outros guetos são espaços ‘nos quais não entrarão jamais’.

⁷⁷ *Slum* é uma área de dilapidação imobiliária que, por extensão, tende a designar uma vizinhança de má reputação e indesejável para as classes baixas. Essa palavra descreve um tipo de ocupação similar a das favelas brasileiras, mas que também pode ser aplicada para descrever algo similar aos cortiços (WACQUANT, 2004, p. 155, 156) (Tradução do termo Zena Eisenberg, João Feres Júnior).

Para aqueles que estão nos guetos ‘involuntários’ é um espaço ‘do qual não lhes é permitido sair’” (2009, p. 14). Em nenhum dos dois casos a segurança da comunidade é reinstalada, nem entre os pobres, para quem se atribuem uma pretensa solidariedade comunitária compartilhada pela condição de oprimidos, menos ainda, entre os abastados entrincheirados em suas fortificadas “comunidades” artificiais. Para os primeiros

Compartilhar o estigma e a humilhação pública não faz irmãos os sofredores; antes alimenta o escárnio, o desprezo e o ódio. Uma pessoa estigmatizada pode não gostar ou não de outra portadora do estigma, os indivíduos estigmatizados podem viver em paz ou em guerra entre si – mas algo que provavelmente não acontecerá é que desenvolvam respeito mútuo. “Os outros como eu” significa os outros tão indignos como eu tenho repetidamente afirmado e mostrado ser, “parecer mais com eles” significa ser mais indigno do já sou (BAUMAN, 2003, p. 110).

Para os segundos,

Os guetos voluntários pretendem servir à causa da liberdade. Seu efeito sufocante é uma “consequência não prevista” – não é intencional. Os moradores descobrem, decepcionados, que, quanto mais seguros se sentem dentro dos muros, tanto menos familiar e mais ameaçadora parece a selva lá fora, e mais e mais coragem se faz necessária para aventurar-se além dos guardas armados e além do alcance da rede eletrônica de segurança (BAUMAN, 2003, p. 106).

A fragmentação social extremada pelo modelo flexível de produção, se estende pelo conjunto da sociedade, produzindo uma realidade urbana igualmente fragmentada, contaminada pelo medo generalizado do fracasso e dos fracassados. Essa “*máquina de desempenho autista*” (HAN, 2015) em que se transformou o sujeito do desempenho, conhece apenas o temor do insucesso, esse medo generalizado redundando em isolamento físico e espacial, e este isolamento obsta qualquer possibilidade de repensar o modelo de sociabilidade vigente, visto que esta reflexão só pode ser coletiva. É neste sentido que, para Bauman, “um gueto não é um viveiro de sentimentos comunitários. É, ao contrário, um laboratório de desintegração social, de atomização e de anomia” (BAUMAN, 2003, p. 111). Este modelo combina confinamento espacial com fechamento social.

O mundo do trabalho pós-moderno (HAN, 2015) exige um indivíduo móvel capaz de se adaptar as dobradiças solicitações do mundo produtivo, neste caso, a mobilidade se torna um fator ainda mais relevante do que em outros períodos históricos, aqui a imobilidade espacial consiste em imobilidade social. Os indivíduos detidos em guetos involuntários enfrentam também o desafio da mobilidade. O crescimento da mobilidade pendular para trabalho tem uma conexão estreita com essa “nova” engrenagem produtiva, o que me põe a questionar se os movimentos pendulares são apenas uma reverberação do mundo produtivo ou uma tentativa de se reconstruir laços, busca de segurança ou pertencimento. Os comutadores unicamente aprofundam o desraizamento e individualismo ou é possível neste movimento, a criação de um

lugar, de relações de pertencimento, à promoção de vínculos de solidariedade? Qual a relação desses personagens com o lugar de residência e de trabalho? O quanto e como os pendulares vivenciam o lugar de origem numa vida em pendularidade para trabalho?

3.4 LUGAR E PAUSA

Para Lefebvre (1999) a atual realidade urbana reduz a vida cotidiana a um trânsito entre moradias funcionais e trajetos monótonos e obrigatórios. O nomadismo urbano, empurrado pelas exigências do mundo trabalho, é para o autor o esplendor do individualismo. Lefebvre (1999, p.91) endereça uma crítica a *mobilidade* social e profissional de nosso tempo. O autor aponta para o caráter superficial desta mobilidade, pois, segundo ele, “deixam as relações sociais intactas”. Esses deslocamentos não são, desta forma, espontâneos, provocados pela vivacidade da vida urbana, mas programados e rigidamente estruturados. Essa mobilidade não resulta em encontro, mas em tédio e neurose.

Em Jacobs (2014, p. 86) lemos, “para a autogestão de um lugar funcionar, acima de qualquer flutuação da população deve haver a permanência das pessoas que forjaram a rede de relações do bairro. Essas redes são o capital social urbano insubstituível”. Ao se referir as formas privadas de investimento urbano, Jacobs (2014) faz distinção entre o capital especulativo (dinheiro cataclísmico) e o capital convencional (dinheiro gradual), segundo a autora, o investimento especulativo destrói as redes comunitárias de sociabilidade, degrada o meio ambiente e o tecido urbano. O capital convencional, de outra forma, é aplicado lentamente, e sempre no sentido de reafirmar a história coletiva do bairro, voltado para o atendimento de necessidades cotidianas modestas. Infelizmente, conforme Jacobs, este último foi amplamente substituído pelo primeiro. A militante canadense traz ao plano principal a vida informal, a agitação, a diversidade, o encontro, o improvisado, a descoberta, a escala local, em oposição ao homogêneo, funcional e previsível espaço dos planejadores urbanos.

Sennett, em *Construir e Habitar* (2018), propõe um caminho onde *cit e* e *ville*, hoje divorciadas, se reconciliem. Uma proposta em que o interior e o exterior, construir e habitar, pessoas e lugar, o mecânico e o visceral, estejam articulados. A história do urbanismo é representada como uma tentativa de harmonizar *cit e* e *ville*. A cidade é composta por essa dupla dimensão, *ville*, o plano físico e concreto, técnica e tecnologia empregadas na forma urbana, e também, simultaneamente, *cit e*, o plano das experiências, das relações informais, da cultura, do

vivido, do não linear, do cotidiano, da cidadania e democracia. Sennett nos convida a refletir sobre um modelo onde as estruturas físicas não destruam a estrutura íntima da vida em comunidade. Um paradigma aberto em contraposição ao fechado predominante em nosso tempo. Onde a *ville* não embote a *cit e*. Em que modos de vida e espaos construídos estejam integrados. A construo dos prédios, praas, ruas, edifícios públicos, espaos de lazer em consonância com valores e significados culturais, que espelhem a história comum, os trajetos diários, as marcas do tempo. Em suas palavras, “o equilíbrio entre o construído e o vivido, a *ville* e a *cit e*” (SENNETT, 2018, p. 96).

Conforme Pallasmaa “o ato de habitar   o modo básico de alguém se relacionar com o mundo” (PALLASMAA, 2017, p. 7).   um caminho de mão dupla, em que, o habitante se acomoda no espao e o espao se acomoda ao habitante, o lugar, com isso, se converte em uma exteriorizao e uma extensão física e mental do ser. Assim como para Sennett (2018) a cidade   a conjuno de aspectos físicos (*ville*) e espirituais (*cit e*), habitar  , para Pallasmaa, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional e técnico. Desta maneira, “a casa celebra o ato de habitar ao conectar-se de modo intencional com as realidades do mundo” (PALLASMAA, 2017, p. 8). O autor amarra o ato de morar com o ato de celebrar, essa ligao, deve estar presente no Habitar. Essa relao que deveria ser irromp vel tem sido sempre, segundo o autor, negligenciada pelo urbanismo contemporâneo, que privilegia apenas os aspectos funcionais em detrimento de qualquer significado mental mais profundo.

A preocupao desmedida com a funcionalizao e estetizao do espao urbano compromete a combinao morar e celebrar como atos constitutivos do habitar. Num tal contexto, podemos falar, como Marandola Jr. (2008), que o “Habitar está em risco”. Além da desconexão entre os planos técnico e o vivido, Pallasmaa (2017, p. 9) destaca ainda, a relao entre tempo, espao e habitar. Ele aponta que “ambas as dimensões necessitam ser articuladas e dotadas de significados específicos”. Nessa perspectiva, o tempo deve ser concretizado como uma durao contínua. Esse entendimento de tempo contínuo, de experi nciao do tempo, um tempo necessário para a acomodao   diametralmente oposto ao *flexitempo* (SENNETT, 2009) da *sociedade pós-moderna do trabalho* (HAN, 2015). Pallasmaa dispara sua crítica ao tempo nervoso e apressado de nossos dias, pois, “somos incapazes de viver fora do tempo e da durao” (PALLASMAA, 2017, p. 9). Quero mostrar com essa reflexão que Habitar   morar, celebrar e estar no tempo e no lugar.

Lefebvre (1999), Jacobs (2014), Sennett (2018) e Pallasmaa (2017), a despeito de suas opo es teóricas, têm em comum que aspectos como permanência, durao, cotidiano, o mental,

o vivido, as relações pessoais, a diversidade, o envolvimento demorado são elementos indispensáveis para a criação de uma *cidade aberta* (SENNETT, 2018), para o *direito a cidade* (LEFEBVRE, 2016), em suma, para o *Habitar* (PALLASMAA, 2017). Depreendo que para esses autores a fugacidade que norteia as relações sociais contemporâneas compromete a possibilidade de estar e viver o mundo, pois a permanência, premissa fundamental do habitar, é um privilégio quase inalcançável para o *sujeito ativo do desempenho* (HAN, 2015).

Em meio as liquidificantes e flutuantes agendas cotidianas e precárias condições de vida, a viabilidade da edificação não é concretizável, pois *ora aqui ora ali* não habitamos simplesmente. “*Voltar é muito melhor, voltar inclusive é o melhor da festa*”⁷⁸, conhecer outros lugares, novas pessoas, sentir, presenciar, compartilhar outros cheiros e paisagens é muito bom, contudo, voltar é sempre melhor, essa é conclusão de Gonzaguinha, cantor e compositor brasileiro. Em uma sociedade que destrói os sólidos, para onde voltar? Voltar supõe um lugar construído, edificado e à nossa espera, significa que temos tido tempo, que tenhamos nos demorado.

Um lugar é o espaço significado, vivido, onde o homem se demora. Essa é também a perspectiva sobre a qual se assenta o conceito de lugar de Tuan (1983): “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). O espaço é abstrato, enquanto o lugar é palpável, compõe e é composto pelas experiências acumuladas ao longo da vida, “além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; a cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”, diante disso, o lugar se desenha em torno de biografias e histórias de vida, sendo estabelecido a partir do envolvimento da pessoa no espaço (MARANDOLA JR. 2008).

Como demonstra Leite, lugar é uma “determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente” (LEITE, 2002, p. 123). O lugar se caracteriza assim num duplo movimento: é o espaço onde os indivíduos projetam significado, através dos usos e práticas sociais, ao mesmo tempo em que atua sobre os mesmos indivíduos modelando e orientando suas ações. Nesse sentido, a conversão do espaço em lugar opera na convergência de práticas sociais imbuídas de sentido e uma demarcação espacial.

⁷⁸ Gonzaguinha, cantor e compositor brasileiro. Ensaio, **TV Cultura**, 1990, minuto 52-53.

[...]um *lugar* implica a existência reconhecida, reflexiva e compartilhada entre uma demarcação espacial e ações simbólicas, de modo que o espaço só se torna *lugar* mediante as práticas sociais que lhe imprimam sentidos. Estas práticas, por sua vez, só se realizam no interior dessa demarcação espacial, que não se limita a ser apenas o suporte físico das ações. A consistência de um *lugar* depende, portanto, do modo como espaço e ação se influenciam reciprocamente (LEITE, 2001, p. 334-335).

Ao juntar as dimensões geográfica e social, pode-se pensar as formas contemporâneas de produção de segurança, nos quadros de um projeto mais humano, numa direção oposta aos assépticos, homogêneos e funcionais espaços criados por planejadores urbanos, e também elaborar uma crítica às precárias condições de moradia e exigências do mundo do trabalho flexível. Pensar o lugar nessa direção significa também refletir sobre a vulnerabilidade, risco e perigo da hiper mobilidade na *era dos desengajamentos* (BAUMAN, 2003). A velocidade que dá liberdade ao homem faz com que ele perca a sensação de espacialidade.

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Um dos sentidos etimológicos do termo *bad* (mau) é “aberto”. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos (TUAN, 1983, p. 61).

Um mundo acelerado impede a experiência calma imprescindível para incubar sensações e relações densas conectadas ao espaço, convertendo-o, dessa maneira, em lugar. Esta impossibilidade significa imediatamente vulnerabilidade e insegurança. Esse ser patologizado e depressivo de Han (2015) não consegue e/ou é impedido de construir e, portanto, de habitar. No mundo contemporâneo parece não ofertar as oportunidades de se estabelecer o demorar-se, o repouso, o tempo de meditação, o tempo de envolvimento lento com pessoas e com o espaço. O abraço entre espaço e cultura resulta na *topofilia* (TUAN, 1974), essa noção concerne aos laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, “a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podem estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 1974, p. 107). Com efeito, para Pais (2015) “O que tem importância social não é o espaço, mas as vivências sociais que nele decorrem e que o convertem de um vazio em algo com significado sociológico” (PAIS, 2015, p. 86). Tem, com isso, que uma vez que as relações emocional e culturalmente significativas operam num determinado espaço, este se transforma em lugar, espaço conhecido e reconhecido.

Em uma passagem extremamente atual Heidegger afirma que “nosso habitar está sufocado pela crise habitacional. E mesmo que fosse diferente, o que hoje se entende por habitar

está açulado pelo trabalho, revolvido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados” (HEIDEGGER, 2012b, p. 165).

Os movimentos pendulares agudizam a atomização do indivíduo? Esse tipo de comportamento urbano é motivado por escolha ou coerção, como considera Lefebvre (1999)? A mobilidade pendular potencializa a liberdade ou são uma forma ainda mais acentuada de exploração? A pendularidade para trabalho exprime a excessiva fragmentação social ou são uma resposta a essa fragmentação, oportunizada pelo encurtamento do tempo e da distância?

Esta tese está voltada a investigar essas questões a partir do ponto de vista do pendulador. Nos capítulos a seguir, um de cunho quantitativo, em que procuro elaborar o perfil socioeconômico dos penduladores, suas motivações, frequência das viagens e relações espaciais, um outro qualitativo, baseado em entrevistas com a intenção de ecoar as impressões das pessoas que colaboraram para o desenvolvimento dessa pesquisa, orientado pelos problemas levantados ao longo da tese. Desse modo, pretendo apreender a experiência urbana vivida pelos indivíduos em deslocamento pendular para trabalho, as formas e modalidades de experiência urbana cotidiana das intensas transformações socioestruturais impostas pela reestruturação produtiva, estado neoliberal e fragmentação urbana e como os indivíduos em pêndulo urbano cotidiano reproduzem essas estruturas, rompendo e insinuando resistências.

A maior parte dos trabalhos sobre os deslocamentos pendulares investigam a pendularidade no contexto metropolitano, entre as cidades do entorno e a cidade central, minha pesquisa centra atenção no deslocamento entre cidades localizadas em regiões que não compartilham a mesma história e quadro cultural, o que acredito torna o trabalho singular, e permite visualizar de maneira mais aguda questões como segurança, comunidade, vulnerabilidade, risco e perigo.

Com ênfase na experiência dos comutadores, pretendo seguir as orientações de Simmel (1997) que alerta que a missão do pesquisador não é a de condenar ou aceitar, mas tão-só a de compreender.

4 PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO ESTUDADA

A pesquisa quantitativa foi uma exigência imposta pelo problema de pesquisa pela falta de informações sobre os pendulares tanto nos órgãos diretamente responsáveis pelo transporte e mobilidade urbana em Maceió como em Arapiraca. A carência de informações impulsionou esta iniciativa.

Não foi encontrada nos sites oficiais nenhuma menção a pesquisas que procurem mapear e caracterizar os usuários do transporte intermunicipal entre essas duas cidades, nem mesmo pesquisas de grande porte que evidenciem aspectos gerais daqueles que utilizam o transporte público, percorrendo diariamente as cidades alagoanas⁷⁹. O último relatório anual em que constam todos os serviços públicos gerenciados e fiscalizados pela ARSAL (Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de Alagoas) foi realizado ou, ao menos, disponibilizado em seu site oficial em 2013⁸⁰.

A pesquisa sobre o perfil socioeconômico dos usuários do transporte intermunicipal é ainda mais remota, foi realizada em 2005 pela Dinâmica Consultoria, Assessoria e Eventos⁸¹. Vale registrar que neste momento está em curso uma pesquisa capitaneada pela ARSAL, sobre a demanda de passageiros em Alagoas, que tem o objetivo de identificar o número de pessoas que utilizam o transporte público; se a quantidade de veículos é suficiente para atender a demanda; quais linhas apresentam maior deficiência e os problemas enfrentados pelos usuários; como também realizar o recadastramento dos transportadores complementares, o que vai oferecer um número atualizado do tamanho e importância dessa modalidade de transporte intermunicipal em Alagoas. Infelizmente não aproveitarei os resultados dessa pesquisa que ainda prossegue, pois não há prazo para divulgação.

O obstáculo da ausência de pesquisas patrocinadas pelo Estado de Alagoas teve que ser enfrentado, ainda que nos limites de uma pesquisa individual, o que impossibilita o caráter englobante que apenas o Estado ou grandes institutos de pesquisa podem alcançar. Não poderia

⁷⁹ O que talvez explique a concentração de trabalhos acadêmicos sobre o deslocamento pendular nas grandes metrópoles brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, onde os pesquisadores contam com dados produzidos pelas pesquisas de origem destino.

⁸⁰ Disponível em: <http://www.arsal.al.gov.br/relatorios>. Acesso em: 16 dez. 2019.

⁸¹ Disponível em: <http://www.arsal.al.gov.br/relatorios>. Acesso em: 16 de dez. 2019.

confeccionar esta pesquisa sem informações fundamentais sobre o perfil dos pendulares o que é central para a esta tese, nesse sentido, encampei esforços para a apreensão desses dados.

4.1 O TRANSPORTE COMPLEMENTAR

O transporte complementar foi selecionado, porque, de acordo com o presidente da Associação dos Transportes Complementares de Arapiraca (Atracomp), José Ailton da Paz e com Maércio Ferreira de Amorim, presidente do Sindicato dos Transportadores Complementares de Passageiros de Alagoas (Sintrancomp), esta modalidade de transporte monopoliza, em termos de transporte público, as viagens intermunicipais.

José Ailton afirma que a linha Maceió-Arapiraca é a que possui o maior fluxo, com uma movimentação em torno 600 a 800 pessoas por semana, o que demonstra o intenso relacionamento espacial entre as duas cidades. Ao tomar como referência 600 pessoas por semana, observa-se que são, no mínimo, 2.400 pessoas em trânsito entre as maiores cidades de Alagoas mensalmente, podendo chegar a 3.200 pessoas por mês, apenas considerando o transporte complementar.

Em minha terceira entrevista com o presidente do Sintrancomp, Maércio Ferreira, falava sobre a centralidade do transporte complementar de passageiros no âmbito intermunicipal, segundo o sindicalista “aqui em Alagoas o transporte intermunicipal é feito 90% pelo transporte complementar e apenas 10% pelo transporte convencional”. Neste sentido, o transporte alternativo, ou complementar, torna-se efetivamente a linha de frente da locomobilidade urbana. As últimas pesquisas realizadas pela Arsal, ainda que com peso científico questionável, pois foram realizadas há pouco mais de uma década, já apontavam que o transporte complementar representava entre 55% e 60% da preferência dos usuários⁸². Nada faz crer que esse número recuou, inversamente, acredito que os números atuais devem aproximar-se dos mencionados por Maércio Ferreira. Distante das 100 linhas do transporte complementar, hoje Alagoas oferta apenas 25 linhas intermunicipais ocupadas pelo transporte convencional.

O transporte complementar, assim, é concretamente a principal modalidade de transporte coletivo intermunicipal, mas não apenas, pois atua também no interior das grandes cidades como uma “alternativa” cada vez mais relevante. Quero ainda sublinhar que apesar dos

⁸² Disponível em: <http://www.arsal.al.gov.br/servicos/transporte/servico-complementar>. Acesso em: 16 dez. 2019.

130 km que separam as cidades de Maceió e Arapiraca, essa constitui a segunda linha mais importante em número de passageiros entre capital alagoana e outro município do Estado, ficando atrás apenas da linha Maceió-Marechal Deodoro, cidade que compõe a região metropolitana de Maceió a apenas 24 km de distância.

A decisão de eleger o transporte complementar deu-se, portanto, por sua proporção ao concentrar no serviço de transporte público regulamentado⁸³ o maior número de pendulares entre Arapiraca e Maceió. Soma-se a esse fator, dois outros, o primeiro, e que foi decisivo na escolha dos complementares, o acesso. As empresas convencionais dificultam o acesso aos passageiros, e elas mesmas não cedem informações sobre o serviço prestado, isso quando é possível agendar entrevistas com os responsáveis pelo setor dentro das empresas; o segundo é o fluxo, os questionários tiveram que ser aplicados nas rodoviárias enquanto os passageiros aguardavam a partida do transporte, e os convencionais, diferente dos complementares, saem em intervalos muito prolongados; já os complementares, em maior número, têm um fluxo mais intenso. Os veículos partem em um intervalo de 25 minutos entre um e outro, das 5h15 da manhã às 17h45 da tarde. Somados esses fatores, foi feita a opção pelo complementar.

4.2 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: OBSTÁCULOS E ESCOLHAS

Entre a autorização dos diretores e gestores das rodoviárias de Maceió e Arapiraca, assim como, do ponto de apoio no centro de Maceió, onde foram aplicados os questionários, passando pelo recrutamento dos entrevistadores, a aplicação do pré-teste e reformulação dos questionários, inserção e tabulação dos dados e elaboração dos confrontos, até a finalização da pesquisa, esta foi a etapa mais longa da pesquisa desta tese.

A aplicação dos questionários contou com seis entrevistadores. Além de mim, três estudantes de Ciências Sociais, um de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e uma professora de Sociologia da rede estadual de ensino (SEDUC/AL), todos com experiências acadêmicas em pesquisas anteriores, o que foi indispensável para o êxito da pesquisa. Os entrevistadores foram distribuídos em três pontos: Rodoviária João Paulo II e no ponto de apoio no centro de Maceió, e no terminal rodoviário Deputado Nezinho em Arapiraca.

⁸³ Essa consideração é importante, pois, hoje, cresce o número de transportadores clandestinos, bem como outras formas de transporte intermunicipal mediadas, especialmente, pelas novas tecnologias, que permitem caronagens, etc.

Os questionários eram aplicados das 5h15 da manhã às 17h45 da tarde, sempre com dois pesquisadores presentes. Em conversa com os motoristas e cobradores das Vans estabeleci os dias de aplicação. Segundo os transportadores, os dias de maior fluxo eram as segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, ainda assim, aplicamos também aos sábados.

Figura 18 - Fotos dos locais de aplicação dos questionários



Fonte: o autor.

O questionário de múltipla escolha permitia apenas uma opção entre as alternativas propostas. Durante a elaboração, cheguei a cogitar a aplicação de questionários *on-line*, através das redes sociais o que poderia ampliar o número de entrevistados e outras modalidades de transporte, contudo, considerei que o questionário escrito e a restrição aos complementares tornaria a pesquisa mais localizada, além do contato com os entrevistados que o questionário escrito proporciona⁸⁴, o que acrescenta olhares somente possíveis no encontro físico.

Os questionários eram compostos por 27 perguntas, divididas em três blocos: perfil socioeconômico (nome, situação familiar, sexo, idade, grau de instrução, vínculo empregatício, setor de atividade, tipo de escola, cor e renda); caracterização dos domicílios (número de residentes, condição de moradia) e; informações sobre a viagem e relações socioespaciais (tempo de moradia, mudanças de domicílio, cidades e estados que já residiu, motivo da viagem, familiares que viajam, custos de transporte, frequência da viagem, remuneração antes e depois de pendular, motivo da viagem e relação com a cidade de destino).

Meu objetivo foi traçar um perfil socioeconômico e também reunir informações que me permitam desvendar o comportamento espacial e social do pendulador. Acredito que a ausência dessas informações esvaziaria minha pesquisa. A caracterização do indivíduo que pendula corporifica a análise o que me permite dizer quem são os pendulares entre Maceió e Arapiraca: Quem se desloca? Por quais motivos? Há quanto tempo? A dimensão quantitativa da pesquisa oferece elementos comuns que atravessam as diversas realidades daqueles que pendulam, como também, permitiu-me confirmar que os deslocamentos para trabalho são o carro chefe dessa modalidade de movimento.

Esta etapa da pesquisa colocou-me em contato com dados que eu não teria acesso de outra forma a não ser artesanalmente. Essas informações muniram-me de recursos que, dados de fontes secundárias, não me possibilitariam e, como observa Lima “a vantagem dos dados primários é que nesse tipo de coleta o pesquisador tem mais liberdade para formular suas questões e desenvolver mais o questionário dentro do seu tema de interesse” (LIMA, (2016, p. 16). Com eles foi possível estabelecer um diálogo com pesquisas desenvolvidas nos grandes centros urbanos, e o contraste com essas pesquisas permitiu demonstrar pontos de encontro e distinções entre as realidades da pendularidade e do pendulador lá e aqui.

⁸⁴ Devido ao contato durante a aplicação dos questionários consegui atrair algumas pessoas para a etapa das entrevistas.

Quanto ao cálculo amostral e margem de erro, foram aplicados 300 questionários para uma população de 3 mil indivíduos, levando em consideração um nível de 95% de confiança. Considerando o objetivo proposto, o tamanho amostral adequado foi calculado por meio da seguinte expressão:

$$\frac{\frac{z^2 p(1-p)}{e^2}}{1 + \left(\frac{z^2 p(1-p)}{e^2 N}\right)}$$

Em que:

- n é o tamanho amostral obtido;
- N é o tamanho da população sob análise;
- z é o quantil obtido a partir da distribuição Normal padrão de probabilidade correspondente ao nível de confiança desejado;
- e é a margem de erro a ser considerada;
- p é a proporção amostral estimada.

Nesse sentido, considerou-se uma amostra de $n = 300$, uma população de $N = 3.000$, um nível de confiança de 95%, o que resulta em $z = 1,96$ e $p = 0,5$ para obtenção da variabilidade máxima. Sendo assim, a margem de erro resultante da amostragem realizada foi de:

$$= 5,37\% .$$

Portanto, a margem resultante do plano de amostragem obtido com 300 indivíduos é 5,37% pp para mais ou para menos, isso considerando uma confiança de 95% nos resultados⁸⁵. O método probabilístico adotado foi a amostragem aleatória simples, ou seja, aquela em que cada elemento da população tem a mesma probabilidade de ser selecionado.

Não é excessivo destacar que os dados auferidos nessa pesquisa dizem respeito apenas aos passageiros do transporte complementar na linha Maceió-Arapiraca, não podendo ser

⁸⁵ O objetivo inicial era chegar a 5% de margem de erro, o que significaria 340 questionários aplicados para um nível de confiança de 95%. Contudo, não foi possível chegar a esse número de questionários, devido aos custos da pesquisa.

estendido ao conjunto dos indivíduos que pendulam através das mais variadas formas de transporte, nem mesmo para aqueles que pendulam em outras linhas no próprio complementar. Apesar disso, não tenho dúvidas que por ser o principal transporte intermunicipal e a linha mais importante fora das respectivas regiões metropolitanas, Maceió e Arapiraca, os dados colhidos servem de referência para se pensar o conjunto dos pendulares usuários de transporte complementar em Alagoas.

Considero relevante dizer que inicialmente apresento características gerais dos pendulares entre Maceió-Arapiraca, para em seguida no tópico 4.5 enfatizar as características dos pendulares apenas para trabalho.

4.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO: QUEM PENDULA?

A partir deste ponto, pretende-se elaborar um perfil socioeconômico da população que pendula entre Maceió e Arapiraca através do transporte complementar, ressaltando suas características comuns e suas diferenças.

A pesquisa verificou que a maior parte dos pendulares tem entre 31 e 40 anos, seguidos de perto pelas faixas entre 24 e 30 anos e 18 e 23 anos, representando respectivamente, 23,7%, 23% e 21% do universo total. Nesse sentido, a população pendular, no contexto desta pesquisa, é composta majoritariamente por jovens⁸⁶, pois a população entre 18 e 30 anos corresponde a 44% (132 pessoas) do total. Ao somar as três faixas etárias se obtém 67,7% (203 pessoas) dos pendulares entre 18 e 40 anos.

Tabela 10 - Descritiva da faixa etária

Faixa etária	n	%
Até 18 anos	3	1,0
Entre 18 e 23 anos	63	21,0
Entre 24 e 30 anos	69	23,0
Entre 31 e 40 anos	71	23,7
Entre 41 e 54 anos	51	17,0
Acima de 55 anos	43	14,3
Total	300	100,0

Fonte: pesquisa direta

⁸⁶ O conceito de juventude considerado na pesquisa é o formulado pelo Estatuto da Juventude do Brasil (2013, p. 26), para quem, “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”.

Os números sugerem uma grande participação das pessoas a partir dos 31 anos de idade quanto a essa modalidade de deslocamento urbano, formando 55,5% do público pesquisado.

Quanto à renda, a pesquisa revelou que a maior parte dos pendulares tem uma renda de 1 a 2 salários mínimos, traduzindo 57% dos entrevistados. Se considerarmos que 11,7% declararam uma renda de menos de um salário mínimo, lê-se com isso que 68,7% dos pendulares não ultrapassam dois salários mínimos. Agregando as faixas de renda de até 3 salários mínimos a mais de 10 salários mínimos chega-se apenas a 28,5% dos pendulares entrevistados.

Tabela 11 - Descritiva da variável renda

Renda	n	%
Menos de 1 salário mínimo	33	11,7
1 salário mínimo	80	28,5
Até 2 salários mínimos	80	28,5
Até 3 salários mínimos	41	14,6
Até 4 salários mínimos	18	6,4
Até 5 salários mínimos	10	3,6
Entre 6 e 8 salários mínimos	9	3,2
Até 10 salários mínimos	2	0,7
Mais de 10 salários mínimos	1	0,4
Não responderam	7	2,5
Total	281	100,0

Fonte: pesquisa direta

A maior parte dos entrevistados é composta por negros e pardos, totalizando 61,7% dos pesquisados, sendo 25,0% negros e 36,07% pardos, diante de 37,0% de brancos.

Tabela 12 - Descritiva da variável raça/etnia

Raça/Etnia	n	%
Branca	111	37,0
Negra	75	25,0
Parda	110	36,7
Indígena	2	0,7
Amarela	2	0,7
Total	300	100,0

Fonte: pesquisa direta

Ao confrontar renda, cor e escolaridade, pode-se visibilizar um dos traços mais marcantes da desigualdade social no Brasil, a desigualdade racial.

Tabela 13 - Cor e Raça x Renda

Variáveis		Renda										Total	
		Menos de 1 salário mínimo	1 salário mínimo	até 2 salários mínimos	até 3 salários mínimos	até 4 salários mínimos	até 5 salários mínimos	entre 6 e 8 salários mínimos	até 10 salários mínimos	mais de 10 salários mínimos	não respondeu		
Raça/etnia	Branca	n	7	21	20	19	13	7	6	1	1	4	99
		%	21,2%	26,3%	25,0%	46,3%	72,2%	70,0%	66,7%	50,0%	100,0%	57,1%	35,2%
	Negra	n	13	23	28	3	3	1	1	1	0	1	74
		%	39,4%	28,8%	35,0%	7,3%	16,7%	10,0%	11,1%	50,0%	0,0%	14,3%	26,3%
	Parda	n	13	35	30	18	2	2	2	0	0	2	104
		%	39,4%	43,8%	37,5%	43,9%	11,1%	20,0%	22,2%	0,0%	0,0%	28,6%	37,0%
	Indígena	n	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
		%	0,0%	0,0%	1,3%	2,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%
	Amarela	n	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2
		%	0,0%	1,3%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%
Total	n	33	80	80	41	18	10	9	2	1	7	281	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Tabela 14 - Cor e Raça x Escolaridade

Variáveis	Escolaridade										Total	
	Nunca estudou	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo	Superior incompleto	Superior completo	Pós-Graduação incompleta	Pós-Graduação completa			
Raça/etnia	Branca	n	4	7	2	3	27	23	30	5	10	111
		%	26,7%	14,0%	22,2%	37,5%	40,9%	41,8%	43,5%	62,5%	50,0%	37,0%
	Negra	n	5	23	2	3	20	6	11	2	3	75
		%	33,3%	46,0%	22,2%	37,5%	30,3%	10,9%	15,9%	25,0%	15,0%	25,0%
	Parda	n	6	19	5	2	19	24	27	1	7	110
		%	40,0%	38,0%	55,6%	25,0%	28,8%	43,6%	39,1%	12,5%	35,0%	36,7%
	Indígena	n	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
		%	0,0%	2,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	,7%
	Amarela	n	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,6%	0,0%	0,0%	0,0%	,7%
Total	n	15	50	9	8	66	55	69	8	20	300	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Concernente às pessoas que declararam renda, a pesquisa revela um traço marcante da estrutura social brasileira que se materializa no pequeno universo recortado nesta pesquisa, pode-se ver que os negros e pardos representam 63,3% do pendulares⁸⁷, contra 36,6% de todas as opções juntas, sublinhando que entre estes 35,2% se autodeclarou brancos e apenas 1,4% amarelos ou indígenas. A tabela acusa que as piores faixas de renda são ocupadas por negros e pardos em consonância com todas as pesquisas produzidas sobre o tema no Brasil.

De acordo, com os dados apresentados, pode-se perceber que há uma discrepância de salário entre brancos e negros, de modo que dentre os brancos, o percentual de indivíduos com menos de 1 salário mínimo é de 7,1%, enquanto que, dentre as pessoas de cor negra, esse percentual sobe para 17,6%. Em contrapartida, o percentual de três salários mínimos entre os brancos é de 19,2%, enquanto que entre os negros esse percentual cai para 4,1%.

A mesma disparidade se aplica à relação entre cor/raça e escolaridade. Apesar de compor no universo da pesquisa um número bem inferior a soma de negros e pardos, a população branca detém um nível de formação escolar superior àqueles. Entre os 61,7% negros e pardos se encontram apenas 38 indivíduos (39,2%) com formação superior completa contra 30 indivíduos (27,0%) da população branca, ainda que esta, represente apenas 37% da população investigada. Ao considerar apenas a população negra, o abismo é ainda maior, uma vez que o percentual de negros com ensino superior completo é de 14,7%.

Nos andares mais altos da formação acadêmica o abismo é mais expressivo, pois quando se trata das variáveis pós-graduação incompleta e completa, o número de entrevistados brancos soma 15 indivíduos enquanto negros e pardos somam 13 indivíduos. No computo geral, a maior parte dos comutadores transita entre o ensino médio completo e o ensino superior completo, na devida ordem de 66 (22,0%) e 69 (23,0%) pessoas, um pouco menos da metade da amostra. O que ultrapassa mais da metade se adicionados o superior incompleto, 55 (18,3%) pessoas. Sendo assim, entre os 300 entrevistados, 190 (63,3%) estão situados entre o ensino médio e superior completos.

O fator escolaridade está intimamente ligado ao fator renda, o que pode sinalizar para uma maior exigência do mercado de trabalho, tornando os negros e pardos, em regra, com menor escolaridade, também reféns das piores condições de trabalho, como se pode observar na tabela a seguir.

⁸⁷ Considero, assim como o IBGE (2013), a população negra sendo aquela composta por pretos e pardos.

Tabela 15 - Renda x Escolaridade

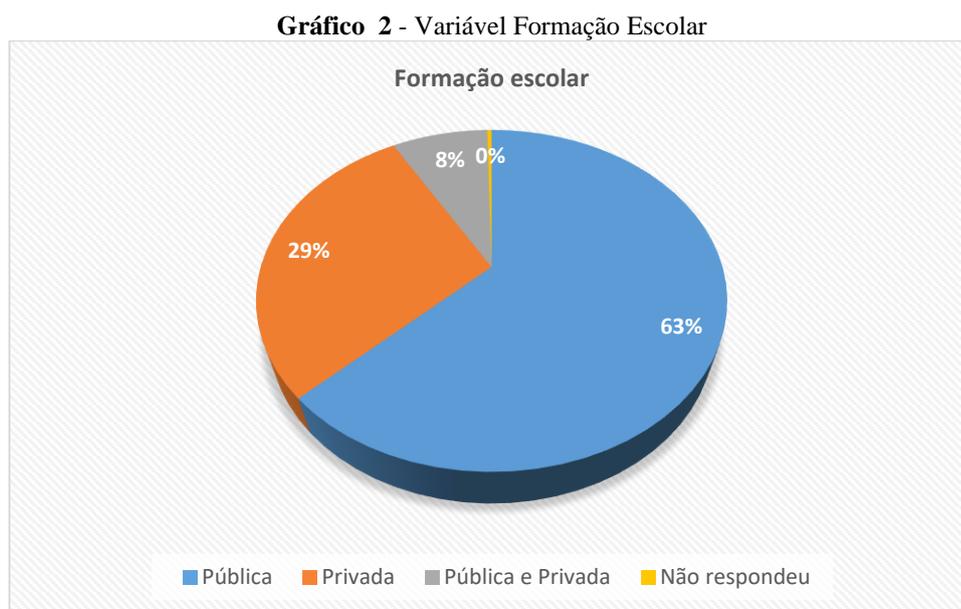
Variáveis		Escolaridade									Total	
		Nunca estudou	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo	Superior Incompleto	Superior Completo	Pós-Graduação Incompleta	Pós-Graduação Completa		
Renda	Menos de 1 salário mínimo	n	3	11	1	0	8	7	3	0	0	33
		%	20,0%	22,4%	12,5%	0,0%	13,3%	14,6%	4,4%	0,0%	0,0%	11,7%
	1 salário mínimo	n	9	24	3	2	21	13	7	1	0	80
		%	60,0%	49,0%	37,5%	28,6%	35,0%	27,1%	10,3%	16,7%	0,0%	28,5%
	Até 2 salários mínimos	n	1	13	2	3	24	17	17	0	3	80
		%	6,7%	26,5%	25,0%	42,9%	40,0%	35,4%	25,0%	0,0%	15,0%	28,5%
	Até 3 salários mínimos	n	2	0	1	1	3	3	20	3	8	41
		%	13,3%	0,0%	12,5%	14,3%	5,0%	6,3%	29,4%	50,0%	40,0%	14,6%
	Até 4 salários mínimos	n	0	0	1	0	1	4	8	1	3	18
		%	0,0%	0,0%	12,5%	0,0%	1,7%	8,3%	11,8%	16,7%	15,0%	6,4%
	Até 5 salários mínimos	n	0	0	0	0	1	1	6	0	2	10
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,7%	2,1%	8,8%	0,0%	10,0%	3,6%
	Entre 6 e 8 salários mínimos	n	0	0	0	1	1	0	3	1	3	9
		%	0,0%	0,0%	0,0%	14,3%	1,7%	0,0%	4,4%	16,7%	15,0%	3,2%
	Até 10 salários mínimos	n	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	0,7%
	Mais de 10 salários mínimos	n	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,0%	0,4%
	Não respondeu	n	0	1	0	0	1	3	2	0	0	7
%		0,0%	2,0%	0,0%	0,0%	1,7%	6,3%	2,9%	0,0%	0,0%	2,5%	
Total	n	15	49	8	7	60	48	68	6	20	281	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Os melhores salários são distribuídos em relação as melhores formações escolares, a partir de quatro salários mínimos não há quase ninguém com formação inferior ao ensino médio completo, contudo, a tabela diz algo mais. Um grande número de pessoas, 102 indivíduos, entre os níveis superior incompleto e pós-graduação completa, não ultrapassa a renda de três salários mínimos, o que é sintomático da precarização da renda no atual mundo do trabalho.

Prosseguindo na construção de um perfil socioeconômico dos pendulares, cabem ainda outras informações. Até aqui, nota-se que em sua maioria os comutadores têm entre 18 e 40 anos, são negros (pretos e pardos), ganham até dois salários mínimos e possuem formação escolar entre o nível médio completo e o superior completo.

Ainda sobre a formação escolar, um dado é singularmente relevante, em tempos de ataque ao sistema público de educação.



O Gráfico 2 evidencia a centralidade da educação pública na formação escolar do público pesquisado. A grande maioria dos pendulares, 62,85%, tivera sua formação nos quadros da educação pública, 28,82% na escola privada e 7,99% tivera sua formação dividida entre os dois sistemas educacionais.

Outro dado particularmente importante é quanto ao estado civil dos pendulares. A pesquisa averiguou que a imensa maioria daqueles pendulares era composta por pessoas solteiras. A luta pela sobrevivência impõe cada vez mais intensamente a capacidade de trânsito espacial, o que acredito pode, ao lado de outros fatores sociais e culturais, está associado a relação entre pendularidade e o estado civil.

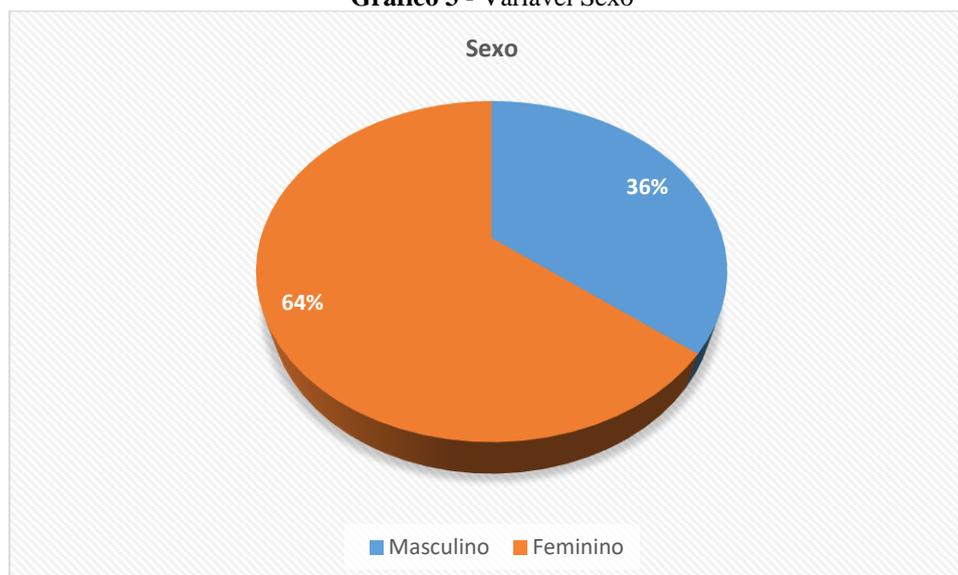
Tabela 16 - Descritiva do estado civil

Estado civil	n	%
Solteiro	153	51,0
Casado	107	35,7
Divorciado	17	5,7
Viúvo	12	4,0
Outros	11	3,7
Total	300	100,0

Fonte: pesquisa direta

Durante o pré-teste, ainda na fase de dimensionamento dos questionários, foi observado pelos entrevistadores que a longevidade ao lado de seus companheiros (as) os faziam sentir-se casados do “namorado⁸⁸”. A incidência dessa atitude nos chamou atenção, levando-me a manter as variáveis nos moldes iniciais, com isso, pude observar como que o termo casamento é operacionalizado de maneira bem mais plástica pelas pessoas que a restrita e institucional aceção do termo. O que parece estar em jogo é a permanência e a regularidade das relações, mas que qualquer outro identificador cristalizado em código.

Quanto ao recorte de gênero, minha pesquisa revelou que a maior parte dos pendulares são mulheres.

Gráfico 3 - Variável Sexo

⁸⁸ Uma forma popular em Alagoas para se referir a uma relação “séria”, na fronteira entre o namorado e o marido (esposa). Uma relação que abdica dos selos institucionais (cartoriais).

Tabela 17 - Sexo x Faixa Etária

Variáveis	faixa etária						Total
	até 18 anos	entre 18 e 23 anos	entre 24 e 30 anos	entre 31 e 40 anos	entre 41 e 54 anos	acima de 55 anos	
Sexo Masculino	n	0	16	26	30	17	107
	%	0,0%	25,4%	37,7%	42,3%	33,3%	41,9%
Feminino	n	3	47	43	41	34	193
	%	100,0%	74,6%	62,3%	57,7%	66,7%	58,1%
Total	n	3	63	69	71	51	300
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta

Tabela 18 - Raça/Etnia x Sexo

Variáveis	sexo		Total		
	masculino	feminino			
Raça/etnia	Branca	n	35	76	111
		%	32,7%	39,4%	37,0%
	Negra	n	33	42	75
		%	30,8%	21,8%	25,0%
	Parda	n	38	72	110
		%	35,5%	37,3%	36,7%
	Indígena	n	1	1	2
		%	0,9%	0,5%	0,7%
	Amarela	n	0	2	2
		%	0,0%	1,0%	0,7%
Total	n	107	193	300	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Os indivíduos do sexo feminino ultrapassam os 64% da população pesquisada contra pouco mais de 35% de indivíduos do sexo masculino. Em sua maioria essas mulheres são jovens e negras, em grande parte mulheres entre 18 a 40 anos, a população feminina negra congloba 59,1% do total das mulheres que pendulam.

Por fim, na construção do perfil socioeconômico do pendulador resta ainda apresentar qual a situação de empregabilidade desses indivíduos e os principais setores econômicos de suas ocupações, assim como, sua situação familiar.

Tabela 19 - Descritiva Situação Familiar

Situação familiar	n	%
Chefe de família	143	47,8
Cônjuge	58	19,4
Filho	84	28,1
Parente	9	3,0
Agregado ou hóspede	2	0,7
Pensionista	3	1,0
Total	299	100,0

Fonte: pesquisa direta

Tabela 20 - Situação Familiar x Sexo

Variáveis		sexo		Total	
		masculino	feminino		
Situação familiar	Chefe de família	n	75	68	143
		%	70,1%	35,4%	47,8%
	Cônjuge	n	5	53	58
		%	4,7%	27,6%	19,4%
	Filho	n	22	62	84
		%	20,6%	32,3%	28,1%
	Parente	n	4	5	9
		%	3,7%	2,6%	3,0%
	Agregado ou hóspede	n	1	1	2
		%	0,9%	0,5%	0,7%
	Pensionista	n	0	3	3
		%	0,0%	1,6%	1,0%
	Total	n	107	192	299
		%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta

Tabela 21 - Situação Familiar x Faixa etária

Variáveis		faixa etária						Total	
		até 18 anos	entre 18 e 23 anos	entre 24 e 30 anos	entre 31 e 40 anos	entre 41 e 54 anos	acima de 55 anos		
Situação familiar	Chefe de família	n	1	10	28	37	32	35	143
		%	33,3%	16,1%	40,6%	52,1%	62,7%	81,4%	47,8%
	Cônjuge	n	0	6	12	17	16	7	58
		%	0,0%	9,7%	17,4%	23,9%	31,4%	16,3%	19,4%
	Filho	n	2	40	26	14	2	0	84
		%	66,7%	64,5%	37,7%	19,7%	3,9%	0,0%	28,1%
	Parente	n	0	3	2	2	1	1	9
		%	0,0%	4,8%	2,9%	2,8%	2,0%	2,3%	3,0%
	Agregado ou hóspede	n	0	0	1	1	0	0	2
		%	0,0%	0,0%	1,4%	1,4%	0,0%	0,0%	,7%
	Pensionista	n	0	3	0	0	0	0	3
		%	0,0%	4,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%
	Total	n	3	62	69	71	51	43	299
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta

Entre os pendulares há um predomínio dos chefes de família, estes expressam 47,8% dos respondentes. Os indivíduos do sexo masculino são o maior número entre os pendulares

chefes de família com 70,1%. A presença dos chefes de família pendulares é mais marcante, proporcionalmente, na faixa etária acima de 55 anos, seguida das faixas etárias de 31 a 40 anos e 41 a 54 anos. A variável apresenta ainda um grande número de filhos, ocupando a segunda posição na lista com 28,1%, o que equivale a 84 indivíduos dentre os 299 respondentes. Entre os filhos, exatamente a metade está localizada entre as faixas etárias de 24 a 40 anos de idade. Esse dado é compatível com diversas pesquisas que apontam para uma maior permanência dos jovens na casa dos pais.

A segurança tanto material como afetiva, promovida pelo ambiente familiar, parece responder as incertezas do mundo contemporâneo. A “geração canguru”, como é usualmente denominado o grupo de indivíduos entre 25 a 34 anos de idade, tem crescido no interior dos arranjos familiares SIS/IBGE (2015). Essa juventude prolongada tem proporcionado a esses indivíduos condições para capacitação profissional, por exemplo, imunizados das obrigações e responsabilidades de uma casa. Ainda de acordo com o SIS/IBGE, as pessoas da geração canguru são mais escolarizadas, com um tempo médio de anos de estudo de 10,7 anos frente aos 9,7 anos daqueles que não residem com os pais.

O prolongamento da juventude em determinados estratos sociais pode sinalizar para uma maior dificuldade de adequação ao um mundo que apresenta constantes e abruptas mudanças. Ao lado do fenômeno da coabitação permanente (filhos que seguem residindo com os pais), assistimos também o fenômeno da recoabitação (filhos adultos que retornam a casa dos pais). Itaboraí (2015) chama atenção para fatores como o desemprego e os altos custos de manutenção de uma vida protagonista, ou seja, como pessoa de referência, a autora frisa também que se entre as classes médias o prolongamento na casa dos pais se deve a ambições pessoais, no caso dos estratos mais vulneráveis se deve à falta de perspectivas, enquanto nas classes médias cresce o número de “cangurus”, entre os grupos menos afortunados cresce os jovens “nem, nem” e os jovens “inativos” (ITABORAÍ, 2015).

A convivência estendida se insere, com isso, no modelo de desigualdade social brasileira, refletindo tanto entre os mais favorecidos (individualismo, consumismo), como entre os grupos vulneráveis social e economicamente (incapacidade de inserção social), as transformações sociais abordadas por Sennett, Han e Bauman. A incapacidade de integração social, para uns, e de construção de vínculos sociais para outros, espelha a análise dos vínculos sociais de solidariedade e dos círculos de proteção, dramaticamente fragilizados nesse quartel histórico.

No que se refere ao vínculo empregatício e ao setor de atividade, foi possível observar que há a prevalência de pendulares assalariados com carteira, por volta de 24%. Contudo, é importante realçar que 53,5%⁸⁹ dos pendulares não possuem relações “estáveis” de empregabilidade, em consonância, com os dados apresentados pelos SIS/IBGE (2019) que sinaliza que pela primeira vez, desde do início da série histórica, que os trabalhadores sem carteira ultrapassam os com carteira, que em nossa pesquisa representam 46,4% do público pesquisado.

Essa tendência já era apontada por Harvey desde o final da década de 80, que àquela altura já destacava que a transição no regime de acumulação do fordismo para a acumulação flexível tinha como uma de suas características a “redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado” (HARVEY, 1992, p. 143). As transformações na estrutura do mercado de trabalho permitem o florescimento de formas pretéritas de exploração do trabalhador, como o trabalho doméstico, artesanal e familiar. Harvey sublinhava, ainda, e assistimos à confirmação global daquelas tendências, “o rápido crescimento de economias ‘negras’, ‘informais’ ou ‘subterrâneas’” (1992, p. 145). O que testemunha a precarização dos trabalhadores cada vez mais sujeitos as vicissitudes do mundo do trabalho flexível.

Tabela 22 - Descritiva: vínculo empregatício

	n	%
Assalariado com carteira	70	23,9
Assalariado sem carteira	30	10,2
Funcionário público federal	5	1,7
Funcionário público estadual	13	4,4
Funcionário público municipal	19	6,5
Autônomo	56	19,1
Empregador	2	0,7
Profissional liberal	4	1,4
Dono de negócio familiar	1	0,3
Trabalhador familiar	7	2,4
Aposentado/pensionista	29	9,9
Outros	25	8,5
Não trabalha	12	6,1
Desempregado	14	4,8
Total	300	100,0

⁸⁹ Os trabalhadores sem vínculo em nossa pesquisa reúnem: assalariado sem carteira, autônomo, empregador, profissional liberal, dono de negócio familiar, trabalhador familiar, não trabalha, desempregado.

Tabela 23 - Descritiva: Setor de atividade

Itens	n	%
Agrícola, pecuária, pesca	11	4,3
Construção civil	13	5,1
Indústria	4	1,6
Comércio	33	12,9
Transporte de carga	4	1,6
Transporte de passageiros	9	3,5
Crédito/financeiro	4	1,6
Saúde	36	14,1
Educação	29	11,3
Serviços públicos	14	5,5
Serviços especializados	35	13,7
Trabalhador doméstico	24	9,4
Outros	36	14,1
Telefonia/telemarketing/tecnologia	4	1,6
Total	256	100,0

Fonte: pesquisa direta

Os segmentos que mais absorvem os pendulares são o setor de saúde, seguido do comércio e da educação, 14,1%, 12,9% e 11,3%, nessa ordem, em paralelo a esses ramos de atividade aparece os serviços especializados como campo de atuação de um número significativo de pendulares, com 13,7%.

Considero ainda relevante dizer que quando confrontamos vínculo empregatício e faixa etária, verifica-se que a imensa maioria dos trabalhadores com vínculos empregatícios mais consistentes, com reminiscências do *Welfare State* e de seu conjunto protetivo, está acima da casa dos 30 anos de idade, transitando dos 31 anos aos 54 anos, são 60 indivíduos nesta condição contra 42 indivíduos entre 18 e 30 anos de idade, eis que o último grupo expressa 45% versus 40,7% do primeiro grupo.

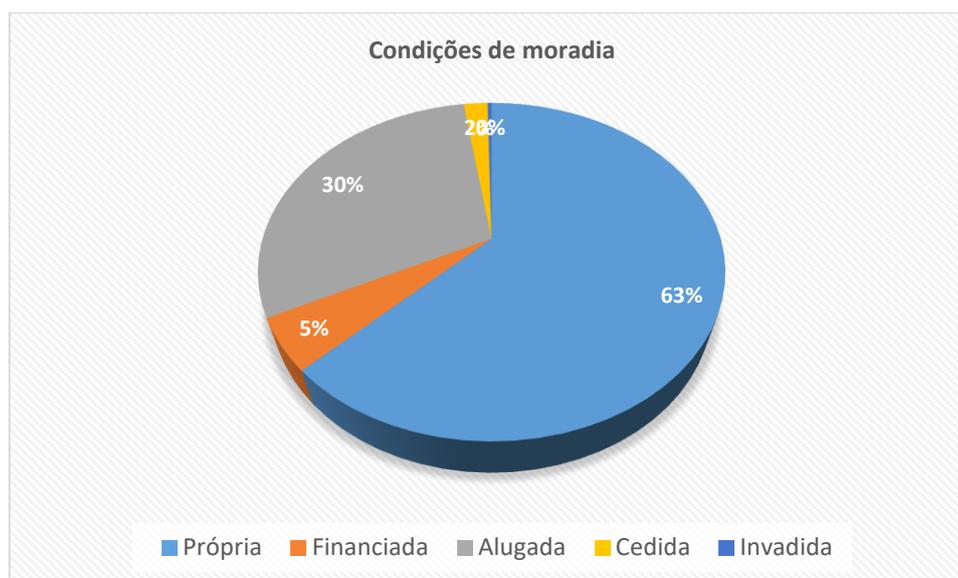
Esses números refletem as novas características do mundo do trabalho contemporâneo, em sintonia com a reestruturação produtiva e a desregulamentação das relações de trabalho. As novas gerações enfrentam maiores dificuldades de inserção em relações mais definidas de trabalho, o que vem a ser uma tendência inelutável, ao menos nesse ponto da história, os números confirmam essa perspectiva.

4.4 SOBRE AS CONDIÇÕES DE MORADIA

O questionário apresentou apenas três pontos sobre a realidade habitacional dos pendulares. Isto ocorreu porque durante o pré-teste foi percebida a relutância e a dificuldade de manter a atenção dos entrevistados por muito tempo. Houve muita resistência em ceder esse amplo conjunto de informações pessoais. Em nossas primeiras investidas o questionário continha 31 perguntas, dentre as quais indagações sobre o conforto da família, se possuíam mais de um imóvel, se eram proprietários de automóvel particular entre outras. Após refletir sobre o questionário, julguei que essas inquirições eram prescindíveis para o objetivo desta tese, no entanto, as perguntas que foram mantidas alimentam reflexões sugestivas e permitem elaborar um quadro geral das condições de moradia desses personagens.

A maior parte dos pendulares responderam residir em habitações próprias, 62,67%, seguido do domicílio alugado com 30,0%. Quando confrontamos condição de moradia e faixa etária, vemos que a população a partir dos 31 anos de idade representa o maior número de pessoas com casa própria, por volta de 59,6% deste grupo. O que é bem diferente na realidade do aluguel predominante para a população mais jovem, entre 18 e 30 de idade, cerca de 55,5% dos pendulares. Nessas duas categorias estão agrupados 92,7% da população total, o que torna inexpressivas as outras categorias.

Gráfico 4 - Condições de Moradia



Fonte: pesquisa direta

Tabela 24 - Condição de Moradia x Faixa etária

Variáveis		faixa etária					Total		
		até 18 anos	entre 18 e 23 anos	entre 24 e 30 anos	entre 31 e 40 anos	entre 41 e 54 anos		acima de 55 anos	
Condição de moradia	Própria	n	3	39	34	42	36	34	188
		%	100,0%	61,9%	49,3%	59,2%	70,6%	79,1%	62,7%
	Própria financiada	n	0	1	5	4	4	1	15
		%	0,0%	1,6%	7,2%	5,6%	7,8%	2,3%	5,0%
	Alugada	n	0	21	29	23	10	7	90
		%	0,0%	33,3%	42,0%	32,4%	19,6%	16,3%	30,0%
	Cedida	n	0	2	0	2	1	1	6
		%	0,0%	3,2%	0,0%	2,8%	2,0%	2,3%	2,0%
	Invadida	n	0	0	1	0	0	0	1
		%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Total	n	3	63	69	71	51	43	300
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta

A variável condição de moradia confrontada com a renda pode sinalizar para a qualidade dessa moradia, dado que 67,2% das casas próprias são de pessoas com uma renda entre menos de 1 salário mínimo e até 2 salários mínimos. Da mesma maneira para as habitações alugadas, em que 70% das pessoas se encontram nas mesmas faixas de renda, o que autoriza supor, sobre as precárias condições locacionais e físicas dessas moradias e assentamentos, o que deve repercutir nas condições de habitabilidade.

Nesse sentido, quero chamar atenção para o trabalho da Profa. Izabelita Oliveira Barboza da Universidade Federal de Alagoas, a respeito do déficit habitacional e das inadequações habitacionais⁹⁰ e sua intrínseca relação com a qualidade de vida da população de Alagoas. Segundo Barboza (2015), Alagoas apresentava em 2012 um déficit habitacional⁹¹

⁹⁰ Para a Fundação João Pinheiro (2018), os critérios que definem uma habitação inadequada são: 1) carência de infraestrutura urbana (energia elétrica, abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo); 2) adensamento excessivo de domicílios urbanos próprios; 3) ausência de banheiro exclusivo; 4) cobertura inadequada e; 5) inadequação fundiária urbana.

⁹¹ “O conceito de déficit habitacional utilizado está ligado diretamente às deficiências do estoque de moradias. Engloba aquelas sem condições de serem habitadas em razão da precariedade das construções ou do desgaste da estrutura física e que por isso devem ser repostas. Inclui ainda a necessidade de incremento do estoque, em função da coabitação familiar forçada (famílias que pretendem constituir um domicílio unifamiliar), dos moradores de baixa renda com dificuldades de pagar aluguel nas áreas urbanas e dos que vivem em casas e apartamentos alugados com grande densidade. Incluir-se ainda nessa rubrica a moradia em imóveis e locais com fins não

relativo aos domicílios particulares permanentes e improvisados de 92.212 mil unidades, o que para autora era considerado um número elevado, pois bem, esse déficit cresceu no ano de 2015, passando a 96.669 unidades (FJP, 2018), acusando, assim, um aumento de 4.457 mil unidades em apenas três anos.

A maior parte do déficit habitacional no Brasil está entre aqueles na faixa de renda de até 3 salários mínimos, ou seja, os pendulares estudados em meu recorte. Pessoas com esse perfil de renda somam 83,3% da população investigada. Por isso, é possível supor como precárias as condições habitacionais desses indivíduos.

residenciais. O déficit habitacional pode ser entendido, portanto, como *déficit por reposição de estoque e déficit por incremento de estoque* ” (FJP, 2018, p. 20).

Tabela 25 - Condições de Moradia x Renda

Variáveis		Renda										Total	
		Menos de 1 salário mínimo	1 salário mínimo	Até 2 salários mínimos	Até 3 salários mínimos	Até 4 salários mínimos	Até 5 salários mínimos	Entre 6 e 8 salários mínimos	Até 10 salários mínimos	Mais de 10 salários mínimos	Não responderam		
Condição de moradia	Própria	n	21	54	46	20	16	9	7	1	0	6	180
		%	63,6%	67,5%	57,5%	48,8%	88,9%	90,0%	77,8%	50,0%	0,0%	85,7%	64,1%
	Própria financiada	n	1	5	4	4	0	1	0	0	0	0	15
		%	3,0%	6,3%	5,0%	9,8%	0,0%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,3%
	Alugada	n	10	18	28	17	2	0	2	1	1	1	80
		%	30,3%	22,5%	35,0%	41,5%	11,1%	0,0%	22,2%	50,0%	100,0%	14,3%	28,5%
	Cedida	n	1	2	2	0	0	0	0	0	0	0	5
		%	3,0%	2,5%	2,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%
	Invadida	n	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
		%	0,0%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	,4%
Total	n	33	80	80	41	18	10	9	2	1	7	281	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Quanto ao número de pessoas por residência a pesquisa revelou que a maior parte do pendulares coabitam com três pessoas, 25,3%, próximo aos com duas pessoas, 25,5%, e sozinhas, 13,3%, duas ou três pessoas hegemonomizam essa questão. Apenas 12,3% dos entrevistados convivem com cinco ou mais pessoas.

Tabela 26 - Número de residentes

Número de residentes por casa	n	%
Apenas você	40	13,3
Duas pessoas	75	25,0
Três pessoas	76	25,3
Quatro pessoas	72	24,0
Cinco pessoas	16	5,3
Mais de cinco pessoas	21	7,0
Total	300	100,0

Fonte: pesquisa direta

Os pendulares também foram perguntados há quanto tempo residem em seus bairros e/ou cidades atuais, os resultados apontam que 18,8% moram nas mesmas cidades ou bairros há mais de 30 anos. Tomando uma década como referência de longo tempo, é possível notar que 52,3% dos pendulares estabeleceram uma relação de ao menos 10 anos com seus bairros e/ou cidades atuais. A longevidade no bairro ou cidade pressupõe enraizamento, uma relação duradoura e significativa com o lugar, o que pode ser o fundamento para que muitos dos entrevistados afirmem, como veremos ao longo deste capítulo, que não residiriam na cidade de destino.

Tabela 27 – Tempo de residência no bairro ou cidade atual

	n	%
Menos de 1 ano	28	9,4
Entre 1 e 2 anos	26	8,7
Entre 2 e 3 anos	15	5,0
Entre 3 e 5 anos	26	8,7
Entre 5 e 8 anos	20	6,7
Entre 8 e 10 anos	15	5,0
Entre 10 e 15 anos	17	5,7
Entre 15 e 20 anos	32	10,7
Entre 20 e 25 anos	33	11,1
Entre 25 e 30 anos	18	6,0
Mais de 30 anos	56	18,8
Não responderam	12	4,03
Total	298	100,0

Fonte: pesquisa direta

A familiaridade e o pertencimento estão na base da relação com o lugar e o tempo é uma dimensão fundamental na experiencição e significação do homem com o mundo circundante. No cotidiano processos de subjetivação firmam identidades, redes e relações, sentimentos e segurança, como coloca Tuan (1983, p. 199) “leva tempo para conhecer um lugar”, nessa vertente a afeição pelo lugar é uma função do tempo. A obsolescência das coisas disseminou-se para as relações sociais e espaciais, como propõe Lefebvre (1991, p. 92) “culto do efêmero revela o essencial da Modernidade, mas revela-a como estratégia de classe. Em plena contradição com o culto (e a exigência) da estabilidade, do equilíbrio, do rigor do durável”. A permanência sinalizada no tempo de residência dos pendulares será um aspecto explorado nas entrevistas.

4.5 DESLOCAMENTO PENDULAR: MOTIVO TRABALHO

Nos questionários procurei elaborar um conjunto de perguntas que me permitissem identificar aspectos espaciais que possam ser relacionados ao habitar e ao alargamento dos espaços de vida, tais como o histórico de mudança domiciliar, o tempo de residência no mesmo bairro, cidade ou estado, motivo da viagem, custos de transporte, frequência das viagens, ganhos ou perdas associadas a prática da pendularidade, relação com a cidade de destino etc.

A pesquisa permitiu distinguir entres os pendulares provenientes da cidade de Arapiraca e de Maceió, demonstrando a intensa troca espacial entre os municípios. Os dados revelaram que 107 indivíduos são munícipes de Arapiraca, enquanto, 193 indivíduos da capital alagoana.

O principal motivo para a viagem é o trabalho, com 48,3% das respostas. Não há nenhuma outra motivação que se aproxime, muito longe desse número, estão as viagens por motivo de visitar parentes, com 13,0%⁹². Basicamente a metade dos entrevistados se desloca para trabalhar, o que não surpreende, mas ainda assim impressiona, pois, a mobilidade pendular, e isso é fundamental, neste cenário é uma estratégia de alguns indivíduos e o resultado de um processo estrutural que impõe o deslocamento como condição cada vez mais influente no mundo contemporâneo.

⁹² Essa constatação merece muito destaque, pois demonstra como as relações familiares continuam ocupando um espaço significativo na construção das trajetórias. A família, como casulo protetor, revela-se como uma das principais forças de estabilidade e segurança no mundo contemporâneo devastado por relações efêmeras e instáveis. Uma ilha de solidez e uma referência fundamental. Ao menos no contexto alagoano e no âmbito do nosso recorte.

Tabela 28 - Descritiva da variável motivo da viagem

	n	%
Trabalho	145	48,3
Estudo regular	14	4,7
Estudo outros	10	3,3
Lazer	27	9,0
Compras	1	0,3
Saúde	19	6,3
Visitar parentes	39	13,0
Escala	38	12,7
Outros	7	2,3
Total	300	100,0

Fonte: pesquisa direta

Tabela 29 - Motivo da viagem X Sexo

Variáveis		sexo		Total	
		masculino	feminino		
Motivo da Viagem	Trabalho	n	64	81	145
		%	59,8%	42,0%	48,3%
	Estudo regular	n	3	11	14
		%	2,8%	5,7%	4,7%
	Estudo não regular	n	5	5	10
		%	4,7%	2,6%	3,3%
	Lazer	n	8	19	27
		%	7,5%	9,8%	9,0%
	Compras	n	0	1	1
		%	0,0%	,5%	,3%
	Saúde	n	6	13	19
		%	5,6%	6,7%	6,3%
	Visitar parentes	n	9	30	39
		%	8,4%	15,5%	13,0%
	Escala	n	11	27	38
		%	10,3%	14,0%	12,7%
	Outros	n	1	6	7
		%	,9%	3,1%	2,3%
	Total	n	107	193	300
%		100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Conforme vemos acima, o maior número de pendulares para trabalho são do sexo feminino, no entanto, os indivíduos do sexo masculino são proporcionalmente quem mais pendulam por esse motivo. Quase 60% dos homens que praticam o deslocamento pendular viajam pela motivação do trabalho, e entre as mulheres 42,0% delas se deslocam por esse motivo, o que é igualmente um número elevado.

A maior parte das pessoas que viaja por motivos de trabalho respondeu que possui entre 31 e 40 anos, perfazendo 23,7% dos entrevistados, acompanhados de perto daqueles entre 24 e 30 anos de idade, com 23% e do grupo mais jovem composto por indivíduos entre 18 e 23 anos de idade, o que configura 21% da população total. Algo que vale notar, é o número de pessoas que se dirigem tanto a Maceió, como a Arapiraca, para em seguida rumar para outras cidades, o que sinaliza para a centralidade que ambas as cidades desempenham no Estado alagoano.

Tabela 30 - Faixa etária x motivo da viagem

Variáveis		Motivo da viagem									Total	
		Trabalho	Estudo regular	Estudo não regular	Lazer	Compras	Saúde	Visitar parentes	Escala	Outros		
Faixa etária	Até 18 anos	n	0	1	0	1	0	0	1	0	0	3
		%	0,0%	7,1%	0,0%	3,7%	0,0%	0,0%	2,6%	0,0%	0,0%	1,0%
	Entre 18 e 23 anos	n	22	7	5	6	0	2	12	6	3	63
		%	15,2%	50,0%	50,0%	22,2%	0,0%	10,5%	30,8%	15,8%	42,9%	21,0%
	Entre 24 e 30 anos	n	34	4	2	9	0	1	8	8	3	69
		%	23,4%	28,6%	20,0%	33,3%	0,0%	5,3%	20,5%	21,1%	42,9%	23,0%
	Entre 31 e 40 anos	n	48	1	0	2	0	3	9	8	0	71
		%	33,1%	7,1%	0,0%	7,4%	0,0%	15,8%	23,1%	21,1%	0,0%	23,7%
	Entre 41 e 54 anos	n	26	1	3	4	0	3	4	9	1	51
		%	17,9%	7,1%	30,0%	14,8%	0,0%	15,8%	10,3%	23,7%	14,3%	17,0%
	Acima de 55 anos	n	15	0	0	5	1	10	5	7	0	43
		%	10,3%	0,0%	0,0%	18,5%	100,0%	52,6%	12,8%	18,4%	0,0%	14,3%
Total	n	145	14	10	27	1	19	39	38	7	300	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta.

Devo ainda acrescentar a relação entre o motivo trabalho e a variável escolaridade. A pendularidade para trabalho requer maior formação acadêmica, pois os indivíduos que procuram trabalho em outra cidade têm em média melhor nível de escolaridade. Vejamos:

Tabela 31 - Escolaridade X Motivo da viagem

Variáveis		Motivo da viagem								Total		
		Trabalho	Estudo regular	Estudo não regular	Lazer	Compras	Saúde	Visitar parentes	Escala		Outros	
Escolaridade	Nunca estudou	n	7	0	0	2	0	0	1	5	0	15
		%	4,8%	0,0%	0,0%	7,4%	0,0%	0,0%	2,6%	13,2%	0,0%	5,0%
	Fundamental incompleto	n	24	0	0	3	0	8	8	6	1	50
		%	16,6%	0,0%	0,0%	11,1%	0,0%	42,1%	20,5%	15,8%	14,3%	16,7%
	Fundamental completo	n	5	0	0	0	0	1	0	3	0	9
		%	3,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,3%	0,0%	7,9%	0,0%	3,0%
	Ensino médio incompleto	n	4	0	0	1	0	2	0	1	0	8
		%	2,8%	0,0%	0,0%	3,7%	0,0%	10,5%	0,0%	2,6%	0,0%	2,7%
	Ensino médio completo	n	29	2	4	7	1	3	9	11	0	66
		%	20,0%	14,3%	40,0%	25,9%	100,0%	15,8%	23,1%	28,9%	0,0%	22,0%
	Superior incompleto	n	16	8	4	7	0	0	13	3	4	55
		%	11,0%	57,1%	40,0%	25,9%	0,0%	0,0%	33,3%	7,9%	57,1%	18,3%
	Superior completo	n	41	2	1	5	0	4	8	7	1	69
		%	28,3%	14,3%	10,0%	18,5%	0,0%	21,1%	20,5%	18,4%	14,3%	23,0%
	Pós-graduação incompleta	n	4	2	1	0	0	0	0	0	1	8
		%	2,8%	14,3%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	14,3%	2,7%
Pós-graduação completa	n	15	0	0	2	0	1	0	2	0	20	
	%	10,3%	0,0%	0,0%	7,4%	0,0%	5,3%	0,0%	5,3%	0,0%	6,7%	
Total	n	145	14	10	27	1	19	39	38	7	300	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta.

De acordo com a tabela, os pendulares para trabalho com formação superior completa somam 28,3% daqueles que viajam por esse motivo. Mas a exigência de melhor formação fica mais patente quando aliamos a variável superior completo, as variáveis superior incompleto, pós-graduação incompleta e a pós-graduação completa, desta forma, atinge-se os 52,4% dos pesquisados. Como já observamos anteriormente, ainda que o “mercado” exija melhor formação, esta não significa grandes salários entre esse grupo de pendulares, o que torna ainda mais precária a vida daqueles com ciclo educacional interrompido, o que no Brasil é a maior parte da população, especialmente na Região Nordeste, onde se encontram o maior número dessas pessoas.

Alagoas apresenta alguns dos piores índices educacionais do país, segundo o IBGE no Brasil 12,7% da população possui ensino superior completo ou equivalente, números referentes ao terceiro trimestre de 2019. Alagoas ocupa a 24ª posição entre as 27 unidades da federação, com apenas 8,0% de sua população com este nível de instrução⁹³. A realidade da educação em Alagoas é ainda mais grave, como demonstram os resultados trazidos pela PNAD divulgados em 2019. Segundo o documento, Alagoas exibe a maior taxa de analfabetismo do país entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade, 17,2% da população alagoana. O trágico panorama da educação no estado, confirma-se com dois outros dados apresentados pelo PNAD/IBGE (2019). A população alagoana com 25 ou mais de idade é a que despende o menor número de anos aos estudos, em média 7,3 anos. O que deságua no maior percentual de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem trabalham do país em ambos os gêneros, 30,7% dos homens e 43,3% das mulheres, resultados muito distantes da média nacional de 17,6% e 28,4%, para homens e mulheres, nessa ordem.

Nesse panorama o pendulador é também, nesse sentido, e especialmente no contexto de Alagoas, um indivíduo melhor qualificado profissionalmente. Isso fica mais visível quando comparamos o nível de instrução daqueles que pendulam para trabalhar com as outras motivações, o caso da pós-graduação completa, é um exemplo, uma vez que 75% dos entrevistados com esse grau de formação estão entre os pendulares para trabalho.

Os pendulares que viajam por motivo de trabalho são na maior parte chefes de família, consistindo em 55,9% deste grupo. Esse resultado coincide com os dados verificados por Ântico (2003) em sua pesquisa sobre a pendularidade na região metropolitana de São Paulo. Em seu trabalho, o número de pendulares chefes de família que realizavam a pendularidade por motivo

⁹³Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br/tabela/5919. Acesso em: 4 dez. 2019.

de trabalho era de 54,2%, por outro lado os chefes de família pendulares eram esmagadoramente homens, chegando a 91,2%, o que no nosso caso demonstra maior equilíbrio entre homens e mulheres⁹⁴.

A escolaridade dos pendulares por motivo de viagem se reflete nos rendimentos desses trabalhadores, é possível observar que 100% dos pendulares com renda de dez salários mínimos ou mais pendulam pelo motivo trabalho, há proporções semelhantes em outras faixas de renda como se vê nas faixas de renda de seis a oito salários mínimos com 78%, na de cinco salários mínimos com 90%, na de quatro salários mínimos com 67% e na de três salários mínimos com 73% do total de entrevistados. Ao contrário das proporções encontradas nas faixas de menos de um mínimo e de um salário mínimo, nesses grupos os trabalhadores pendulares compõem o menor percentual, quando comparados com o somatório das outras motivações, fazem parte aproximadamente 36% e 38%, respectivamente.

⁹⁴ Não é demasiado alertar que o trabalho desenvolvido por Ântico se baseou na pesquisa de origem-destino, uma pesquisa, que por sua vez, tem uma abrangência muito maior, englobando não apenas o transporte complementar como um gama mais ampla e diversificada de transportes. E mais do que isso, o estudo de Ântico procura comparar as características dos trabalhadores pendulares com as dos trabalhadores não pendulares, o que é claro, minha pesquisa não autoriza.

Tabela 32 - Situação familiar X Motivo de viagem

Variáveis	Motivo da viagem										Total	
	Trabalho	Estudo regular	Estudo não regular	Lazer	Compras	Saúde	Visitar parentes	Escala	Outros			
Situação familiar	Chefe de família	n	81	2	4	8	1	13	16	16	2	143
		%	55,9%	14,3%	40,0%	29,6%	100,0%	68,4%	41,0%	42,1%	33,3%	47,8%
	Cônjuge	n	25	2	0	7	0	5	8	10	1	58
		%	17,2%	14,3%	0,0%	25,9%	0,0%	26,3%	20,5%	26,3%	16,7%	19,4%
	Filho	n	35	8	5	12	0	1	12	10	1	84
		%	24,1%	57,1%	50,0%	44,4%	0,0%	5,3%	30,8%	26,3%	16,7%	28,1%
	Parente	n	4	1	1	0	0	0	1	2	0	9
		%	2,8%	7,1%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,6%	5,3%	0,0%	3,0%
	Agregado ou hóspede	n	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,6%	0,0%	16,7%	,7%
	Pensionista	n	0	1	0	0	0	0	1	0	1	3
		%	0,0%	7,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,6%	0,0%	16,7%	1,0%
	Total	n	145	14	10	27	1	19	39	38	6	299
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta

Tabela 33 - Motivo da viagem X Renda

Variáveis	Renda											Total	
	Menos de 1 salário mínimo	1 salário mínimo	Até 2 salários mínimos	Até 3 salários mínimos	Até 4 salários mínimos	Até 5 salários mínimos	Entre 6 e 8 salários mínimos	Até 10 salários mínimos	Mais de 10 salários mínimos	Não respondeu			
Motivo da viagem	Trabalho	n	12	30	42	30	12	9	7	2	1	0	145
		%	36,4%	37,5%	52,5%	73,2%	66,7%	90,0%	77,8%	100,0%	100,0%	0,0%	51,6%
	Estudo regular	n	3	1	2	0	2	0	0	0	0	0	8
		%	9,1%	1,3%	2,5%	0,0%	11,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%
	Estudo não regular	n	0	3	3	1	0	0	0	0	0	0	7
		%	0,0%	3,8%	3,8%	2,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,5%
	Lazer	n	4	8	7	4	0	0	1	0	0	1	25
		%	12,1%	10,0%	8,8%	9,8%	0,0%	0,0%	11,1%	0,0%	0,0%	14,3%	8,9%
	Compras	n	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
		%	0,0%	0,0%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4%
Saúde	n	3	7	4	3	1	1	0	0	0	0	19	
	%	9,1%	8,8%	5,0%	7,3%	5,6%	10,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	6,8%	
Visitar parentes	n	7	14	8	1	3	0	0	0	0	3	36	
	%	21,2%	17,5%	10,0%	2,4%	16,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	42,9%	12,8%	
Escala	n	2	15	12	1	0	0	1	0	0	2	33	
	%	6,1%	18,8%	15,0%	2,4%	0,0%	0,0%	11,1%	0,0%	0,0%	28,6%	11,7%	
Outros	n	2	2	1	1	0	0	0	0	0	1	7	
	%	6,1%	2,5%	1,3%	2,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	14,3%	2,5%	
Total	n	33	80	80	41	18	10	9	2	1	7	281	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Tabela 34 - Renda antes x Renda pendular para trabalhar

Variáveis	Renda pendular											Total	
	Menos de 1 salário mínimo	1 salário mínimo	Até 2 salários mínimos	Até 3 salários mínimos	Até 4 salários mínimos	Até 5 salários mínimos	Entre 6 e 8 salários mínimos	Até 10 salários mínimos	Mais de 10 salários mínimos	Não respondeu			
Remuneração quando não pendulava	Menos de um salário mínimo	n	10	9	6	2	0	0	0	0	0	0	27
		%	76,9%	29,0%	14,3%	7,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	18,6%
	1 salário mínimo	n	1	20	17	5	0	1	1	0	0	0	45
		%	7,7%	64,5%	40,5%	17,9%	0,0%	12,5%	12,5%	0,0%	0,0%	0,0%	31,0%
	Entre 1 e 2 salários mínimos	n	1	2	14	7	4	3	2	0	1	0	34
		%	7,7%	6,5%	33,3%	25,0%	33,3%	37,5%	25,0%	0,0%	100,0%	0,0%	23,4%
	Entre 2 e 3 salários mínimos	n	0	0	2	10	4	1	1	0	0	0	18
		%	0,0%	0,0%	4,8%	35,7%	33,3%	12,5%	12,5%	0,0%	0,0%	0,0%	12,4%
	Entre 3 e 4 salários mínimos	n	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	4
		%	0,0%	0,0%	0,0%	3,6%	8,3%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%
	Entre 4 e 5 salários mínimos	n	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3
		%	7,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	12,5%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	2,1%
	Entre 5 e 6 salários mínimos	n	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
		%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	25,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
Não respondeu	n	0	0	3	3	3	0	2	0	0	1	12	
	%	0,0%	0,0%	7,1%	10,7%	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%	0,0%	100,0%	8,3%	
Total	n	13	31	42	28	12	8	8	1	1	1	145	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Depreende-se da tabela acima que 39% dos casos não se verifica alteração quanto a renda, enquanto 53% dos entrevistados obtiveram vantagens econômicas com a pendularidade. Esse número pode nos conduzir a afirmar que entre o público pesquisado, o movimento pendular trouxe uma melhoria na renda, entretanto, qual o tamanho deste acréscimo na renda? Ao ler os dados atentamente iremos perceber que na maioria das situações não passa de um salário mínimo.

Cerca de apenas 20% dos trabalhadores que se beneficiaram economicamente com a pendularidade alcançaram uma mudança de faixa de renda maior que um salário mínimo. Desta forma, levando-se em consideração os custos de transporte, por exemplo, esse pequeno acréscimo salarial é rapidamente consumido, tornando assim a atual remuneração menos importante que a anterior, antes de pendular.

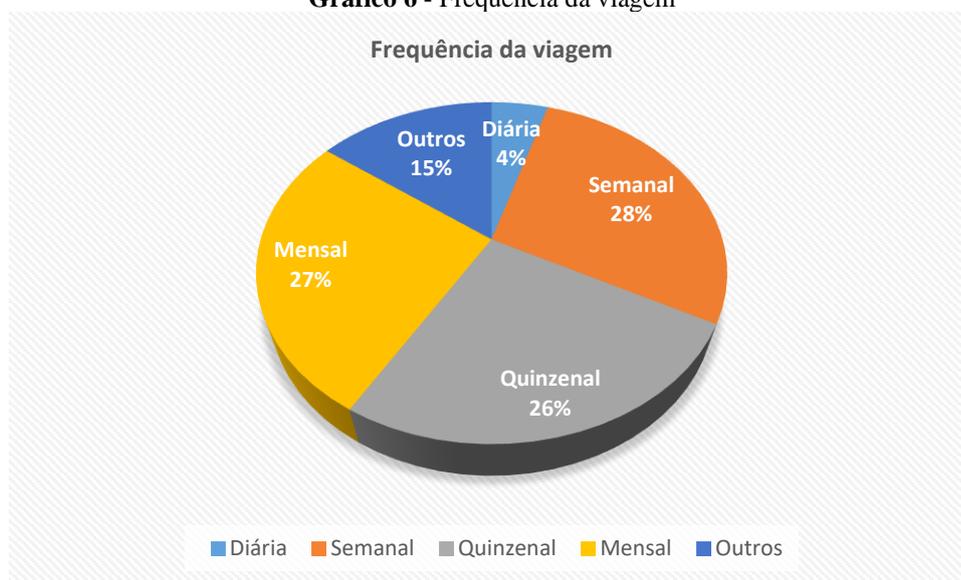
Gráfico 5 - Custos de transporte



Fonte: pesquisa direta

A frequência das viagens é um outro componente socioespacial que merece destaque, especialmente nos quadros de minha pesquisa, pois, a regularidade das viagens implica em uma maior ou menor presença na cidade de origem ou destino.

Gráfico 6 - Frequência da viagem



Fonte: pesquisa direta

Tabela 35 - Frequência da viagem x motivo da viagem

Variáveis		motivo da viagem									Total		
		trabalho	estudo regular	estudo não regular	lazer	compras	saúde	visitar parentes	escala	outros			
frequência da viagem	diária	n	14	0	0	0	0	0	0	0	0	14	
		%	9,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4,7%	
	semanal	n	62	10	1	4	0	3	2	2	0	84	
		%	42,8%	71,4%	10,0%	14,8%	0,0%	15,8%	5,1%	5,3%	0,0%	28,0%	
	quinzenal	n	36	4	5	5	1	6	12	6	2	77	
		%	24,8%	28,6%	50,0%	18,5%	100,0%	31,6%	30,8%	15,8%	28,6%	25,7%	
	mensal	n	27	0	4	12	0	4	14	15	4	80	
		%	18,6%	0,0%	40,0%	44,4%	0,0%	21,1%	35,9%	39,5%	57,1%	26,7%	
	outros	n	6	0	0	6	0	6	11	14	1	45	
		%	4,1%	0,0%	0,0%	22,2%	0,0%	31,6%	28,2%	36,8%	14,3%	14,9%	
	Total		n	145	14	10	27	1	19	39	38	7	300
			%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: pesquisa direta.

O fluxo semanal é o mais expressivo com 28% das respostas, avizinhada às frequências mensais de 26,7% e quinzenais de 25,7%. O mesmo se dá com as viagens por motivo de trabalho. As viagens diárias são menos relevantes apenas 4,7% do total e 9,7% dos trabalhadores pendulares. O fluxo semanal é, sob meu ponto de vista, o que acarreta maiores consequências sobre o cotidiano desses indivíduos, geralmente os pendulares viajam na segunda-feira e retornam ou às sextas-feiras ou aos sábados para a cidade de origem, outros viajam de três a quatro vezes por semana, sempre indo e retornando no mesmo dia. Durante as entrevistas, tive oportunidade de inquirir alguns desses pendulares, foram eles que mais expuseram “queixas” em relação as interações afetivas, saudades quanto ao lugar e adaptação na cidade de destino.

Conforme a pesquisa, 27,1% dos entrevistados já praticam a pendularidade entre as cidades de Maceió e Arapiraca há mais de cinco anos, o número responde por maior parte da população selecionada. Considerando os itens de 2 a 3 anos, de 3 a 5 anos e mais de 5 anos, tem-se que 48,6% pendula ao menos há 2 anos. Quando se trata do deslocamento por motivo de trabalho, 27,5% pendulam há mais de 5 anos. Somando os mesmos itens, 56,4% pendulam ao menos há 2 anos. Uma longevidade e regularidade maior que a média total.

Tabela 36 - Tempo de deslocamento entre Maceió-Arapiraca, Arapiraca-Maceió

	n	%
Até 6 meses	30	10,4
Entre 6 meses e 1 ano	44	15,3
Entre 1 e 2 anos	24	8,3
Entre 2 e 3 anos	30	10,4
Entre 3 e 5 anos	32	11,1
Mais de 5 anos	78	27,1
Não responderam	50	17,4
Total	288	100,0

Fonte: pesquisa direta

Tabela 37 - Tempo de deslocamento entre Maceió/Arapiraca - Arapiraca/Maceió X Motivo de Viagem

Variáveis		motivo da viagem									Total	
		Trabalho	Estudo regular	Estudo não regular	Lazer	Compras	Saúde	Visitar parentes	Escala	Outros		
Tempo de deslocamento Maceió/ Arapiraca e vice-versa	Até 6 meses	n	16	4	3	0	0	0	2	3	2	30
		%	11,3%	28,6%	30,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,3%	8,8%	28,6%	10,4%
	Entre 6 meses e 1 ano	n	17	8	6	5	0	7	0	1	0	44
		%	12,0%	57,1%	60,0%	20,8%	0,0%	38,9%	0,0%	2,9%	0,0%	15,3%
	Entre 1 e 2 anos	n	14	0	0	2	0	3	2	3	0	24
		%	9,9%	0,0%	0,0%	8,3%	0,0%	16,7%	5,3%	8,8%	0,0%	8,3%
	Entre 2 e 3 anos	n	23	0	0	1	0	2	2	2	0	30
		%	16,2%	0,0%	0,0%	4,2%	0,0%	11,1%	5,3%	5,9%	0,0%	10,4%
	Entre 3 e 5 anos	n	18	1	1	3	0	1	6	2	0	32
		%	12,7%	7,1%	10,0%	12,5%	0,0%	5,6%	15,8%	5,9%	0,0%	11,1%
	Mais de 5 anos	n	39	1	0	6	1	4	15	12	0	78
		%	27,5%	7,1%	0,0%	25,0%	100,0%	22,2%	39,5%	35,3%	0,0%	27,1%
	Não respondeu	n	15	0	0	7	0	1	11	11	5	50
		%	10,6%	0,0%	0,0%	29,2%	0,0%	5,6%	28,9%	32,4%	71,4%	17,4%
Total	n	142	14	10	24	1	18	38	34	7	288	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: pesquisa direta

Um outro traço fundamental desse grupo de pendulares ligados à trama espacial desse movimento urbano, é a relação que esses personagens estabelecem ou não com as cidades entre a origem e o destino. Procurei verificar na pesquisa o que Marandola Jr. (2006) descreve como efeito túnel. Para ele, os espaços percorridos entre a origem e o destino passam a ser espaços indiferenciados, onde não se inculcam experiências, essa indistinção tornaria o percurso potencialmente vulnerável.

Ao longo dos 130 km que separam Maceió de Arapiraca, há um território extenso, uma paisagem com cidades, vilas e povoados. Ao longo do questionário os pendulares foram perguntados se em algum momento teceram alguma relação com as cidades entre Maceió e Arapiraca, lembrando que a maior parte dos pendulares fazem esse percurso há no mínimo 2 anos, vejamos:



Fonte: pesquisa direta

Os dados da pesquisa quantitativa, assim, parecem reforçar o que Marandola Jr. define como efeito túnel, no entanto, as entrevistas apontam em outra direção, os pendulares entrevistados demonstram familiaridade com o trajeto, mais que isso, o percurso faz parte da história da maioria dos pendulares que foram entrevistados, o que torna a viagem mais confortável, reduzindo significativamente a apreensão quanto aos riscos ou perigos potenciais e/ou virtuais. Diferente do que os números frios da pesquisa quantitativa podem nos fazer crer, as entrevistas qualitativas mostraram que esses indivíduos dotam de sentido esse trajeto.

Os questionários demonstram também que cidade de destino, local de trabalho de boa parte dos pendulares – e onde, segundo os dados coletados, atuam há no mínimo dois anos – não se mostra capaz de atrair ou convencer os pendulares a transferir a residência⁹⁵. Quando perguntados se morariam na cidade de destino (trabalho), o resultado trouxe informações interessantes. Entre os 145 pendulares que viajam para trabalho, 91 pessoas residem em Maceió e trabalham em Arapiraca, e não mais que 37 indivíduos sinalizaram que talvez residiriam na cidade do agreste. Essa informação é espelhada pelos entrevistados, como veremos adiante, onde todos irão afirmar que não morariam na cidade de trabalho.

Desta forma, ainda que, como demonstrei no tópico sobre Arapiraca, no capítulo I, o município tenha se desenvolvido nos últimos anos, a ponto de ser no Estado de Alagoas a única cidade com equipamentos urbanos e serviços públicos antes exclusivos da capital Maceió, gozar de ares interioranos, menor custo de vida⁹⁶, o que significa um mercado imobiliário mais atraente etc. os pendulares sequer cogitam a possibilidade de residir na cidade de destino, ela parece representar somente “o lugar onde se ganha a vida” para poder vivê-la em outro lugar. O que acarreta consequências tanto para a cidade como nas experiências vividas pelos pendulares com a cidade. Como já relatou Hogan (1990; 1998) em seu trabalho sobre a cidade de Cubatão/SP onde relaciona pendularidade e (des)engajamento político na cidade de trabalho.

Esse possível (des)engajamento pode encontrar eco na relação entre pendulares e os serviços públicos das cidades de destino. Um dos itens do questionário respondia sobre a utilização dos serviços públicos nas cidades de origem e destino. Entre aqueles que viajam por motivo de trabalho, foi observado que no caso dos pendulares de Maceió para Arapiraca, um total de 91 pessoas, apenas 36 alegam recorrer aos serviços públicos na capital do agreste. O resultado é ainda mais substancial no caso dos pendulares para trabalho de Arapiraca para Maceió, dos 54 entrevistados apenas 17 utilizam os serviços públicos da capital alagoana.

Apesar de uma presença constante na cidade de destino entre aqueles que viajam para trabalhar, especialmente os fluxos diários e semanal, esses indivíduos não se servem, segundo suas considerações, dos serviços públicos das cidades de destino. Acredito, desta forma, na esteira da reflexão proposta por Hogan (1990; 1998) que essa postura implica em indiferença em relação à cidade de trabalho, o que pode repercutir num arrefecimento das tensões sociais necessárias em processos reivindicatórios frente ao Estado. Como também denota a existência

⁹⁵ Cunha (1994) em sua pesquisa sobre a mobilidade populacional na RMSP já havia feito essa observação, ou seja, de que a pendularidade não configura mudança de residência. Contudo, é sempre importante, especialmente no campo da Sociologia, a confirmação empírica de proposições teóricas.

⁹⁶ Disponível em: <http://www.custodevida.com.br>. Acesso em: 8 nov. 2019.

de laços sociais fracos com a cidade, o que se reflete no descaso quanto aos rumos dos acontecimentos locais, ficando assim todo o ônus com os residentes daquela cidade, podendo ser mais preocupante para cidades de menor porte ou cidades médias, caso de Arapiraca.

Ao se desenvolverem, essas cidades começam a atrair pessoas, em geral, melhor qualificadas que passam a ocupar funções e cargos públicos e privados em melhores condições que as dos autóctones. Uma vez desinteressados pelos ritmos e rumos da vida local esses pendulares são uma baixa significativa nos conflitos e disputas do cotidiano comunitário. Formam um grupo com um repertório educacional, cultural e material que uma vez inseridos no palco do cotidiano local, poderiam contribuir decisivamente ao lado dos residentes em suas lutas políticas.

Essa impressão que os dados nos trazem de não envolvimento dos pendulares com a cidade de destino, pode também ser colaborada por um outro item do questionário. Os entrevistados foram perguntados sobre a cidade em que as atividades de lazer são por eles praticadas. Essa questão é pertinente, uma vez que, como afirma Carlos (2017) “cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno” (CARLOS, 2017, p. 20). O lazer é uma das atividades inelimináveis da produção da existência, está mergulhado no mundo vivido, no conjunto das experiências mais ávidas do homem com o lugar, denunciando o seu envolvimento com o espaço.

Ainda que assistamos, há uma artificialização do lazer, um processo de plastificação dos sentidos, a sua funcionalização mercantil, este não deixa de ser uma expressão cintilante da relação homem-lugar. O lazer como dimensão do vivido, ao lado de outras práticas cotidianas, empregam sentido e conteúdo ao lugar. Portanto, o lazer pode ser um marcador do tipo de ligação que os pendulares criam com as cidades de destino.

Tabela 38 - Relação entre a cidade de Residência X Lazer

Cidade de lazer	Cidade em que Reside			
	Maceió		Arapiraca	
	N	%	N	%
Maceió	107	58.47%	19	20.21%
Arapiraca	17	9.29%	50	53.19%
Ambas	27	14.75%	22	23.40%
Outra	32	17.49%	3	3.19%
Total	183	100.00%	94	100.00%

Fonte: pesquisa direta

Nesse sentido, a pesquisa verificou que 58,47% dos pendulares para Arapiraca praticam suas atividades de lazer em sua cidade de origem, isto é, Maceió. Algo semelhante acontece com os pendulares para Maceió, em que 53,19% exercem suas atividades lúdicas na cidade de origem.

O percentual é mais impactante entre aqueles que pendulam para trabalhar, quero sublinhar os pendulares para Arapiraca, visto que minha pesquisa se debruça sobre a relação dos residentes em Maceió com aquela cidade de destino. Entre os 91 pendulares que viajam por motivo de trabalho para Arapiraca, apenas 22 pessoas dizem praticar suas atividades de lazer na cidade, ou seja, 76% deste grupo realizam o lazer na cidade de origem.

Se as pessoas não costuram relações densas com a cidade de destino e ainda diminuem consideravelmente o seu tempo na cidade de origem, isto pode significar que os pendulares para trabalho não apenas não vivem lá como também deixam de viver cá. O objetivo das entrevistas foi tentar capturar o sentido que os pendulares atribuem a sua relação com a cidade de destino (trabalho) e origem (residência). Esse objetivo impõe um limite a pesquisa quantitativa, por isso a necessidade de conjugar ambos os métodos na análise de meu problema de pesquisa, na linha do que afirmam Gerhardt e Silveira “tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa apresentam diferenças com pontos fracos e fortes. Contudo, os elementos fortes de um complementam as fraquezas do outro, fundamentais ao maior desenvolvimento da ciência” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 34).

Chegamos ao final desta parte e podemos agora criar uma figura representativa dos pendulares do transporte complementar, linha Maceió-Arapiraca. Considerando apenas os elementos mais salientes os pendulares são, em sua maioria, do sexo feminino, entre 18 e 40 anos, solteiros, negros, chefes de família, possuem casa própria, são assalariados com carteira ou estatutários, ganham 2 salários mínimos, estudaram em escola pública, possuem entre formação média completa e superior completo, residem há mais de 10 anos em seus bairros ou cidades, viajam por motivo de trabalho e há pelo menos 5 anos viajam semanalmente, não possuem familiares pendulares, não utilizam os serviços públicos da cidade de destino, praticam suas atividades de lazer nas cidades de origem e não residiriam na cidade de destino. Em suma, este é o pendular.

No próximo capítulo apresentamos as entrevistas, procurando sempre estabelecer um diálogo estreito com as informações trazidas pelos questionários, em grande medida recrudescidas pelos conversantes. As entrevistas apresentam uma estreita correspondência entre os dados coletados e as falas dos indivíduos envolvidos na mobilidade pendular. O encontro

das regularidades apreendidas com a pesquisa quantitativa e as experiências individuais encorpam a realidade estudada expandindo o seu alcance para além das fronteiras do indivíduo particular.

5 AS ENTREVISTAS

As entrevistas conformam a etapa final dessa pesquisa. Com elas foi possível visualizar, a partir das experiências relatadas pelos pendulares, os elementos que modelam e fundamentam um cotidiano entre duas cidades. As entrevistas vocalizaram os sentidos e significados atribuídos pelos comutadores a uma vida em pendularidade, suas estratégias e os recursos empregados na produção da estabilidade de seus mundos, sua relação com a família, amigos, laços afetivos com a cidade de destino e origem, com o bairro, com a casa.

A pendularidade divide os indivíduos entre duas cidades, em nosso caso, cidades não pertencentes as suas áreas de influência metropolitana, o que torna esse cotidiano mais desafiador, por serem cidades com histórias e dinâmicas descontínuas. Em suas operações diárias, esses pendulares enfrentam diversos obstáculos para a unificação da vida diante da fragmentação presente nesse movimento. Esses sujeitos utilizam diversos mecanismos de neutralização, ou normalização dos perigos, dos riscos, da impermanência e das instabilidades produzidas pela mobilidade para trabalho. Nesse sentido, a mobilidade que, por um lado, é imposta pelas intensas transformações no mundo do trabalho, que demandam aos indivíduos uma constante reinvenção, também, é uma alternativa de ampliação das possibilidades na busca pela sobrevivência.

Ao enfatizar a relação dos pendulares com as cidades de origem e destino pretendo tocar na questão do habitar, da relação com o lugar, tão relevante para os autores abordados ao longo desta tese. A pesquisa quantitativa ofereceu um panorama geral das características desses pendulares, regularidades e tendências gerais, que irão reforçar as narrativas apresentadas nas entrevistas. As transformações na base material do capitalismo contemporâneo ensejam novos e grandes desafios à vida cotidiana dessas pessoas, que se veem em um contexto de alargamento de seus espaços de vida.

O crescimento da mobilidade pendular é sintomático das profundas transformações contemporâneas, sociais, políticas, econômicas, culturais e espaciais. Acredito que tal fenômeno reflete, simultaneamente, todas as transformações citadas, inaugurando e/ou afirmando um modo de vida em um mundo convulsionado por eventos e estímulos, cada vez mais, complexos e variados. Esse cenário configura um mundo movediço, que põe em xeque valores consolidados e a capacidade de planejamento do futuro, sendo este um momento

histórico de segregação da experiência, isto é: “para muitas pessoas, o contato direto com eventos e situações que ligam a vida individual a questões mais amplas de moralidade e finitude são raras e fugazes” (GIDDENS, 2002, p. 15). Aliás, fugacidade e desconexão são alguns dos traços mais alardeados, teórica e empiricamente, na sociedade atual. A efemeridade dos contatos e das relações sociais e espaciais, bem como a desconexão diante de questões amplas de moralidade são uma consequência da desconexão do homem com o próprio homem, como alerta Sennett: “sei que um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo” (2009, p. 176). É nesse ambiente, no contexto de pendularidade para trabalho, que vou analisar as experiências de vida dessas pessoas, com o interesse de apreender, em suas respostas, a orientação prática que empreendem na construção das suas vidas.

5.1 APRESENTANDO OS PENDULARES

Ao refletir a respeito da análise do conteúdo exposto pelos entrevistados, ponderei sobre duas formas de articular as narrativas e o exame teórico-conceitual. A primeira consiste em encadear as experiências e o referencial teórico em cada uma das entrevistas; a segunda forma, a qual escolhi adotar, descrevo as entrevistas para, ao fim, em um tópico separado, analisá-las em bloco. Acredito que a forma adotada evidencia aspectos transversais comuns a todos os pendulares, o que nos leva a identificar regularidades e tendências que podem ser vinculadas aos dados produzidos pelos questionários⁹⁷.

Basicamente, você não vive, né!? (WS, dezembro, 2019)

WS é um jovem pendular de 26 anos de idade, natural da cidade sertaneja de Batalha⁹⁸ e residente há quatro anos na capital alagoana. Se autodeclara branco, solteiro, possui Ensino Médio completo, mora sozinho e de aluguel, é autônomo (locutor) e possui uma renda de dois

⁹⁷Quero, ainda, comunicar que no texto vou utilizar apenas as iniciais dos nomes dos entrevistados, pois foi acordado que eu preservaria suas identidades, essa foi umas das condições sugeridas para a concessão das entrevistas, ao fim e ao cabo o que nos interessa são suas experiências. As entrevistas foram conduzidas de forma que os entrevistados ficassem à vontade para discorrer sobre suas impressões, experiências, memórias, contudo, sempre que possível, eu os direcionava às questões ligadas à família, ao lazer, ao trabalho, às viagens, à construção das relações afetivas, à cidade de Arapiraca, ao bairro de residência e às suas casas.

⁹⁸ A cidade de Batalha conta com uma população de 17.076 mil habitantes (IBGE, 2010). Este pequeno município está localizado no sertão de Alagoas a 186 km da capital Maceió e a 56 km da capital do agreste, Arapiraca. Sua economia é baseada na agropecuária, sendo considerada o polo centralizador da bacia leiteira alagoana.

salários mínimos. Essa foi uma daquelas entrevistas possibilitadas pela aplicação dos questionários, já que, durante a pesquisa na rodoviária, conheci o pendular e, quando o convidei para participar da segunda etapa do projeto, prontamente mostrou-se aberto e disponível. Em relação a WS, devemos considerar, inicialmente, sua escolha pela Van como meio de transporte intermunicipal, pois,

*... a Van é um pouco mais prática, um pouco mais rápida, entendeu?
Do que o ônibus Real Alagoas... essas empresas... eu acho que a Van
termina sendo mais vantagem, até pelo preço e pela comodidade e
rapidez...*

As palavras do entrevistado convergem com os números apresentados por Maércio Ferreira em suas falas sobre a centralidade do transporte complementar intermunicipal em Alagoas, especialmente para determinadas faixas de renda.

Poderia dizer que WS é um exemplar de um indivíduo em permanente movimento, uma vida em trânsito parece descrever a trajetória desse batalhense de origem, que hoje reside em Maceió e trabalha em Arapiraca. O jovem já passou por estados como Goiás e Santa Catarina e hoje encontra-se temporariamente (palavra muito presente em sua vida, desde que saiu de sua cidade natal, em São Paulo, por ocasião de um curso de qualificação profissional. Em Maceió já reside em seu segundo bairro, pois, logo que chegou foi morar no conjunto Eustáquio Gomes, no bairro do Tabuleiro, na casa de seu tio; hoje, mora no conjunto José Tenório, no bairro da Serraria.

Em relação a sua primeira experiência ao chegar em Maceió, WS é enfático ao afirmar que o processo de adaptação foi muito difícil:

*...no Eustáquio, na verdade, era a casa do meu tio, então quando eu
cheguei, logo quando cheguei, não estava trabalhando e tal... E logo
em seguida eu fui para Serraria.*

O que me chama atenção nesse depoimento é quando ele diz que *na verdade* era a casa do seu tio, ou seja, *não era minha casa*, o que deve ter se refletido na dificuldade sugerida por ele em sua adequação ao Eustáquio Gomes.

*Por eu não conhecer muito, por eu te chegado lá recente, eu ficava
muito preso naquele condomínio, porque... tipo, as pessoas falam muito
do Eustáquio, que é perigoso, que é isso que é aquilo..., então, por eu
não conhecer as pessoas ali, então meu movimento era só ir no centro
de Maceió, pegava um ônibus ali ia no centro, ia no shopping Pátio...
Cara, não foi muito legal não, minha experiência lá no Eustáquio, por
conta de eu não conhecer pessoas de lá, eu não sair muito do
condomínio, por eu ser uma pessoa do interior recém-chegada, então,
não ter costume com estilo das pessoas, com a forma com que elas se
comunicavam, então, eu acredito, que lá foi muito complicado pra mi...
No Eustáquio, acho que foi o lugar que eu morei que eu tive mais*

dificuldades de locomoção e de fazer amizades, eu não fiz amizades no Eustáquio... é, foi complicado...

No momento em que WS conseguiu um emprego, mudou-se para o conjunto José Tenório, no bairro da Serraria. Em sua nova residência, que coincide com o protagonismo e independência trazidos pelo emprego, a relação com o bairro é outra. WS declara que pretende ficar na Serraria até o dia em que conseguir financiar seu apartamento em Maceió.

...principalmente no Zé Tenório, que o Zé Tenório é destacado de toda a cidade, né? É um lugar muito diferente e tranquilo, as linhas de ônibus... até no horário de pico o ônibus não é lotado, então é muito bom, eu gosto, eu acho que no Zé Tenório...

Quando perguntado sobre o que gosta naquele conjunto ele diz:

O pessoal mesmo, a população de lá é um pessoal mais civilizado, o comércio de lá é pequeno, mas é muito bom, acho que nesses pontos aí, me agrada muito....

Apesar de ter salientado as pessoas, como mais *civilizadas*, há um maior relevo para infraestrutura do bairro, tais como acessibilidade e comércio. Isso fica patente quando WS manifesta que

...frequenta o supermercado, academia, um barzinho, sempre o mesmo...

Quando pensa em comprar seu futuro imóvel, no José Tenório, fica claro que a infraestrutura do conjunto lhe traz uma sensação de qualidade de vida e de segurança. Esses fatores se expressam nas suas relações de amizade construídas, que são, em maior parte de Maceió. Segundo ele *muito mais de Maceió* do que de sua cidade ancestral, Batalha, ou mesmo da cidade de Arapiraca, onde trabalha há três anos. No entanto, a sua capacidade de interação é explicitamente condicionada à vida em trânsito, o que WS considera um fator complicador na constituição de vínculos pessoais.

Quem vive assim, sempre em movimento, então, por essa correria de você viver em movimento, você tem que aprender a abrir mão até de algumas amizades, tipo, não vai dar pra você estar fazendo tudo que você quer com eles, então, termina que realmente abala a sua relação com amigos e familiares...

Essa reflexão de que uma vida em trânsito atrapalha a construção da proximidade, como também o afasta das relações confeccionadas na sua cidade natal, a qual passou a ser um *visitante*, parece fazer com que WS mergulhe, ainda mais, nas possibilidades que o bairro apresenta.

Geralmente, no bairro... não saio do bairro, eu acredito que não é nada demais... eu acredito que só a questão de não gostar de se deslocar muito mesmo, só tá ali próximo, no máximo um shopping, mas na maioria do tempo eu tô no bairro, até porque quando você se desloca mais, é... tipo, já não tenho tantas pessoas que eu tenho conhecimento,

então, se saio do bairro, aí é que não vou ter mesmo, então pela acessibilidade das pessoas que eu conheço, eu acredito que o bairro é mais viável pra mim, eu gosto mais de ficar no bairro (WS, dezembro, 2019).

É curioso ouvir de alguém que já viajou para Goiás, Santa Catarina, São Paulo, que atualmente trabalha em outra cidade, a fala de que *não gosta de se deslocar muito*. Entendo que para a constituição de interações sociais e espaciais capazes de engendrar relações de proximidade, a presença é fundamental, acredito que é exatamente a isso que WS se referiu.

Quanto a sua relação com a cidade de Arapiraca, WS é rápido e não titubeia em afirmar que é restritamente profissional:

... porque eu sou muito profissional, mesmo as pessoas que trabalham comigo eu busco não me aproximar tanto dessas pessoas porque é a trabalho, eu deixo para me aproximar nas cidades que eu tenho condições de estar ali próximo, entendeu?

No caso de WS, o trabalho não é espaço social de produção de afinidades, essas devem acontecer no local de residência, o que faz da cidade de destino apenas lugar em que lhe é possível buscar estabilidade econômica, para que possa viver os afetos em outro *locus*. O bairro, nesse sentido, é um espaço significado, em que se opera a busca por uma vida compartilhada. Sobre Arapiraca, ainda acrescenta:

...ela não me atrai, entendeu? Só na questão profissional mesmo, tirando isso, não tem nenhuma relevância pra mim não, Arapiraca.

WS trabalha como locutor há três anos na cidade agrestina, em uma pequena retransmissora da emissora Bandeirantes. Apesar da assiduidade com que frequenta a cidade e de seu vínculo de trabalho, o entrevistado considera que esta cidade *não tem nenhuma relevância* para ele.

Com a vida em deslocamento, WS acaba criando dois mundos: para onde se vai e de onde se é. Essa divisão social e espacial é também uma divisão de papéis, de desejos, de aspirações, que pressupõe formas hierarquizadas de envolvimento. A cidade em que trabalha circunscreve-se ao que ele define como profissionalismo, espaço de relações racionalizadas, medidas e calculadas; já o seu lugar, o qual conhece e deseja ser reconhecido, depreende relações próximas e de confiança. Essa interpretação é inferida no seguinte trecho de sua exposição:

Cara, é... eu me sinto assim, tipo, eu me sinto como se fosse uma pessoa que já se acostumou, que acostumou a chegar em lugares novos, então eu sinto como eu sou novo, mas como se eu tivesse controle da situação, não é meu lugar, mas eu domino eu conheço, entendeu?

Não é o meu lugar, mas eu domino, eu conheço, apesar de não ser o seu lugar, ele se sente confortável em transitar, uma vez que a linguagem, os códigos e comportamentos exigidos para a inserção nos espaços de trabalho são reproduzíveis, embalados e distribuídos, sendo indiferentes às relações pessoais. Uma vez incorporados, o sentimento de confiança independe do local em que se está inserido, pois essas relações prescindem das relações próximas. Nessa perspectiva, a ausência de relações mais estreitas no ambiente de trabalho parece estender-se em relação à cidade.

A atividade profissional é a grande mola propulsora de seu movimento. Foi em busca de melhores condições de trabalho e renda que WS se colocou em movimento. O jovem sustenta que o impulso principal para a sua trajetória em constante trânsito é a melhoria de sua vida, por isso, desloca-se para cidades que possam oferecer mais oportunidades de trabalho:

...na minha cidade as oportunidades são muito pequenas as oportunidades são muito escassas é uma cidade muito pequena, Batalha é poucas pessoas. Só o fato de eu me deslocar para Maceió já foi uma atitude para ir atrás de oportunidades.

Quando foi para Goiás, WS trabalhou para uma empresa de artes plásticas, o mesmo motivo que o levou a uma breve passagem por Santa Catarina. Em São Paulo, agora, foi em busca de aperfeiçoamento na profissão de locutor, ofício que desempenha em Arapiraca. Em dado momento, ainda especula sobre as motivações de outras pessoas que se deslocam:

Cara, eu acredito que algumas pessoas se desloquem pela questão do desafio, pra conhecer, é pra trazer mais, vamos dizer, adquirir mais conhecimento ou por curiosidade, mas eu acredito que a maioria se desloque pela questão financeira, pela questão, tipo, não tem condição na sua cidade, aí as..., a maioria é por causa disso, no meu caso foi isso...

Em um momento da entrevista WS discorre sobre o seu futuro, queixando-se do cansaço e da ausência de estabilidade que a sua atual dinâmica de vida acarreta, destacando que não pensaria duas vezes caso surgisse uma oportunidade de renda em Maceió, ainda que fosse para ganhar menos, pois, nesta circunstância, não deslocar-se-ia cotidianamente.

Eu pretendo, daqui a dez anos, tá formado, tá fixo aqui em Maceió... eu acredito que esteja daqui a dez anos, que eu esteja fixo em um lugar, com minha casa própria, se Deus quiser! E com um trabalho fixo em Maceió, num lugar, eu acho que não aguento esse pique mais dez anos não... ah, aguento não, Sérgio. A gente gasta praticamente o mesmo tempo que eu gasto indo pra Arapiraca... eu quase gastei de Maceió a São Paulo, né? Então a gente gasta muito tempo dentro de uma Van... você passa duas horas dentro de uma Van indo pra Arapiraca e depois mais duas horas voltando... isso quando o cara tá andando rápido, então, acho que é muito tempo perdido, chega a cansar muito, uma viagem curta se torna longa.... Basicamente você não vive, né? Você fica pensando no próximo trabalho, na próxima viagem...

Ainda a respeito do deslocamento, WS acrescenta:

Eu acredito assim: que a partir do momento que você passa a se deslocar, você vai perdendo os vínculos com as pessoas... acredito que afaste muito a questão familiar e a questão de amigos mesmo...

Há uma dualidade, ou uma tensão, no que se refere ao deslocamento como uma possibilidade de sobrevivência, contudo, não sem custos:

Porque se você olhar direitinho, hoje se a gente consegue um salário melhor, a gente consegue comer melhor, a gente consegue viver melhor, consegue trazer uma qualidade de vida melhor, porém, tem a questão de estar longe das pessoas que você gosta, porém, você tá ganhando melhor, termina sendo uma troca meio injusta... mas, eu acho que dinheiro é o que motiva isso...

WS ressalta, entre as dificuldades apresentadas por sua mobilidade, a necessidade contínua de reordenamento da sua rotina,

...a adaptação a tudo, você chega em lugar e precisa se adaptar com a odontologia, médico, academia, eu sou um cara que gosta muito de academia, então você tem que se adequar a todas essas situações e se torna um pouco chato.

WS indica que todos esses elementos, médicos, academia, plano odontológico, implicam em segurança, oferecem coordenadas, também responsáveis por legar confiança para a produção de sua estabilidade. WS acredita que, para conseguir criar um ambiente e relações que lhe proporcionem conforto e segurança, é fundamental tempo de permanência.

Cara, eu acho que tem que ter um tempo, acho que ter um tempo determinado... tem pessoas que tem um pouco mais de facilidade de chegar e fazer amizades, criar aqueles vínculos, tornar aquele lugar a sua casa... eu já fui assim... eu chegava num lugar e facilmente criava meu ambiente ali, criava meus amigos, criava pessoas que era como família... hoje, não sei porquê, mas hoje eu não tenho essa facilidade... Quando era mais novo eu tinha mais facilidade de me relacionar com as pessoas... eu amadureci muito rápido pela questão de ter que me sustentar... a gente termina, tipo, se transformando, termina vendo o que é vantagem pra você, tipo, você passa a se relacionar com pessoas que possam agregar alguma coisa na sua vida profissional, no seu conhecimento na sua saúde mental...

Lembremos que WS tem apenas 26 anos e acredita que perdeu sua capacidade de criar relações com maior facilidade e credita isso ao amadurecimento trazido pelas responsabilidades ensejadas no mundo do trabalho. Aliás, um aspecto interessante e que percorre toda a entrevista é a menção insistente a aspectos como planejamento, preparação, previsão e afins.

O que me causa ansiedade e sempre causou, é chegar num lugar e não conhecer... só que tem uma questão, tudo é mais difícil para quem não se prepara, não se planeja, tipo, se você não planeja quanto você vai gastar, fica tudo mais difícil... a mãe da dificuldade é a falta de dinheiro... se você não tem dinheiro, você tá lascado, mas se você tem, então, se você tem o mínimo e sabe organizar... me causou no passado,

mas hoje não, eu planejo, eu sei o que eu posso fazer, sei até onde eu posso ir...

A vida em deslocamento parece atuar imprimindo uma reflexividade sempre ativa, um exercício de cálculo e diligência, sempre no sentido de antecipar as diversas situações as quais uma vida em movimento pode estar sujeita, o que vai externar nas relações com as pessoas e com os lugares. Quando perguntado se, ao longo desses anos pendulando para Arapiraca, ele conheceu alguém no percurso que veio a fazer parte do seu ciclo de amigos ou conhecidos, ele responde que

...não é tão... vamos dizer, não é tão frequente, até porque hoje em dia as pessoas são muito cautelosas, né? Na questão de lidar com estranhos, com pessoas que não conhece tanto, então tem aquela precaução maior, então eu acho por causa disso é raro.

Estar sujeito a contextos novos pode ter contribuído para uma transformação de sua personalidade, ou para a intensificação de alguns traços, tornando-o mais precavido e distante, fazendo-o evitar interações. Importante observar que essa *resistência* a trocas afetivas é parte de um processo que o tornou também mais adaptável. WS faz uma comparação entre ele, que se desloca, e as pessoas de sua cidade natal amigos e familiares,

É como se a nossa cabeça mudasse completamente, eu me baseio mais ou menos assim: pros meus amigos que moram no sertão... eles tem uma mentalidade que ali é o lugar deles e quando se deslocam, se sentem completamente fora do seu habitar... já no meu caso não, eu chego num lugar, lógico que tudo novo te dá uma perspectiva diferente, mas eu me adapto muito fácil, eu sempre morei de aluguel, eu tenho uma ideia mais ou menos do que eu preciso para morar, eu gosto muito de morar em quitinete, então eu chego num lugar botei minhas coisas ali e já me sinto em casa, entendeu? Mudou, mas não era assim, eu tinha problemas até pra dormir quando comecei a morar fora, hoje não, eu chego aonde tiver, onde tiver um canto confortável eu vou lá deito durmo e tranquilo me sinto em casa.

Com o tempo WS familiarizou-se com a vida em movimento, criando mecanismos adaptativos, que neutralizam ou normalizam as dificuldades apontadas por ele ao longo da entrevista, como a distância dos familiares e amigos e os riscos presentes na estrada.

Mas eu sei que é o que tem pra hoje! (WL, dezembro, 2019)

Minha segunda entrevista foi com uma jovem fisioterapeuta de 29 anos de idade, natural de Arapiraca e residente em Maceió há 10 anos. Como para WS, a mobilidade é uma constante em sua trajetória desde que saiu da casa dos seus pais para cursar fisioterapia em Maceió. WL se autodeclara branca, solteira, aufera renda em torno de cinco salários mínimos e mora de aluguel. Como no caso de WS, esta entrevista relaciona-se com a aplicação dos questionários,

pois foi na rodoviária, durante a pesquisa quantitativa, que tivemos o primeiro contato. Contudo, apenas com muita insistência e somente três meses depois, eu consegui agendar nossa entrevista.

Em grande medida e não apenas no caso de WL, a dinâmica de vida dos pendulares torna a aproximação e, por conseguinte, a construção de um *rapport*, isto é, um ambiente e uma relação, para que os entrevistados se sintam seguros a ceder as informações que procuramos, um pouco mais difícil.

A entrevista sugere pontos de contato com a narrativa de WS como também diverge em muitos aspectos, demonstrando a pluralidade de formas de convivência e experiências de vidas em trânsito.

Ao chegar em Maceió, WL, ainda muito jovem, 19 anos, alojou-se na casa de um parente, o que significa que essa rede de relações familiares é, em ambos os casos, o suporte inicial. Como aconteceu no caso de WS, a estadia na casa dos familiares durou pouco mais de um ano. Sua relação com o bairro do Tabuleiro quase inexistiu, sua vida restringia-se a faculdade e a casa dos familiares, não havendo expansão para fora da residência. O mesmo aconteceu quando morou em um pensionato feminino no bairro do Trapiche da Barra. Sobre esse período, WL frisou dois aspectos: o primeiro diz respeito a sua colega de quarto, com a qual relação era tensionada por uma incompatibilidade de personalidades; a segunda refere-se à sua relação com o bairro, o qual considerava perigoso, fazendo com que ela contivesse a exploração do entorno, circunscrevendo sua vida, ainda, a uma relação entre o pensionato e a faculdade. Sua estadia no pensionato no Trapiche foi curta, pouco mais de um ano, seguindo para seu terceiro bairro em três anos em Maceió, o conjunto José Tenório, no bairro da Serraria, por coincidência, local em que WS também se estabeleceu. Ao chegar, WL dividiu o apartamento com mais três amigas de faculdade, pouco a pouco cada uma das amigas foi tomando uma direção diferente, restando apenas ela.

Aí pronto, eu fui morar com as meninas, com três meninas no José Tenório. Éramos em quatro até o ano passado, hoje eu moro sozinha. Quando eu morava no Zé Tenório, as meninas, uma foi embora, o namorado ia pro Rio e aí foi embora com ele; a outra foi morar sozinha e a outra também, aí eu fiquei só no Zé Tenório. Morei bastante tempo, acho dois anos e meio... antes de me formar, já tava morando sozinha, e o ano passado, agora esse mês fez um ano, que eu moro no conjunto Carajás, mas sozinha também. Um lugarzinho melhor.

A partir do momento em que começou a morar sozinha no conjunto José Tenório, WL começou a estabelecer uma maior interação espacial e relacional, que não se reduzia apenas à casa e à faculdade. Hoje ela continua no conjunto José Tenório, mas em uma quarta residência,

um pequeno e *aconchegante* apartamento, ao qual WL é farta em elogios. Sobre o José Tenório, ela comenta que:

Amo tudo, eu faço tudo lá... quando eu fui alugar esse apartamento, a opção era alugar um aqui embaixo perto da praia, não quis, porque lá eu tenho tudo próximo: lá eu tenho academia, bem na esquina da minha casa, padarias, a igreja, então, assim, igreja, lazer, então eu gosto.... Então, tudo que eu preciso eu tenho próximo, banco, lotéricas...

É neste bairro que WL começa a sentir-se em seu lugar, a frequentar academias e a igreja e a partir desses espaços construir laços com as pessoas e com o bairro:

Eu conheço muita gente no supermercado, oi, oi, bom dia, tudo bom... pronto, eu conheço muita gente, eu vou na missa tem muita gente que eu conheço, ali é o círculo.

Esse sentimento de pertencimento é semelhante ao expressado por WS em relação ao José Tenório, sendo que para WL a sensação de segurança e integração é reforçada por sua casa.

O ambiente, como eu falei, eu sou muito caseira, então onde eu estou morando hoje é um apartamento, edificozinho que só tem seis apartamentos, três embaixo e três em cima, bem pequenininho, então... assim, é muito tranquilo, tem um jardim, é a coisa mais linda! Adoro acordar naquele jardim, aquele cheirinho de grama... é uma moradia perfeita! Então, é grande! Quando minha família vem, cabe todo mundo, eu só uso dois cômodos, ficam dois cômodos sem usar, porque é grande o apartamento... então, eu gosto demais de onde eu tô morando... se eu pudesse comprar ele, eu comprava e ficava aqui. Tem criança, tem cachorro, mas você não escuta barulho, só os passarinhos... é coisa muito tranquila aquela rua, gosto demais...

A *moradia perfeita*, espaço em que ela pode sentir-se resguardada e integrada à amplitude do bairro é fator que a faz sentir-se *avontadíssima*, sentimento que não foi experimentado nas suas duas primeiras habitações: no Tabuleiro, com a família e no Trapiche, no pensionato. Ao referir-se a sua vivência neste último, a entrevistada salienta:

Eu achava lá perigoso, você não via muito estudante, como via no Zé Tenório, que é um bairro de muitos estudantes... é muito movimento, tudo muito mais perto, eu me sentia muito mais segura no Zé Tenório e depois que fui pra lá, aí eu comecei a sair mais...

O bairro e a casa são alvo de criteriosa reflexão por parte de WL:

... porque também eu não quero morar em qualquer lugar hoje... hoje eu vejo, eu sempre vi e hoje mais ainda, o conforto da casa, onde você passa a maior parte do seu tempo depois do trabalho, sua casa! Você tem que se sentir bem onde você tá...

Ao longo da entrevista, e não raramente, sem nenhum incentivo, WL enfatiza a importância que o José Tenório desempenhou sobre a vida dela.

A casa é o lugar onde WL recarrega as baterias, se reoxigena para o trabalho, visto que é no trabalho, segundo ela, que 80% a 90% de sua vida acontece. Casa e trabalho representam os eixos norteadores da sua existência social.

Eu vim pra estuda, há oito anos... tem quatro anos de formada... nove anos no caso, né? Ai eu continuei e quando tava perto de me formar recebi uma proposta de emprego aqui, que eu ia me formar e ia voltar, não ia fazer vida fixa aqui pós formada, aí eu recebi uma proposta de emprego em uma empresa, aí eu fiquei e fui ficando... e aí foi isso que me deixou em Maceió, mas a minha pretensão era após formar voltar, mas aí fui ficando, fui arrumando emprego e é nessa... toda vez que... daí, eu fui demitida, tal, porque eu tava ficando cara para empresa, um funcionário de nível superior... e aí me demitiram, antes de eu acabar meu seguro desemprego eu arrumei outro, porque eu ia voltar novamente pra Arapiraca, aí arrumei outro emprego e aí fui ficando e vai fazer nove anos...

Seu projeto inicial era retornar para a cidade de Arapiraca, pois sua vinda a Maceió tinha como único objetivo sua formação superior. Foi o trabalho que lhe oportunizou as condições econômicas para manter residência na Serraria. Com lamento, ela pondera sobre a possibilidade de voltar a Arapiraca:

Hoje não... eu voltar vai ser difícil de me acostumar, na verdade, lá... se eu voltar, se eu tiver que voltar, vai ser difícil me acostuma... eu amo aqui!

Vale destacar que WL trabalha em Maceió e Arapiraca - de segunda a quinta feira em Maceió, sendo que na quinta já viaja para Arapiraca, retornando no sábado, isso quando não cumpre plantões de outros funcionários do setor, o que pode vir a ser nos feriados, domingos etc. Não é um exagero, portanto, afirmar que 80% a 90% de sua vida realiza-se no trabalho. Em seu caso, o trabalho não é visto como uma atividade mortificadora ou extenuante, muito inversamente, a jovem demonstra paixão por sua atividade profissional. Em Maceió, WL atua no Serviço de Atenção Familiar (SAD), programa da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Maceió (SMS) e, em Arapiraca, atua como intensivista em uma UTI cardíaca.

Foi por meio de sua atividade profissional que WL teve a oportunidade de conhecer vários lugares, entre eles, sobressaem São Paulo e Jaraguá do Sul, sempre representando a empresa em eventos, fazendo treinamentos ou realizando palestras. Nesse sentido, a mobilidade não trouxe, sob seu ponto de vista, nenhum prejuízo, pois foi o que a impulsionou a expandir seu mundo e contribuir para o alargamento de seu horizonte.

Eu acho que mais benefícios, porque, talvez se eu tivesse voltado para Arapiraca eu não tinha tido a experiência de trabalhar em uma empresa grande aqui, uma empresa que eu tive um tempo carteira assinada, que eu lidava com muitas pessoas, que foi o que eu ganhei, mais ainda, essa parte de comunicação, porque eu fazia treinamento das pessoas dos hospitais, então eu tive que me comunicar muito bem,

melhorar isso. Viajei, a empresa me trouxe coisas boas, eu viajei pro Sul, viajei pra São Paulo para fazer treinamentos fora, então, foi uma experiência única, que eu sinto saudade, até hoje, dessas viagens, de estar dentro dos hospitais, comunicando, ensinando... que eu amo ensinar, eu acho que quando a gente ensina a gente aprende.

Para WL a mobilidade é um elemento constituinte de sua vida, a qual não deseja abandonar, visto as possibilidades que lhe oferece, sobretudo profissionalmente com o enriquecimento de suas habilidades. Não houve rupturas ou descontinuidades em nenhum aspecto de sua vida oriundas da mobilidade. Em seus termos até sua relação com seus pais estreitou-se com a distância. Sua ambição é conseguir ampliar sua escala no hospital em Arapiraca ou em qualquer outro lugar, desde que seja possível conciliar ambos os vínculos.

Quanto aos riscos de acidente ou assaltos na estrada ou o cansaço da viagem, nada disso lhe incomoda, inclusive já criou pequenos rituais, que lhe permitem abstrair esses riscos ou perigos potenciais:

...você acaba esquecendo, eu boto música, então, você acaba esquecendo o lado ruim, os perigos, né? Mas há sim, os perigos, a gente sabe, mas pela rotina você se acostuma a não levar como se fosse tão mal e não ver o lado do perigo. Hoje eu me acostumei, até gosto...

WL sempre viajou de transporte complementar e diz que durante as viagens tem a oportunidade de dormir, *acho que é o momento de eu relaxar*. Na Van criou o hábito de viajar sempre *na janela do cantinho*, pois é seu lugar preferido ao longo das jornadas.

Em movimento é que WL constrói seu mundo social, a mobilidade como parte indissociável de suas estratégias de vida. Em nenhum aspecto se enxerga dividida, pois encontrou, nesse modo de vida, uma forma de completude que não vemos em WS. As poucas vezes em que WL demonstrou ansiedade ou preocupação foi quanto a estabilidade profissional, pois, hoje, nenhum dos vínculos que possui, tanto com a prefeitura de Maceió, quanto com o Hospital em Arapiraca, são contratuais, o que significa que não há prazos ou direitos, quer dizer, nenhuma previsão ou segurança:

Pra mim, hoje, minha maior vontade é conseguir um trabalho de carteira assinada, não precisa ser nem concurso... carteira assinada, pra mim, já é estabilidade boa.

A incerteza gerada pelo mundo do trabalho impactou significativamente em seus planos de um dia ter filhos. Ela confidenciou que quando esboçou o desenho de sua vida imaginava-se com vários filhos, hoje, no entanto, receia não estar *resolvida* financeiramente.

Só um filho, não sei nem se eu quero mais ter filho, mas é porque eu sou muito cri-cri,... por minha família já ter tido dinheiro, eu queria ter... sabe, uma estabilidade, por mim, eu teria sido mãe com 20 anos. Aí vai mudando os planos e aí eu tô pensando isso, né? Não sei o dia

de amanhã, mas, pra mim, estando estável financeiramente, o resto vai se encaixando, quer queira quer não, hoje, tudo você precisa ter algo financeiro, tudo você precisa ter uma verba, se você quer se divertir você precisa ter dinheiro, dinheiro ele é muito importante...

A mobilidade patrocina o seu desejo de crescimento e estabilidade profissional, isso garantiria sua manutenção no conjunto José Tenório.

Quanto a gostar, hoje, se eu pudesse financeiramente, eu não saia de Maceió... eu gosto, hoje, eu gosto, antes não gostava não, mas hoje eu gosto, gosto de onde eu moro... sabe, minha casa, meu lugar, eu gosto demais.

Segundo WL, demorou muito tempo para encontrar o lugar com o *jeitinho dela* e sempre que paga o aluguel pensa que esse dinheiro poderia ser direcionado para financiar a própria casa, a qual seria o apartamento em que reside hoje. É naquela casa, naquele bairro, que ela unifica e equilibra o ritmo acelerado de seu cotidiano, conforme suas palavras: *se eu pudesse comprava o apartamento que eu moro, que é o apartamento que eu sonhei, no lugar que eu sonhei...* A sua permeabilidade a mobilidade não se estende a moradia, mas ao mundo do trabalho. A entrevistada compreende a esfera do trabalho como espaço de permanente busca em que a mobilidade é uma possibilidade, isso desde que tenha o seu lugar, o qual não é mais Arapiraca:

Às vezes eu fico até com medo quando eu paro pra pensar, se eu vou voltar pra Arapiraca, eu não vou ter mais esse vínculo com Maceió, eu fico até ansiosa, eu gosto, hoje eu gosto muito de onde eu moro.

Sobre a possibilidade de não ter seu contrato de aluguel renovado, por algum motivo, ela finaliza:

... me incomoda, mas eu sei que é o que tem pra hoje!

Eu sempre pendulei (MC, março 2019)

MC é um professor de 66 anos de idade, que já pendula há quase três décadas. Natural da cidade de Palmeira dos Índios, reside em Maceió desde que veio frequentar, ainda moço, o curso de Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Do mesmo modo que WS e WL, a sua vida sempre esteve em trânsito. Trabalho e residência quase nunca coincidiram em sua trajetória e em grande parte de sua vida profissional, sempre esteve longe de casa.

Antes de pendular para Arapiraca eu pendulava para Xingó - de Maceió para Xingó e, antes de Xingó, eu pendulava em São Miguel dos Campos. Eu sempre pendulei, os meus concursos foram sempre para pendular.

Importante considerar que MC sempre foi servidor público estadual, desde seu primeiro concurso o que adiciona uma condição de estabilidade que falta às trajetórias de WS e WL. O professor considera que nunca teve nenhuma dificuldade de adaptação ou de qualquer outra natureza, em suas palavras: *aprendi a ser o que o momento me ofertava.*

Em sua primeira experiência como pendular, trabalhou por três anos na cidade São Miguel dos Campos, às segundas, quartas e sextas feiras, deslocando-se cotidianamente. Contudo, como era solteiro, às vezes, especialmente às sextas feiras, permanecia em São Miguel durante todo o final de semana, até o retorno da rotina de trabalho na segunda feira. O professor enuncia que acabou construindo boas relações, laços de amizade, com quem compartilhava os finais de semana nesses momentos de prolongação da estadia. Por outro lado, em outro momento da conversa, o professor enfatiza que foi em São Miguel que aprendeu a pendular.

O que eu lhe digo é o seguinte: em São Miguel - eu não cogitava ficar lá - o círculo de amizade era mais restrito a um grupo de alunos, alguns professores... foi pouco tempo também, eu não cogitava não, a cidade não me puxava, não era para morar lá.

Quando foi transferido para a região de Xingó, MC foi atraído por melhores condições de trabalho e renda, com um relevante aumento salarial e despesas contempladas pela Secretaria de Educação, até mesmo a habitação. As condições eram favoráveis ao ponto de ter pensando em sair de Maceió e fixar residência por lá, porém, neste período já se encontrava casado e sua esposa não aderiu à proposta, como demonstrado em sua fala:

Eu recebi casa para levar a esposa, só que ela era funcionária da Secretaria de Saúde e não deu para levar, eu ficava sozinho lá, eu ficava sozinho....

Em Xingó a proposta de trabalho previa dois anos com possibilidade de renovação por mais dois, o que faria com que, novamente, tivesse que se deslocar para outra cidade. O tempo preestabelecido repercutia em seu envolvimento com as cidades e com as pessoas:

Em Xingó, até eu cheguei a pensar em levar, até pelo tempo, que era pra ficar dois anos e podia ficar mais dois, sempre sabendo que iria voltar. Tanto Xingó, tanto São Miguel foi mais difícil, o tempo foi menor e havia também..., eu não me aproximava tanto, eu não me pertencia tanto àquele espaço. Em Arapiraca, que eu fui concursado, não era como antes de onde você sair... eu fui pra lá, lá foi uma relação mais longa, vai sendo longa, vai sendo trocada, todo semestre vem novas pessoas e eu continuo lá... Então o pertencer lá foi naturalmente aumentando, foi chegando a isso, não sei se era porque eu queria ou era porque exigia o ato de estar lá, não é? Eu não só dou aula e volto, eu dou aula e acompanho projetos de pesquisa, acompanho aluno, acompanho extensão, coordeno o curso... coordenei o curso por 10 anos. Coordenando pós-graduação, coordenando PIBID.

A certeza da impermanência coincide com a menor entrega e envolvimento de MC nas duas primeiras experiências de pendularidade para trabalho. Sua relação com Arapiraca é, desde

o início, favorecida pela certeza do longo prazo. Quando perguntei se em algum momento ele conjecturou residir em São Miguel, ou na região de Xingó, respondeu:

Eu acho que eu já tinha apartamento, eu acho que eu sempre esperava alguma coisa quando eu voltasse e tivesse uma melhoria aqui mesmo, acho que por isso, inconscientemente...

A pendularidade para trabalho, não só para MC, mas para todos os entrevistados, possui um caráter temporário, pois o plano original é sempre coincidir local de residência e trabalho, o que é enfatizado por MC no momento em que fala que *inconscientemente* esperava *uma melhoria aqui mesmo* e enquanto isso, pendulava, sempre construindo sua vida e expectativas voltadas a cidade de residência.

Como em todas as entrevistas até aqui, para MC o trabalho é a fonte da mobilidade pendular, conforme aponta:

Porque falta aqui, esse tipo de trabalho, a gente se submete a lá. O pendular não é por conta do maior salário ou menor, é por conta da oportunidade lá, e não oportunidade aqui.

Há 22 anos MC pendula entre Maceió e Arapiraca, inicialmente de Van, mas, agora, de carro, compartilhando o veículo com outros pendulares da Instituição em que trabalha. O que o fez *pegar no volante* foi a saída do mercado do motorista da Van com quem tinha uma relação de 15 anos. Essa relação com o motorista é sintomática da segurança, que MC e demais usuários do transporte, creditavam ao condutor, o que demonstra a importância desses elos cultivados com o tempo. Assim como nos casos de WS e WL, o cansaço e os perigos da estrada são reconhecidos, mas diluídos na rotina.

Nós já presenciamos problemas. Uma das vezes eu vinha descendo a ladeira de São Miguel - nesse tempo era uma besta que levava a gente - vinha em velocidade pequena, na ladeira descendo, naquela parte da ladeira escura, entre a parte alta e a parte baixa e ali, a besta⁹⁹ bateu num cavalo, numa égua, enfim... e jogou lá embaixo, eu ia no banco do meio, tinha um colega no banco da frente e os vidros cátram tudinho por cima dele... não aconteceu nada, mas eu acho que ele ia cochilando, acho que ele nem viu nada... eu venho sempre acordado, eu venho sempre conversando, eu pretendo fazer as viagens mais rápidas e mais... como é que diz... assim, eu quero que a viagem fique mais leve, contando piada.

Esse é apenas um dos inúmeros relatos sobre acidentes, carros que quebraram no *meio do nada* e assaltos, contadas por nosso interlocutor. Diferente do seu amigo, que estava dormindo, MC sempre viaja conversando, contando piadas, para manter a atenção do motorista

⁹⁹ Besta é a forma como comumente se denomina as Vans aqui no estado de Alagoas. O nome decorre da Van Kia. Besta, uma das *vans* que mais circulou no mercado brasileiro entre 1993 e 2006, popularizada, especialmente, por seu uso como transporte alternativo (lotações) e Vans escolares.

e a sua em alerta. WS e WL sempre viajam durante o dia em horários considerados por eles mais seguros, já MC viaja três vezes por semana para Arapiraca e sempre volta no mesmo dia, durante a noite, chegando em casa por volta das 00h30, o que torna a sua viagem mais arriscada, se comparada aos primeiros casos.

Antes de ser aprovado no concurso em Arapiraca a pretensão do MC era conseguir uma posição na antiga Escola Agrotécnica de Satuba¹⁰⁰, localizada na região metropolitana de Maceió:

Eu tinha a maior vontade de trabalhar em Satuba, não tinha concurso, eu tinha que ter um alguém que me botasse lá, ainda cheguei a falar com um camarada aí, que fez uma carta, aí, o diretor disse que não tinha vaga... sei que terminei não ficando, mas eu tinha sede.

Quando foi aprovado em Arapiraca o professor não almejou quaisquer outros percursos profissionais, visto que encontrou a estabilidade e a afirmação que vinha buscando desde São Miguel dos Campos. A partir de seu novo local de trabalho MC criou a maior parte de suas relações próximas e laços afetivos ao longo das últimas duas décadas, estabelecendo uma íntima conexão com a cidade de Arapiraca. Esses vínculos, por outro lado, não se estenderam para seu único filho e sua esposa, segundo MC:

... ele (filho) não tem ligação nenhuma com Arapiraca, minha esposa também não...

MC acredita que sente que sua vida foi sendo elaborada particionando as suas afinidades: família, filho e casa em Maceió, como também com os amigos e o trabalho em Arapiraca.

Eu tinha bem mais isso quando trabalhava só aqui, é como se eu ganhei lá e perdi aqui - contatos - Eu sempre tô final de semana aqui, férias eu tô aqui, eu tô bem dividido, eu acredito que há essa divisão. A não ser que o cara tenha as mesmas atividades do lado de cá. Tem professor que trabalha aqui, trabalha em cursinho, trabalha em tal, tal... aí vai pra Arapiraca e trabalha lá..., aí, o cara tem nos dois, ele não perdeu esse vínculo, essa gama de relações, essa rede de relações aqui continua, eu hoje continuo mais com as de lá...

Nesse sentido, MC descreve uma situação curiosa que vivenciou com seu filho no shopping de Maceió; Comentou, em tom de brincadeira, que andou a tarde inteira pelo shopping e não conheceu ou foi reconhecido por ninguém. Com a cidade de Arapiraca seus vínculos mais próximos sedimentaram-se, a partir da sua longevidade na instituição de ensino em que trabalha. No decorrer da entrevista, o professor MC descreve, com orgulho, suas amizades com

¹⁰⁰ A centenária Escola Agrotécnica Federal de Satuba foi, em 2008, incorporada à rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, quando da promulgação da Lei nº 11.892.

ex-alunos, suas participações em casamentos, aniversários, relações de confiança que teceu e lhe fazem sentir-se reconhecido e pertencente. Quando perguntei sobre o momento de sua aposentadoria, MC foi rápido e disparou que isso não lhe preocupa, pois, por muito tempo ainda, mesmo após sua aposentadoria, Arapiraca continuaria a lhe chamar. Mesmo nos momentos em que está em sua casa, o pendular relata que continua presente em Arapiraca:

Eu sou ligado aqui no telefone, qualquer dia, qualquer hora, eu tô ligado com eles!

MC já residia em Maceió quando foi trabalhar em Arapiraca, já conservava seu imóvel próprio, o que o distingue dos dois primeiros pendulares entrevistados. O professor mora na Avenida Rotary, no bairro do Farol, um bairro histórico da capital alagoana, com excelente infraestrutura e condições de habitabilidade.

Foi tudo muito calculado, é tudo muito definido (ELI, outubro, 2019)

A conversa com ELI foi extremamente profícua. Nutricionista de 42 anos, natural de Maceió e funcionária de ambas as Prefeituras - Maceió e Arapiraca. Assim como MC, ela possui estabilidade, o que lhe dota de maior tranquilidade na elaboração de seus planos e tomadas de decisão. Da mesma forma que todos os entrevistados até aqui, ELI sempre esteve em acentuado movimento: morou em João Pessoa/PB, trabalhou na cidade de São Brás/AL e, atualmente, em Arapiraca/AL.

Desde que terminou sua graduação em Nutrição, sua história de vida em trânsito se pôs em movimento. Ao concluir a formação superior foi aprovada em um concurso público na cidade de Cabedelo, na Paraíba. Essa experiência perdurou por um ano e seis meses. Durante este tempo, ELI dividiu apartamento com uma amiga, também pendular, na cidade de João Pessoa. Ou seja, mesmo tendo saído de Alagoas, ao ir para outro Estado ELI não residiu na cidade em que trabalhava.

Quando eu me mudei pra lá, eu me mudei, né? Então, é uma coisa que eu vou pegar a minha vida - mudar daqui pra cá, então, eu vou me estabelecer nessa cidade, eu não vou ficar indo e vindo pra Maceió. Mas, estava claro que a minha vida era lá, que eu ia investir em ficar lá, então trabalhava em Cabedelo, ia fazer concurso pra professora substituta da federal de lá, eu tava criando minha vida lá, pensava em fazer mestrado na federal de lá, até que a prefeitura cortou meu salário de uma forma que eu não conseguia me sustentar... minha mãe teve que mandar dinheiro pra eu me sustentar e aí eu tive que voltar, porque eu não ia ficar numa cidade estranha, numa cidade onde eu não conseguia me sustentar... aí foi quando surgiu Arapiraca e eu voltei, mas se o emprego de lá tivesse dado certo, se eu tivesse, digamos, se eu tivesse investido na minha carreira na federal de lá, eu não teria voltado,

porque a visão que eu tinha de ir trabalhar em João Pessoa, em Cabedelo, é diferente da visão que eu sempre tive de trabalhar em Arapiraca.

ELI foi para João Pessoa repleta de planos e convicta que construiria sua vida na Paraíba, fato impossibilitado por mudanças em sua faixa salarial, promovidas pela administração de Cabedelo. Diante disto, a incapacidade de manter sua expectativa de qualidade de vida naquela cidade fez-lhe retornar a Maceió, ainda que concursada. Não há dúvidas que o suporte e a estrutura familiar encorajaram a abandonar o concurso público e continuar buscando o padrão de renda que esperava.

Em sua fala, ELI ressalta que, no seu ponto de vista, uma coisa é mudar de Estado e, outra, é trabalhar no mesmo Estado, ainda que em outra cidade:

É diferente... Como eu já trabalhei em João Pessoa também, que é bem mais distante, é diferente quando se trabalha a 120 quilômetros de casa e quando se trabalha, sei lá a quanto quilômetros ficava João Pessoa...

A diferença consiste que em uma cidade do mesmo Estado a relação é apenas profissional, não há planejamento de vida, pois a vida está no local de residência.

Arapiraca, pra mim, sempre foi local de trabalho. Como eu já trabalhei em São Brás, que é divisa com Sergipe, que também sempre foi um local de trabalho pra mim, mas ainda, porque era uma cidade pequena e as pessoas até diziam: - ELI, você se comporta sempre como se você tivesse no trabalho, chegaram a dizer isso... - ELI você parece que vive no trabalho quando você tá aqui em São Brás... mas é assim que eu me sinto, pra mim é isso aqui.

Mesmo na condição de servidora pública da Prefeitura de Arapiraca há 14 anos e reconhecendo que, ao contrário de São Brás, Arapiraca é uma cidade com inúmeras qualidades, em suas palavras:

É uma cidade assim... completa, bem confortável pra se viver, mas não tem esse atrativo pra mim. Acho que são mais os vínculos afetivos... é como eu te falei, os vínculos afetivos contam muito, pesam muito...

Desde do início ELI tem nitidez de que é apenas o lugar onde ela trabalha e, suas relações, são circunscritas ao âmbito do trabalho.

Então é a questão da praticidade, eu vou lá trabalhar e isso, na minha cabeça, é muito claro. Talvez seja uma forma de me proteger mesmo, já que é tão cansativo tá indo e voltando, é cansativo ter que organizar uma rotina em torno dessa viagem semanal... imagine se eu começasse a confundir tudo e querer ficar lá e querer ficar aqui e reclamar por que tá lá e achar ruim porque tá aqui, né?... Então, fica muito mais desgastante, então separando as coisas dessa forma fica fácil.

Mesmo quando sua carga horária era maior em Arapiraca, ela não sedimentou relações, segundo ELI: *amigos mais próximos são em Maceió, lá eu tenho colegas, colegas de trabalho.* A pendular criou um mecanismo psicológico que permite cindir com precisão trabalho e vida,

isto é, sua relação com Arapiraca e com Maceió. Esta separação é expressa ao longo de toda a conversa, como nesse trecho:

Tem alguns locais que eu gosto, mas, assim, não faço tanta questão de tá frequentando, né?... Acho que tem umas praças bonitas, tem um comércio fácil de circular, então é bom, mas sem nenhum vínculo em especial.

Nesse sentido, a experiência de ELI tem pontos de convergência com a de WS, que afirma que em Arapiraca ele é um profissional. O caso de ELI é ainda mais sugestivo, visto sua longevidade naquela cidade.

Fica mais fácil de lidar com a situação, quando se coloca: esse é o desafio! Eu tô indo pra lá pra trabalhar e aqui eu tenho família e amigos. Cheguei a me relacionar com um homem de Arapiraca, né? Tava namorando em Arapiraca, aí o negócio complicou, porque eu fiquei dividida, eu tinha um vínculo afetivo lá, então eu comecei a pensar... foi aí que eu pensei em morar em Arapiraca, porque, agora, minha família e amigos estão em Maceió, o lugar que eu gosto de ir tá em Maceió, tudo que eu gosto tá em Maceió, mas e agora? O que é que eu faço? Eu acho que complica mais criar vínculos afetivos fortes no local de trabalho e ter vínculos afetivos no local onde você mora.

ELI acrescenta que, para ela, desde o começo que *foi tudo muito calculado, é tudo muito definido*. Ainda que esteja há 14 anos pendulando para Arapiraca, com vínculo funcional com a Prefeitura, destaca que

Se tiver oportunidade de sair, eu saio, se tiver oportunidade de mudar esse vai e volta, eu mudo!

Ela não apenas espera por essa oportunidade, como tem procurado, visto que, neste momento, aguarda ser chamada pela Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas, em Maceió, para a qual recentemente prestou concurso.

ELI chama, ainda, a atenção para um aspecto que considero relevante: ela aponta que, no serviço público de Arapiraca, notadamente na área de saúde, um grande número de pessoas não é de Arapiraca: *tem muita gente que vive na mesma situação que eu, que moram aqui e trabalham lá*. Ela não sabe se é porque não há mão de obra qualificada nesta área entre os arapiraquenses ou porque os nativos, que são formados neste segmento, não querem voltar para lá. Ressalta, ainda, o fato de que tanto no concurso de 2006, em que foi aprovada, como nos mais recentes, em 2012 e 2013, a maioria das vagas foram preenchidas por pessoas de outras cidades, inclusive de outros Estados.

O grande número de pessoas de Maceió e outras cidades e Estados, que trabalham em Arapiraca, refletiu em seu círculo de relações, pois, a maior parte dos indivíduos com quem

estabeleceu elos não são autóctones, sendo as pessoas as quais mais se aproximou em Arapiraca naturais de Maceió:

Eu passava de segunda à quinta, eu dividia apartamento nessa época. Eu dividia apartamento com duas colegas, na época, que também eram pendulares. É uma situação muito comum lá...

Aparece um componente cultural em sua narrativa ao tentar traçar um perfil da população nativa.

Arapiraca ainda tem as características assim, de um povo fechado, um estilo de vida mais... digamos, que não aceita muito o novo, muita novidade, apesar da cidade ter esse estilo progressista, as pessoas são mais preconceituosas, os homens são mais machistas, as famílias são mais aquela família de fachada, muitas famílias de fachada... família de fachada que eu digo é marido e mulher lindo maravilhoso, filhinho perfeito, quando vai ver, todo mundo tem amante... a família arapiraquense tem muito isso e eu posso falar porque já tô lá há muitos anos...

Houve, portanto, um choque cultural, uma resistência à acomodação, às características que identifica na personalidade cultural e social do povo local, o que foi facilitado pelo grande número de funcionários públicos de Maceió e de outras cidades do Nordeste, como Recife, com quem ela se relacionou nesses anos em Arapiraca. Em Maceió, ELI reside no bairro de Riacho Doce, antes, porém, morava no bairro do Pinheiro, local em que residem os seus pais e onde residiu a maior parte de sua vida - infância, adolescência e início da fase adulta. Considero importante situar o leitor sobre os últimos acontecimentos no bairro do Pinheiro e que vieram a impactar na vida de ELI.

O bairro do Pinheiro, bem como outros bairros da região, está sendo desocupado por causa de uma falha geológica provocada pelas operações de extração de sal-gema pela empresa Braskem. Vários conjuntos já foram completamente desocupados, pois há iminência de desabamentos. Está em andamento um acordo celebrado entre diversos órgãos públicos, tais como Ministério Público Estadual, Defensoria Pública Estadual, Ministério Público Federal, Defensoria Pública da União e Braskem, de compensação financeira e apoio à recolocação da população situada nas áreas de risco. Milhares de pessoas que construíram suas vidas e suas memórias estão sendo obrigadas a deixar os seus lares, o que é o caso de ELI.

ELI foi obrigada a abandonar seu apartamento em fevereiro de 2019, sendo este o seu primeiro imóvel:

Eu morei praticamente a vida toda no Pinheiro. Foi difícil, tá sendo difícil, na verdade, porque não tá tudo resolvido, principalmente porque eu tinha conseguido comprar meu primeiro imóvel... aquele investimento da dívida da vida toda também, que você diz: - eu quero morar aqui um tempo, né? Até quando eu quiser, não até quando

disserem - saia daí! Você nunca espera isso, principalmente quando eu procurei um local, longe de barranco, longe de posto de combustível, longe de alagados, um local bom... e aí quando eu vi que não é seguro e você tem que sair, daí é um abalo... o abalo é tão grande que agora eu não quero comprar mais nada!

Ser obrigada a sair de seu apartamento, de seu *localzinho* cuidadosamente escolhido em que acreditava viver *uns 15 anos*, alterou sua forma de enxergar a necessidade de se fixar em algum lugar. ELI exprime seu sentimento quando descreve sua vivência no Pinheiro:

Você se apega ao local, né? Brincou naquela rua, cresceu naquela rua, sabe a padaria onde é, o mercadinho onde é, a academia fica ali, né? A costureira fica ali, tudo você sabe, tem mapeado, a família tá perto, amigo de infância tá do lado, tá todo mundo pertinho...

Quando teve que sair do Pinheiro ELI procurou um outro bairro com quem tinha familiaridade - Riacho Doce, local em que está localizada a unidade de saúde em que trabalha e, de certa forma, imprime uma rotina:

Sempre trabalhei entre Cruz das Almas e Ipioca, sempre gostei dessa área - a praia - e ficar perto do local de trabalho e o clima de interior que tem aqui e não fica tão longe pra resolver as coisas aqui...

. Contudo, ainda que esteja muito bem adaptada ao novo bairro e a sua nova casa, afirma que não pensa mais em comprar outro imóvel. Em consequência dos acontecimentos no bairro do Pinheiro, ela redimensionou o valor e o significado de se estar em um lugar por muito tempo:

Agora eu penso: - vou morar aqui enquanto eu estiver me sentindo confortável e se tiver bom eu fico, se não tiver bom, eu mudo. Agora eu não penso em mudar, mas eu quero ter essa facilidade de mudança.

O incidente ocorrido no bairro do Pinheiro a fez mudar de perspectiva - agora vive o presente sem criar expectativas sobre o seu futuro local de moradia, considerando a mobilidade como uma expressão de liberdade, podendo residir em qualquer lugar que lhe faça bem. Talvez o ocorrido no seu antigo bairro a tenha liberado desse compromisso com o lugar, ou tenha despertado essa percepção. Enquanto isso, encontrou em Riacho Doce conforto e segurança. Em seu novo Bairro, a três minutos do seu local de trabalho, ELI, pouco a pouco, vai recriando o seu *localzinho* e ampliando suas relações com o bairro.

Tá perto de um dos trabalhos, tá numa rua em que eu posso contar com os vizinhos, é um local onde minha família gosta de ficar, onde os amigos gostam de vir, é perto da praia que eu gosto de frequentar, de restaurantes que eu gosto de ir, então tá confortável... e o outro trabalho é muito distante, são 120 quilômetros daqui para o trabalho, e ter outro trabalho que fica a três minutos a pé...

Em Riacho Doce ELI passou a participar da vida do bairro, sendo presença cativa nos projetos ambientais e feiras orgânicas organizadas pela comunidade, fruto da iniciativa de um

coletivo local chamado Saúde na Roça. Atividades dessa natureza não se expandem para a cidade de trabalho:

Em Arapiraca não, porque tô a trabalho e só!

Faltava, a essa altura, ouvi-la sobre duas outras questões colocadas pelo roteiro da entrevista: a primeira sobre o trajeto, os riscos e perigos de uma vida na estrada e a segunda sobre como enxerga a mobilidade pendular, a descontinuidade espacial entre local de moradia e local de trabalho. ELI viajou pouco tempo em transporte público, seja o complementar ou o convencional, logo, as suas condições lhe garantiam a escolha e adotou o veículo particular. ELI considera que a viagem no transporte público é mais longa e cansativa, ressaltando que com pouco tempo já estava adaptada a estrada.

Eu me sinto mais segura indo de carro, do que de ônibus ou Van, porque a frequência de assaltos de ônibus e Van é bem mais alta do que a carros e a questão de acidentes - eu sempre tive muito cuidado... E se for comparar com o motorista da Van, eu acho que ele faz muito mais barbeiragens, então, a questão do risco de acidentes é similar eu indo de carro ou de ônibus, mas o conforto é maior ir dirigindo e a segurança também e o gasto é um pouco maior ir de carro ou de Van e de ônibus, eu gasto muito pouco a mais pra ir de carro...

Para todos os entrevistados, seja por complementar, fretado, convencional ou particular, os riscos da estrada são reconhecidos, mas dissolvidos como algo com o que se aprende a lidar. Como já exposto em outro momento da entrevista, já citado nesse texto, ELI procura uma alternativa para sair de Arapiraca e trabalhar apenas em Maceió e nos últimos anos essa passou a ser uma de suas grandes preocupações.

Penso em trabalhar na mesma cidade, ficar em um local só, é muito mais tranquilo, até porque em relação a trabalho eu tenho projeções de futuro também. Imagina, eu não sei quando é que eu vou me aposentar, a gente não sabe, né? Não tem nem como fazer essa conta, porque daqui a pouco a conta muda de novo. Então imagina os anos passando e a pessoa 120 quilômetros pra chegar no trabalho e 120 pra voltar... até quando eu vou aguentar esse ritmo? Agora pra mim é tranquilo. Às vezes dá preguiça de ir, estrada longa dá preguiça, é cansativo... mas eu vou, mas eu penso até quando eu aguentarei isso e penso em me fixar em um local só.

A mobilidade pendular, para a entrevistada, é um problema no horizonte quando posta em perspectiva, pois, ao elaborar um quadro sobre o futuro, passa a ser uma preocupação:

Eu acho inviável você tá com 60 anos... muito cansativo! Eu não me vejo com 60 anos com essa rotina, não!

Essa preocupação se aguça quando insere no quadro filhos e família.

Eu acho que se eu tivesse filhos eu me preocuparia muito mais em me fixar em um local só, por segurança, pra tá perto... imagina quem tem criança... e quem tem adolescente... enfim, tá longe dos filhos... Eu não

me imagino se eu fosse mãe passar quatro dias longe dos filhos, ou seja, ficar mais longe do que perto...

Esse aspecto não foi nitidamente exposto por todos os entrevistados, mas por coincidência, apenas RN e MC são casados e ambos têm apenas um filho. Não é possível afirmar que essa dinâmica de vida tenha relação causal com esses dois aspectos, todavia, acredito que essa intersecção é relevante em histórias de vida tão diversas.

Para finalizar, um outro elemento em comum entre os pendulares com quem conversei, é a relação entre pendularidade e trabalho. Para ELI, melhores condições de renda e trabalho são os fatores que patrocinam a mobilidade pendular. Esse impulso sempre antecede uma análise ou seleção prévia da cidade para onde se vai. ELI ainda sugere que há uma distinção entre viagem pendular e migração, intervenção a qual considerarei insinuante. Ela acredita que, no caso da migração, é preciso pensar, primeiramente na cidade em que se vai habitar, considerando toda a sua estrutura, tamanho, violência e paisagens. Já no caso da pendularidade, a cidade é indiferente, pois a vida sempre continuará girando em torno do local de residência, reduzindo a cidade de trabalho a prática profissional.

Pensar grande, mas ser um pouco pequeno (CT, setembro, 2019)

Nessa entrevista vou apresentar a narrativa de CT, um jovem de 33 anos que se autodeclara negro, é natural de Maceió e trabalha em Arapiraca. CT também tem em sua agitada trajetória a mobilidade, especialmente a mobilidade residencial, como um fator marcante. Já andou por São Paulo/SP e sempre vai a Recife/PE por ocasião de alguns festivais de música. O entrevistado é músico e membro fundador do Grupo Bambolear, responsável por projetos de música e musicalização infantil em Maceió. A música é uma de suas ocupações. Ele também é professor de Filosofia, hoje lecionando em Arapiraca.

Desde sua infância, CT nunca experimentou a estabilidade residencial. Para ele:

O próprio modelo social que a gente vive parece que apresenta uma fluidez que faz com a gente seja cigano na nossa própria cidade.

Devido a uma intrincada trama familiar, que ele não consegue reconstruir com clareza, passou por seis bairros de Maceió, ao longo de sua vida. Nasceu no conjunto Village Campestre, no bairro Cidade Universitária e, em seguida, passou pelos bairros de Pajuçara, Stella Maris, Jatiúca, Ponta Verde, Prado e Rio Novo, o qual reside atualmente com a mãe, dois tios e dois primos.

Ele não explicita as razões dessa intensa mobilidade espacial, creditando a motivações de seus pais, as quais parece ainda não compreender. Seu pai, inclusive, faleceu quando ele tinha apenas 19 anos de idade, o que deixou intensas marcas em sua trajetória. Em seu atual local de moradia, CT diz não estabelecer muitas relações com as pessoas ou com o bairro:

Minha convivência é muito básica, não saio de casa para interagir na rua com eles. Há uma distância entre mim e as pessoas de Rio Novo, que são pessoas, enfim, de trabalhos informais, que se viram, etc.

Rio Novo é um bairro da periferia de Maceió, próximo ao município de Satuba, região metropolitana, com baixos níveis de escolaridade e altos níveis de desemprego. CT desafina - para utilizar um termo musical tão familiar ao entrevistado - do conjunto das pessoas de seu bairro, o que indica uma menor integração. Sua casa é apenas um lugar para descansar, suas relações próximas estão disseminadas pela cidade de Maceió, em grande medida por ter perambulado por muitos bairros e, por sua própria condição de músico, fatores que lhe permitiram conhecer *cada canto* da cidade.

Antes de começar a pendular para Arapiraca, CT passou dois anos em Aracaju/SE cursando Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe/UFS. Nesse período, o jovem raramente retornava a Maceió, estabelecendo-se em uma República de estudantes no bairro de São Cristóvão. Apesar de declarar que não explorou a cidade, nem mesmo o bairro, em suas palavras:

- Você acredita que nem ao centro histórico de São Cristóvão eu fui?

Exalta essa experiência, que para ele foi decisiva, pois conheceu muitas pessoas, com as quais estreitou vínculos até hoje, na Universidade. CT recebia uma bolsa de estudos, o que lhe permitiu dedicar-se apenas às atividades acadêmicas. Essa condição é sublinhada, por ele, em vários momentos da entrevista, pois o mesmo considera-se um privilegiado por ter tido essa possibilidade, tendo em vista que, para permanecer cursando um mestrado fora do Estado sem a bolsa de estudos, seria inviável.

Quando retornou do mestrado, CT deu sequência às suas atividades musicais e começou a lecionar em Arapiraca. Como a maior parte dos pendulares entrevistados até aqui, CT utilizava o transporte complementar. Durante uma de suas viagens para Arapiraca o micro-ônibus em que estava foi abordado por assaltantes.

Isso me deixou amedrontado de andar de novo, mas ao mesmo tempo, enfim, tive que encarar, mas aí, depois eu fiz mais uma viagem, aí um dos caras – professor, que era de Maceió, saiu do horário especial dele e começou a fazer o mesmo horário que eu, tanto de ida quanto de

volta... aí, ele morava perto de mim - que eu tava na Ponta Verde - ele morava perto e acabou que a gente ficou fazendo esse trajeto juntos.

A utilização do transporte complementar, tendo em vista a violência passada, foi a sua maior preocupação durante o período de volta às aulas, no entanto, CT conseguiu outra carona. O problema, agora, é que ele não mora mais na Ponta Verde, mas no Rio Novo, isso significa que precisa pegar um trem, ou um Uber, para chegar em sua casa, uma vez se despedindo da carona. Esses fatores aumentam os custos e o cansaço do jovem pendular.

Em Arapiraca CT divide uma casa com outros professores e funcionários da Instituição em que trabalha que também são pendulares. Assim como ELI, ele chama atenção para o grande número de servidores que trabalham em Arapiraca e residem em Maceió, João Pessoa, Aracaju, Recife, etc. Todas essas pessoas retornam semanalmente para suas cidades de origem. CT não é servidor efetivo, é um professor substituto, essa condição, aliada à mobilidade pendular, lhe custa física e financeiramente.

Isso gera uma série de questionamentos, né? O fato de eu também me sentir, digamos assim, meio injustiçado, de eu ter que vir pra uma cidade longe pra poder trabalhar numa coisa que é temporária e que eu perco parte do meu salário - que já é reduzido em relação aos efetivos - e eu ainda ter que dispendir do meu bolso, aluguel e alimentação, essas coisas... então eu acho que envolve uma angústia, envolve uma apreensão com essa coisa que o contrato vai acabar... enfim, tem sim uma questão que gera uma certa aflição em relação a isso. Mas, ao mesmo tempo, eu tento continuar sem antecipar muito essa aflição, esse sofrimento, pra poder, enfim, ter uma vida minimamente digna de privilégios, que eu ainda acho que é ter emprego, num momento difícil como esse e em uma área difícil como a minha e tal... então, eu acho, dentro de meu próprio histórico, de instabilidade, de falecimento do meu pai, de problemas familiares e tal... dentro disso eu acho que sou parte de um privilégio, de tá trabalhando, de ter feito o mestrado e parado de trabalhar para ganhar bolsa, de ter, enfim, oportunidade de fazer outra coisa, um plano B, mesmo que seja difícil e complicada a coisa da música e tal... enfim, caminho que agente escolhe e a gente tem que arcar com as consequências dele também, sem muito medo, se não a gente fica paralisado...

As incertezas profissionais e os custos e desgastes da viagem incomodam CT, mas por outro lado, não parecem haver muitas opções à sua frente nesse momento, o que lhe faz *encarar*, sem muita reflexão, sua realidade, pois isso lhe *paralisaria*. Esse sentimento atravessa todas as experiências relatadas até aqui. Sua relação com a cidade é muito similar à de WS e ELI, segundo CT:

As minhas relações com as pessoas de Arapiraca são com os funcionários e meus amigos de trabalho, o que não se prolonga à cidade. Minha relação com a cidade não existe aqui, não tenho relação nenhuma com as pessoas que eu convivo...

Para CT a cidade de Arapiraca não lhe oferece nada além do emprego. Ao tentar caracterizar a cidade de Arapiraca, CT aproxima-se muito da descrição de ELI:

Cara, tem esse aspecto interiorano que as pessoas, enfim, pô, Maceió já é assim, imagine você vir para uma cidade que é a outra referência de metrópole, a segunda capital alagoana e tal, mas um ritmo diferente, enfim, parece que tudo gira em torno do mesmo lugar, é tudo limitado, muito limitado, parece ser muito pequeno, as opções são poucas... uma pessoa, por exemplo, tem uma vida cultural mais intensa, como eu tenho e participa de coisas, tem o Cine Clube Maceió, eu ando no meio da música, eu... enfim, ando no cinema, conheço muita gente do meio alternativo, que impede eu não ser seduzido de transitar de sair de Maceió.

O seu envolvimento com a música lhe faz desejoso de movimento, de amplitude, pois CT gosta de explorar e conhecer gente, *de andar na rua, andar nos buracos, nos cantos*. O seu fascínio pelo movimento, pela agitação, lhe faz admirar cidades como São Paulo e, mais fortemente, Recife, com quem tem maior aproximação. CT realça o anonimato e a impessoalidade presentes nas grandes cidades como uma expressão de liberdade,

Você tá ali, meio jogado... isso dá mais possibilidades, lhe deixa menos cabreiro... você não tem nenhum familiar para lhe julgar, lhe dá uma independência maior.

É importante lembrar, que CT e TH são os únicos pendulares entrevistados que ainda vivem na casa dos pais, realidade que acentua o seu desejo de liberdade. Ainda assim, devotando encantamento às grandes cidades, quando perguntando sobre planos de ir residir em Recife, ou São Paulo, ele responde:

Não tenho decidido essa coisa, talvez porque eu seja um pouco provinciano, talvez ainda esteja muito ligado as coisas de Maceió, às minhas conchas, meus círculos, ser provinciano, ser de Maceió, reproduzir os pensamentos da província mesmo... pensar grande, mas ser um pouco pequeno. Isso é louco, assim, porque tem toda uma questão que talvez vá além de questões empíricas, tem esses fatos sociais que você tá dizendo, e acho que tem o fator psicanalítico mesmo... assim do fato de que há uma ligação embrionária com o lugar, uma ligação com o lugar e aquela rede que você construiu...

Esse trecho expressa bem a dialética entre o global e o local. Em um momento, o músico quer vivenciar a impessoalidade e o anonimato das grandes cidades; noutro, deseja manter-se no espaço em que construiu o seu lugar, seus *círculos*, suas *conchas*, como indica a sua frase: *pensar grande, mas ser um pouco pequeno...*

Quanto à separação entre cidade de trabalho e de residência, CT observa que

Não é uma coisa que é feita com prazer, mas é feito com um certo... é o jeito, né? A gente tem que fazer é isso, então vamos se deslocar e vamos viver com esse lugar que eu desconheço, que eu não tenho relação nenhuma, mas que eu vou ter que trabalhar nesse lugar...

Em um momento da entrevista em que estávamos muito à vontade, CT descreve a trajetória de sua ex companheira e esboça uma análise, que considero valiosa:

Essa última relação, essa minha companheira, ela não tem identidade com nada porque ela foi alfabetizada no Canadá, onde a mãe foi fazer doutorado. A mãe veio pra Maceió e depois foi pra Fortaleza, passou um tempo e depois voltou pra Maceió por causa de concurso, aí ela veio junto;;; e a menina foi e passou no doutorado na Bahia... imagina a cabeça dessa pessoa! Ela não se sente de Maceió como não se sente em lugar nenhum...

Sua ex-companheira é um retrato da hipermobilidade da sociedade contemporânea. CT examina que a dinâmica de vida apresentada, vivendo em vários lugares, ao longo da vida, implica na ausência de identificação com o lugar. Esse desenraizamento aprofundaria o individualismo, conforme CT: a ideia de *coletividade acaba, tudo é o indivíduo*.

Imagine, cara, uma criança, filha de uma pessoa que veio do Rio Grande do Sul e nasce em Arapiraca e vê os pais com uma referência social e cultural completamente fora! Essa pessoa vai pra uma escola onde, provavelmente, vai ter os mesmos meninos que vieram de outra cidade e aquela mistura toda e ninguém é do lugar e o cara também... vive numa bolha e a sociedade que vive ao redor dele é um monte de gente com subemprego, pobre e ele vivendo naquela bolha sem lugar... e vai ser isso...

Para CT, os deslocamentos pendulares, assim como as outras formas de mobilidade, como as assinaladas acima, podem aprofundar o individualismo e o desengajamento, agudizando a indiferença entre os locais, em particular os migrantes e pendulares. Estes tendem a encerrar-se em suas *bolhas* e pequenos *círculos*, compostos por outros indivíduos com perfis semelhantes aos seus, alheando-se progressivamente dos destinos da cidade e do povo local.

Estudei perto, namorei perto e bebo perto! (TH, janeiro, 2019)

Conheci TH em uma de minhas viagens de volta a Maceió, durante o período em que estava indo com frequência a Arapiraca. Àquela altura eu estava iniciando a pesquisa. Vínhamos conversando, no trajeto, sobre futebol e outras platitudes e esse foi nosso primeiro contato. Alguns meses depois, fiz outra viagem a Arapiraca e pegamos o mesmo micro-ônibus e novamente viemos conversando. A partir de então surgiu mais curiosidade, de minha parte, sobre a experiência desse pendular: trocamos telefone, liguei alguns meses depois e marcamos uma entrevista, a qual ele logo se prontificou a participar.

TH tem 29 anos de idade, é negro e professor de História. Sua trajetória apresenta inúmeros pontos de contato com a dos outros pendulares ouvidos nesta pesquisa. TH reside na

casa dos pais, tem uma irmã que é casada e mora no mesmo bairro, é solteiro e não tem filhos. Ele sempre residiu na mesma casa em que nasceu, portanto, toda sua vida foi no bairro do Barro Duro, em Maceió, como ele costuma dizer *estudei perto, namorei perto e bebo perto* (risos).

Saiu de Maceió algumas vezes, sempre para prestar concursos, sempre na região nordeste - Natal/RN, Caruaru/PE e Garanhuns/PE. Foi aprovado neste último, chegou a tomar posse e entrar em exercício, mas ficou apenas um mês, abandonou o emprego e posteriormente solicitou desligamento, segundo ele:

Não gostei da cidade nem das pessoas... claro, não deu nem tempo, mas não me senti bem, era tudo muito diferente, o salário era baixo e era melhor eu continuar na Faculdade.

Sobre essa experiência ele acrescenta:

Olha, velho, o salário era escroto e se eu ficasse ali, teria que morar, então, eu teria que me virar por muito tempo com aquele salário, teria que alugar um lugar, sozinho, pois eu não conhecia ninguém, teria que mudar tudo na minha vida e ficar em lugar totalmente desconhecido. Como eu trabalhava em uma Faculdade em Maceió e o salário era até melhor - só não era funcionário público - e também, eu morava com meus pais, por isso, entendi que, se eu ficasse ali, poderia atrasar minha vida, era melhor continuar tentando algo em Alagoas.

TH é um jovem canguru, sua longevidade na casa dos seus pais lhe dota de segurança para continuar tentando *algo melhor*. Perguntei, em dado momento, se foi apenas o salário que lhe fez tomar essa decisão de desligamento de um cargo público, ao que respondeu:

Não sei, agora você falando, talvez seja mais fácil dizer isso, mas foi também, além disso, acho que não me senti seguro para encarar um lugar novo e construir uma história toda do zero, talvez isso também... não sei!

Atualmente é professor em uma Faculdade em Maceió e outra em Arapiraca. Para a cidade agrestina já pendula há quatro anos. Ele trabalha dois dias em Maceió e dois em Arapiraca, sempre indo e retornando no mesmo dia, de transporte complementar. Ao longo desses anos pendulando, em dois semestres teve que dormir em uma pousada, devido a forma com que foram distribuídas suas turmas. TH não se incomoda em ter que viajar:

Rapaz, eu vou te dizer, uma pessoa que mora no Eustáquio, por exemplo e trabalha no Centro, basicamente gasta o mesmo tempo que eu. A única diferença - e entendo que não é banal - é que os riscos de acidente na estrada são bem maiores que transitando no interior da cidade.

Assim como todos os nossos pendulares, TH não se sente apreensivo com a estrada:

Meu velho, eu me acostumei... às vezes viajo com a cabeça na aula, outras vezes dormindo, às vezes surge uma conversa e eu vou papeando, quando não, fecho os olhos e durmo, só acordo quando chega.

Ele disse que têm alguns professores que trabalham no mesmo local que o seu e residem em Maceió, mas como não houve a construção de um vínculo nunca se aproximou no sentido de pegar uma carona.

Em relação à cidade de Arapiraca, suas experiências ou não experiências, para ser mais exato, assemelham-se às de WS, CT e ELI. Para TH, a cidade de Arapiraca não significa muito em termos de lembranças, histórias ou afetos:

Velho, eu acho que conheço mais Recife, que só fui quatro vezes, do que Arapiraca onde trabalho há quatro anos. Sabe porquê? Vou lá para trabalhar e depois de quatro turmas eu só quero pegar a Van e voltar pra casa, já vou cheio de trabalhos para corrigir, aula para preparar... no outro dia a tarde, já dou aula em Maceió. Eu conheço muito alunos, pais de alunos, mas são todas relações protocolares, nada demais. Não me sinto motivado a explorar a cidade ou me aproximar das pessoas, que também ... vou te dizer, são mais cismadas do que em Maceió... não sei se é o meu olhar, acho que é isso. Mas a cidade é bacana, nada contra... tem shopping agora, cinema, um monte de coisa, é organizada, mas é muito trabalho e a viagem cansa também, o pique do trabalho é fogo!

O trabalho absorve as energias e a atenção dos pendulares. O caso de TH não é diferente. Em quatro anos quase não transitou pela cidade, não estabeleceu ligações próximas e não guarda grandes histórias ou recordações. As relações que alguns desses pendulares dizem estabelecer com a cidade é pálida e impessoal, discreta e indiferente. Sobre o período em que precisou dormir na cidade, relata:

Pra mim, foi pior. Como eu não conhecia muito, eu ficava sempre na mesma pousada. Tentei outras, no começo, até encontrar essa, que eu me sinto bem, mas eu tinha dificuldade pra dormir - sempre tive, não me acostumava com a cama, não tinha entrega de jantar... agora tem, mas antes não, eu tinha que procurar um lugar pra comer, eu só comia sanduiche ...acho que engordei uns 5 quilos (risos).

Mesmo os bares, os quais TH sempre fala ao longo das conversas como espaços de descontração que lhe são confortáveis, não foram frequentados uma única vez em Arapiraca. Segundo ele, tiveram apenas

...duas ou três confraternizações de professores ... bar não é fácil, imagina no interior! Se alguém esquentar com você, você não tem o que fazer, não conhece ninguém, então você fica muito vulnerável, por isso, deixo pra ir nos finais de semana em casa...

A frase *imagina no interior!* remete, novamente, às falas de ELI e CT quando comentam sobre as características culturais e comportamentais da população local.

Para TH, morar em Arapiraca nunca foi uma opção. De acordo com ele, talvez morasse em Garanhuns, pois não teria como ficar indo e voltando enfatizando que:

...depois, Sérgio, que você vive muito tempo em um lugar é difícil querer sair, só se não tiver jeito...

Para ele, não ter jeito diz respeito às condições financeiras,

... acho que se a pessoa não tiver penetração, conhecimento, que lhe dê oportunidades de trabalho, e encontrar em outro lugar, eu entendo, tem que sobreviver, concorda?

TH considera que a pendularidade é o reflexo de um mundo de trabalho cada vez mais insano:

Sérgio, velho, você sabe, o capitalismo só quer afastar, afastar e afastar... A mobilidade, abstratamente, é fruto do desenvolvimento tecnológico e etc., mas, concretamente, poucas pessoas podem se mover para conhecer o mundo, essas coisas, turistar... O que você tá chamando aí de pendularidade é pura sobrevivência, é deixar a gente longe... um pouquinho aqui ou ali... no frigar dos ovos, você não vê mais nada, em lugar nenhum, só trabalho e estrada. É bom sim, para alguns, que tem mestrado como eu, formação, mas e a rapaziada? O resto da negada, mal paga o transporte dentro de Maceió, é tudo indo trabalhar a pé e de bicicleta. Você vê aí no Barro Duro e na Via Expressa de manhã, os trabalhadores todos de bicicleta, vira e mexe tem um atropelado...

Na passagem acima, o professor TH chama atenção para a seletividade dos fluxos pendulares e sua relação com a nova divisão territorial do trabalho que impõe, entre outros desafios, o da mobilidade. TH sugere, na passagem supracitada, que a pendularidade é um mecanismo de separação das pessoas e de seu lugar:

Essa coisa que você tá estudando é assim, a gente tá aqui em Arapiraca, e fica esperando pra voltar pra Maceió, então está aqui é como que uma parte da nossa vida estivesse suspensa esperando recomeçar...

Para ser fiel a longa conversa que tive com TH é necessário dizer que ele faz questão de frisar que acha a cidade de Arapiraca uma boa cidade para se viver, que tem admiração por seus alunos e sente-se respeitado por sua instituição. Acredito que sua observação crítica diz respeito à mobilidade pendular, nem mesmo a mobilidade que, para ele,

... é show, você imaginar esse encurtamento das distâncias que se apresenta em potência para toda a humanidade..., pra mim o problema é que não sai da potência... velho, vou lhe dizer novamente: pendularidade é sobrevivência, perde a gente e perde Arapiraca.

Em um futuro próximo TH pretende sair da casa dos pais, neste momento seu apartamento está na planta, com promessa de ser entregue ao final deste ano. O jovem vem planejando isso há anos. Ficar na casa de seus pais permitiu-lhe reunir a quantia necessária para a entrada e financiamento. O apartamento em questão está localizado no bairro do São Jorge, em Maceió. Ao falar da aquisição do imóvel, TH demonstra entusiasmo e preocupação:

Velho, você tem que viver, sei que a qualquer momento posso ser demitido, vou ter que ralar atrás de outra escola ou faculdade, mas

pensei nisso muito tempo e enquanto penso, a vida escorre pelo ralo. Essas faculdades demitem muito... mas tenho sorte, já tô há um tempão nas mesmas e isso foi me dando confiança para arriscar, não dá pra esperar a vida toda ter segurança, uma cidade cheia de empregos, serviço público, porque a cada ano que você tenta e não consegue, você está mais velho e não tem filho e não tem casa e não tentou... Sempre fiquei pensando nisso, e aí? Vou passar no concurso, etc., mas não passei... e agora, com esse povo aí¹⁰¹, decidi de vez arriscar e tentar pensar positivo e existir, caso contrário nunca vai dar um passo firme, porque, nesse momento, não tem sólidos, como diria Bauman, para ninguém... Leão por dia, meu velho, leão por dia...

O mercado de trabalho é talvez o que mais aflige TH, visto que em suas falas sempre é demonstrado entusiasmo diante da vida, em certo momento, porém, ele fez o seguinte comentário:

Meus pais não são ricos, se esforçaram para dar a mim e a minha irmã uma educação, na certeza que isso nos garantiria uma posição tranquila. Hoje, trabalhando em duas cidades, não posso nem tentar um doutorado... eu achava que a graduação para minha classe social e minha família, já era muito, depois vi que precisava de um mestrado, e agora, até as faculdades privadas tão nessa... eu não sei, agora eu tenho que ter doutorado! Nunca tive dúvidas, sabe, Sérgio, acho que são os 30 chegando (risos)... agora começo a ter o pique, rapaz, se vou ter pique e por quanto tempo... Eu entendo que inventar de abrir um negócio... porque, vai fazer o quê?... Ficar nessa?... tô tentando uns concursos aí pra fora e hoje, se eu passar, mesmo sem querer sair daqui, não vou pensar duas vezes, velho, vou simhora!... É isso ou sempre ficar ansioso em toda virada de semestre, se vão renovar ou não com você...

Esta última passagem expressa com veemência o sentimento, não apenas de TH, mas também de CT, WS e WL, de ansiedade, produzido pelo mundo do trabalho e que alcança todas as dimensões da vida.

Sempre gostei da correria! (KL, dezembro, 2019)

KL é uma jovem fisioterapeuta de 28 anos, reside em Maceió, no bairro da Ponta Verde, e trabalha em Arapiraca há quatro anos. Assim como WL é natural de Arapiraca e veio a Maceió estudar com 19 anos. Desde então, reside na capital alagoana. Do mesmo modo que WL, não pretende voltar a residir em Arapiraca: *não me acostumo mais em Arapiraca, na verdade...* KL é oriunda de uma família de classe média, o que sempre lhe garantiu suporte e apoio, não apenas a ela como também aos seus dois irmãos que, por conseguinte, deixaram Arapiraca e fixaram-se em outros espaços: um no Estado de Rondônia, outro na Suécia. O primeiro saiu da cidade

¹⁰¹ *Esse povo aí* é uma referência ao atual presidente da República.

natal por conta da aprovação em um concurso, já o segundo, por pretensões acadêmicas, na Suécia cursou Mestrado e acabou de concluir o Doutorado.

KL, desde que chegou a Maceió, residiu no bairro da Ponta Verde, que é um bairro nobre da capital. Em sua primeira experiência, logo que chegou, dividia um apartamento, com primos e outros parentes, que era uma espécie de ponto de apoio para todos os familiares que vinham estudar em Maceió. Ao se formar e ingressar no mundo do trabalho, passou a morar sozinha. Neste ponto, o seu sentimento assemelha-se ao de todos os entrevistados, com a ressalva de MC, que casou ainda jovem. Todos os pendulares passam a sentir-se no controle de suas vidas e mais dispostos a participar do mundo, quando conquistam o seu próprio lugar. Segundo KL:

Acho que é porque eu moro só, né? Então é o meu cantinho, né? Meu aconchego, tudo do meu jeito, bem organizado e o outro quando eu morava, dividia com meus primos.

Essa relação com a casa é ampliada para o bairro, pois a escolha do bairro é sempre baseada na capacidade que ele tem de proporcionar segurança e envolvimento. Todos os bairros selecionados pelos entrevistados são bairros com essas características: boa estrutura física, ampla rede de serviços e acessibilidade.

Em Maceió KL tem apenas *amizades profissionais*. Suas amizades mais duradouras, ainda são de Arapiraca, local em que nasceu e cresceu. Por outro lado, tem sido muito difícil manter estreitos esses contatos, pois sua dinâmica de vida impossibilita encontros, os quais ela tenta suprir pelo uso das tecnologias e durante o pouco tempo que passa em Arapiraca. Essa impossibilidade, por sua vez, não é algo que lhe cause desconforto. O que lhe inquieta é apenas o ritmo, o cansaço, que vem com a mobilidade pendular:

Nem sempre eu tô a fim de viajar, mas você tem que ir... esse fato ainda me incomoda!

As viagens são o ponto que mais lhe incomodam, não o trabalho, pois KL demonstra entusiasmo com sua atividade profissional. Em Maceió, a jovem trabalha como fisioterapeuta em um grande hospital; em Arapiraca, como professora em uma Universidade e plantonista de UTI no Hospital Regional. Em suas palavras:

Eu sempre gostei dos meus dias preenchidos, sempre gostei da correria... quando eu começo a ficar meio parada, eu começo a arrumar outra coisa...

O seu intento é que suas atividades de trabalho coincidam com a cidade em que reside,

Na verdade, eu queria tentar ir me desfazendo dessa correria de ficar lá e cá... é o que eu pretendo futuramente, porém, sempre vou ter que

estar nesse vai e volta por conta da família, mas quando eu penso em trabalho, pode ser um futuro aí pela frente ficar só em Maceió.

Seus pais são, hoje, o principal fator que lhe comove a continuar na estrada entre Maceió e Arapiraca, apesar de ter vivido a maior parte de sua vida na capital do agreste alagoano.

A possibilidade de trabalhar e residir na mesma cidade é a grande ambição de todos os pendulares ouvidos e, em seu caso, não é diferente. As viagens lhe *roubam* o tempo que gostaria para a ampliação do seu envolvimento com a casa, o bairro, as pessoas e consigo mesma:

O tempo que eu tô em Arapiraca eu não tô livre, e o tempo que eu tô em Maceió, também tô trabalhando... nem sempre tô com disposição para nada! Isso também é um pouco difícil, né? É um pouco ruim porque a questão do tempo, né? Embora diz que quem quer, arruma um tempo, mas, às vezes, a correria do dia a dia... então, eu chego em Arapiraca, quando eu tô lá eu só tenho tempo para trabalhar - que eu trabalho a segunda o dia inteiro, a terça 24 horas e retorno pra Maceió na quarta... então, assim, fica um pouco bem corrido mesmo, o tempo que eu tenho mais para encontrar com amigos é o final de semana que eu fico lá e que não são todos...

Diferente dos outros pendulares, KL não tem uma trajetória marcada por grandes mudanças, sempre residiu nos mesmos lugares, tanto em Maceió, quanto em Arapiraca e nunca cogitou a possibilidade de sair do Estado:

Isso foi algo que eu nunca quis, essa não seria minha pretensão, teria que ser algo muito sério mesmo, que fizesse ter que mudar para outro Estado.

Nem mesmo as incertezas do mundo do trabalho impactam sobre suas expectativas, KL sente-se segura e confortável em todas as dimensões de sua vida, tendo em vista a força social, política e econômica de sua família, o que a torna destoante do conjunto dos entrevistados.

A mobilidade pendular na vida de KL é um contínuo. Natural de Arapiraca, estudou e reside em Maceió e seus pais estão em Arapiraca. Dessa forma, seu cotidiano foi construído em ambos os espaços, integrando, desde de muito cedo, as duas cidades.

Eu sempre sonhei com a estabilidade (RN, novembro, 2019)

RN é uma bibliotecária de 43 anos, casada, mãe de um filho, natural de Maceió e concursada pela Prefeitura Municipal de Arapiraca. Antes dessa experiência de pêndulo, RN nunca havia trabalhado em uma cidade dissociada da cidade de residência. Ela pendula para Arapiraca há apenas dois anos e descreve sua rotina de viagens da seguinte maneira:

Eu vou para a Arapiraca às segundas e volto para Maceió na terça depois do expediente, que é às 14h... nas quartas fico em Maceió, nas quintas retorno para Arapiraca na Van de 5h40 e nas sextas volto para Maceió após às 14h00.

A maior parte do seu tempo, é consumido as entre viagens e a cidade de Arapiraca. Em dois dias da semana RN pernoita em Arapiraca, na casa de sua irmã, que também é servidora da prefeitura e fixou residência na cidade. Sobre os possíveis riscos e perigos da estrada, RN faz comentários similares a todos os outros pendulares, para ela:

Há sim uma preocupação nas viagens, me preocupo com assaltos e acidentes, mas graças a Deus nunca me aconteceu nada.

RN sempre viajou de transporte complementar, pois a proximidade da rodoviária de sua casa torna esse transporte mais *cômodo*, visto que ela, basicamente

...pega na porta e desce na porta...

Antes de trabalhar em Arapiraca, RN era bibliotecária de um Faculdade em Maceió. Durante esse período, sempre tentou concursos públicos, pois:

Mesmo ganhando menos eu preferia pensar na estabilidade que um concurso público traz e não ficar dependendo dos humores de uma instituição privada...

O trabalho sempre aparece como o combustível da pendularidade, não importa a distância ou os desafios a serem superados, sendo a busca por um emprego, por renda, o que motiva a todos os nossos pendulares.

Na mesma direção dos outros entrevistados, RN não pensa em residir em Arapiraca e suas relações afetivas na região são restritas a *colegas de trabalho*. A pendular destaca seu respeito pela cidade e pelas pessoas, demonstra carinho e gratidão ao local em que conseguiu estabilidade, contudo, esses sentimentos não a contagiam, ao passo de ampliar suas relações com as pessoas e a cidade, muitos menos em relação a fixar-se no local.

Em uma passagem da nossa conversa, RN demonstra o quanto a distância do filho lhe preocupa.

Eu não penso agora em residir em Arapiraca, porque seria muita mudança em relação à rotina do meu filho de sete anos... se fosse para assumir um cargo em serviço público eu preferiria trabalhar em Maceió.

O que me chamou atenção nesse relato é que RN permanece em Maceió apenas durante três dias na semana, às quartas, sábados e domingos. Ora, se sua preocupação é a distância e a rotina de seu filho, isso seria resolvido transferindo residência para Arapiraca, inclusive, porque, em Maceió, RN mora de aluguel, o que tornaria essa mudança menos traumática. Acrescenta-se que seu companheiro é um trabalhador informal, o que permitiria desenvolver sua atividade também em Arapiraca. Segundo RN:

O que eu decidir pra ele tá bom e pra qualquer canto que a gente for tá bom...

Não ficou claro, até esse momento da entrevista, o que a motiva a ficar em Maceió. Inclusive, o fato de sua irmã e outros parentes residirem Arapiraca, reforçaria a tendência de mudança. Insisti nesse ponto da nossa conversa e perguntei sobre o bairro em que ela mora atualmente, buscando saber sobre tempo de residência e o motivo que a fez escolher o bairro. RN reside no bairro do Feitosa há 23 anos, nunca em casa própria, já se mudou algumas vezes, mas sempre no mesmo bairro. Sobre esse fator ela respondeu:

Porque eu gosto do bairro, gosto muito de lá, sabe? Ficamos muito tempo sem carro e, mesmo assim, a gente nunca teve problemas... tinha ônibus passando na porta a cada 40 minutos, já conhecíamos alguns motoristas da linha, quando chegava do trabalho, me sentia segura até em casa... lá tem uma pracinha que sempre levei meu filho para brincar e tudo isso me fez continuar nesse bairro, por me sentir segura e confortável. Eu fiquei muito tempo lá, acho que é isso, meus vizinhos são todos conhecidos, sou madrinha de algumas crianças, meu vizinho é padrinho do meu filho, nunca pensei porque não saí...

Seu filho nasceu no bairro do Feitosa, seu marido trabalha próximo, seus vizinhos são conhecidos de longa data, todos esses elementos ressaltam a importância do bairro em sua vida. Ainda que em constante mudança de residência nunca saiu do bairro, talvez por seu envolvimento com as pessoas e o entorno, fator que a leva a não cogitar mudança para Arapiraca, mesmo com permanente insistência e entusiasmo de sua irmã. RN continua prestando concursos públicos para Maceió, mesmo depois de ter alcançado a estabilidade funcional em Arapiraca.

Eu sempre sonhei com a estabilidade, então eu larguei o trabalho de bibliotecária na faculdade e fui assumir, né? E tô nesse movimento de viagens, cansaço e tal, mas eu me sinto recompensada por ser justamente um emprego estável, seguro, o que quase ninguém tem, mas eu continuo no foco, continuo fazendo concurso e agora que eu tô mais tranquila, já que sou estável, o meu foco é passar em um concurso em Maceió, pra não precisar mais estar nas estradas, ter uma rotina mais tranquila e participar mais da vida do meu filho.

Em outro momento, perguntei-lhe se durante período pendulando para Arapiraca já participou ou preocupou-se com alguma demanda local, segundo ela:

Eu observo, apenas fico só como espectadora...

Nesse contexto, é evidente que os pendulares evitam todo o tipo de comprometimento, não apenas político, como também afetivo, em relação a cidade de trabalho, como verificamos nas falas do professor MC, que pendula para Arapiraca há duas décadas e de ELI, que pendula há 14 anos.

Os pendulares não apresentam envolvimento com a cidade de destino, não constroem relações próximas com a população dessas cidades, queixam-se da distância, do cansaço, da mudança de rotina, sono, alimentação, controle do tempo. Em todas as entrevistas, com uma ou outra exceção, falas semelhantes aparecem, o que demonstra que as experiências desses pendulares são atravessadas por sentimentos comuns, apesar das diferentes histórias de vida. Contudo, a pendularidade para trabalho foi a forma encontrada para enfrentar os desafios impostos pelo mercado do trabalho e, ao mesmo tempo, preservar suas relações com o lugar em que residem.

5.2 REFLEXÕES SOBRE A VIDA EM PÊNULO PARA TRABALHO

Como destaquei ao longo de toda a tese e volto a fazê-lo, as pressões globalizantes, a ampliação da realidade urbana e as transformações no mundo trabalho repercutem intensamente nas formas de existência individuais e coletivas, em suas estruturas materiais e espirituais.

A dinâmica entre permanência e impermanência, fixidez e movimento, presença e ausência, sempre estiveram presentes na análise da vida social sob a modernidade capitalista. Essa dualidade delinea os contornos que constitui a vida humana, que é sempre uma compilação de chegadas e partidas, idas e vindas, do aqui e do alhures. Em nosso atual momento histórico, os processos sociais fundam-se mais nas impermanências, movimentos e ausências, do que em qualquer outro período histórico.

Volatilidade, efemeridade, fugacidade e aceleração expressam com fidedignidade os fenômenos sociais contemporâneos em todos os planos e níveis. Não há recôndito social, ou individual, capaz de proteger-se dos torrenciais efeitos causados pela supremacia dessas palavras em todos os espaços e práticas sociais. Elas alicerçam e estruturam o trabalho, a cidade, o urbano e os afetos, conforme Frémont: “a cidade em construção permanente, em perpétuo <<*devir*>> (*sic*) parece escapar à duração, para já só participar no instante e no futuro” (FRÉMONT, 1980, p. 207). Em todos os planos é o efêmero que ritma a exploração dos espaços e dos tempos fragmentados: lazer, trabalho, casa, família, etc.

A mobilidade pendular, não é um fenômeno exclusivo deste momento histórico, mas o seu crescimento é substancial, como demonstramos na parte 1 desta tese e seu avolumamento está em consonância com as grandes transformações na base material do capitalismo, que implicou, entre outras coisas, em um redirecionamento das práticas espaciais e sociais para o

plano regional, ampliando os espaços cotidianos e impondo e/ou possibilitando, estratégias de sobrevivência, que passam necessariamente por uma maior capacidade de adaptação por parte dos indivíduos.

O desafio de apreender o significado desse tipo de movimento espacial foi alvo desta tese, por possuir características distintivas em relação à outras formas de mobilidade, no contexto alagoano, entre as cidades de Maceió e Arapiraca. Os questionários e as entrevistas têm como objetivo alimentar uma reflexão sobre os efeitos deste tipo de mobilidade sobre o cotidiano, lugar e o habitar. A análise põe em evidência a relação entre as grandes transformações sociais, um tipo específico de mobilidade urbana e sua repercussão, no nível dos indivíduos, observando como respondem, em suas práticas, a essas transformações, nesse movimento de pêndulo para trabalho.

As entrevistas demonstram como a brevidade é um traço marcante nas trajetórias de vida dos pendulares, em seus contatos sociais, em suas relações familiares, com as cidades de origem e destino, com os bairros e com a própria casa. O trabalho representa a plataforma a partir da qual pavimentam seu ingresso o mundo, valores, aspirações e conexões.

O trabalho, portanto, é o espaço em que sedimentam, ou buscam sedimentar sua integração. Paradoxalmente, o mundo do trabalho também representa o manancial em que brotam a maior parte de suas angústias e ansiedades, particularmente nos casos de WS, TH, WL, CT. Esses pendulares são os mais jovens, são aqueles que mais sentem as pressões diante da *performance* exigida pelo mercado de trabalho.

Como sinalizam as pesquisas do IBGE, também em nosso recorte, o trabalho representa o motivo mais recorrente para a pendularidade. Nossa pesquisa constatou que, basicamente, a metade dos pendulares entre Maceió e Arapiraca viajam por motivo de trabalho. A dispersão das atividades econômicas pelo território é o pano de fundo para a expansão territorial da busca por emprego por parte dos indivíduos nesse momento histórico, como salientam Baeninger (1996), Ântico (2005), Ojima (2012), dentre outros autores, em um plano cada vez mais regional.

A pesquisa quantitativa revelou que os pendulares são trabalhadores jovens e com formação escolar superior e as entrevistas reafirmam esses dados, demonstrando que eles contam com a acentuada participação dos pais e herdaram uma estrutura familiar consistente. WL, KL, ELI, CT e TH tiveram a oportunidade de ter seus estudos financiados, como também os seus primeiros imóveis patrocinados, e/ou favorecidos por seus pais ou rede familiar, sendo exceção

apenas os casos de TH e CT, que ainda residem nos lares paternais. Esses fatos apontam que a pendularidade, nos quadros de nossa pesquisa é um fenômeno social, que pressupõe determinado nível de estrutura econômica e social.

A pendularidade, nesse contexto, é um tipo de mobilidade urbana praticada, preferencialmente, por indivíduos em melhores condições sociais. A possibilidade de estudar ou trabalhar em outra cidade reivindica, no primeiro caso, recursos materiais para a manutenção fora da cidade de origem e, no segundo, um repertório formativo que lhe assegure competitividade no mercado de trabalho. Há na pendularidade um caráter seletivo, individualizante, diferente dos grandes processos migratórios de massa.

[...] estaríamos em uma fase da relação entre demografia e cidade (ou dinâmica demográfica e dinâmica urbana) na qual o sentido é mais a apropriação da cidade, diferentemente da fase anterior que era a chegar até a cidade. Podemos supor que anteriormente havia mais estratégias coletivas, o que criava fluxos mais homogêneos socialmente, atualmente a singularidade se expressa justamente pelo fato de que a mobilidade populacional no espaço traduz mais estratégias individuais e de pequenos grupos (como as famílias ou residentes do mesmo domicílio) (SILVA, 2012, p. 23).

Moradia, trabalho e mobilidade entrelaçam-se e traduzem estratégias individuais de produção e reprodução das existências, dando o tom e os contornos das práticas de apropriação e consumo do espaço urbano. Entre o trabalho e a casa, os pendulares estabelecem a trama de suas vidas; ao longo da estrada, cauterizam seus sonhos e ambições de uma vida melhor, estável e segura. Neste movimento entre duas cidades perseguem o objetivo de equilíbrio, de descanso, de habitar, entre o vivido e o percorrido, entre o conhecido e o desconhecido, na busca pela medida exata. Os pendulares organizam suas vidas de acordo com um barema entre espaço e vida, ordenando seus afetos na transitoriedade do trabalho e da moradia.

Os pendulares parecem compartimentar e funcionalizar a vida com muita precisão - trabalho, casa, bairro, família, amizades - todas essas dimensões são criteriosamente pesadas e colocadas em seus devidos lugares e tempos, não há exigência por continuidade, ou diálogo, entre elas. Esses indivíduos presentificam sobremaneira suas vidas, elas são calcadas no presente, suas projeções de futuro são comprometidas por instabilidades e incertezas as quais, especialmente, o mundo do trabalho enseja.

São indivíduos sempre em adaptação a novos ambientes, seus cotidianos estão sendo constantemente remodelados, seja pelas vicissitudes do trabalho, ou pela impermanência residencial. Expressões como: *é o que tem pra hoje* (WL) explicitam essa relação com o aqui e agora, afastando, ou limitando, expectativas e pretensões de médio e longo prazo, pois seus

horizontes estão ligados ao momento presente. É fazendo *o que tem pra hoje* que se pode sonhar com o futuro.

A expectativa de um dia convergir local de moradia e local de trabalho os impede de viver a cidade de destino, mas também os impede de viver a cidade de origem como gostariam. Eles resistem aos contatos próximos, delimitam suas relações, tornando-se mais impermeáveis a aproximação e aos envolvimento densos, particularmente na cidade de trabalho, como já demonstraram as entrevistas. Já na cidade de residência, esses sujeitos tentam cultivar os círculos já conquistados e lentamente ampliá-los.

Esses indivíduos, em sua maioria, intitulam-se “caseiros”, visto que as suas casas são a sua maior busca e conquista. A casa surge como elemento catalizador com o mundo, como lugar de descanso e integração. A seleção do bairro dá-se por sua estrutura comercial, residencial, segurança e acessibilidade. A maior parte dos pendulares entrevistados não possuem histórias, ou memórias, com os bairros escolhidos, o que não significa que uma vez instalados não comecem a tecer, ou tentar estabelecer, uma relação mais orgânica com o espaço, as instituições e as pessoas do bairro.

Todos os pendulares entrevistados, exceto MC, compreendem suas relações com a cidade de Arapiraca no âmbito estritamente profissional. Alguns pendulam para essa cidade há 14 anos, no caso de ELI, no entanto, a cidade é sempre encarada como transitoriedade, o que implica em não fortalecer os elos. Para ELI Arapiraca é: *local de trabalho, de qualquer forma só isso*; para CT: *minha relação com a cidade não existe aqui*; WL diz: *não quero nem pensar em voltar para Arapiraca*; TH é claro nesse ponto: *eu acho que conheço mais Recife, que só fui quatro vezes, do que Arapiraca onde trabalho há quatro anos*. Mesmo aqueles, como ELI e RN, que possuem vínculos estáveis de trabalho, o desejo sempre é o retorno a cidade de origem através de oportunidades de trabalho que permitam-lhes convergir trabalho e residência. ELI, inclusive, está a um passo dessa realização, aguardando a convocação em um concurso em que foi recentemente aprovada e RN continua incansável na busca por emprego público em Maceió.

A vida em pêndulo para trabalho, como demonstram as entrevistas, sacrifica demasiadamente a possibilidade de estruturação de laços fortes. A cidade de destino representa uma folha em branco, em que não há empenho para escrever uma história. Por outro lado, a cidade de residência, espaço em que os desejos e quererem estão inscritos, é comprometida pelo tempo e o desgaste físico promovidos pelas viagens. Neste ponto reside o grande desafio de

quem pendula para trabalhar: a manutenção das relações construídas com a cidade de residência.

Não há alguma indicação na fala dos entrevistados, que aponte para uma consideração negativa a mobilidade. Em todas as falas esse fenômeno é visto como possibilidade, o movimento promoveu mudanças significativas na vida dos pendulares. Graças ao movimento espacial ampliado foi possível descortinar e desvelar o mundo, descobrir em si mesmos novas habilidades e capacidades, visto que foi através da mobilidade que eles se apresentaram ao mundo. Os entrevistados fizeram pós-graduação em outros Estados, casos de KL, CT, ELI, WL e MC, ou cursos de qualificação, como no caso de WS. Para CT a possibilidade de deslocamento oportunizou ampliar suas relações no mundo musical, através de festivais em São Paulo e Recife, o mesmo podemos dizer de TH que vai sempre a Recife para reencontrar amigos, especialmente no período de carnaval.

A mobilidade é uma das formas que muitos indivíduos, na contemporaneidade, utilizam para estabelecer suas identidades. É no fluxo entre redes espalhadas pelos espaços e relações fragmentadas no tempo que suas posições e autoimagem são forjadas. A mobilidade não está em contradição com a construção do Lugar, mas com uma redefinição de Lugar, dessa forma a cidade, o bairro, ou casa, são um anteparo para as pressões homogeneizantes, ponto fixo para o impulso da aventura, da exploração. Essa característica não está presa a um espaço, mas disseminada em uma complexa rede de lugares pontuais, integrados pelo movimento.

O que parece estar em jogo não são as virtualidades presentes na possibilidade de se mover, mas a mobilidade pendular por razões de trabalho, o que põe em evidência as incertezas e exigências do trabalho. As separações operadas pelo capitalismo e presentes na mobilidade pendular é o que é testemunhado por esses indivíduos, bem como a impossibilidade de construir, com consistência e previsão, relações espaciais e sociais diante da incerteza que paira sobre o futuro no trabalho. Mesmo entre aqueles que são funcionários públicos em Arapiraca, a cisão espacial cinde temporariamente a vida, essa descontinuidade flagrante na fala dos entrevistados é um lamento comum entre todos. Seus relatos não sugerem conflito entre fixidez e movimento, mas entre pausa e aceleração, entre o durável e o efêmero, pois a dinâmica de vida dos pendulares obsta a possibilidade de demora, de permanência, esses aspectos são hoje sobrepujados pela impermanência e obsolescência.

Conforme Tuan (1983), o homem tem necessidade de espaço e de lugar, ou nos termos de Bauman (2003), de segurança e liberdade. Para Tuan, espaço é liberdade, aventura, desbravamento, “o fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma

mais simples que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se” (Tuan, 1983, p. 59). A experiencição do espaço pelo movimento é uma das condições para a alargamento do horizonte de compreensão das pessoas, não apenas em termos geográficos, mas culturais, intelectuais, políticos, sociais e relacionais. O espaço, ainda de acordo com Tuan (1983), é símbolo de liberdade do mundo ocidental, significando abertura, apontando o futuro, sinalizando um convite incessante a ação. Por outro lado, o espaço desconhecido representa ameaça, vulnerabilidade, surpresas; já o Lugar é humanizado, significado, vivido, compartilhado, apropriado, fruído.

O lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva (TUAN, 1983, p. 61)

Como afirma Bauman (2003), o debate em torno da balança segurança e liberdade é constitutivo da história humana, sendo de difícil resolução. O que, por seu turno, não deve deixar de orientar uma inabalável busca por ambas. Contudo, a questão que se coloca é que no presente histórico a “liberdade” sobrepuja a segurança, a instabilidade a estabilidade, as incertezas as certezas, o indivíduo a comunidade, o espaço o lugar, o movimento a pausa. A sociedade do desempenho criou o sujeito hiperativo do trabalho, a quem é negado o descanso e que nem mesmo a solidão contemplativa é uma possibilidade.

Em suas falas, os pendulares não criticam o movimento, mas a ausência de paradas, de tempo para a experiencição tranquila, parcimônica, do seu mundo social, no que tange às suas casas, seus bairros, seus amigos e a eles próprios. Conforme podemos verificar nas falas: *A falta de tempo, a falta de tempo pra se dedicar em casa, pra ficar mais em casa, pra curtir mais os amigos, acho que mais essa qualidade de vida assim, que eu penso um pouco, e eu não tenho tanta (KL); O que você tá chamando aí de pendularidade é pura sobrevivência, é deixar a gente longe. Um pouquinho aqui ou ali, no frigar dos ovos, você não vê mais nada em lugar nenhum, só trabalho e estrada (TH); Na minha relação mesmo, não que isso tenha determinado o término da relação, ¹⁰²mas que foi algo que foi importante, porque isso estabelece uma distância, vamos dizer assim, você fica longe e a pessoa pode achar você faz algo clandestino (CT); Até porque quando você se desloca mais é, tipo, já não tenho tantas pessoas que eu tenho conhecimento, então se saio do bairro aí que é que não vou ter mesmo (WS).*

São vínculos afetivos, é o que eu acho que você vai comprovar, que é o afetivo que conta mais, e se você perguntar se você estivesse ganhando menos aqui em Maceió,

¹⁰² O entrevistado refere-se a um relacionamento amoroso que chegou ao fim.

menos do que você ganha em Arapiraca, que ao final de todas as contas com que você do que você gasta com transporte, com hospedagem e tal, mesmo assim você ganhasse menos em Maceió, muita gente mudaria, porque o afetivo está aqui (ELI, outubro, 2019).

A fratura temporal e espacial em seus cotidianos implica na desintegração da unidade em suas vidas, são dessa forma dois mundos: um funcional, do trabalho (cidade de destino); outro da entrega e das paixões (cidade de residência). O primeiro hegemoniza seus tempos vitimando, assim, o segundo. A pendularidade por razões de trabalho impõe aos pendulares, além dos desafios inerentes ao mundo do trabalho pós-moderno, como a instabilidade, a precarização e a ansiedade, uma ruptura espacial que lhes subtrai o tempo necessário para a construção de uma relação com o Lugar, “roubando-lhes” o estar presente. Praticamente todos os entrevistados comungam deste ponto e almejam, em algum momento, fazer coincidir local de trabalho e moradia, acreditando que ampliar-se-ão as possibilidades de envolvimento com os aspectos os quais julgam essenciais em suas vidas. Os indivíduos pendulares passam a maior parte de suas vidas respondendo as imposições estruturais (por trabalho, em particular) sobrando-lhes menos tempo e possibilidades para criar ou dirigir o mundo em que habitam.

A pendularidade por razões de trabalho fraciona os tempos e os espaços sociais no cotidiano, eclipsando a integração das vivências entre as duas cidades. Dessa forma, as práticas espaciais situam-se em dois pontos territorialmente separados e suturados pela estrada. Esses fatos reafirmam a centralidade do trabalho na experiência urbana dos indivíduos, sendo a sobrevivência, a possibilidade de se *ganhar a vida*, o fator preponderante desse tipo de mobilidade urbana. É o trabalho distante o caminho para a construção de uma vida próxima, ou seja, *eu vou para longe para poder ficar* (TH).

5.3 O LUGAR ENTRE A INDIVIDUALIZAÇÃO E AS LIBERDADES PRECÁRIAS

A dimensão econômica ritimiza os tempos cotidianos desses pendulares, a vida diária é cadenciada pelas oscilações e rupturas produzidas pelo trabalho, relegando o ócio e o desfrute do tempo para si mesmo ao âmbito do proibido. Há uma colonização do trabalho sobre a vida, a pulsão por produtividade se camufla, “conforme as divisões entre tempo de trabalho e tempo de vida se tornam gradativamente indistintas” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 25). A depreciação da existência operada pelos mesquinhos interesses econômicos pauperiza e ridiculariza a cotidianidade, “trata-se de uma redução, ao mesmo tempo social e mental, de um lado, à trivialidade e, de outro, à especialidade” (LEFEBVRE, 2002, p. 38).

Os nossos jovens pendulares TH, CT, WS e WL, em especial os três primeiros, são os mais achatados pelas transformações no mundo do trabalho. Esses jovens com, respectivamente, 29 anos, 33 anos, 26 anos e 29 anos, retratam com fidelidade as afetações causadas pela possibilidade do desemprego. Como coloca WL, *80% a 90% de minha vida é no trabalho*, essa jovem que trabalha basicamente todos os dias, colocando-se inclusive à disposição aos sábados, domingos, feriados, datas festivas, não possui nenhum vínculo contratual com as instituições em que trabalha. Segundo a entrevistada, hoje sua *maior vontade é conseguir um trabalho de carteira assinada, não precisa ser nem concurso, carteira assinada pra mim já é uma estabilidade boa*. TH descreve assim sua situação: *você tem que viver, sei que há qualquer momento posso ser demitido, vou ter que ralar atrás de outra escola ou faculdade, mas pensei nisso muito tempo, e enquanto penso a vida escorre pelo ralo*. O mesmo sentimento que amargura CT, *isso gera uma série de questionamentos né? O fato de eu também me sentir, digamos assim, meio injustiçado, de eu ter que vim pra uma cidade longe, pra eu poder trabalhar numa coisa que é temporária*. Não é diferente para WS, pois *basicamente você não vive né? Você fica pensando no próximo trabalho, na próxima viagem*.

Todos os seus sonhos de vida são postergados, reféns do medo ocasionado pelas incertezas do mercado de trabalho, para esses jovens pendulares o futuro é uma miragem, por isso, optam por uma posição de *não pensar*, pois como observa CT, pensar sobre isso é *paralisante*, ou como disse WL *é o que tem pra hoje*, e TH *enquanto eu penso, a vida escorre pelo ralo*. Esses indivíduos, assim, jogam para algum ponto futuro os seus desejos de estabilidade, filhos, amores. A sua relação com o mundo do trabalho e sua condição de pendulares resulta em um tipo de subjetividade enterrada no presente e sujeitada ao mercado.

Você meio que acaba ficando um pouco sozinho sabe... diminui tudo, diminui bastante... sabe, velho, quando não é você que fica tão cansado que não tem energia pra ver ninguém? Cansaço do trabalho, entende? E também porque você tem que aproveitar melhor o tempo que resta, fazer uma pós, estudar inglês, assim... a gente sabe que precisa dessas coisas pra melhorar, tá se aprimorando, tem que tá preparado, se preparando. Os caras trabalham a semana toda, mas tão tomando uma cerveja na sexta, eu tenho que pensar mais, entende? Fazer as escolhas, tudo é escolha, né? (TH, janeiro, 2019).

Beck (2000, 2010) oferece um caminho teórico para a investigação dos processos de individualização na contemporaneidade, o autor reflete sobre a individualização em tempos de “riscos fabricados” e propõe uma distinção entre individualização e individuação. A individualização diz respeito a uma existência privada submetida aos ditames estruturais do trabalho e do consumo, substituindo a submissão dos vínculos tradicionais pela submissão ao controle institucional dessas estruturas, ou seja, “dito de forma simples, a ‘individualização’

significa a desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a obrigação de encontrar e inventar novas certezas para si próprio e para os outros” (BECK, 2000, p.15).

A sociedade industrial permitiu aos homens o desvencilhamento das coações tradicionais, como estamentos, classes ou família, para jogá-los no terreno do trabalho e do consumo. A individualização não liberta o homem, apenas o subjugua a novos determinantes sociais, dos quais o trabalho representa o mais relevante: “as situações individuais assim produzidas são inteiramente dependentes do mercado (de trabalho)” (BECK, 2010, p. 193). Individuação seria o oposto da individualização, ela exprimiria a formação autônoma da personalidade, a singularidade e a emancipação. A Sociedade contemporânea afasta deliberadamente a possibilidade da individuação.

Na modernidade avançada, a individualização se consuma sob as condições liminares de um processo de socialização que progressivamente impossibilita emancipações individuais: é certo que o indivíduo se desonera de estruturas de sustento e vínculos tradicionais, mas recebe em troca as pressões do mercado de trabalho, de uma subsistência baseada no consumo e das padronizações e controles contidos em ambos. (BECK, 2010, p. 194)

Essa caracterização que Beck elabora sobre a sociedade do risco se aproxima da análise que Bauman realiza sobre a era dos desengajamentos, um momento histórico em que os indivíduos são largados a própria sorte e desamparados dos mecanismos estatais de proteção e vínculos coletivos tradicionais. Tanto Bauman como Beck observam que mesmo na ausência desses mecanismos de promoção da segurança, característicos do Estado de bem-estar, os signos e símbolos desse período ainda são exigidos como ingresso para inserção social, de acordo com Beck “as instituições operam com categorias juridicamente estabelecidas de ‘biografias padrão’, cada vez mais distantes da realidade. A espinha dorsal da biografia padrão é a relação trabalhista padrão” (BECK, 2010, p. 197).

Se de um lado, como afirma Beck (2000, p. 2010), somos desenhistas individuais de nossas próprias biografias, ou como diria Han (2015) retomando a expressão *yes, we can*, como o plural coletivo da positivação do poder. Por outro lado, só podemos fazer isso pelo processo de individualização imposto pela sociedade de risco, através da institucionalização das biografias balizadas pelo mercado de trabalho, agora instável e flexível. A pendular WL que não possui vínculo com nenhuma das empresas em que trabalha expressa esse sentimento ao afirmar

Faz um bom tempo que não sei o que é fim de semana, feriado, essas coisas. Pego plantão, tiro dos colegas que precisam, por que a gente tem que tá ativo, pro atividade, se mostrando no mercado por que senão é esquecido, tem que aproveitar enquanto pode pra fazer nome, divulgar o que faz, mostrar nosso trabalho, ser interessante pra empresas (WL, dezembro, 2019).

Beck enfatiza que “a chave da garantia da subsistência reside no mercado de trabalho. A aptidão para o mercado de trabalho exige formação. Quem quer que não a receba estará socialmente à beira do abismo material” (BECK, 2010, p. 197). Os indivíduos são atemorizados pelo fantasma da inutilidade (SENNETT, 2006) pelo banimento rumo a *underclass* (BAUMAN, 2009) ou da escravidão do endividado (HARDT; NEGRI, 2014).

Quando olhamos para esse aspecto das trajetórias dos pendulares podemos ver que todos começaram a pendular ainda muito jovens. Em muitos casos, o primeiro emprego foi em pêndulo, todas as suas vidas foi uma tentativa, e continua, de dar conta desse itinerário, formação, qualificação, trabalho.

Esses pendulares possuem nível superior, pós-graduação, ou outros cursos de aperfeiçoamento profissional, o que é um sintoma do que Sennett (2006) denomina por “sociedade das capacitações”. Em particular os mais jovens não conseguem ver superado esse ciclo de cursos e novas qualificações. TH apresenta grande apreensão quanto a isto, *eu achava que a graduação para minha classe social e minha família, já era muito, depois vi que precisava de um mestrado, e agora, até as faculdades privadas tão nessa eu não sei, agora eu tenho que ter doutorado*. WL destaca que: *ainda não tô no lugar que quero estar profissionalmente, e eu preciso conquistar muita coisa ainda*. WS está realizando um curso de formação de locutor em São Paulo. KL está se preparando para o mestrado em Ensino da Saúde.

As pendulares RN e ELI mesmo com empregos estáveis através de concursos públicos em Arapiraca não pararam de investir em estudos e formações, a primeira ainda estuda para concursos através de cursos *on-line* e a segunda espera ser chamada em cargo em que obteve aprovação na cidade de Maceió. Ambas perseguem o objetivo de aliar trabalho e residência.

O círculo, formação, qualificação e busca por trabalho torna outras tomadas de decisão como morar sozinho, filhos ou família, ainda mais arriscadas, individualizadas, no sentido de arcar sozinho com as consequências, pois “mesmo nas situações em que falar de ‘decisões’ soe demasiado pomposo, dada a falta de consciência e de alternativas, o indivíduo terá que ‘pagar o pato’ pelas consequências das decisões tomadas” (BECK, 2010, p. 199). A sociedade contemporânea exige que os indivíduos se responsabilizem por suas escolhas, por suas trajetórias, os percursos e decisões tomadas que, por sua vez, devem corresponder as demandas flutuantes do mercado de trabalho.

O planejamento de vida deve ser igualmente maleável e flexível, mas do que isso, o indivíduo deve reunir qualidades camaleônicas, condições de estar em permanente

transformação, auto reinvenção, para atender a velocidade das mudanças e permanecer encaixado. Esse grau de exigência autoimposta cobra dos indivíduos um ritmo também acelerado, deslocando todas as suas forças para o plano da sobrevivência. O cálculo deve ser sempre refeito diante de uma relação de trabalho sempre contingente, o que sobrecarrega outras decisões, como no caso de TH que está extremamente apreensivo com o movimento que acabou de exercer, pois ele comprou seu imóvel próprio, em regime de financiamento, a esse respeito diz *é tentar pensar positivo e existir, caso contrário nunca vai dar um passo firme, porque nesse momento não tem sólidos, como diria Bauman, para ninguém*. WL descreve sua mudança de planos quanto a maternidade *não sei nem se eu quero ter filho, eu queria ter sabe uma estabilidade, por mim eu teria sido mãe com 20, aí vai mudando os planos e aí eu tô pensando isso né, não sei o dia de amanhã*.

ELI também faz ponderações sobre o futuro, *eu não sei quando é que eu vou me aposentar, a gente não sabe né, não tem nem como fazer essa conta, porque a daqui a pouco a conta muda de novo*. CT se angustia com a aproximação do fim do seu contrato como professor substituto em Arapiraca, pois *nessa sensação de não ter descanso, de sempre tá preocupado de como vai sobreviver, de não saber como vai tá daqui a um ano, isso cansa demais, cansa a mente, um caminhão nas costas*.

A impossibilidade de previsão é uma das características das vidas líquidas, mencionada por Bauman. Segundo o autor, sobre as condições da sociedade líquido-moderna, “as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se tornam passivos, e as capacidades, em incapacidades” (BAUMAN, 2007, p. 7). A reinvenção contínua das estratégias e o *upgrade* interminável dos recursos e habilidades é condição para permanecer no tabuleiro.

A incerteza e a impermanência se reflete também na produção dos vínculos sociais, a ligação com as pessoas, na permissividade a contatos adensados. Apenas dois pendulares são casados, o que reafirma os dados captados pelos questionários que mostraram que mais da metade dos pendulares são solteiros, o que também foi constatado nesse pequeno grupo entrevistado. Relações interpessoais duradouras são dramaticamente impossibilitadas não apenas pela dinâmica do mundo do trabalho já abordada, como também pela distribuição espacial de suas rotinas. Nesse aspecto, as falas de CT e ELI são reveladoras, o primeiro se refere a uma sensação de *clandestinidade*, segundo ele, sua parceira pode pensar que algo acontece em Arapiraca, colocando em dúvida sua estadia na cidade, ainda que esteja sempre

apenas para trabalho. Já ELI acredita que *talvez assuste algumas pessoas, eu acho que algumas pessoas veem assim: ela tem uma vida dupla. Como você trabalha em Maceió e Arapiraca...*

A prevalência do trabalho e sua nova morfologia contribui para a produção de relações curtas e transitórias, nos moldes dos contratos de trabalho. Nesse sentido, para Bauman (2007a, p. 142) “o ambiente líquido e de fluxo rápido privilegia os que podem viajar com velocidade; se as novas circunstâncias exigem movimento rápido e um recomeço a partir do zero (...)”, nesse sentido, compromissos que demandem tempo são abandonados em nome dessa liberdade precária, “*Think, calculate, plan, adjust, negotiate, define, revoke (with everything constantly starting again from the beginning): these are the imperatives of the ‘precarious freedoms’ that are taking hold of life as modernity advances*” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 6)¹⁰³. Neste cenário de recomeço (s) incessantes, as relações se tornam cada vez mais impessoais e episódicas.

Para WL, KL, WS, naturais de Arapiraca e Batalha, as amizades, ou que consideram amizades, ficaram na cidade onde nasceram e cresceram, enquanto isso, tentam construir em Maceió, atual cidade de residência, novas relações e conexões. Por sua vez, CT, TH, ELI, MC e RN, esforçam-se para manter os vínculos e ligações já construídas.

É possível identificar nas falas dos pendulares como a construção de ligações pessoais é um aspecto relevante para o qual todos chamam a atenção, contudo, as circunstâncias de uma vida em pêndulo para trabalho é um fator complicador que lutam para minimizar.

A pendularidade para trabalho traz consigo uma característica muito peculiar, que é a relação com a cidade de destino (trabalho), o que tem implicações diretas na experiência com a cidade de residência, refiro-me a fratura insistentemente declarada pelos entrevistados. Nota-se que TH não se aproximou de nenhum outro professor na instituição em que leciona na cidade de Arapiraca, nem mesmo para compartilhar uma carona; CT afirma, *as minhas relações com as pessoas de Arapiraca são com os funcionários, meus amigos de trabalho*. ELI declara *que amigos mais próximos são em Maceió, lá eu tenho colegas, colegas de trabalho*. Lembremos que ELI chegou a trabalhar quatro dias por semana em Arapiraca, naquele período alugou um apartamento com outras *amigas de trabalho* também pendulares e antes disso pendulou para São Brás/AL onde as pessoas sempre lhe diziam *ELI você se comporta sempre como se você tivesse no trabalho*; MC tem clareza que a pendularidade lhe tirou da cena local: *eu ganhei lá*

¹⁰³ "Pense, calcule, planeje, ajuste, negocie, defina, revogue (com tudo constantemente começando novamente desde o início): esses são os imperativos das 'liberdades precárias' que estão tomando conta da vida à medida que a modernidade avança" (Tradução do autor).

e perdi aqui contatos, eu sempre tô final de semana aqui, férias eu tô aqui, eu tô bem dividido, eu acredito que há essa divisão; WS menciona que eu sou muito profissional, mesmo as pessoas que trabalham comigo eu busco não me aproximar tanto dessas pessoas, porque é a trabalho, eu deixo para me aproximar nas cidades que eu tenho condições de estar ali próximo, entendeu?

Relações mais sólidas que pressupõe tempo e envolvimento são um dos planos futuros de muitos pendulares. Para outros como ELI e RN essas relações já foram construídas e o objetivo é poder estar mais perto para poder preservá-las. Mas esse tipo de relação só pode ser alcançada com estabilidade residencial e econômica (trabalho), o que torna sua realização uma quimera para muitos, ou de acordo com Bauman, “a nossa sociedade tornou as amizades profundas e duradouras, as histórias de amor e o casamento cada vez mais difíceis de realizar” (BAUMAN, 2007, p. 106). O terreno social no qual transitamos é atravessado pela instabilidade, assim como as engrenagens e lógicas de organização empresarial e do trabalho, nossas posições, ou mesmo nossa casa, o que se estende para forma como entendemos e produzimos nossas trocas subjetivas.

Como já abordei no tópico Da cooperação simples à grande indústria: uma história de separações, o capitalismo nos desprende das instâncias protetivas, afrouxa os laços e nos lança na vastidão da “liberdade”. A construção desse projeto se arrasta por toda história da modernidade capitalista e não cessa.

Assim que as pessoas entram no mercado de trabalho, elas experimentam a mobilidade. Elas são afastadas dos padrões e arranjos tradicionais e, a menos que estejam preparadas para sofrer a ruína econômica, são forçadas a tomar conta da sua própria vida. O mercado de trabalho, através da mobilidade profissional, local de residência ou emprego, tipo de emprego, bem como as mudanças na localização social que inicia, revela-se como uma força motriz por detrás da individualização da vida das pessoas. Tornam-se relativamente independentes dos laços herdados ou recém-formados (por exemplo, família, vizinhança, amizade, parceria). Ao tornarem-se independentes dos laços tradicionais, a vida das pessoas assume uma qualidade independente que, pela primeira vez torna possível a experiência de um destino pessoal (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p. 32-33, tradução do autor).

O protagonismo sobre a vida, *a experiência de um destino pessoal*, é um caminho que começa a ser trilhado quando ingressamos no mercado de trabalho, território da impessoalidade e da produtividade. A relação entre moradia, mobilidade e trabalho pautam a individualização, essa triangulação nos põe diante do mundo, prontos para costurar uma vida autônoma.

Quando olhamos para a trajetórias dos nossos pendulares, a citação supracitada descreve com precisão o processo de individualização desses personagens. Tanto KL como WL vieram a Maceió para cursar Fisioterapia. Ao terminar o curso, KL retornou para a casa dos pais, logo

que conseguiu emprego retornou para Maceió de onde não pretende sair. O mesmo se aplica a WL que ao chegar em Maceió para estudar se estabeleceu na casa de parentes no bairro do Tabuleiro, assim que conseguiu seu primeiro estágio remunerado foi residir com uma amiga em um pensionato feminino no bairro do Trapiche, e quando empreendeu a conquista de seu primeiro emprego foi residir no bairro do José Tenório, em certa altura de sua história, ficou sobre a proteção do seguro desemprego, este momento causou-lhe muita apreensão, especialmente a possibilidade de retornar a casa dos pais, às vezes *eu fico até com medo quando eu paro pra pensar se eu voltar pra Arapiraca* (WL).

CT e TH ainda residem com os pais, TH é o único filho na casa dos seus pais, sua irmã saiu de casa primeiro, ele há algum tempo planeja a independência, em breve também estará saindo da casa de seus pais com o desejo de ter mais autonomia. TH não se queixa de sua condição, mas se sente pressionado a buscar sua independência relativa, pois segundo ele, *a gente precisa viver*. Isto significa que viver é a possibilidade de produzir um caminho apartado dos olhares e regras familiares, *a experiência de um destino pessoal*, que até esse momento foi contida, porque TH apresenta muita ansiedade quanto ao seu futuro profissional, pois é funcionário de duas instituições de ensino superior e já se sente desconfortável com o título de mestre e a impossibilidade de buscar a titulação de doutor. O financiamento do seu imóvel próprio pode lhe encurralar em um tipo de escravidão mencionada por Hardt e Negri (2014) que é a figura subjetiva do endividado, segundo os autores, o endividado é uma das transformações antropológicas que emergem da crise do neoliberalismo, a relação entre trabalhador e empregado é transformada em uma relação entre credor e devedor, nesse cenário “o endividado é uma consciência desventurada, que transforma a culpa numa forma de vida (HARDT; NEGRI, 2014, p. 23). A dívida despotencializa a subjetividade aumentando a obediência e sujeição dos indivíduos, suprimindo assim, sua capacidade de insurreição. As entrevistas não foram conduzidas no sentido de extrair informações que colaborem com as figuras subjetivas da crise elaboradas por Hardt e Negri¹⁰⁴, no entanto, considere pertinente apontar também para esse aspecto que atualmente nos rodeia, e me parece ser a direção para qual se encaminha as escolhas de TH.

Já CT acabou de conseguir seu primeiro emprego formal, desde que terminou o mestrado em filosofia e retornou para Maceió, contudo é um contrato temporário com duração de um ano e renovação de mais um, o que arrefece o ímpeto de tomar essa decisão, mas CT

¹⁰⁴HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Isto não é um manifesto**. São Paulo: Edições n. 1 edições, 2014.

demonstra de maneira flagrante o desejo de dar esse passo, segundo ele as grandes cidades, em especial São Paulo e Recife lhe fascinam, exatamente porque, nelas ele pode ser anônimo, *você não tem nenhum familiar para lhe julgar, lhe dá uma independência maior.*

O processo de individualização dos pendulares não se distingue daquele que abraça, ao menos, o conjunto da sociedade ocidental, a teoria social de Beck tem uma pretensão universal e neste ponto converge com as trajetórias aqui investigadas. O indivíduo auto encarregado de seu caminho é reforçado por inúmeros teóricos, alguns já abordados nesta tese, como Bauman, Han e Sennett.

Em A cultura do novo capitalismo, Sennett sublinha que poucas pessoas são capazes de se acomodar às condições sociais instáveis e fragmentárias que o atual modelo social imprime, esse *antropos* ideal teria que responder a três desafios: 1) ser capaz de cuidar de relações de curto prazo, de si mesmo e ao “mesmo tempo estar sempre migrando de uma tarefa para outra, de um emprego para outro, de um lugar para outro” (SENNETT, 2006, p. 13); 2) Ser capaz de se atualizar ciclicamente para atender as mutantes necessidades do mundo empresarial, e; 3) “um traço de caráter específico, uma personalidade disposta a descartar-se das experiências já vivenciadas” (SENNETT, 2006, p. 14). O pendular, no contexto estudado por esta tese, como deixaram claras as entrevistas, não se enquadra nos termos do homem abstrato da economia flexível.

Os homens e mulheres em qualquer espaço do tempo ou da história necessitam de segurança e estabilidade, ainda mais sob a égide da modernidade capitalista, como forma de enfrentar as ansiedades existenciais de um mundo em permanente transformação. O homem desenraizado, mutante, sem história ou experiências passadas como requer a ordem social atual, tão bem retratado por Sennett, não passa de mais uma das ficções criadas por esse modo de produção, assim como o indivíduo privado, egoísta, competitivo e utilitário da economia política clássica para quem Marx direcionou seu canhão teórico e contrapôs o homem coletivo, social e histórico.

As entrevistas mostraram que esses indivíduos em pendularidade para trabalho, expostos a todo momento ao cálculo, ao planejamento, à *performance* e constantes exigências do mundo do trabalho por qualificação e produtividade são muitas vezes tomados por sentimentos de “angústia”, insegurança, preocupações e auto cobranças, o que os impulsiona a construir espaços de familiaridade, de proteção, ainda que nos limites do tempo e da cisão espacial cotidiana a que estão sujeitos.

A economia capitalista e seus teóricos ignoram as necessidades humanas, atacando frontalmente os fundamentos da existência individual e coletiva, em nome de interesses monetários, frios e pusilânimes. A desnaturalização das categorias e aforismos econômicos é uma das atribuições da sociologia. Desvelar o caráter social, cultural e histórico das relações humanas, que subjaz as narrativas formalizadas e dogmatizadas da ordem capitalista é uma das maiores contribuições que a sociologia enquanto ciência pode ofertar a sociedade.

A pesquisa empírica coloca o pesquisador em contato com a forma como homens e mulheres respondem a essas máximas e imposições estruturais, esse contato faz saltar a distância entre os desejos e querereres das pessoas e ideais propagandeados, permite também verificar como os indivíduos tentam se adaptar a essas demandas e ao mesmo tempo erigir o seu mundo social.

Em nossas entrevistas, os pendulares demonstram que a luta pela sobrevivência, sua disposição para o mercado de trabalho tem como finalidade a construção de seus mundos, o que em grande medida se distingue do homem ideal a qual se refere Sennett (2006).

É verdade que os pendulares procuram dar sentido a *uma experiência de um destino pessoal* e, através do trabalho, emplacam sua integração social. Por outro lado, os vínculos afetivos, emocionais, amigáveis e familiares ocupam um lugar de destaque em suas vidas, ao contrário do sujeito pálido que o mundo do trabalho flexível nos faz crer.

WL, em mais de uma oportunidade, relatou como a relação com seus pais foi fortalecida com sua mudança de cidade. Orgulha-se de seu apartamento, da possibilidade de reunir a família ao seu redor: *amo meu apartamento, cabe todo mundo da família quando vem pra cá. Hoje tenho uma relação melhor até com meu pai, que sempre foi aquele tipo de pai, você sabe, assim, mais distante, mais rígido...* (WL). O mesmo com ELI: sua mãe está sempre em sua casa, cuidando dos seus animais de estimação, enquanto está em Arapiraca. Ela também costuma receber amigos e faz reuniões frequentes em sua casa e, em suas palavras, sua casa *tá perto de um dos trabalhos, tá numa rua em que eu posso contar com os vizinhos, é um local onde minha família gosta de ficar, onde os amigos gostam*. A nutricionista ainda chega a afirmar aquilo que irei comprovar com minha pesquisa: são os vínculos afetivos que contam mais e que, mesmo obtendo uma remuneração superior em Arapiraca, não pensaria em sair do que define como seu lugar. Vale lembrar que antes de residir no bairro de Riacho Doce, ELI comprou seu primeiro imóvel no bairro do Pinheiro, onde residem sua mãe e outros familiares; sua saída do Pinheiro não se deu por escolha, mas por contingência da catástrofe ambiental promovida pela companhia de exploração de minérios, Braskem.

TH, que ainda reside com os pais e sempre morou no bairro do Barro Duro, diz: *estudei perto, namorei perto e bebo perto!* Toda sua história foi construída nesse bairro, na mesma casa e na mesma rua, só agora irá realizar seu sonho de morar sozinho, distanciando-se apenas dois quilômetros, assim, permanecerá no ambiente em que é conhecido e reconhecido que, segundo ele, não tem ninguém que não o conheça e que ele conhece *todo mundo*. Seu pai é um histórico comerciante local, a diretora da escola em que estudou frequentava a casa dos seus pais durante sua infância, seus romances se construíram sobre aquele solo e, sua atual namorada, *mora na rua de trás*. A iniciativa de TH em sair da casa dos pais não aponta para um abandono de seu bairro, não sinaliza para um abandono dessas relações, mas para um fortalecimento delas, um equilíbrio entre independência relativa e vivências herdadas.

KL explicita que o pêndulo para trabalho em Arapiraca reúne o *útil ao agradável, o trabalho e a família*. Seus pais também costumam vir a Maceió e ficar em seu apartamento sazonalmente. KL se queixa da falta de tempo para curtir os amigos, a dinâmica do trabalho em pêndulo reduz essa possibilidade, mas ela, como os outros pendulares, redefiniu o aproveitamento do tempo, utilizam-se de brechas, ranhuras no tempo, que condensam nessas relações. Abrir mão nunca!

MC, nosso pendular mais longevo, recebe em sua casa, com frequência, amigos e alunos, fruto de sua duradoura relação de trabalho em Arapiraca. Ele reconhece que suas relações em Maceió diminuíram com o tempo. Por outro lado, trouxe as relações conquistadas na cidade de trabalho para sua casa, aquelas que foram, inicialmente, *amizades de trabalho*, foram retiradas do ambiente profissional e trazidas para Maceió, onde construiu o seu lugar e aqui se consolidam, alterando o predicado *de trabalho* para *pessoais*; opera-se, dessa forma, uma conversão ou uma mudança de *status* dessa relação. Mas a relação é sempre buscada, é sempre perseguida, o contexto do pêndulo ou do mundo do trabalho não os fazem abdicar dessa busca.

O mais jovem dos entrevistados, o locutor e social media WS, permanece com vínculos muito presentes de sua cidade de natal, Batalha. Conforme WS: *eu gosto muito do sertão. Quando eu tenho tempo para lazer eu desço para o sertão*. O conversante disse, em uma fala surpreendente, que tem dificuldades de relacionamento com as mulheres de Maceió: *eu sempre namorei em Batalha, é como o meu jeito fosse o jeito do sertão, eu dou certo com pessoas do sertão, pessoas da capital e nem de Arapiraca eu não consigo me relacionar muito tempo*. Ainda assim, WS deixa claro que não pretende retornar a Batalha, pois seu objetivo é reunir condições que lhe permitam permanecer em Maceió e, mais que isso, no bairro do José Tenório,

onde começou a construir elos atrelados à sua história individual. Nesse sentido, diz que *a maior parte das relações são de Batalha e Maceió, hoje muito mais em Maceió*. Seu plano de vida é *daqui há dez anos, tá formado, tá fixo aqui em Maceió, acredita que esteja daqui há dez anos que esteja fixo em um lugar, de preferência no Zé (José Tenório), com minha casa própria... se Deus quiser! e com um trabalho fixo em Maceió*.

As relações que WS estabeleceu no curso de toda sua vida com a cidade de Batalha são ainda muito marcantes, no entanto, já rivalizam e cedem espaço para as relações produzidas em Maceió, a cidade em que atualmente reside e onde iniciou sua vida adulta. Nas circunstâncias da modernidade tardia, o lugar torna-se menos representativo do que costumava ser como referente externo da vida do indivíduo, desta forma “onde a pessoa vive, pelo menos a partir do início da vida adulta, é uma questão de escolha organizada principalmente em termos de planejamento da vida da pessoa” (GIDDENS, 2002, p. 137). A escolha do bairro do José Tenório passa pelas expectativas de WS. Do seu ponto de vista, esse bairro é o lugar que as pessoas são mais *civilizadas*, com boa infraestrutura, segurança e acessibilidade. Nesse bairro pretende permanecer por muito tempo, busca construir suas ligações. Sua vontade de se sentir mais parte desse espaço fica evidente quando afirma que tenta sempre ficar no bairro, realizar todas as suas necessidades ali, como ir ao médico, mercado, academias, bares e caminhadas na praça.

CT, músico e professor de Filosofia, já residiu em diversos bairros de Maceió. Sua relação com a cidade é rica devido à música, suas relações próximas estão disseminadas pela cidade. Quando perguntado sobre a possibilidade de sair de Maceió, CT dispõe de uma fala esclarecedora: *acho que há uma ligação embrionária com o lugar, uma ligação com o lugar e aquela rede que você construiu*. CT é o único entre os pendulares que ainda reside com mãe e não apresentou planos de curto prazo para morar sozinho.

Enquanto jogam o jogo, sucedem-se estratégias no sentido de alcançar sua segurança, preservar e construir seus afetos, o seu Lugar. É no contato com a empiria que podemos ver, claramente, as divergências e tensões entre as narrativas produzidas pelos agentes dessa ordem social e os seus efeitos concretos na produção das existências. Esse é o papel da pesquisa científica.

5.4 AS ESTRATÉGIAS DE UMA VIDA EM PÊNULO PARA TRABALHO

O capitalismo flexível inaugura um novo *ethos* corporativo baseado nas reinvenções constantes como resposta à globalização. Isso se reflete nas individualidades que devem incorporar essa capacidade de metamorfose permanente. Qualificação e mobilidade são recursos indispensáveis para a inserção no mundo rarefeito e competitivo do trabalho. É através do trabalho que se dá o processo de individualização e independência desses indivíduos, que respondem de maneiras diferentes na busca da preservação de sua segurança existencial, realizando concomitantemente os imperativos impostos à sobrevivência e à construção da estabilidade do seu mundo social.

A pendularidade sob o ponto de vista dos indivíduos que participam desse movimento é uma estratégia no sentido de preservar o que lhes resta e alcançar o que lhes falta. A pendularidade surge sempre como uma alternativa, uma possibilidade importante para conquistar o que todos definem como qualidade de vida, está por sua vez, é sempre associada a comunhão, ao encontro.

Além de todas as questões já levantadas ao longo desta tese, como a intermitência do trabalho, a crise habitacional, a dispersão urbana, o dismantelamento das redes de proteção social, entre outras, os pendulares enfrentam a ruptura espacial cotidiana, exercitando a vida entre duas cidades. Disso resulta um modo de vida urbano em que tempos e espaços são otimizados e disciplinadamente compartimentados. Os indivíduos em pêndulo para trabalho não são desenraizados, inversamente, todos os pendulares entrevistados têm uma forte ligação com suas famílias, cidades, bairros e casa. Claro, não é aquela relação enrijecedora dos vínculos tradicionais, como também não significa a ascendência da comunidade sobre seus destinos, repito, é um modo de vida urbano que procura conciliar a independência relativa e a criação e manutenção de círculos de proteção sociais.

Entre os 130 quilômetros que separam as cidades de Maceió e Arapiraca, os pendulares distribuem lugares, pessoas, redes de relação, conchas protetoras. O que outrora era construído na fixidez do Lugar, agora é diluído pelo território, a mobilidade pendular é uma resposta individual às ofensivas de uma ordem pós-tradicional (Giddens, 2002) que exige extremo dinamismo.

Esse empreendimento é indispensável, pois sem confiança, que é para Giddens o fundamento da segurança ontológica, os indivíduos paralisariam. A construção do habitar supõe

estabilidade e permanência, resguardo e sentido de proteção. Quando observamos as trajetórias dos pendulares podemos apanhar a importância dos casulos protetores como ambientes de produção e de estabilidade. Os casulos protetores estão associados as relações e contatos próximos como parentesco, vizinhança, amizade entre outros. A confiança assim está na base da construção desses casulos, sua existência “ ‘põe entre parênteses’ ocorrências potenciais que, se seriamente contempladas, produziriam uma paralisia da vontade ou uma sensação de engolfamento” (GIDDENS, 2002, p. 11).

Os pendulares entrevistados nutrem esses casulos, e deles retiram um sentimento de orientação em mundo repleto de mecanismos de desencaixe e de sistemas abstratos, preservando a estabilidade do eu, e constituindo uma alavanca para a inserção no mundo social.

WL costuma pernoitar na casa dos seus pais em Arapiraca, o que lhe permite viajar sempre um dia antes, não apenas seus pais, mas a maior parte de seus parentes ainda residem naquela cidade. O mesmo podemos dizer de KL que tem na casa dos pais, e na extensa rede de parentes tanto em Arapiraca como em Maceió, um cais onde pode atracar sempre que necessário. Ambas contam ainda com as visitas periódicas de seus pais a suas casas em Maceió. RN que passa a maior parte de seu tempo na cidade de destino (trabalho), tem na casa da irmã um lugar seguro, o que lhe encorajou a frequentar a igreja em Arapiraca, a mesma da irmã, a fazer caminhadas na praça, onde também a irmã pratica atividades físicas. WS nasceu e cresceu na cidade de Batalha, e sempre teve em Arapiraca um centro regional, antes mesmo de pendular a trabalho, sempre parou na cidade do agreste para em seguida, encaminhar sua viagem para Batalha. Toda a região é familiarizada pelas visitas constantes e proximidade de seus parentes espalhados por toda a região, do Sertão ao Agreste. MC é natural de Palmeira dos Índios, cidade vizinha a Arapiraca, seus familiares ainda residem na região, sua irmã tem um restaurante na estrada entre Palmeira dos Índios e Arapiraca, onde costuma pousar sempre que *bate a saudade* e onde tem a oportunidade de comer uma genuína galinha de capoeira.

MC antes de pendular para Arapiraca pendulou para Xingó e São Miguel dos Campos, chegando a possuir uma casa na praia do francês no município de Marechal Deodoro, que em alguns momentos foi um ponto de apoio para imprevistos na estrada. WS, WL e KL, inclusive em suas chegadas a Maceió, foram recebidos por familiares: WS morou na casa do tio, WL na casa do compadre do avô e KL no apartamento com os primos. Para a maior parte dos pendulares com quem conversei, há a presença dessa rede de vínculos primários, esse casulo protetor, diluído física ou virtualmente, entre as cidades de origem e destino, é o que torna facilitada sua adaptação à dinâmica pendular.

Para TH, ELI e CT é apenas trabalho, uma atividade desnaturada o que, no entanto, não lhes causa impacto psicológico, pois a cidade também já compunha o seu horizonte de mobilidade. TH por exemplo já conhecia a cidade antes mesmo de pendular a trabalho, já tinha prestado concurso para professor substituto do campus da Universidade Federal de Alagoas em Arapiraca, e seu pai costumava em sua infância fazer compras em Arapiraca para atender as necessidades do seu negócio no bairro do Barro Duro em Maceió. Em sua infância, portanto, acompanhava seu pai, que apesar de não residir em Arapiraca, tem *muitos conhecidos* na cidade. ELI e CT são os únicos pendulares entre Maceió e Arapiraca que não possuíam nenhuma relação prévia com a cidade, os únicos em que os tentáculos das relações primárias não alcançavam Arapiraca.

A escolha da cidade para pendular parece não ser aleatória, pois nossos pendulares, em sua maioria, já tinham na cidade de destino um suporte, algumas colunas. Com a mobilidade pendular, temos assim, indivíduos em movimento e com garantias de estabilidade, resguardadas por essas relações originárias. O que lhes dota de individualidade e pertencimento, e mais do que isso, lhes garante o embargo de um conjunto de riscos associados a essa prática urbana. Segundo Giddens “O casulo protetor é a cobertura de confiança que torna possível sustentar uma *Umwelt* viável” (GIDDENS, 2002, p. 122). A cidade, o bairro, a casa, a família, amigos ou vizinhos compõem uma estrutura que dota de coerência e normalidade a rotina da vida, essa referência caminha junto com os indivíduos em seu movimento de pêndulo para trabalho, esses indivíduos atualizam e recarregam a todo tempo esses casulos.

Os casulos protetores, desta forma, desempenham um papel crucial na inserção e adaptação dos homens e mulheres pendulares. Os casulos são recursos imprescindíveis na contenção das ameaças e ao ordenamento das práticas diárias. Os indivíduos em pêndulo para trabalho reivindicam ostensivamente seus casulos protetores.

A pendularidade para trabalho não retira os indivíduos dessas referências e estruturas fundamentais, através da pendularidade essas estruturas tornam-se essenciais na produção da segurança e proteção. Graças a proximidade de sua família ELI pode ficar tranquila quanto aos seus animais de estimação, pois sua mãe e irmã cuidam deles quando precisa ficar em Arapiraca; o namorado de WL está sempre em sua casa quando ela está viajando, verificando se tudo está correndo em normalidade, aplacando assim a sua ansiedade; RN conta com o apoio de seu marido, e de seus vizinhos, para pegar seu filho na escola e *ficar de olho* sempre que ela está trabalhando em Arapiraca. O que eu quero frisar, é que essas relações continuam, especialmente, no contexto de Alagoas, figurando como um porto seguro para a manutenção da

confiança e da segurança, desta forma, o desafio colocado aos pendulares para trabalho, é conciliar sua independência relativa com a preservação de determinados vínculos sociais.

A vida em pêndulo para trabalho é uma forma de participação do mundo do trabalho que parece adensar o desejo de participação e envolvimento local com a cidade de residência. Ao passo que a distância restringe a permanência nos espaços significados da vida, ela também emplaca um sentimento de que *eu quero participar* nos tempos e espaços em que *eu posso*, o que obviamente, é feito com muito esforço.

Em um momento desta tese mencionei os trabalhos de Hogan (1990, 1998) em que o autor investiga a relação entre pendularidade para trabalho e participação política na cidade de destino. O autor demonstrou em sua pesquisa sobre a cidade de Cubatão/SP, como os custos da poluição não eram compartilhados entre pendulares e os moradores de Cubatão. A força de trabalho pendular ocupava um conjunto numeroso de funções técnicas qualificadas, essa força de trabalho com maior poder de enfrentamento político acabava se eximindo dos custos sociais da poluição, pois retornavam para suas cidades de residência.

Neste ponto, as entrevistas e os questionários ratificam as descobertas de Hogan. Os questionários demonstraram que a maior parte dos pendulares para trabalho em Arapiraca não residiriam na cidade, mesmo sendo a segunda cidade mais importante do Estado. Esses trabalhadores no mesmo sentido identificado por Hogan, também atuam em seguimentos qualificados, especialmente, da educação e saúde, e também, no contexto de nossa pesquisa, isentam-se de qualquer compromisso com a cidade de destino. O que fica expresso em várias falas quando perguntados sobre se já se interessaram, participaram ou se envolveram de alguma forma nas questões da cidade de Arapiraca. ELI é direta: *em Arapiraca não, porque tô a trabalho só*. RN respondeu *observo, apenas ficando só como espectadora*; até mesmo MC que pendula para a cidade agrestina há 20 anos, nunca se envolveu em questões políticas na cidade.

Essa é uma modalidade de mobilidade urbana que deixa sequelas para cidade de destino, ao menos nesse aspecto. No contexto da nossa pesquisa, a pendularidade para trabalho não incuba o desejo da troca de residência, o que se desdobraria para um empenho maior na vida comunitária. Essa é uma das características da mobilidade pendular para trabalho. A pendularidade configura, deste modo, uma estratégia em que seja possível manter-se perto das suas lutas, do seu espaço vivido e ao mesmo tempo atender as necessidades de mobilidade do mercado de trabalho.

Por outro lado, e isso compõe o modo de vida dos pendulares para trabalho, é que se em relação à cidade de trabalho (Arapiraca) esse envolvimento com as questões da cidade, do bairro ou da rua é negligenciado, o mesmo não é verdade para a cidade de residência. ELI participa em Riacho Doce da feira orgânica organizada pelos moradores do bairro quinzenalmente, e demonstra interesse em participar do conselho de saúde, além disso pela sua posição no posto de saúde local, é sempre procurada por seus vizinhos, tirando dúvidas, esclarecendo situações, ampliando sua influência e participação na vida do bairro. WL participa, atualmente menos, devido a intensa rotina de trabalho, do grupo de jovens da igreja católica Santa Teresinha do menino Jesus no José Tenório, esses jovens prestam diversos serviços comunitários no bairro e fora do bairro. CT é membro do projeto Cineclube em Maceió que tem o objetivo de difundir o cinema para bairros e regiões menos favorecidas da cidade e do Estado. TH faz parte das atividades desenvolvidas pelo Instituto Holístico em Maceió, com distribuição de sopões para os moradores de rua, visitas a asilos e hospitais, além de ser membro fundador, junto com seus amigos, do *racha da solidariedade*, assim intitulado por eles, que trimestralmente arrecada alimentos para instituições de caridade. RN diz que nunca foi muito ativa nesse sentido, mas que junto a outros moradores participou das reuniões e chegou até ir a prefeitura e a audiências da câmara de vereadores de Maceió para a melhoria da praça do Feitosa, e outra vez se envolveu no *problema do buraco*, esse problema foi o surgimento de um buraco na rua que começou a influenciar no abastecimento de água do bairro.

WS participa da ONG mudando o mundo, ele cede seu tempo e suas habilidades profissionais, organizando os eventos do grupo de forma voluntária, e está pensando em participar de um grupo que ajuda meninos de rua em Maceió. Esses relatos demonstram que a mobilidade pendular para trabalho, mesmo com a imposição da distância e de um ritmo acelerado, não esvazia a vontade de comunhão. Os pendulares se esforçam para responder a esse duplo desafio, trabalho e distância, com a manutenção de elos e conexões na cidade de residência. Esse foi um dos aspectos que mais me chamaram a atenção, em um mundo onde as pessoas estão sempre atarefadas, apressadas, cansadas, os pendulares imprimem muita energia para o cultivo das suas relações e participação em diversos grupos e pequenos coletivos.

A pendularidade para trabalho, sem dúvidas, fratura a realidade cotidiana, porém esses indivíduos reagem a esta fragmentação através de estratégias de produção de vínculos, o que é expresso nos interesses pela cidade de residência, o desejo de participação e envolvimento com o Lugar. A relação entre local de residência (reunião) e local de trabalho (necessidade) é rigidamente compartimentada, o “dentro” e o “fora”. O “dentro” é o lugar dos amigos, da casa,

da cidade, da família, dos vizinhos, enquanto que o “fora” é a cidade de destino, de trabalho, do impessoal. A mobilidade pendular é uma estratégia no sentido de encontrar o equilíbrio entre o “dentro” e o “fora”, entre o trabalho e o vivido.

A cisão espacial cotidiana cria uma tensão ocasionada pela ausência, despertando um desejo do Lugar, com efeito, o desejo do reencontro, com a casa. Os entrevistados a esse respeito falaram que: *sinto falta do meu cantinho* (KL); *fico preocupada com meu filho* (RN); *só penso na minha cama* (TH). Este modo de vida parece intensificar esses desejos, pois diferente da migração em que se vai para ficar, a pendularidade para trabalho acende a vontade de retornar. Isso parece produzir uma necessidade do Lugar e das pessoas ainda maiores. Se Lugar é pausa, a dinâmica do trabalho não permite essa pausa, talvez, por isso, a cidade, os amigos, a casa seja ainda mais relevante no mundo contemporâneo. Talvez, por isso também, os pendulares se furtem tanto em entregar personalidade na cidade de destino. Com a consciência de que logo se vai retornar para casa, as relações com as pessoas também se tornam mais despreziosas.

Em mobilidade pendular para trabalho, os pendulares entrevistados produzem estratégias de construção e preservação do Lugar, de seus vínculos afetivos e espaços de segurança, enquanto atendem a necessidade de sobrevivência em um cenário de extremo dinamismo econômico.

Como demonstrou Sennett, um dos desafios apresentados aos homens e mulheres na atualidade é serem capazes de desfazer-se das experiências de vida, nesse aspecto acredito que a pendularidade é uma prática urbana que busca a preservação dessas experiências vividas, resistindo, portanto, a essa descartabilidade exigida. Um outro desafio realçado por Sennett é que homens e mulheres devem ser capazes de se atualizarem profissionalmente a todo tempo, pois não há formação que garanta longevidade no emprego, mas do que isso, é ser capaz de em algum momento abandonar essa formação e mirar outro nicho de mercado. Sobre esse aspecto também vejo na prática pendular uma forma de salvaguardar a história de formação profissional.

A profissão, adquirida no curso de um longo processo de formação, é protegida, a capacidade de mudar de rumo profissional não é uma opção. Nesse sentido, a pendularidade permite a manutenção dessa conquista acumulada. A mobilidade pendular para trabalho é uma forma de preservação dessa conquista alcançada, desse Lugar onde tanto se demorou. Ir a outra cidade é uma maneira de manter o valor da sua trajetória, muito mais do que um impulso por melhores rendimentos, pois como foi verificado nos questionários, os ganhos antes e depois de

pendular não são excepcionais. Podemos dizer mais, em todas as falas os pendulares afirmaram que tendo a possibilidade de emprego em suas respectivas áreas de formação em Maceió, ainda que com remuneração inferior, não pensariam no pêndulo para trabalho.

Deste modo, a pendularidade para trabalho também é uma estratégia de manutenção do repertório profissional recrutado ao longo de suas histórias. A pendularidade permite que profissionais mais qualificados, é o caso de nossos pendulares, ocupem os espaços que vão surgindo, particularmente, em cidades do interior, cidades onde a população local não tem equipagem educacional para concorrer com esses indivíduos. As cidades médias, caso de Arapiraca, fruto das transformações na economia, política e espaço urbano, como discorreremos na parte 2, oportunizam aos pendulares de outras cidades e com melhor qualificação, a preservação de suas histórias e *status* profissional.

A regionalização do mercado de trabalho ofereceu as condições para que determinados indivíduos, detentores de determinadas condições e caracteres sociais, possam enfrentar os verdadeiros abalos sísmicos promovidos pelas mudanças tecnológicas e organização empresarial no âmbito das carreiras. E isto sem a necessidade de migração, sem ter que deixar para trás suas histórias e experiências acumuladas.

O setor de serviços, em especial a educação, a saúde e o comércio, é o que mais absorve os pendulares, sempre frisando, no âmbito do nosso recorte. A pesquisa verificou que a maior parte dos pendulares para trabalho são dos segmentos de saúde, comércio e educação, nesta ordem, o que encontra amparo também entre os pendulares entrevistados. ELI, KL, WL são da saúde, enquanto TH, CT, MC e RN da educação, apenas WS não pertence a esses grupos. Saúde e educação são setores em expansão em cidades em crescimento. Como apresentei no tópico sobre a cidade de Arapiraca, o setor educacional, tanto público como privado, recebeu significativos aportes de ambas as administrações nas últimas duas décadas, e o mesmo ocorreu com a saúde em Arapiraca, que se tornou um centro regional, também nos planos públicos e privados.

Sendo assim, através da mobilidade pendular para trabalho alguns indivíduos procuram refrear as consequências do mercado de trabalho em constante transformação, preservando suas histórias profissionais. A pendularidade para trabalho, assim acredito, é um modo de vida urbano, encontrado por alguns indivíduos para proteger-se das devastadoras metamorfoses que atravessam nossos tempos. Um tipo de resistência, no sentido mecânico mesmo, ou seja, a capacidade de um material para resistir a uma força aplicada sem se romper ou deformar permanentemente.

Acredito, com base em todo o material reunido e nas falas dos pendulares, que através da mobilidade pendular para trabalho essas pessoas conseguem negociar suas histórias e vivências com as demandas de uma sociedade em transformação, isto é, não romper ou deformar permanentemente. Com isso, não se trata de nenhum retorno a qualquer espécie de comunitarismo, muito menos de um atendimento passivo das narrativas disseminadas pelos acólitos do capitalismo flexível. Mesmo porque, vimos que os pendulares reúnem características específicas e que não são estendíveis ao conjunto da população alagoana.

Desde uma família estruturada à uma formação escolar irreal para a maioria dos habitantes de Alagoas, como já demonstramos na parte 4, Alagoas ocupa a 24ª posição entre as 27 unidades da federação em número de pessoas com curso superior ou equivalente, além de outros indicadores igualmente dramáticos no campo da educação. A mobilidade pendular configura, dessa maneira, uma saída para alguns, não para muitos.

Entre breves permanências e longas impermanências, os pendulares para trabalho tentam construir sua segurança, o seu Lugar. Suas vidas são marcadas por um cotidiano entre duas cidades, pelo ritmo frenético do trabalho, pela instabilidade habitacional, o que compromete sensivelmente a permanência, pela ausência de tempo e o comprometimento do descanso. Tentam responder a isso otimizando o tempo e concentrando suas ações valorativas na cidade de residência. As relações com o Lugar, com o bairro e mesmo com a casa, são comprometidas, pois não há tempo de pausa, de contemplação, de cultivo lento. Com exceção de MC, todos os pendulares entrevistados residem de aluguel, muitos deles já estão na terceira, quarta, quinta residência. O pouco tempo que passam em casa, ou desabam extenuados, recebem amigos, ou procuram participar de algum espaço local de comunhão. Por outro lado, essa participação não é capaz de estabelecer uma conexão mais ampla com a realidade comunitária, são mais iniciativas individuais e seletivas de produção de segurança, todas elas marcadas pela irregularidade e pela impermanência.

Os que residem em apartamentos, como KL, WS e WL, não conhecem muitos de seus vizinhos, declaram nem frequentar os espaços comuns dos condomínios, apesar de revelarem que se ressentem disto. Nesse sentido, a vida em pêndulo para trabalho compartilha de todas as limitações impostas ao conjunto da população, com o acréscimo de que grande parte de suas vidas está sendo realizada em outra cidade, o que aprofunda essas limitações.

O que percebi nas falas dos pendulares foi um esforço e um desejo no sentido de aproveitar ao máximo as oportunidades de confecção de laços e uma ligação aos seus bairros e as suas casas, não vi falas que apontassem para o isolamento. Inversamente, colocam-se em

movimento formas de manter vivos seus elos com as pessoas e o espaço local. Como trabalham em outra cidade e bloqueiam uma relação mais visceral com a cidade de trabalho, condensam todo o seu desejo de interação e participação na cidade de residência, mais precisamente, no bairro e na casa.

Não apenas onde se estar, mas onde se vive, onde se procura significar, pertencer, o Lugar como o espaço das experiências intersubjetivas dos indivíduos. No âmbito dos deslocamentos pendulares para trabalho, esse espaço ocupa ainda uma posição central para os pendulares, o Lugar visto como “o *locus* do sujeito que o constrói, ao mesmo tempo que constitui a si mesmo se relacionando com o mundo e com a coletividade social” (RODRIGUES, 2015, p. 5036). A relação dos pendulares com o bairro é muito representativa, todos eles, inclusive os que residem há pouco tempo, apontam para importância do bairro.

WL que já residiu em três bairros e quatro residências em Maceió indica como se encontrou no bairro do José Tenório: *Eu achava lá perigoso (Bairro do Trapiche), você não via muito estudante, como via no Zé Tenório, que é um bairro de muito estudantes, é muito movimento, tudo muito mais perto, eu me sentia muito mais segura no Zé Tenório depois que fui pra lá, aí eu comecei a sair mais*. WL afirma que depois que foi residir no conjunto José Tenório sentiu a segurança que precisava para poder explorar a cidade, sentiu-se pela primeira vez confortável em transitar pelos espaços do bairro, ela relata como as pessoas a identificam e cumprimentam quando vai ao supermercado Todo Dia, a panificação Nelore, a academia Habeas Corpus Fitness onde realiza atividades físicas, é também frequentadora da Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus onde também faz parte do grupo jovem. Durante nossa conversa, WL descrevia a situação de saúde do Padre Sérgio Tenório que atravessa um momento difícil, o qual a comove, ela também fala da comida caseira da Dona Cícera¹⁰⁵ onde sempre compra almoço ou café¹⁰⁶ quando está com pressa ou preguiça de cozinhar. Conforme Carlos (2017, p. 14) “o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço”. O grande sonho de WL é poder conseguir adquirir o imóvel onde está localizada hoje: *se eu pudesse financeiramente eu não saia do Zé, eu gosto, gosto de onde eu moro, sabe, minha casa, meu lugar, eu gosto demais*.

Esse sentimento se estende a todos os entrevistados. Os pendulares para trabalho demonstram um forte apego e sentimento de Lugar. TH deixa esse aspecto ainda mais cintilante,

¹⁰⁵ Histórica comerciante do bairro do José Tenório, proprietária de um pequeno restaurante de comida caseira. *Quem mora no José Tenório tem que ter comido lá, pelo menos um dia* (WL, dezembro, 2019).

¹⁰⁶ Em Alagoas nos referimos ao jantar dessa forma.

a todo o tempo da entrevista se refere ao bairro do Barro Duro, o que é sintetizado na frase *estudei perto, namorei perto e bebo perto*. RN já morou em diversas residências, sempre de aluguel, mas sempre no bairro do Feitosa, desde que se casou e saiu da casa dos pais. A entrevista demonstrou o quanto ela tem apego aquele bairro, conhece os motoristas da linha de ônibus que costuma pegar, tem um conjunto de vizinhos com quem pode contar, seu atual vizinho é padrinho de seu filho, e ela é madrinha de algumas crianças do bairro.

ELI foi nesse sentido sempre enfática ao longo da entrevista¹⁰⁷. Foi ela quem chegou a afirmar que o que eu iria descobrir na minha pesquisa é o fato de que são os laços afetivos que contam mais. Hoje reside em Riacho Doce, antes residiu no bairro do Pinheiro, neste nasceu e cresceu. Quando foi obrigada a se mudar, escolheu o bairro de Riacho Doce, não por acaso, pois este bairro sempre esteve presente na vida de ELI, pois ela trabalha em uma unidade de saúde do bairro, e antes de residir também participava do círculo do sagrado feminino, realizado na praia de Riacho Doce. Ao deixar o bairro do Pinheiro, por fatores externos a sua escolha, procurou outro bairro com quem já tinha relações e uma história.

Poderíamos prosseguir fala a fala dos pendulares, muitas delas já foram expressas nos tópicos anteriores. O que defendo aqui é que na localidade é que a vida acontece, que o Lugar e os vínculos de proximidade são aspectos extremamente significativos na vida dos pendulares para trabalho.

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja pequena vila ou cidade – vivida/ conhecida/reconhecida em todos os cantos. Motorista de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos, como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro (CARLOS, 2017, p. 17).

Podemos ver claramente uma mudança de postura, inclusive corporal, quando os entrevistados retratam suas experiências na cidade de trabalho e de residência. A cidade de trabalho é sempre encarada como um momento transitório, que logo passará, para em seguida voltar a viver na cidade de destino, mas que isso, no bairro, na casa. RN, TH, WL, WS e KL todos explicitam o seu desejo de conseguir um dia se consolidar em seus atuais bairros, conseguir comprar seu próprio imóvel, de permanecer, de alcançar longevidade ali, onde encontraram segurança, convívio, interação. É no espaço imediato do bairro em que se opera a escala do vivido.

¹⁰⁷ Gostaria de sublinhar que ao longo das entrevistas muitas dessas falas se deram na ausência de qualquer interrogação, fluíram livremente na voz dos conversantes.

Os pendulares para trabalho apontam para um forte de desejo permanência. Todos se dizem muito caseiros, saem pouco, transitam pouco pelos espaços da cidade, concentram e adensam seu tempo, sempre muito disputado pelo ritmo do trabalho e movimento espacial para outra cidade, em viver o Lugar, não apenas estar, mas interagir, comunicar, trocar, envolver-se. Ao analisar as conversas, percebi como o bairro e a casa representam instâncias fundamentais na vida desses personagens que apesar do movimento cotidiano para trabalho em outra cidade, ou devido mesmo a esse movimento, o Lugar adquire para esses indivíduos uma posição de centralidade. É na casa e no bairro que vivenciam suas experiências mais sensíveis, é nesse espaço que produzem seu sentido de segurança, é a esperança de um dia se fixar ou de retornar que anima seu movimento.

Superando o cansaço e o desgaste das viagens, esses pendulares sempre encontram uma forma de se infiltrar na cotidianidade do Lugar. Se negando, e isso é importante, até a sair do bairro nos momentos de pausa. KL diz que não conhece a região do tabuleiro¹⁰⁸. Durante todos esses anos em que mora em Maceió, diz *fazer tudo* na Ponta Verde bairro onde reside; o mesmo para WL que brincou que todo mundo em Arapiraca acha que ela vive na praia aqui em Maceió, mas já se vão quase dois anos que não vai a Jatiúca, sua praia preferida; WS declarou que como já se desloca muito, quando pode ficar em casa tenta ficar no bairro, sob pena de não conhecer ninguém, nesse sentido sempre vai ao barzinho do José Tenório, o Xodó da Mainha; RN, sempre que está em Maceió, vai com seu filho brincar no começo da noite na praça Nossa Senhora de Fátima no Feitosa, outras vezes acompanha seu marido que faz exercícios desde da instalação de equipamentos de academia na praça. Passagens como essas são reiterativas em todos as falas, mas do que a cidade o que prevalece é o espaço imediato do bairro, o entorno da casa. A fala de WS aponta para uma recusa de permanecer anônimo o tempo inteiro, por isso, esforça-se para permanecer no bairro, fazer-se visto e conhecido.

Nesta tese defendo que a relação com o Lugar é o que torna possível a construção do habitar, especialmente, em um período de aceleração e superfluidade das relações pessoais e espaciais. Os indivíduos em pêndulo para trabalho parecem dar uma ênfase ainda maior a esse aspecto. É o espaço apropriado pelo uso cotidiano, a panificação, a academia, o barzinho, a praça, a igreja, a escolinha do filho, a quadra, o mercado, a feirinha, o posto de saúde, a casa lotérica, o passaporte¹⁰⁹ preferido. Entre os pendulares para trabalho, esses espaços, esses pequenos percursos e contatos cotidianos no bairro, emergem de maneira candente. Como diz

¹⁰⁸ Parte alta da cidade de Maceió.

¹⁰⁹ Passaporte é um tipo de cachorro-quente, característico da cultura culinária popular de Alagoas.

TH: *quando não estou a fim de fazer nada fico jogando gamão com os véio na porta, tem sempre um pra jogar dominó, dama... fico até altas horas...*

O que esses pendulares para trabalho escancaram em suas falas, é que o mundo do trabalho pode lhes reprimir o tempo, podem segregar espacialmente seu cotidiano, mas não o Lugar. Não me refiro ao Lugar tradicional, no sentido romântico, uma ancestralidade, terra natal, mas ao Lugar como o espaço de segurança e proteção. Essa segurança é construída com a interação e o convívio, no transitar, no perambular livre pelo espaço do bairro, na troca com as pessoas. Como afirma Martins, em *A sociabilidade do homem simples* “é no âmbito local que a História é vivida e é onde, pois tem sentido para o sujeito da História” (MARTINS, 2000, p. 132).

As entrevistas fundamentam uma perspectiva que põe o Lugar, a localidade, o espaço em que se vive, onde se mora, como um mecanismo de proteção contra as pressões globalizantes, contra a despersonalização do mundo do trabalho, contra a fragmentação espacial, contra as separações operadas pela sociedade líquida. No Lugar pacificam suas tensões, reoxigenam, recarregam as baterias para o retorno ao trabalho, para o retorno à cidade de destino. O sentimento de pertencimento produzido pelo envolvimento com as pessoas e o bairro dota esses indivíduos de confiança, oferece uma bússola. O Lugar tem latitude e longitude, diferente do mundo que será explorado, que lhes desafia, onde não se sabe muito bem o que irão encontrar, em que direção terão que seguir. O Lugar oferece previsibilidade, ainda que não mais aquela do mundo pré-moderno, alguma previsibilidade, fruto das trocas cotidianas com as pessoas e espaços do bairro, daí resulta a confiança que WL, por exemplo, sentiu, de poder sair mais depois que começou a morar no bairro José Tenório.

O mundo contemporâneo parece liquefazer todos os sólidos, fazendo com que os homens e mulheres caminhem sobre o terreno sempre movediço da contingência ou por labirintos onde há sempre à espreita um Minotauro. Não há dúvidas que a globalização econômica potencializada por outros fenômenos em escala mundial atingiu os lugares, redefinindo-os, incluindo o Lugar na trama da globalização. Contudo, este continua sendo, especialmente para os pendulares entrevistados, um refúgio, talvez o mais forte, na produção da segurança e estabilidade. Segundo Carlos,

O processo de reprodução das relações sociais vem se realizando, hoje, não invalida o fato de que o *lugar* aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno, uma vez que o mundial não suprime o local. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o *lugar* se apresentaria como o *ponto de articulação* entre

a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. (CARLOS, 2017, p. 22).

Os indivíduos pendulares apontam para a importância do Lugar como categoria fundamental, caso se queira apreender as formas contemporâneas de produção de segurança, a apropriação e uso do espaço urbano, frente as instabilidades resultantes dos grandes processos e transformações sociais hodiernas. No caso dos entrevistados, o Lugar cumpre uma função protetora, de ordenamento do mundo e dos afetos, o Lugar representa a pausa, o conhecido, a confiança realizada na habitualidade dos usos do espaço local. O Lugar não é apenas um espaço físico delimitado, mas ideia, conceito, imagem, informação, arbítrio, memória. No lugar está o plano do vivido, da ordem próxima, “no lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social” (CARLOS, 2017, p. 22), uma vida trilhada em um mundo cada vez mais fragmentado, visto e experienciado em pedaços.

O Lugar representa não apenas o estar, mais o viver, aqui estou e aqui eu vivo, eu existo como sou, inauguro uma postura, encarno um comportamento distinto daquele pálido e inosso exigido pela postura profissional, pelo trabalho. É no Lugar que esses indivíduos se despem, por isso, alegam não estabelecer relações na cidade de trabalho, mas apenas na cidade de residência. O Lugar parece fazer frente às forças homogeneizantes do mundo do trabalho, sugere maior liberdade e particularidade. É no Lugar que se cotidianizam e ritualizam usos, como também a invenção e a transformação dos usos. O Lugar é espaço de apropriação, de valores de uso, de enfrentamento e manutenção do que nos resta, e por isso, a ênfase dos pendulares em fortalecer essas relações, esses laços, esses lugares, fundamentais para a sanidade do ser em um mundo que produz fordisticamente insanidades.

Como demonstra Tuan (1983), o Lugar é a pausa no movimento. Os pendulares para trabalho vivem em constante movimento entre duas cidades. A estrada e o local de trabalho, repletos de estímulos e atenções, exigem muito da econômica psíquica. É no retorno a casa, à familiaridade do Lugar, que podem cessar temporariamente essas tensões, e é justamente essa pausa que permite que uma localidade se torne um centro de valor reconhecido.

O Lugar é o espaço concreto, palpável, onde os indivíduos participam em suas práticas cotidianas, é o espaço do lar, da morada, dos contatos diretos. Para Buttimer (1982), mesmo as intensas transformações tecnológicas que ampliaram as possibilidades e horizontes das pessoas não solaparam o sentido de lugar. Tanto Buttimer como Tuan enfatizam as experiências vividas na produção do conceito de lugar. Para ela,

O mundo vivido diário, visto sob o ponto vantajoso do lugar, poderia ser compreendido como uma tensão (orquestração) de forças estabilizantes e inovativas,

(...) esta tensão entre estabilidade e mudança dentro do ritmo de diferentes escalas, expressa pelo relacionamento do corpo para com seu mundo, pode ser vista como protótipo do relacionamento entre lugares e espaço, lar e amplitude na experiência do mundo (BUTTNER, 1982, p. 180).

Na mesma direção de Tuan, para autora o homem precisa de lugar e espaço, de segurança e liberdade. O Lugar representaria a estabilidade e o espaço a inovação, o lar representaria a segurança, proteção e o espaço amplitude, a busca, a aventura, o desconhecido. Em nosso atual momento histórico, a segurança e estabilidade promovidas no Lugar se tornam cada vez mais essenciais.

Mas do que estabelecer um longo debate sobre o Lugar no mundo globalizado, o que pretendi foi chamar a atenção para a importância dessa categoria na vida dos pendulares para trabalho, nesse sentido optei pela posição de autores como Carlos, Tuan e Buttner pois respondem a esse apelo e apego sugerido nas falas. As escolhas dos autores se deu em concomitância às falas, às experiências captadas, às entrevistas deram o tom da escolha teórica, apontando para a relevância do Lugar e dos casulos protetores na vida desses indivíduos.

Procurei assim, iluminar, traduzir e ecoar as falas, acompanhá-las na direção aqui apresentada. Neste sentido, ficou demonstrado pelos entrevistados que suas casas, seus bairros e suas famílias são os principais redutos de proteção diante da dinâmica acelerada e fragmentadora do mundo desencaixado da modernidade tardia (Giddens).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por um lado a modernidade capitalista cria incertezas e separações, por outro os indivíduos em pendularidade para trabalho respondem a essas no plano cotidiano, na dimensão do vivido, valorizando, ou revalorizando, a casa, o bairro e a cidade de residência. O que significa que mesmo na contemporaneidade, com seus processos sociais avassaladores, o lugar da morada, refúgio e local de pertencimento, é a instância mais importante na vida desses sujeitos. De acordo com as entrevistas, é no Lugar em que os indivíduos percebessem-se vivendo, seguros e confiantes.

Suas relações com o Lugar, - e a importância que atribuem à casa, família e ao bairro - atravessam todas as falas, de maneira insistente e emergem, sem pedir licença, sem qualquer estímulo por parte do entrevistador. São falas que constroem a narrativa da sociedade capitalista, como bem observou Sennett (2009) em outro momento desta tese. Os pendulares apontam para a sofreguidão que é viver as angústias do mundo do trabalho e suas incertezas, bem como a cisão espacial a qual estão sujeitos. Nesse contexto, o Lugar revela-se ainda mais central, pois o pouco tempo e presença os quais esses sujeitos dispõem promove um forte sentimento em relação a ele.

A mobilidade não é um problema para os entrevistados, mas sim uma possibilidade. A possibilidade do movimento é algo valorizado e sobre o qual todos demonstram entusiasmo e reverência, diante das oportunidades que o movimento insinua. O que é lamentado pelos pendulares para trabalho é a impossibilidade de permanência. Como expus ao longo da tese, citando Tuan (1983) e Lefebvre (1999a), os homens e mulheres necessitam de segurança e liberdade. O que assistimos hoje é a promoção de uma “liberdade precária” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002), ou uma “liberdade amoral” (SENNETT, 2009). É a liberdade denunciada por Han (2015) e Bauman (2009), ou seja, uma liberdade que expulsa da sala a segurança e a estabilidade.

As novas demandas do mutante mercado de trabalho contemporâneo encabeçam uma ideologia do recomeço, da reinvenção, das transformações constantes, um ideário que sobrecarrega e estressa os indivíduos pelo desenho de suas próprias vidas, um modelo social que carboniza os suportes sociais e os sistemas de proteção. A marca dessa sociedade, como aponta Han (2015), é a transitoriedade, pois nada promete duração e subsistência. A

impossibilidade de ficar, de permanecer, de pertencer, é a maior preocupação dos pendulares para trabalho. O capitalismo contemporâneo derrubou barreiras, comprimiu tempo e espaço, trouxe o mundo para perto, mas simultaneamente tirou de perto o mundo das pessoas.

Todos os pendulares demonstram em suas narrativas um acentuado desejo de, um dia, fixarem-se em seus bairros, em suas casas, permanecerem mais tempo para que possam vivenciar com mais assiduidade seus lugares. Mesmo nos casos dos que possuem um vínculo empregatício estável, a separação espacial retira-lhes a possibilidade de permanência. Nos outros casos, a ausência de estabilidade no trabalho promove uma ampla redefinição nos seus planos e projeções de futuro.

O desraizado, o sujeito maleável e sem história, não encontra ancoragem no mundo real, nos indivíduos históricos e concretos, visto que mesmos os nômades, como apontou Bauman (1998), procuram uma terra hospitaleira em que possam se fixar. O nomadismo proposto pela sociedade flexível, a exigência do movimento incansável, provoca ansiedades, torna os indivíduos reféns da vastidão do espaço e, portanto, vulneráveis.

As entrevistas apontaram para as estratégias, utilizadas pelos pendulares para trabalho, que visam suprir as vulnerabilidades potenciais e virtuais presentes nesse tipo de prática urbana. Nesse sentido, os casulos protetores, tanto na cidade de destino (trabalho), quanto na de origem (residência), e os vínculos com vizinhos e o bairro demonstraram-se como as principais colunas de sustentação de estabilidade de seus mundos sociais.

Os pendulares para trabalho não demonstram temer os riscos da estrada, como também não denotam desconforto com a adaptação, o que está diretamente relacionado a presença de familiares na cidade de trabalho e em cidades próximas. Em outros casos, ao fato de que a paisagem entre Maceió e Arapiraca já faz parte de um percurso vivenciado várias vezes ao longo da vida.

Nem mesmo a possibilidade de assaltos no curso da viagem causa-lhes amedrontamento. CT é o único que viveu essa experiência e, como alternativa, encontrou na carona uma forma de burlar esta ameaça, em uma relação de proximidade, de construção de laços, maneira de superar os inconvenientes de uma viagem de transporte complementar. Vale, contudo, ressaltar, que apenas KL não experienciou viagens de micro-ônibus, ou Vans, todos os entrevistados começaram suas rotinas de trabalho fazendo uso do transporte complementar; hoje WS, WL, RN e TH permanecem viajando por essa modalidade. A funcionalização das viagens também é uma constante, por exemplo, para WL é a oportunidade para descansar *no*

cantinho da janela e seguir o seu percurso ouvindo música; TH, por sua vez, muitas vezes viaja organizando o material para as suas aulas, como também CT quando viajava de complementar.

Quanto a cidade de residência, ao bairro, a violência urbana, assaltos, invasões a domicílio, não são mencionadas como aspectos que modelam seus comportamentos. É importante considerar que praticamente todos os nossos entrevistados, com exceção de KL, residem em habitações que prescindem de porteiros, cercas elétricas, câmaras de vídeo. São residências, em sua maioria, dispostas nas ruas do bairro, inclusive duas das entrevistas aconteceram nessas residências (TH e MC), o que me permitiu observar essas realidades de perto. O caso de TH é interessante, pois para que eu pudesse chegar a sua casa sinalizou como referência a lojinha do seu pai, evidenciando que bastava perguntar quem era o seu *João do cimento* (seu pai), que qualquer um me indicaria sua residência.

O principal sistema de segurança é o convívio, a comunicação, a interação. Tudo isso encontra-se no processo de frequentar o bairro, fazer-se conhecido e reconhecido. A relação com o Lugar, a segurança produzida nessa relação, é o mecanismo mais preciso na contenção dos riscos e inseguranças de um mundo instável. Para os pendulares é no espaço local, onde se está e onde se vive, é nas relações próximas com o espaço imediato, que se dota de coerência e ordenamento todo o mundo social circundante. Jacobs (2014), em *Morte e vida de grandes cidades*, destacava a relação entre segurança e usos das ruas na cidade. Para autora, a interação e o envolvimento costumeiro entre habitantes-habitantes e habitantes-lugar diminui a sensação de insegurança, gerando um sentimento de confiança, regado e atualizado nos contatos rotineiros.

Não posso afirmar que esse tipo de relação com o bairro recupera algum senso de coesão social, solidariedade, muito menos irmandade, não é esse o ponto. Mas é fato que essas redes de relacionamentos produzem confiança, nos limites da sociedade contemporânea, especialmente em um período de desregulamentações e destradicionalização, conforme realçam autores como Bauman, Giddens, Sennett e Beck.

Considero relevante sublinhar que nossos pendulares, como já apontavam os dados quantitativos, situam-se em um estrato social médio, mais precisamente, no contexto alagoano, não pertencem às faixas mais abastardas, como também não estão situados entre as camadas menos favorecidas. Esses pendulares recrutam recursos técnicos e formação escolar acima (eu diria muito acima) dos números médios em Alagoas. O que significa que não estamos tratando das elites locais desterritorializadas, tampouco dos exilados sociais encerrados em guetos involuntários, aos quais se refere Bauman (2009). Não são indivíduos com dificuldades de

trânsito social, mas permeáveis e adaptáveis a integração imposta pelos sistemas peritos e às linguagens do mundo técnico informacional.

Nossos pendulares apresentam, em suas trajetórias, experiências de viagens, contatos profissionais em outros Estado e formação acadêmica fora de suas cidades, não são, como isso, sujeitos acobardados, detidos aos limites fronteiriços de seus mundos. Ressalto esses aspectos, pois assim fica ainda mais evidenciada a necessidade do Lugar, como um sistema de proteção e reconhecimento. Esses pendulares vivem o mundo a sua maneira, o espaço considerado nos termos de Tuan (1983) como possibilidade de liberdade, de exploração, de ampliação de seus horizontes. O relevo que dão ao Lugar, a convivência com o bairro, ao aconchego de suas casas, a importância da família, expressam a presença de pensarmos o lugar do Lugar no mundo contemporâneo.

Na dialética local e global, o local continua significando espaço de proteção e identificação, do conhecido e reconhecido. Na vida dos pendulares para trabalho entre Maceió e Arapiraca a investigação a partir da escala do cotidiano, privilegiando as falas dos pendulares, mostrou que os casulos protetores e o Lugar representam o principal reforço contra as incertezas do mundo contemporâneo. É no Lugar que a estabilidade é construída e reforçada como resposta a liquidez presente em todas os âmbitos da vida social.

Os deslocamentos pendulares para trabalho tornam-se, na atualidade, objeto de estudo extremamente rico, pois refletem e são resultados de inúmeras transformações sociais, tais como a globalização, a desconcentração econômica, a reestruturação produtiva, a divisão territorial do trabalho, a urbanização dispersa, o crescimento das cidades médias, a inflexão nos fluxos migratórios e a regionalização da economia. Dessa forma, é evidente que todos esses processos resultam no crescimento dos deslocamentos pendulares para trabalho. Investigar as práticas e estratégias cotidianas desses indivíduos é pôr em relevo, no plano do vivido, suas repercussões e respostas empreendidas às grandes transformações estruturais, tornando-se, assim, objeto complexo e multifacetado, *interface* entre diversos campos do conhecimento: geografia, sociologia e antropologia urbana, teoria social, demografia, economia e psicologia social.

Segundo o Censo Demográfico 2000, mais de seis milhões de pessoas deslocavam-se para trabalhar e/ou estudar em outro município. No Censo de 2010, o IBGE identificou um espantoso crescimento, pois apenas por motivos de trabalho mais de dez milhões de pessoas deslocavam-se para outra cidade. Caso essa tendência persista, um número ainda mais expressivo de brasileiros irá realizar esse tipo de movimento espacial urbano. Os deslocamentos

pendulares para trabalho merecem um olhar cuidadoso por parte das Ciências Sociais, pois suas implicações não são restritas aos aspectos estruturais, como a estruturação do espaço intraurbano ou a espacialização econômica, dizem respeito diretamente a vida das pessoas envolvidas, às suas existências, aos usos do espaço urbano e a reprodução das relações sociais.

Minha pesquisa é um pequeno passo, aliado a tantas outras iniciativas, algumas apresentadas nesta tese, na investigação desse fenômeno cada vez mais presente na realidade urbana brasileira. A análise dos deslocamentos pendulares no plano do cotidiano, sob a perspectiva dos indivíduos que praticam essa modalidade de movimento para trabalho pode trazer a luz às formas encontradas pelos sujeitos no enfrentamento das transformações sociais que marcam o século XXI.

Nossa investigação apresentou um recorte muito preciso, abordamos um grupo de pendulares específicos, tanto em relação ao percurso, quanto ao tipo de transporte, visto que podem ter implicações deveras particulares. Isso significa dizer que minha pesquisa representa apenas o início de um amplo esforço, o qual sem dúvida irá pautar minha vida acadêmica, pois representa um conjunto numeroso de possibilidades que podem e devem ser exploradas, como também pode apontar em direção oposta à aqui enfatizada.

Nesta tese dediquei-me aos pendulares que residem em Maceió e trabalham em Arapiraca, poderia, contudo, em outro momento, ampliar a pesquisa para uma investigação que incorpore os residentes de Arapiraca. Seria igualmente importante investigarmos pendulares da região Metropolitana de Maceió, ou de Arapiraca, ou ainda visar outras modalidades de transporte. Pode-se também contemplar outras motivações, como lazer, visitas, serviços especializados, comércio, estudo. Enfim, são muitas as possibilidades as quais estende-se a continuidade dessa pesquisa.

O que busquei ao longo desta tese foi apresentar os grandes processos sociais e suas articulações com a dimensão vivida no âmbito dos deslocamentos pendulares para trabalho. A partir deste fenômeno foi possível realçar como essas ocorrências estruturais plasmam-se na vida diária de um grupo de indivíduos envolvidos em uma prática social cada vez mais representativa em nossos dias. Desse modo, espero ter oferecido uma contribuição significativa no campo da sociologia sobre este debate.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS EM DADOS E INFORMAÇÕES. Anuário Estatístico do Estado de Alagoas 2017. Disponível em: <http://dados.al.gov.br/dataset/anuario-estatistico-do-estado-de-alagoas/resource/5acc603f-d28f-4cdd-b0c1-15c0535cb89f>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.
- ALAGOAS EM DADOS E INFORMAÇÕES. Perfil municipal de Arapiraca: 2018. Disponível em: http://dados.al.gov.br/sr/dataset/perfil-municipal-2018/resource/5b9ac793-29c7-4ebf-8dde-01c21e2c3a8f?inner_span=True.
- ÂNTICO, Cláudia. Deslocamentos pendulares na região metropolitana de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 110-120, out./dez. 2005.
- ÂNTICO, Cláudia. **Onde morar e onde trabalhar**: espaço e deslocamentos pendulares na região metropolitana de São Paulo. 2003. 254f. Tese (Doutorado em Demografia)-Unicamp: Campinas, 2003.
- ANTUNES, Ricardo. As ameaças que vem da Ásia. **Folha de São Paulo**, 23 maio 2012, p. 3 (Matéria).
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL, 2013. Brasília: IPEA: PNUD; FJP, 2017 (Série Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil). Disponível em <http://atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: set. 2018.
- BAENINGER, Rosana. O processo de urbanização no Brasil: características e tendências. In: BOGUS, Lúcia Maria M.; WANDERLEY, Luiz Eduardo (org.). **A luta pela cidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1992.
- BAENINGER, Rosana. Movimentos migratórios no contexto paulista: tendências da década de 80. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10, **Anais ...** Caxambu: ABEP, 1996, p. 675-704.
- BAENINGER, Rosana. Deslocamentos populacionais, urbanização e regionalização. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 1998.
- BAENINGER, Rosana. Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil, 1980-1996. 1999, 243f. Tese (Doutorado em Demografia)-Unicamp, 1999a.
- BAENINGER, Rosana. A nova configuração urbana no Brasil: desaceleração metropolitana e redistribuição da população. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 11. 1999. **Anais...** Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/863>. 1999b.
- BAENINGER, Rosana. Novos espaços da migração no Brasil: Anos 80 e 90. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12. **Anais...** ABEP, 2000a.
- BAENINGER, Rosana. **Redistribuição da população e meio ambiente**: São Paulo e Centro-Oeste, 3 Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000b.
- BAENINGER, Rosana. Crescimento das cidades: metrópole e interior do Brasil. In: **População e cidades**: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010.

- BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil: tendências para o século XXI. **Revista Necat**, Florianópolis, ano 4, n. 7, 2015.
- BANCO DO NORDESTE. **Informações socioeconômicas municipais:** município Arapiraca/AL. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1309601/Arapiraca-AL-2019.pdf/6bc25bde-b81e-27ee-b169-7d2eea5d8a70> . Acesso em: 20 set. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **A vida fragmentada:** Ensaios sobre a moral pós-moderna. Lisboa: Relógio d'Água, 2007c.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.
- BECK, Ulrich. A reinvenção da política. In: **Modernização reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. Oeiras: Celta, 2000.
- BECK, Ulrich. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BECK, Ulrich. **Sociedade do risco:** O medo na contemporaneidade. **IHU** [on line]. São Leopoldo, 22 maio, 2006 (Entrevista).
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elizabeth. **Individualization:** institutionalized individualism and its social and political consequences. London: SAGE, 2002.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- BERTERO, Carlos Osmar. Algumas observações sobre a obra de G. Elton Mayo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 8, n. 27, abr.-jun. 1968, p. 73-95.
- BOURDIEU, Pierre. **As estruturas sociais da economia.** Porto: Campo das Letras, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A formação do habitus econômico. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 14, 2004. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2458/2248>. Acesso em: 20 set. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, n. 6, 2005.
- BRITO, Fausto Alves de; PINHO, Breno Aloísio T. Duarte de (org.). A dinâmica do processo de urbanização No Brasil, 1940-2010. **Ecompapers**, CEDEPLAR/UFMG – TD 464, 2012.
- BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, out./dez. 2005.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

- CAIADO, Maria Célia Silva. Deslocamentos intra-urbanos e estruturação sócio-espacial na metrópole paulista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, out./dez. 2005.
- CAMUS, ALBERT. **O mito de Sísifo**. Traduzido do título original *Le Mythe de Sisyphe*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CARLOS, Ana Fanni Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH/USP, 2017.
- CARVALHO, Cícero Péricles. **Formação histórica de Alagoas**. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2015.
- CASTELLO BRANCO, Maria Luisa Gomes; FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas; MOURA, Rosa. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, out./dez. 2005.
- CATALÃO, Igor de França. Diferença, dispersão e fragmentação sócio-espacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba. 2013. 216f. Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. **Revista Terra Livre**, Curitiba, n. 10, p. 93-116, jan./jul. 1992.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 23-33.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUNHA, José Marcos Pinto da. Mobilidade populacional e expansão urbana: o caso da região metropolitana de São Paulo. 1994. 311f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- DANTAS, Joseney Rodrigues Queiroz. **As cidades médias no desenvolvimento regional: um estudo sobre Pau dos Ferros (RN)**. 2014. 261f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FILGUEIRAS, Luiz A. M. Reestruturação produtiva, globalização e neoliberalismo: capitalismo e exclusão social neste final de século. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE TRABALHO, 5. PDF.
- FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de F. Por que as regiões metropolitanas no Brasil são regiões mas não são Metropolitanas? **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 122, p.19-38, jan./jun. 2012.
- FIRMINO, Paul Clívilan Santos. Arapiraca/AL e Itabaiana/SE: a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro. 2016. 318f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FREITAS, Ruskin. Regiões Metropolitanas: uma abordagem conceitual. **Humanae**, Recife, v. 4, n. 1, 2009.

- FRÉMONT, Armand. **A região: espaço vivido**. Tradução de António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- FREY, William H.; SPEARE JR, Alden. Metropolitan areas as functional communities: a proposal for a new definition. **Research Report**, PSC Publications, Michigan, USA, 1992.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Análise das necessidades habitacionais e suas tendências para os próximos dez anos. Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias - ABRAINC Produto 2 - Relatório Técnico Final, 2018. FGV Projetos, 2018.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Déficit habitacional no Brasil, 2015. **FJP Dados**, Minas Gerais, n. 6, 2018.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e réplicas**. São Paulo: UNESP, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Fábio Guedes. Conflito social e Welfare State: estado e desenvolvimento social no Brasil. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, mar./abr. 2006.
- GOMES, Maria Terezinha Serafim. **A desconcentração industrial e o crescimento da indústria no interior do estado de São Paulo – Brasil**. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaindustrial/35.pdf>.
- GONÇALVES, Maria Flora. As engrenagens da locomotiva: ensaio sobre a formação urbana paulista. 1998. 353f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Unicamp, Campinas, 1998.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997.
- GOUNET, Thomas. **Fordismo e Toyotismo: na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- GURGEL, Ana Paula Campos. As metrópoles do interior do Nordeste: a caracterização de um tipo metropolitano regional. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 19, n. 40, p. 841-864, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Império**. Trad. de Berilo Vargas. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Isto não é um manifesto**. São Paulo: Edições n. 1, 2014.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana (Rebels cities: from the right to the city to the urban revolution)**. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança (Spaces of hope)**. 7. ed. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2015.
- HARVEY, David. **Os limites do capital**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo,

2013.

HEIDEGGER, Martin. "... poeticamente o homem habita...". In: **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b, p. 165-181.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. p. 125-141.

HOGAN, Daniel Joseph. Mobilidade populacional e meio ambiente. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Campinas, v. 15, n. 2, 1998.

HOGAN, Daniel Joseph. Quem paga o preço da poluição? uma análise de residentes e migrantes pendulares em Cubatão. ENCONTRO NACIONAL DA ABEP. **Anais [...]**. Caxambu, 1990, p. 177-196.

IBGE. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Jose Luis Petrucelli e Ana Lúcia Saboia (org.). Rio de Janeiro: IBGE, 2013 (Estudos e Análises).

IBGE. Censo Demográfico 2000: migração e deslocamento, resultados da amostra. Rio de Janeiro: 2000.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE. Regiões de influência das cidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise da condição de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2015 (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, 35).

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise da condição de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2019 (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, 40).

INFRA EM MOVIMENTO - Urbanismo. Disponível em: <http://www.grupoccr.com.br/infra-em-movimento/urbanismo>.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Entre a "geração canguru" e os "nem nem": paradoxos das desigualdades de classe e gênero nas transições juvenis brasileiras. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40. AREA: ST04 Adolescências e Juventudes: desafios e perspectivas interpretativas do contexto brasileiro. São Paulo, 2015.

JABÈS, Edmond. Un étranger avec, sous lê bras, un livre de petit formai. Paris: Gallimard, 1989. In: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JARDIM, Antônio de Ponte. Reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de (org.) **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Brasília, IBGE: 2011.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Como anda Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades e segregação na metrópole**: Rio de Janeiro em tempo de crise. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

LAGO, Luciana Corrêa do. Trabalho, moradia e (i)mobilidade espacial na metrópole do Rio

- de Janeiro. **Cadernos Metr pole**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 275-293, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolu o urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999a.
- LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999b.
- LEFEBVRE, Henri. **A produ o do espaço**. Paris: Anthropos, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **A Re-produ o das rela es de produ o**. Tradu o da 1^a parte de *La survie du capitalisme*. Porto: Edi es Escorp o, 1973.
- LEFEBVRE, Henri. A sociedade burocrática do consumo dirigido. In: **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo:  tica, 1991b.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito   cidade**. São Paulo: Moraes, 1991a.
- LEITE, Ângela Maria Araújo. O município de Arapiraca/AL e sua dinâmica histórica de ocupa o e renda. Disponível em:
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiahistorica/20.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.
- LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a constru o social dos lugares na Mangueira. **Revista Brasileira de Estudos Sociais**, Recife, v. 17, n. 49, p. 115-134, 2002.
- LEITE, Rogério Proença. **Espaço público e política dos lugares: uso do patrim nio cultural na reinven o contemporânea do Recife Antigo**. 2001. 399f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- LEITE, Rogério Proença. O futuro incerto das cidades: uma reflexão niilista sobre as atopias urbanas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 255-276, 2018.
- LEMOES, Tiago Castro. A propósito da produ o do território: sociologia urbana e rela es de poder na estrutura o do território como representa o política e científica. **REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO**, v. 23, 2012, p. 51-70.
- LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. **Geographia**, Niterói, v. 3, n. 6, p. 07-20, jul./dez. 2001.
- LIMA, Ivan Fernandes. **Geografia de Alagoas**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1965. (Cole o Didática do Brasil. Série Normal, v. 14).
- LIMONAD, Ester. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbaniza o. **Geographia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, 1999.
- LIMONAD, Ester. **Urbaniza o dispersa: mais uma forma de expressão urbana?** **Revista Forma o**, Presidente Prudente, v. 1, n.14, p. 31-45, 2006.
- MAHARAJH, Rasigan. Desigualdade urbana nos BRICS. In: **Os BRICS e seus desafios no combate   desigualdade**. Brasília: Centro de Estudos e Pesquisa – BRICS: Oxfam s.d.
- MALAGUTI, Manuel Luiz. **Crítica   razão informal: a imaterialidade do salariado**. Boitempo, São Paulo: 2000.
- MARANDOLA JR., Eduardo; MELLO, Leonardo Freire de. “Lugar” e “espaço de vida”. **ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**, 10, 20-26 de mar. 2005, São Paulo. **Anais ...** São Paulo, 2005, p. 8502-8522.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidade e vulnerabilidade nos espaços de vida de

Campinas. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15 (ABEP), Caxambú/MG, 18-22 set. 2006a.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./mar. 2006b.

MARANDOLA JR., Eduardo. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 266f. Tese (Doutorado em Análise ambiental e dinâmica territorial)-Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos da população**. José Marcos Pinto da Cunha (org.). Campinas: Núcleo de Estudos da população (NEPO)/Unicamp, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. São Paulo: Blücher, 2014 (População e Sustentabilidade).

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Revista de Filosofia**, v. 8, n. 16, 2017.

MARISCO, Luciana Maranha de Oliveira; SOUZA, Júlio César Oliveira de. Reestruturação urbana e a dinâmica socioeconômica em cidades médias: o caso de Arapiraca, Alagoas. In: **Caderno Prudentino de Geografia**, Maceió, v. 1, n. 31, 2009.

MARQUES, Antônio Pedro Sousa. Da construção do espaço à construção do território. **Fluxos e Riscos**, Lisboa, n. 1, p. 75-88, 2010.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Os Pensadores, v. 35).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAYO, George, E. **Problemas humanos de una civilización industrial**. Traducción de Ana María Elguera. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. 1972.

MELO, Sérgio Ricardo Gomes dos Santos. Lei do valor enquanto lei geral de valorização do capital: para uma crítica à teoria do trabalho imaterial. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. In: **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3. ed. São Paulo: Polis, 1982.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Mapa do turismo brasileiro - 2013 - Anexo II. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/83-mapa-do-turismo-brasileiro-2013.html>. Acesso em: 8 out. 2018.

MONTAÑO, Carlos. **Microempresa na era da globalização: uma abordagem histórico-crítica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. Urbanização extensiva e economia dos setores populares. Disponível em: http://www.artecidade.org.br/mg_es/textos/urbanizacao.pdf

NAKANO, Anderson Kazuo. **Elementos demográficos sobre a densidade urbana na produção imobiliário**: São Paulo, uma cidade oca? 2015. 348f. (Tese de Doutorado em Demografia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, Campinas, 2015.

NARDI, Jean Baptiste. **Acabou o fumo**: formação socioeconômica e espacial em Arapiraca/AL. Maceió: Q Gráfica, 2010.

NARDI, Jean Baptiste. **Fumo e desenvolvimento local em Arapiraca/AL**: primeiras observações e análises para a elaboração do diagnóstico socioeconômico municipal e regional. Projeto FAPEAL/CNpQ-FUNESA, Arapiraca, 2004.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Relatório de Pesquisa. **Níveis de integração dos municípios brasileiros em RMs, RIDEs e AUs à dinâmica da metropolização**, Rio de Janeiro: INCT/CNPq/Capes/Faperj, 2012.

OCADA, Fabio Kazuo. Trabalho e ideologia: os trabalhadores nikkei-brasileiros no contexto do desenvolvimento histórico do toyotismo. **Revista Novos Rumos**, v. 51, 2016.

OHNO, Taiichi. **O sistema Toyota de produção**: além da produção em larga escala. Porto Alegre: Bookman, 1997.

OJIMA, Ricardo et al. Dispersão urbana e mobilidade populacional: implicações para o planejamento urbano e regional. ENAMPUR, v. 16, n. 1, 2015. **Anais...** São Paulo: 2016.

OJIMA, Ricardo. Análise comparativa da dispersão urbana nas aglomerações urbanas brasileiras: Elementos teóricos e metodológicos para o planejamento urbano e ambiental. 2007. 166f. Tese (Doutorado em Demografia)–Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

OJIMA, Ricardo. Mobilidade populacional e um novo significado para as cidades: dispersão urbana e reflexiva na dinâmica regional não metropolitana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 14, n. 2, nov. 2012.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson (org.). **Migrações nordestinas no século 21**: um panorama recente. São Paulo: Blücher Open Access, 2015.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR., Eduardo (org.). Pessoas, prédios e ruas: por uma perspectiva demográfica dos processos urbanos contemporâneos. In: **Dispersão urbana e Mobilidade populacional**: implicações para o planejamento urbano e regional. São Paulo: Blücher Open Access, 2016.

OJIMA, Ricardo; MONTEIRO, Felipe Ferreira; NASCIMENTO, Tiago Carlos Lima do. Urbanização dispersa e mobilidade no contexto metropolitano de Natal: a dinâmica da população e a ampliação do espaço de vida. **Revista Brasileira de Gestão Urbana** [on line], v. 7, n.1, 2015.

OLIVEIRA, José Lourenço de. Da crise do setor fumageiro à diversificação produtiva em Arapiraca/AL: o projeto cinturão verde. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)- Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Pinto de (org.). In: Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011 (Estudos e Análises, 1).

- OLIVEIRA, Marcos Antônio Dantas de. Crescimento e estagnação do cooperativismo agrícola na região fumageira de Arapiraca/AL. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)-Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2005.
- OLIVEIRA, Moisés Calú de. Arapiraca: Resumo antropogeográfico. SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR UNEAL, Arapiraca/AL, 2018. Disponível em: <http://www.uneal.edu.br/sala-de-imprensa/noticias/2018/abril>.
- OLIVEIRA, Moisés Calú de. Controvérsias sobre a cultura do fumo em Arapiraca/AL. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7, 10-16 ago. 2014, Arapiraca, **Anais...** Arapiraca, 2014, p. 1-8.
- OLIVEIRA, Moisés Calú de. Reorganização do espaço agrário de Arapiraca no contexto da fomicultura (1980-1996). 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia)-NPGeo/UFS, São Cristóvão, 2004.
- OLIVEIRA, Wanderlan de Araújo et al. O comércio atacadista de Arapiraca e os dois circuitos da economia urbana: um dos dois centos de distribuição no território alagoano. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18. **Anais...** São Luiz/MA 24-30 jul. 2016.
- ONU-HABITAT III. Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável. Quito, out. 2016.
- OTERO, Estevam Vanale. **Reestruturação urbana em cidades médias paulistas: a cidade como negócio**. 2016. 343f. Tese (Doutorado em Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de São Paulo - USP, São Paulo, 2016.
- OURIQUES, Helton Ricardo; ANDRADE, Ricardo Sugai de. Desenvolvimento, migração e urbanização na China: notas introdutórias. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 12, n. 21, 2010.
- PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. 6. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.
- PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Tradução Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- PARK, Robert Ezra. **La ciudad: y otros ensayos de ecología urbana** Barcelona: Del Serbal, 1999.
- PEIXOTO, Paulo. A China urbana. In: FORTUNA, Carlos (coord.). Paisagens socioculturais contemporâneas. **Cescontexto**, Coimbra, n.12, 2015.
- PEREIRA JR., Edilson. Território e economia política: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- PEREIRA, Rafael H. M. **Processos socioespaciais, reestruturação urbana e deslocamentos pendulares na região metropolitana de Campinas**. 2008. 179f. Dissertação (Mestrado em Demografia)-Unicamp, Campinas, 2008.
- PERFIL MUNICIPAL DE ARAPIRACA: 2015. Disponível em: <http://dados.al.gov.br/dataset/perfil-municipal-2015/resource/57af38ce-e802-4844-999e-03aaea50432e>.
- PERFIL SOCIOECONÔMICO DE ALAGOAS. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2015.
- PLANO DE DESENVOLVIMENTO ESTADUAL DE ALAGOAS. Disponível em: <http://editora.iabs.org.br/site/index.php/portfolio-itens/plano-de-desenvolvimento-estadual->

[de-alagoas/](#).

REIS, Nestor Goulart. Dispersão urbana e modernização capitalista. **Revista Cidades**, v. 12, n. 21, 2015, p. 91-107.

REIS, Nestor Goulart. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo. ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11, 9 a 12 de outubro, 2015.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de o capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 2001.

SANTOS FILHO, Cícero dos. Regiões metropolitanas de Alagoas: entre os motivos da institucionalização e a dinâmica da integração. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2018.

SANTOS, Ana Paula Teodoro dos. A reestruturação do território da região fumageira de Alagoas. 2014. 230f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-UFRN, Natal, 2014.

SANTOS, Jânio. A cidade poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano em Salvador. 2008. 454f. Tese (Doutorado em Geografia)-Unesp, Franca, 2008.

SANTOS, Lourival dos; SANTOS, Moacyr dos. **Cochilou, o cachimbo cai**. 1970. Álbum Terra Roxa de Tião Carreiro e Pardinho. 1978. 38:51 min.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO. Estudo da autoconstrução em Alagoas. Maceió: SEPLAG, 2015.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Érica Tavares. **Estrutura urbana e mobilidade espacial nas metrópoles**. 2012. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional)-UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: FORTUNA, Carlos (org.). **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras: Celta, 1997, p. 33-45.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SOJA, Eduardo W. **Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

SOJA, Eduardo W. Para além de Postmetropolis. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 136-167, 2013.

SOUZA, Júlio César Oliveira. Reestruturação urbana e interações espaciais em cidades médias: o exemplo de Arapiraca, Alagoas, 2009. **Geografia em Questão**, Rondônia v. 1, n. 2,

p.107-117, 1982.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de centralidade urbana. In: **Revista de Geografia**. São Paulo, UNESP, n. 10, 1, p. 01-18, 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo das cidades médias no mundo contemporâneo. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 3, n. 5, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Revista Electrónica de Geografia y Ciências Sociales**, Barcelona, v. 11, n. 245, 2007.

STAMM, Cristiano, *et al.* A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. **Revista Interações**, Campina Grande, v. 14, n. 2, p. 251-265, 2013.

STEFANO, Fabiane; CRUZ, Patrick. O novo mapa do consumo. Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE). Disponível em: <http://www.pnbe.org.br/o-novo-mapa-do-consumo.html>.

SWYNGEDOWN, Erik. Globalização ou localização? Redes, territórios e reescalonamento. In: BRANDÃO, Carlos Antônio; FERNANDEZ, Victor Ramiro; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (org.). **Escalas espaciais, reescalonamentos e estatalidades: lições e desafios para América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018. p. 71-106.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de administração científica**. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 1980.

URRY, John. **Mobilities**. Malden/USA: Polity Press, 2007.

VEIGA, José Eli. Nem tudo é urbano. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 26-29, abr./jun. 2014.

VESCINA, Laura Mariana. **Projeto urbano, paisagem e representação: alternativas para o espaço metropolitano**. Tese (Doutorado em Urbanismo)–PROURB/UFRJ. Rio de Janeiro, 2010.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; Lincoln Institute, 2001.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, 2004, n. 23, p. 155-164.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

A VIDA ENTRE DUAS CIDADES

DESLOCAMENTOS PENDULARES, TRABALHO E LUGAR

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Nº do Questionário _____

Data do preenchimento do questionário: ____/____/____

Horário: ____: ____

Nome: _____ (pode ser apenas as iniciais)

1 Sexo <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	2 Faixa Etária <input type="checkbox"/> Até 18 anos <input type="checkbox"/> Entre 18 e 23 anos <input type="checkbox"/> Entre 24 e 30 anos <input type="checkbox"/> Entre 31 e 40 anos <input type="checkbox"/> Entre 41 e 54 anos <input type="checkbox"/> Acima de 55 anos <input type="checkbox"/> Até	3 Escolaridade <input type="checkbox"/> Nunca estudou <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta. Área _____ <input type="checkbox"/> Pós-graduação completa. Área _____
4 Estado Civil <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Outros	5 Renda <input type="checkbox"/> Menos de 1 salário mínimo <input type="checkbox"/> 1 salário mínimo <input type="checkbox"/> Até 2 salários mínimos <input type="checkbox"/> Até 3 salários mínimos <input type="checkbox"/> Até 4 salários mínimos <input type="checkbox"/> Até 5 salários mínimos <input type="checkbox"/> Entre 6 e 8 salários mínimos <input type="checkbox"/> Até 10 salários mínimos <input type="checkbox"/> Mais de 10 salários mínimos <input type="checkbox"/> Não respondeu	6 Grupo que pertence <input type="checkbox"/> População branca <input type="checkbox"/> População negra <input type="checkbox"/> População parda <input type="checkbox"/> População indígena <input type="checkbox"/> População amarela <input type="checkbox"/> Outra (por favor, especifique): _____ _____
7 Situação Familiar <input type="checkbox"/> Chefe de família <input type="checkbox"/> Cônjuge <input type="checkbox"/> Filho <input type="checkbox"/> Parente <input type="checkbox"/> Agregado ou hóspede <input type="checkbox"/> Pensionista <input type="checkbox"/> Empregado residente	8 Formação Escolar <input type="checkbox"/> Escola Pública <input type="checkbox"/> Escola Privada <input type="checkbox"/> Ambos	9 Número de residentes em casa <input type="checkbox"/> Apenas você <input type="checkbox"/> 2 pessoas, quem? _____ <input type="checkbox"/> 3 pessoas, quem? _____ <input type="checkbox"/> 4 pessoas, quem? _____ <input type="checkbox"/> 5 pessoas, quem? _____ <input type="checkbox"/> Mais de 5 pessoas, quem? _____
10 Condições de Moradia <input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Própria financiada <input type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Cedida <input type="checkbox"/> Invadida	11 Bairro de residência (Maceió/Arapiraca) Há quanto tempo? _____ Residiu em outro bairro de Maceió/Arapiraca antes? Se positivo, qual e por quanto tempo? _____ Morou em outro estado ou cidade, antes? Se sim, qual e por quanto tempo? _____	12 Vínculo empregatício <input type="checkbox"/> Assalariado com carteira <input type="checkbox"/> Assalariado sem carteira <input type="checkbox"/> Funcionário Público: _____ <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Empregador <input type="checkbox"/> Profissional Liberal <input type="checkbox"/> Dono de negócio familiar <input type="checkbox"/> Trabalhador familiar <input type="checkbox"/> Outros

13 Setor de Atividade <input type="checkbox"/> Agrícola, pecuária, pesca <input type="checkbox"/> Construção civil <input type="checkbox"/> Indústria <input type="checkbox"/> Comércio <input type="checkbox"/> Transporte de Carga <input type="checkbox"/> Transporte de passageiros <input type="checkbox"/> Crédito/financeiro <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Educação <input type="checkbox"/> Serviços públicos <input type="checkbox"/> Serviços especializados <input type="checkbox"/> Trabalhador doméstico <input type="checkbox"/> Outros _____	14 Motivo da viagem <input type="checkbox"/> Trabalho <input type="checkbox"/> Estudo regular <input type="checkbox"/> Outros Estudos _____ <input type="checkbox"/> Lazer <input type="checkbox"/> Compras <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Visitar parentes <input type="checkbox"/> Escala <input type="checkbox"/> Outros _____	15 Frequência da viagem <input type="checkbox"/> Diária <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Quinzenal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Outro _____
16 Há quanto tempo faz esse deslocamento entre Maceió e Arapiraca? _____ _____ _____	17 Estabeleceu alguma relação com as cidades ao longo deste tempo de deslocamento? Qual? _____ _____ _____ Com que frequência? _____ _____	18 Outros membros da família também trabalham ou estudam em outra cidade? <input type="checkbox"/> Sim. Qual e há quanto tempo? _____ <input type="checkbox"/> Não
19 Quem arca com os custos de transporte? <input type="checkbox"/> A empresa <input type="checkbox"/> Você mesmo(a)	20 Remuneração quando não pendulava: <input type="checkbox"/> Menos de 1 salário mínimo <input type="checkbox"/> 1 salário mínimo <input type="checkbox"/> Entre 1 e 2 salários mínimos <input type="checkbox"/> Entre 2 e 3 salários mínimos <input type="checkbox"/> Entre 3 e 4 salários mínimos <input type="checkbox"/> Entre 4 e 5 salários mínimos <input type="checkbox"/> Entre 5 e 6 salários mínimos <input type="checkbox"/> Não respondeu	21 O que lhe levou a trabalhar em Arapiraca? <input type="checkbox"/> Melhor remuneração <input type="checkbox"/> Melhores condições de trabalho <input type="checkbox"/> Ausência de empregos em sua cidade <input type="checkbox"/> Outros _____
22 você utiliza os serviços públicos de Arapiraca? <input type="checkbox"/> Sim. Qual ou quais? _____ _____ <input type="checkbox"/> Não	23 Você costuma ter atividades de lazer? <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por mês <input type="checkbox"/> de uma a duas vezes por mês <input type="checkbox"/> de três a seis vezes por mês <input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> Outro _____	24 Qual ou quais suas atividades de lazer? <input type="checkbox"/> música, shows, eventos artísticos <input type="checkbox"/> praia com a família ou amigos <input type="checkbox"/> esportes <input type="checkbox"/> encontros familiares <input type="checkbox"/> encontro com os amigos <input type="checkbox"/> filmes, cinema <input type="checkbox"/> outros
25 Em quais espaços urbanos pratica suas atividades de lazer? <input type="checkbox"/> Maceió <input type="checkbox"/> Arapiraca <input type="checkbox"/> Ambas <input type="checkbox"/> Outra	26 Se tivesse a opção de morar em Arapiraca/Maceió você iria? <input type="checkbox"/> Sim _____ _____ <input type="checkbox"/> Não _____ _____	27 Se tivesse a opção de trabalhar ou estudar em Arapiraca/Maceió, você iria? <input type="checkbox"/> Sim _____ _____ <input type="checkbox"/> Não _____ _____